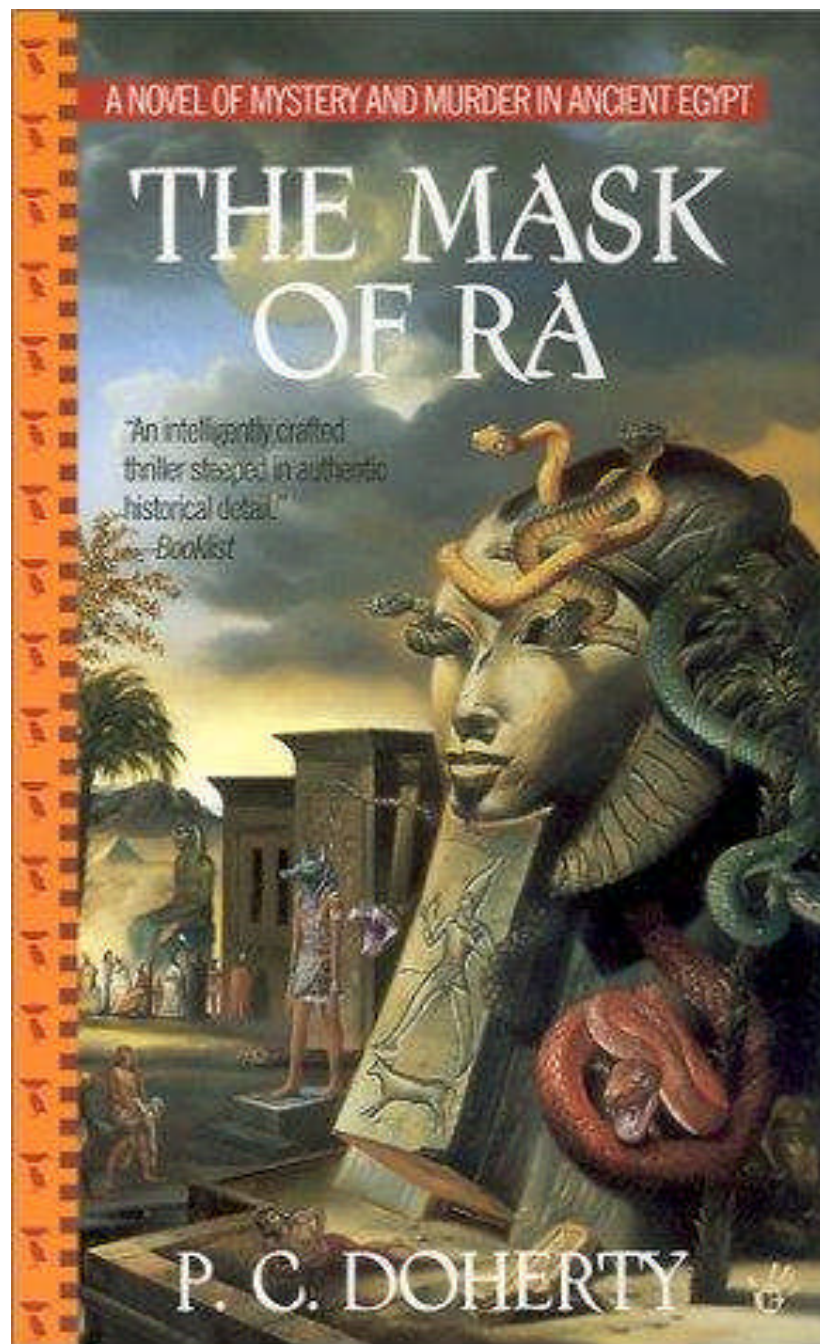




<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>



Os tempos são de guerra. Tutmés II regressa da luta com os piratas do mar. Espera-o Hatusu, a mulher que tudo fará para descobrir a verdade sobre as intrigas que o rodeiam. Alguns associam a sua morte ao presságio das pombas feridas, outros percebem que o fascínio pelo poder a todos seduz. O Nilo corre impassível. Os homens agitam-se em ambições e ganância. Ao voltar a casa, Tutmés II sabe que não tem a força de outrora. A batalha não correu como queria. Frágil, pressente a cobiça que o rodeia. Ainda o burburinho do regresso do faraó ressoa nas ruas e já a traição se prepara. Assassinado Tutmés será Hatusu, a sua esposa, e Amerotke, juiz de Tebas, que tentam desvendar a morte do faraó. Estranhas e poderosas forças congeminam. Ambos correm inimagináveis perigos, mas ambos querem chegar ao segredo que se esconde por detrás do afastamento de Tutmés.

A Máscara de Rá

Paul Doherty
A Máscara de Rá
Círculo de Leitores

Título original: THE MASK OF RA

À memória de uma pequena estudante, Charlotte
Anne Spencer de Chingford (23.1.86-16.10.97),
que também adorava escrever.

NOTA HISTÓRICA

A primeira dinastia do antigo Egito estabeleceu-se por volta de 3100 a. C. Entre essa data e o surgimento do Império Novo (1550 a. C.) o Egito passou por uma série de transformações radicais, tais como a construção das pirâmides, a fundação de cidades ao longo das margens do Nilo, a unificação do Alto e do Baixo Egito, o desenvolvimento da religião centrada em Ré, o deus do Sol, e o culto de Osíris e Isis. O Egito teve de resistir à invasão de outros povos, em particular os Hicsos, conquistadores asiáticos, que devastaram cruelmente o reino. Cerca de 1479 a. C., data em que este romance se inicia, o Egito, unido e pacificado sob o reinado do faraó Tut-més II, encontrava-se no limiar de um novo e glorioso período de desenvolvimento. Os faraós tinham mudado a sua capital para Tebas; a deposição dos mortos nas pirâmides havia dado lugar à construção da necrópole da margem ocidental do Nilo, bem como à utilização do Vale dos Reis como mausoléu real.

Por uma questão de clareza, usei as designações de origem grega das cidades, como, por exemplo, Tebas e Mênfis, em vez dos seus nomes egípcios arcaicos. O topónimo Sakara foi utilizado para descrever todo o complexo de pirâmides em redor de Mênfis e Guiza. Também empreguei a versão mais curta o nome da rainha que teve o título de faraó: Hatusu em vez de Hatchepsut. Tutmés II morreu em 1479 a. C. e, após um Período conturbado, Hatusu assumiu o poder durante vinte e dois anos. Ao longo deste período, o Egito tornou-se um império poderoso e o estado mais rico do mundo.

A religião egípcia encontrava-se também em desenvolvimento, em especial o culto de Osíris, morto pelo irmão Set, mas ressuscitado pela sua amada esposa Isis, que dá à luz Hórus, filho de ambos. Estes ritos devem ser encarados à luz do culto do deus do Sol e do desejo de unificação das práticas religiosas. Os Egípcios tinham um profundo respeito por todos os seres vivos: animais e plantas, rios e ribeiras eram considerados sagrados, enquanto o faraó, seu governante, era adorado como encarnação da vontade divina.

Por volta de 1479 a. C., a civilização egípcia ostentava toda a sua riqueza através da religião, dos rituais, da arquitectura, do vestuário, da educação e da busca de uma vida próspera. Soldados, sacerdotes e escribas dominavam esta civilização e a sua sofisticação está bem patente nos termos que usavam para se descrever a si próprios e à sua cultura. Por exemplo, o faraó era o «Falcão Dourado»; o tesouro, a «Casa da Prata»; um período de guerra, a «estação da hiena»; o palácio real, a «Casa do Milhão de Anos». Apesar da sua espantosa e

deslumbrante civilização, a política egípcia podia ser violenta e sanguinária, tanto a nível interno como externo. O trono real era sempre fonte de intrigas, de inveja e de acesa rivalidade. Foi neste panorama político que a jovem Hatusu subiu ao poder em 1479 a. C.

Finalmente, gostaria de prestar homenagem à Biblioteca de Londres em St. James Square. É um verdadeiro manancial de conhecimento e, sem dúvida, uma das melhores e mais confortáveis bibliotecas do mundo. Sinto-me profundamente agradecido ao seu maravilhoso conjunto de livros, antigos e modernos, bem como ao seu pessoal altamente competente.

Paul Doherty

EGIPTO 1479 a.C.

Duat: O mundo inferior egípcio, onde se escondia Apep, a grande serpente.

PRÓLOGO

No mês de Hathor, a estação das plantas aquáticas, do décimo terceiro ano do faraó Tutmés II, amado de Ré, Hatusu, a única esposa e meia-irmã de Tutmés, deu um grande banquete no seu palácio em Tebas. Os festejos e diversão continuaram pela noite fora. Hatusu ficara sentada à espera do momento em que o vinho pusesse a dormir os seus convidados ou os obrigasse a admirar, com olhar vítreo, as dançarinas nuas. Estas moviam-se sinuosamente e as contas ocas que lhes envolviam a cintura, os tornozelos e os pulsos geravam um ritmo langoroso e atraente. As bailarinas rodopiavam com as cabeleiras negras, rígidas e ensopadas em perfume, os rostos cobertos de tinta branca e os enfeitantes olhos escuros contornados a khol.

Hatusu abandonou a sala de banquetes e avançou pelo corredor pavimentado a mármore. De ambos os lados, as paredes, decoradas a vermelho, azul e verde, brilhavam à luz de candeeiros translúcidos de alabastro. As cenas triunfantes nelas retratadas ganhavam vida e faziam-na recordar o reinado de seu pai. Núbios, líbios, mitânios e salteadores vindos do mar contorciam-se numa representação vivida. Estavam ajoelhados no chão, de pescoço inclinado, os pulsos amarrados por cima da cabeça, e esperavam a execução às mãos do faraó vitorioso, armado de bastão e mangual.

Hatusu apressou-se. Passou pelas sentinelas que se encontravam nas esquinas ou no fundo das escadarias, por membros da escolta real, com os seus saíotes brancos e cintos incrustados de ouro e os punhos de bronze a brilhar à luz dos archotes. Pareciam estátuas com uma lança numa mão e um escudo vermelho na outra.

De vez em quando, Hatusu parava para ouvir os sons do banquete. Foram diminuindo à medida que ela penetrava cada vez mais nas profundezas do palácio em direcção à sua capela particular dedicada a Set, o deus com cabeça de cão que dominava o mundo inferior. Abriu a porta da capela e entrou. Antes de orar, retirou as sandálias ornadas a ouro, tomou uma pitada de sais de natrão para purificar a boca e inalou os fumos sagrados do turíbulo, que estava pendurado

num gancho, para purificar o nariz e boca. As tochas tinham sido apagadas, mas as luzes provenientes das colunas de alabastro reflectiam-se no precioso mosaico, ao longo das paredes, que mostrava melões prateados debruados a ouro que haviam crescido a partir da semente de Set na altura em que corraera atrás de uma deusa e ejaculava o seu sémen no solo. Hatusu ajoelhou-se na almofada instalada diante do altar sagrado onde se via a estátua de Set. À sua volta, recipientes de marfim, vidro e cerâmica, com pegadas em forma de íbis e íbex, exalavam um incenso adocicado.

Hatusu era pequena e ágil, parecendo muito delicada no seu diáfano vestido branco. Na cabeça usava uma cabeleira negra de cabelo espesso e encaracolado com três tranças a cair sobre o pescoço. Na testa, um ornamento em ouro e prata bordado a listas vermelhas. Áspides douradas guarneciam as pedras preciosas que trazia nas orelhas, braceletes de ouro e prata cingiam-lhe os pulsos e os tornozelos e usava um pesado colar coberto de jóias em torno do seu pescoço delicado. Hatusu estava vestida para a celebração, mas sentia-se secretamente aterrorizada. Olhou para o altar, fechado e trancado pelos sacerdotes, e, levantando os braços com as mãos estendidas, inclinou a cabeça e rezou. Set, o deus das trevas, tinha de a livrar daquelas preocupações! Daí a dias, o seu meio-irmão e marido, Tutmés II, regressaria a Tebas após ter derrotado os salteadores do delta do Nilo. O que aconteceria então? Hatusu lera cuidadosamente a mensagem. Devia ir ali na calada da noite para receber instruções sobre o que poderia acontecer. Não se aconselhara com ninguém. O segredo era demasiado tenebroso para partilhar. No entanto, ali estava ela, a rainha do faraó, a detentora da coroa do abutre, esgueiran-do-se como um rato pelos corredores do seu próprio palácio. Hatusu estremeceu de raiva. Como poderia alguém ter a arrogância de convocar Hatusu, amada do faraó, para a sua própria capela? Olhou para as estátuas de granito negro dos deuses Hórus e Osíris, instaladas ao lado do altar sagrado.

Tudo estava a correr bem! Tutmés tinha as suas concubinas. Era verdade que uma até lhe dera um filho que ele reconheceu como herdeiro, mas Hatusu era a sua rainha. Hábil na arte de fazer amor, atraía Tutmés para si como uma aranha atrai uma mosca. O seu prazer fora tão intenso que o faraó afirmara ter viajado para o Horizonte Longínquo e já se sentia na companhia dos deuses. Hatusu pedira aos deuses para engravidar. Fizera sumptuosas oferendas a Hathor, a deusa do amor, a Íris, a deusa mãe de Hórus, e a Osíris. Talvez ainda pudesse acontecer! Durante as campanhas, Tutmés enviara-lhe cartas seladas com a sua marca pessoal. Ocultara as suas saudações com termos amorosos antes de lhe contar tudo sobre as suas vitórias em terra e mar. Também a informara de que descobrira um grande segredo durante a visita que fizera à Grande Pirâmide em Sakara e, no seu regresso, abalaria os sonhos do Egipto com a sua revelação.

Hatusu voltou a apoiar-se nos calcanhares. Que segredos seriam? Tutmés

tinha ataques, a que os sacerdotes chamavam «transes divinos», quando os deuses, em especial Amon-Ré, falavam com ele. Será que tal acontecera na escuridão fria das pirâmides? Hatusu juntou as mãos e inclinou a cabeça. Avistou o papiro que espreitava por baixo do náos, o altar. Esquecendo toda a dignidade, Hatusu inclinou-se para a frente e apanhou-o. Desenrolou-o e, à luz dos candeeiros, estudou os hieróglifos verdes e vermelhos meticulosamente pintados. Poderia ter sido escrito por qualquer um dos milhares de escribas que viviam em Tebas. Todavia, a mensagem, e a ameaça que continha, fez com que a rainha do faraó estremecesse como Uma criança e a transpiração começasse a jorrar do seu corpo Perfumado.

A noite caía sobre os tijolos vermelhos de Tebas. A Lua erguia-se cintilando sobre o Nilo que corria, qual serpente ver-de-escura, desde o Sul da Terra do Arco para o Grande Mar. Os guardas da barca esperavam, olhando para o céu nocturno. Foi dada uma ordem, e a barca, baixa e atarracada, afastou-se do cais, avançando pelas águas na direcção da necrópole, a Cidade dos Mortos, que ficava a ocidente de Tebas. Via-se uma figura na proa e outra na popa, cada uma ostentando uma vara. Impeliam rápida e silenciosamente a barca, afastando-a dos juncos. Os seus companheiros, vestidos de negro e com os rostos tapados, qual habitantes do deserto, estavam agrupados em torno da feiticeira. Era cega, e os cabelos cinzentos emaranhados emolduravam o seu rosto de louca. Aquela criatura de pesadelo levava nos braços um vaso de cerâmica tapado e selado e pleno de sangue humano, que transportava com uma ternura de mãe. Os assassinos, os amemets, cujo nome provinha dos «devoradores de corações», as horrendas criaturas que se saciavam com as almas dos malfeitores, ouviam os sons da noite e observavam o rio. Escutaram o coxar das rãs, o zumbido dos insectos, mas, ali nos baixios, estavam atentos aos crocodilos que freqüentemente se aproximavam em silêncio dos menos cautelosos, antes de fechar as mandíbulas sobre a sua cabeça.

A barca movia-se como uma folha num lago e em breve alcançou a orla do matagal de papiros, onde se apinhavam pássaros, na margem ocidental. Acima deles elevam-se os contornos funéreos da Cidade dos Mortos: as casas feitas de tijolos de lama, as capelas, as salas de embalsamamento, oficinas e casas mortuárias dos artífices que preparavam os mortos para a sua viagem para a eternidade. A barca avançou através dos papiros até ao local solitário onde podiam desembarcar. Finalmente, a proa afundou-se na lama suave e escura. O amemet que comandava, de adaga na mão, saltou para a terra molhada. Ouviu um ruído e agachou-se. Espreitando o caminho que tinha à sua frente, vislumbrou outras figuras e formas que abandonavam a necrópole e se dirigiam tumultuosamente para algum barco que os esperava.

— Não somos os únicos.

O seu murmúrio estava repleto de humor. As figuras escuras

desapareceram.

— Ladrões de túmulos! — sussurrou ele, estalando os dedos.

Os companheiros, agarrando pelos braços a feiticeira, juntaram-se a ele na margem do rio. Esgueiraram-se por entre os arbustos, movendo-se com o silêncio e rapidez de panteras ao redor da Cidade dos Mortos, subindo um carreiro íngreme e poeirento até ao cume de um monte. Em baixo, jazia o Vale dos Reis, o local escolhido para sepultar os faraós e as suas famílias. O comandante parou. Estava lua cheia, mas, de vez em quando, as nuvens ocultavam o fulgor do luar. Olhou para a luz das tochas das sentinelas e, com a ajuda da brisa nocturna, conseguia ouvir uma ou outra ordem ocasional. Não ficou preocupado. O faraó estava ausente e os guardas eram negligentes. Porque não? Havia o suficiente para pilhar nos túmulos e mausoléus dos gordos comerciantes de Tebas. Só um louco ousaria atentar contra os sepulcros reais. O comandante dos amemets delineara bem o seu plano. O túmulo de Tutmés II ainda estava a ser preparado. Por que motivo qualquer ladrão ou salteador pensaria pilhá-lo se ainda não continha qualquer tesouro? Além disso, o túmulo erguia-se isolado na estrada real que conduzia ao vale. Os guardas eram apenas archeiros e, por aquela altura, já estariam encharcados em cerveja e vinho de má qualidade que traziam às escondidas do mercado.

O chefe dos assassinos continuou a conduzir os companheiros, tirando vantagem das subidas e descidas do terreno. A velha feiticeira protestou.

— Doem-me as pernas! Tenho os pés doridos! — queixou-se ela.

O chefe dos amemets aproximou-se e quase encostou o seu rosto ao dela.

— Está a ser bem paga, mãe. Estamos quase a chegar. Faça o que tem a fazer e atravessamos novamente o rio: pedaços de ganso assado, o mais doce dos vinhos e riqueza suficiente Para lhe comprar um terno amante em Tebas!

Os homens riram-se baixo. A feiticeira protestou numa língua que ninguém entendeu, um som áspero e frio que lhes enregelou o sangue e inundou a mente com histórias sobre o poder daquela feiticeira. Não tinha ela ressuscitado os espectros e convocado o mal para que o anjo da morte pairasse, qual falcão gigante, sobre as suas vítimas? O chefe pressentiu a mudança de humor nos seus homens.

— Vamos! — ordenou ele.

O grupo continuou. Chegaram ao sopé de uma colina pouco íngreme e olharam para o pórtico do túmulo inacabado de Tutmés. O chefe escolheu dois dos seus companheiros. Os três rastejaram como cobras até ao cimo da colina. Quando lá chegaram, pararam. Havia apenas três guardas encostados aos pilares, sem os capacetes e as armas empilhadas no solo. Conversavam uns com os outros, com os jarros de cerveja espalhados pelo chão. O chefe fez um gesto para trás. A feiticeira foi abandonada, enquanto os restantes assassinos avançaram

para o topo da colina. Foi aberto um saco e distribuíram entre si arcos e flechas. Três dos assassinos puseram-se de pé. Um dos guardas, mais atento do que os outros, ouviu o ruído e, arrancando um archote da parede, avançou. Foi o primeiro a morrer, quando uma seta lhe atravessou a garganta. Os seus dois companheiros ergueram-se de um salto e, ao fazê-lo, tornaram-se alvos claros à luz dos archotes. Mais uma vez, o sibilar das setas. Ambos os guardas morreram a espernear, engasgados com o seu próprio sangue. Os assassinos avançaram a correr. Pararam à entrada do túmulo. Aqueles homens sem moral, que não acreditavam em histórias nem nos discursos dos sacerdotes, sentiram-se amedrontados. Afinal, aquele iria ser o local sagrado onde Tutmés, o faraó, quando chegasse a sua hora, repousaria em glória e o seu ka seria transformado durante a viagem em que se reuniria aos deuses para lá do Horizonte Longínquo.

— Vamos! — apressou-os o chefe.

Abriu caminho, avançando lentamente pelas passagens sombrias, e depois virou numa esquina, quase esbarrando com um jovem oficial estremunhado. O assassino puxou do punhal e enterrou-o no estômago desprotegido do homem. O oficial caiu. O assassino retirou um pau que tinha debaixo da capa e esmagou o crânio do homem, espalhando os miolos pelo chão. Continuou em frente, mas não encontrou mais guardas, voltando, assim, para a entrada.

— Tragam a feiticeira!

Alguns instantes depois, a criatura da noite, armada de um pequeno pincel e de um pote de sangue humano, pintava toscamente a entrada com as palavras mágicas que amaldiçoavam o faraó no presente e na morte. O chefe dos assassinos observava, intrigado pelos símbolos que ela escrevia e pelos seus movimentos hábeis. Estava maravilhado com o facto de a mulher cega conseguir desenhar com tanta perícia, invocando as pragas e os poderes do mal.

Esperando que ela terminasse, reflectiu sobre o que se escondia por trás daquilo que estava a acontecer. Ele e o seu grupo eram várias vezes contratados para esta ou aquela tarefa. Mas amaldiçoar o túmulo de um faraó? Maldizer o seu nome? Talvez até impedir a sua viagem para ocidente? O que teria causado isso? O que teria acontecido que justificasse tal ódio e maldade? O chefe dos amemets não conhecia a pessoa que o contratara, tal como à feiticeira. A mensagem chegara da maneira habitual e ele respondera como era costume, aceitando a hora, o local e a tarefa a cumprir.

Voltou à entrada para inspeccionar os cadáveres e, quando regressou, a feiticeira já havia terminado. Estava agachada por baixo daqueles símbolos estranhos e, de mãos postas, rezava numa língua estrangeira. O chefe dos amemets recordou-se dos boatos que corriam entre os seus homens e que diziam que a feiticeira não era egípcia, mas oriunda da costa da Fenícia, donde viera com os seus poderes e amuletos. A oração acabara. Levantou-se.

— Terminámos — sussurrou ela.

— De facto, mãe, assim é!

O chefe dos amemets colocou-se atrás dela e, agarrando-a pelos cabelos, puxou-lhe a cabeça para trás e cortou-lhe a garganta.

Maet: deusa egípcia da verdade, representada como uma jovem com uma pena de avestruz no cabelo.

CAPÍTULO 1

Tutmés, amado de Amon-Ré, a encarnação de Hórus, governante da Terra Negra, rei do Alto e Baixo Egípto, reclinou-se no seu trono incrustado de ouro e olhou pela abertura da tenda da barca real. Fechou os olhos e sorriu. Regressava a casa. Fariam a curva do rio e veriam Tebas em toda a sua glória. Na margem oriental, as muralhas, colunas e pilares da cidade e, na ocidental, as colinas alveoladas da necrópole. Tutmés afastou os pés, calçados com sandálias douradas, quando a barca se inclinou ligeiramente na sua mudança de rota. A proa, com a forma de uma cabeça de falcão de bico aberto, continuou a cortar o rio mesmo quando a grande vela de abas largas ondeou um pouco e depois pendeu. Ouviram-se gritos. A vela foi arreada e a barca recuperou velocidade enquanto os remadores de tronco nu se inclinavam sobre os remos, erguidos com esforço sob as ordens dos homens que estavam na popa, dirigindo os grandes lemes. O chefe dos timoneiros começou a entoar um cântico, um surdo hino de louvor ao seu faraó:

Destruíu os seus inimigos, é o senhor dos céus. Atacou violentamente os seus rivais, grande é o seu nome-A saúde e a longa vida serão apenas uma adenda à sua glória. Ele é o falcão dourado! É o rei dos reis! O amado dos deuses!

O cântico foi seguido pelos soldados e marinheiros que enchiam a proa, atentos a qualquer baixio traiçoeiro. Os remos subiam e desciam e o sol brilhava no movimento das águas.

Tutmés, de rosto impassível sob a sua coroa azul de guerra olhou para os soldados que se amontoavam na proa. Rahi-mere, o seu vizir, Sethos, o delegado real, Omendap, seu general e Bailetos, o chefe dos escribas, tinham seguido à frente para Tebas. Agora só restava Meneloto, o chefe da guarda. Estava sentado com os oficiais a discutir o seu iminente regresso a Tebas, onde as suas tarefas e deveres onerosos os esperavam. Por cima do faraó, grandes e perfumadas penas de avestruz criavam uma brisa aromática, ondas de frescura, pois o dia iria ser quente e o sol estava muito forte, apesar do pálido bordado a prata que o cobria. Tutmés ouviu a descrição das suas glórias. Mas teriam alguma importância? Será que lhe interessavam? Visitara a Grande Pirâmide em Sakara. Lera os segredos na pedra sagrada. Tropeçara em mistérios, mas seriam mesmo isso? O deus não teria simplesmente falado com ele? Aqueles mistérios não teriam sido revelados só pelo facto de ele ser divino e eleito?

— Os seus membros são de ouro e as mãos de lápis-lazúli! — O poeta real que estava agachado à esquerda do faraó fazia eco dos louvores dos

marinheiros e remadores. — És belo de rosto, o faraó! Poderoso de braço! Justo e nobre na paz! Terrível na guerra!

O declamador daquelas frases rebuscadas piscou os olhos. O que interessava tal lisonja? Ou os tesouros escondidos nos porões das galés imperiais que avançavam à frente e atrás da barca real enquanto viajavam pelo Nilo? Tal riqueza era passageira.

O faraó moveu a cabeça. Olhou, através da névoa de calor, Para as margens do outro lado, onde descortinou os estandartes coloridos dos seus esquadrões de carros de guerra que o estavam e protegiam na sua sagrada viagem para Tebas. Tal poder era ilusório! As armas de guerra, os seus regimentos de elite que tinham os nomes dos deuses, o de Hórus, o de Ápis, o de Isis, e o de Anúbis, não passavam de poeira. Tutmés conhecia o segredo dos segredos. Disso mesmo informara a sua amada e nobre esposa, Hatusu, e, no seu regresso, contar-lhe-ia o que descobrira. Ela acreditaria nele, tal como o seu amigo e sumo sacerdote Sethos, o guardião dos segredos do faraó os «olhos e os ouvidos do rei». Tutmés suspirou e depôs as suas insígnias, o mangual e o cajado. Tocou o brilhante peitoral que tinha em torno do pescoço e mexeu as pernas, com o saiote branco incrustado a ouro a tinir a cada movimento,

— Tenho sede!

O portador da sua bebida, que se encontrava no lado mais distante da parede da tenda de seda, levantou o cálice de marfim. Deu um gole no vinho adocicado e passou-o ao seu senhor. Tutmés bebeu e devolveu-o. Naquele momento, o vigilante da proa gritou. Tutmés olhou para a direita. Estavam a fazer a curva do rio, Tebas estava próxima! A barca aproximou-se da margem. Nos canaviais que ladeavam o rio, um hipopótamo, assustado com o barulho, abriu caminho ruidosamente, fazendo com que enormes bandos de gansos levantassem voo dos enormes matagais de papiro. Os esquadrões de quadrigas na margem oriental mal se viam. Estavam a preparar-se para destroçar e juntar-se às outras tropas reunidas fora da cidade. Tutmés suspirou de prazer. Estava em casa! Hatusu, a sua rainha, estaria à espera. Descansaria em Tebas!

No pórtico do Templo de Amon-Ré encontrava-se um grupo de jovens raparigas à sombra das colunas altaneiras. Pesadas cabeleiras negras de cabelo brilhante e encaracolado caíam-lhes pelos ombros. Túnicas plissadas de linho fino e semi-transparente cobriam-lhes os corpos do pescoço aos pés, ornados de sandálias de prata, com os dedos e as unhas pintados de hena. As mãos cobertas de anéis agarravam os sistros, espirais de metal ligadas a uma pega de madeira. Quando agitados simultaneamente, os instrumentos produziam um som pouco harmónico e dissonante. Naquele momento estavam silenciosos. Em breve começariam a tocar, acolhendo o regresso do seu deus. Eram as sacerdotisas de Amon-Ré, reunidas em torno de Hatusu, a rainha do faraó. Também usava uma túnica requintada de linho branco. Sobre o seu toucado de ouro repousava a

coroa em forma de abutre das rainhas do Egípto e nas mãos sustinha o ceptro e o bastão do poder. Hatusu ouviu as sacerdotisas a rir, mas não moveu os olhos, orlados de kohl. Manteve-se impassível como uma estátua, olhando para baixo em direcção ao pátio banhado pelo sol, onde fileiras de sacerdotes de cabeça rapada e vestidos de branco aguardavam o regresso de seu esposo. A brisa aliviava o calor e agitava os estandartes e pendões suspensos nos pilares de pedra maciça que a rodeavam. Olhando por cima das cabeças dos sacerdotes, Hatusu podia observar a multidão que se acumulava no segundo pátio, onde altos funcionários oficiais e administrativos estavam ordenados por graduação e eram mantidos alinhados por guardas que seguravam o bastão representativo do seu cargo. Para lá daquele pátio estendia-se a Via Sagrada até à cidade, onde os cidadãos aguardavam ao longo da Avenida das Esfinges, apertados entre as enormes estátuas de granito negro que representavam animais acorados com cabeças humanas e corpos de leão.

A brisa trouxe timidamente aos ouvidos de Hatusu o som de música, uma fanfarra de trombetas. Viu o brilho das armaduras e entreviu as fileiras de tropas que marchavam pela Via Sagrada. A guarda real egípcia, negros do Sudão, e os Sharda-nos, o esquadrão de mercenários estrangeiros com os seus elmos ornamentados com chifres. Tutmés regressava a casa! Hatusu devia estar contente, mas sentia medo. Lera atentamente o papiro e perguntava a si própria se o seu misterioso autor ousaria partilhar tais segredos com o seu meio-irmão e esposo. Hatusu levantou a cabeça. Os coros tinham começado a entoar os cânticos de louvor.

*Ele estendeu o punho!
Esmagou os inimigos com o poder do seu braço!
A terra, em toda a sua amplitude, é sua súbdita!
Pison os seus inimigos como uvas!
É glorioso na sua majestade!*

Os cânticos foram abafados por um grande rugido de triunfo. O faraó chegara à Via Sagrada e em breve alcançaria o templo. Nos pátios interiores, os altos funcionários e as fileiras de sacerdotes pararam de murmurar e ficaram num silêncio nervoso. O seu faraó regressava em triunfo, Amon-Ré glorificara a sua majestade, mas também haveria uma fiscalização às contas. Os livros seriam abertos, as contas verificadas e os juizes e escribas seriam convocados à presença real. Um deles disse em sussurro:

— O gato real regressa ao cesto!

Hatusu aproximou-se do cimo das escadas com as sacerdotisas a agitar os enormes leques. Todos olhavam agora na direcção das imponentes portas de bronze que separavam os pátios interiores do templo. Ouviam-se gritos: «Vida!

Prosperidade! Saúde!» Um sopro áspero de trombeta impôs o silêncio. A voz de um arauto soou:

— Que esplêndido é o nosso senhor que regressa vitorioso!

As grandes portas de bronze abriram-se e o cortejo entrou: os sacerdotes de túnicas brancas, os oficiais da guarda real com os seus toucados emplumados, os peitorais dourados e as braceletes que resplandiam à luz do Sol, de lanças viradas para o alto. Hatusu olhou para os membros do conselho do esposo. O cortejo parou. Mais um som de trombetas e o faraó entrou. Precedido pelos seus porta-estandartes, Tutmés foi transportado num palanquim de ouro e prata levado aos ombros de doze nobres. O palanquim parou e todos se prostraram. De novo, o som das trombetas. Hatusu levantou-se graciosamente enquanto as sacerdotisas desciam, rodopiando, os degraus, abanando os sistros e cantando um hino de boas-vindas. O palanquim foi pousado. Os altos funcionários reais juntaram-se e Tutmés foi ajudado a descer do trono. Os sacerdotes reuniram-se à sua volta, protegendo-o, enquanto o faraó compunha a túnica e se preparava para subir os degraus. Hatusu ajoelhou-se com as mãos postas. Observou a sombra do marido que lentamente subia os degraus. Fechou os olhos. Se pelo menos conseguisse sentir a alegria que devia sentir! Se conseguisse dizer ao marido que Akhet, a estação das inundações do rio Nilo, fora a mais frutuosa desde há muito tempo! Que os relatórios dos nomarcas, os governadores das províncias, tinham sido excelentes...

Quando abriu os olhos, a sombra recaía sobre ela e Hatusu fez uma vénia, mas a mão do marido tocou-lhe no queixo e ela olhou para cima. Tutmés sorriu; porém, o seu rosto, sob a máscara cerimonial, parecia pálido e macilento. O kohl que lhe contornava os olhos apenas salientava o seu cansaço. A rainha foi assolada por um estranho pensamento. Ali estava o marido, amado dos deuses, conquistador dos seus inimigos e, no entanto, parecia que tinha atravessado o rio da morte e encontrado apenas pó. Tutmés inclinou suavemente a cabeça e os olhos brilharam de prazer.

— Tive saudades tuas! Amo-te! — proferiu rapidamente, abrindo depois a mão para revelar uma flor de lódão dourada, incrustada com pedras preciosas, na extremidade de um fio de prata. Colocou-o em torno do pescoço da esposa e ajudou Hatusu a levantar-se. O faraó do Egipto e a sua rainha viraram-se, de mãos estendidas, para receber a aclamação e os brados da multidão.

Ressoaram as trombetas e os címbalos, e grandes nuvens de fumo de incenso rodopiavam para o céu, adoçando o ar e purificando toda a gente. O faraó não falaria: a sua boca era demasiado sagrada e as palavras muito preciosas. Ainda tinha de entrar em comunhão com os deuses. Mais uma fanfarra de trombetas. Os membros da guarda real apressaram-se a formar em duas alas, entre as quais passaram os principais prisioneiros de guerra, cativos de cabelo escuro e pele cor de cobre, despojados da armadura e dos ornamentos e com as

mãos amarradas por cima das cabeças. Foram obrigados a ajoelhar-se ao fundo da escadaria. Hatusu fechou os olhos. Sabia o que estava prestes a acontecer. O faraó fez um movimento incisivo com as mãos. Os carrascos reais avançaram. Os prisioneiros, amordaçados e amarrados, não conseguiram protestar quando lhes cortaram as gargantas. Os seus corpos encharcados em sangue foram dispersos por toda aquela área, prostrados perante os deuses do Egito e o poder do faraó.

— Acabou — murmurou Tutmés.

Hatusu abriu os olhos. Não ousava olhar para baixo. O ar Possuía um aroma diferente: cheirava a morte e a sangue. Só esperava que o marido não se demorasse e entrasse para o templo, dirigindo-se à grande estátua de Amon-Ré, e espalhasse incenso. Suspirou de alívio quando Tutmés se virou e, com os brados da multidão a ressoar nos ouvidos, caminharam para a sombra da colunata, pisando o chão de mármore, passando por fileiras de colunas pintadas. A grande estátua de Amon-Ré, sentado em glória, elevava-se à sua frente. O faraó parou, olhando para as chamas tremeluzentes que vinham do grande vaso que se encontrava aos pés da estátua. Uma sacerdotisa avançou com uma taça dourada nas mãos. De olhos baixos, estendeu a taça e uma colher de prata ao faraó. Tutmés parou. Hatusu olhou para ele na expectativa. «O que estará a acontecer?», pensou ela. Obtivera grandes vitórias no Norte e agora, tal como seu pai, tinha de dar graças. Ou já saberia? Teriam chegado rumores ao seu acampamento no Norte? Tutmés suspirou, deu um passo em frente e espalhou o incenso. Hatusu, um pouco atrás dele, esperou que Tutmés se ajoelhasse nas almofadas vermelhas, bordadas a ouro, mas ele não o fez. Ficou ali parado a olhar para o enorme rosto de granito negro do deus. Ergueu as mãos com as palmas para fora como se entoasse uma oração, e deixou-as cair penosamente, como se fosse um esforço demasiado.

— Meu senhor! Majestade! — sussurrou Hatusu. — O que se passa?

Tutmés olhou para o pátio. Os aplausos tinham cessado. Foram substituídos por um murmúrio de descontentamento e mal-estar. Um sacerdote veio apressadamente ao seu encontro. Prostrou-se aos seus pés.

— O que é? — perguntou Tutmés.

— Um presságio, Majestade. Uma pomba sobrevoou o pátio.

— E então?

— Foi ferida e salpicou todos com sangue, ao cair morta dos céus!

Tutmés vacilou, o queixo começou a tremer, o maxilar inferior descaiu-lhe e colocou a mão na garganta. A cabeça caiu para trás, e a grande coroa dupla vermelha e branca tombou. Hatusu gritou e segurou-o na queda, tentando controlar as terríveis convulsões, enquanto Tutmés se contorcia nos seus braços. Baixou-o lentamente até ao chão. O corpo estava rígido e os olhos revirados. Manchas de saliva surgiram-lhe ao canto dos lábios pintados de carmim.

— Meu amor! — murmurou Hatusu.

Tutmés recostou-se nos seus braços e depois ergueu a cabeça e abriu os olhos.

— É apenas uma máscara! — arquejou ele.

Hatusu inclinou-se para ouvir os seus murmúrios antes de Tutmés, amado de Ré, ter um último estertor e morrer.

Durante o mês de Mechir, na estação das sementeiras, e após o luto oficial que se seguiu à morte súbita do faraó Tutmés II, Amerotke, juiz supremo de Tebas, pronunciou sentença na Sala das Duas Verdades do Templo de Maet, a senhora das palavras divinas, a divina narradora da verdade. Amerotke estava sentado numa cadeira baixa almofadada, feita de madeira de acácia. A almofada era de um tecido sagrado e bordada com hieróglifos que exaltavam as maravilhas da deusa Maet. Nas paredes da sala havia gravuras dos quarenta e dois demónios, criaturas estranhas com cabeças de serpentes, falcões, abutres e carneiros. Cada um deles segurava uma faca. Por baixo das figuras, viam-se os seus títulos a ocre vermelho brilhante: «tintureiro do sangue», «comedor de sombras», «cabeça deformada», «olho de chama», «quebrador de ossos», «perna de fogo», «dente branco». Aquelas criaturas habitavam as salas dos deuses, preparadas para devorar as almas que eram pesadas nas balanças sagradas da justiça divina e estavam em falta. A frente de Amerotke encontravam-se as mesas de madeira de cedro que sustentavam as leis do Egito e os decretos do faraó. Atrás dele, erguiam-se as enormes estátuas de granito negro do deus Osíris, que segurava as balanças da vida ou morte eternas, e Hórus, o deus sempre vigilante.

A sala exibia inúmeras colunas pintadas de cores brilhantes através de um dos lados, Amerotke, se assim desejasse, conseguia olhar para os jardins de Maet: relvados de um verde-fresco onde os rebanhos da deusa pastavam perto de árvores frondosas e aves com cores vivas voavam em torno de fontes que lançavam água para lagos ornamentais. Contudo, Amerotke sentado de pernas cruzadas, estudava os rolos de papiro que jaziam no chão à sua frente. O resto do tribunal esperava num silêncio contido. De um dos lados, viam-se os escribas acocorados, de túnicas brancas, com as cabeças rapadas inclinadas sobre pequenas secretárias. Tinham na mão os seus instrumentos de escrita: paletas de tinta vermelha e negra, potes de água e um molho de cálamos ocos e afiados numa ponta, pincéis, pedra-pomes, jarros de cola e pequenas facas afiadas para cortar o papiro.

Prenhoe, o escriba mais jovem, olhava expectante para o juiz. Amerotke era seu parente e Prenhoe admirava-o e invejava-o. Aos trinta e cinco anos, Amerotke fora promovido a juiz supremo na Sala das Duas Verdades. Homem astuto, nascido e criado na corte, Amerotke ganhara reputação pela sua justiça e integridade. Parecia mais novo do que era. Tinha a cabeça rapada, à excepção de um caracol de brilhante cabelo negro que, entrelaçado a ouro e vermelho, lhe caía sobre a orelha direita. O seu corpo era gracioso e leve como o de um atleta, e a

sua túnica branca debruada a vermelho caía-lhe com elegância. Prenhoe, por outro lado, sentia-se desconfortável. Queria tirar as vestes, sair e banhar-se na piscina sagrada para lavar o suor. Graças a Deus, o caso que estava a ser julgado chegara ao clímax. Amerotke avisara Prenhoe que seria um dia negro. Tanto ali como em qualquer outro lado, teria de ser pronunciada uma sentença de morte.

Amerotke agitou-se sobre as almofadas. A luz incidiu sobre o peitoral de ouro de Maet que tinha pendurado ao pescoço numa corrente de ouro. Amerotke apontou para ele e fitou com ira o prisioneiro que estava ajoelhado à sua frente. Olhou para a direita, onde se viam um homem e uma mulher já de idade abraçados um ao outro com as lágrimas a correr-lhes pelas faces. A maior distância, entre duas colunas, amontoava-se um grupo de testemunhas. Amerotke inspirou. Olhou para o topo das colunas como se quisesse examinar a pasta vermelho-escura dos capitéis esculpida na forma de um lódão vermelho. Tudo estava pronto. No fundo da sala, junto da Porta da Verdade, encontravam-se os oficiais da guarda, com os seus saíotes de couro e elmos de bronze, armados de escudo e bastão. O comandante, o capitão da guarda do templo, estava com eles; um homem careca e atarracado, primo afastado do juiz supremo.

— Falta dizer alguma coisa? — Amerotke levantou a mão.

— Nada, Excelência — respondeu o chefe dos escribas, fazendo uma profunda vénia sobre a mesa. — O caso já foi exposto, as testemunhas ouvidas e feitos os juramentos.

— Algum de vós — Amerotke observou a fila dos escribas —, na presença da senhora Maet, tem algo a opor a que seja pronunciada uma sentença de morte?

Os escribas permaneceram de lábios cerrados. Alguns abanavam as cabeças e Prenhoe fazia-o vigorosamente. O seu parente olhou para ele e sorriu de modo imperceptível. Amerotke colocou as mãos nas caixas cobertas que o ladeavam. Aquelas, feitas de madeira de sicômoro e acácia e folheadas com tiras de prata, continham pequenos santuários dedicados a Maet. Prenhoe inspirou. A sentença ia ser lida.

— Bathred! — Amerotke inclinou-se para a frente e olhou directamente para o prisioneiro. — Levanta a cabeça!

O prisioneiro obedeceu.

— Vou agora pronunciar a sentença. Aqui, na presença dos deuses do Egipto. Que o deus Tot e a senhora Maet sejam minhas testemunhas. Tu és um homem malvado! O que fizeste foi uma abominação aos olhos de todos. Um cheiro pestilento nas narinas dos deuses! Trabalhaste na necrópole, a Cidade dos Mortos. A tua tarefa era preparar os cadáveres dos mortos para os sepultar, ajudar nos rituais de purificação para que o seu ka pudesse viajar para as salas divinas de julgamento. Muito te foi confiado. Abusaste dessa confiança- Amerotke apontou para o homem e a mulher que estavam à sua direita e que

choravam copiosamente. — A única filha deles morreu de febre. O seu cadáver foi-te entregue. Abusaste dele, usando-o para o teu próprio prazer. Os membros da tua corporação apanharam-te a ter relações sexuais com o cadáver da jovem. Um gesto vil e blasfemo! Só escaparam as garras da lei porque te entregaram à justiça do faraó.

Amerotke olhou para a multidão de purificadores e embalsamadores. Bateu as palmas e os anéis brilharam à luz.

— Eis a minha sentença. - Serás levado Para as Terras Vermelhas a sul da cidade. Ninguém te acompanhará, excepto os guardas deste tribunal. Será cavada uma sepultura. Lá serás colocado e aprisionado.

— Serás enterrado vivo! — Amerotke bateu novamente as palmas. — Que a sentença seja registada e cumprida imediatamente!

O prisioneiro contorceu-se e gritou, proferindo obscenidades contra Amerotke até ao momento em que os guardas o agarraram e empurraram para fora da Sala das Duas Verdades. Com um gesto, Amerotke mandou sair o grupo de embalsamadores e os pais desolados. Os homens estavam assustados, pálidos e de olhar prudente na presença daquele juiz e da sua terrível sentença. Caíram de joelhos, de mãos estendidas.

— Piedade, senhor — suplicava o seu chefe, com a cabeça rapada e os maxilares carnudos a tremer. — Piedade e perdão!

— Era um dos teus — declarou Amerotke apaticamente. — Terá de ser paga uma indemnização.

— Será, sim, Excelência. Em prata e ouro, finamente lapidados — choramingou ele. — Com a marca de peso clara e nítida.

Amerotke olhou duramente para ele. Os olhos grandes e escuros do juiz pareciam perfurar a alma daquele homem.

— Mais alguma coisa? — lamuriou-se o chefe dos embal-samadores.

Amerotke ficou a olhar, com uma mão no peitoral de Maet.

— Que mais podemos fazer?

Estas palavras foram pronunciadas por outro embalsa-mador.

O olhar de Amerotke mudou de direcção.

— Muito mais — interveio rapidamente o chefe. Fora suficientemente perspicaz para captar o olhar de antipatia do juiz supremo. — Construiremos um túmulo com galerias, capelas, câmaras e armazéns para esta simpática família que tanto sofreu.

Amerotke olhou para os pais da vítima. Ouviu um murmúrio de discórdia no seio dos embalsamadores.

— Há alguma objecção? — perguntou Amerotke. — Algum de vós deseja acompanhar o criminoso até às Terras Vermelhas?

— Não, Excelência — declarou um dos embalsamadores. Falou honestamente e o seu olhar não vacilou. — O que ele fez foi abominável. Não

peço compaixão para nós, mas ser aprisionado na terra ardente? Deixar que o solo penetre nos olhos e na sua boca? Morrer de uma morte pútrida apenas com o uivar das hienas como hino à sua alma que está prestes a atravessar o deserto da morte?

— Pedes compaixão? — indagou Amerotke.

— Peço, Excelência. Prosto-me aos vossos pés. Aquele homem era meu primo.

Amerotke olhou para os pais desolados.

— Nada pode vingar o insulto à vossa filha — declarou ele — Mas aceitam a compensação oferecida?

Os pais acenaram com a cabeça e o marido colocou o braço nos ombros da esposa.

— E querem que seja mostrada compaixão?

— Pela alma da nossa filha — replicou o homem —, Excelência, a morte será suficiente.

— Assim ficará registado — proferiu Amerotke, convocando um dos mensageiros que se encontravam por trás dos escribas. — Diz aos que levam o prisioneiro que a sentença do tribunal autoriza que lhe seja permitida a ingestão de veneno antes de ser enterrado.

O mensageiro apressou-se a sair. Amerotke levantou-se, assinalando que a sessão chegara ao fim.

— É conhecida a sentença do tribunal — pronunciou ele. - O caso está encerrado.

Os embalsamadores recuaram, fazendo vénias e arrastando-se, gratos por não terem sido incluídos no castigo. Amerotke agarrou nas mãos dos pais, dizendo que deveriam informá-lo de imediato se a compensação não fosse paga na íntegra. Depois entrou na pequena antecâmara que lhe servia de capela privativa da deusa Maet. Ajoelhou-se perante o altar, deitou incenso por cima da chama e arrumou os pensamentos. Estava feliz por a questão ter terminado. Ficara satisfeito com o facto de se ter Provado que o embalsamador agira sozinho e por ter feita justiça. O caso escandalizara Tebas e também trouxe grandes prejuízos à corporação de embalsamadores. Assim a sentença que proferira iria restaurar o equilíbrio. Fechou os olhos e orou, pedindo sabedoria. Outros assuntos o esperavam. Ouviu passos atrás de si.

— Excelência, temos de ir!

Amerotke suspirou e levantou-se. O capitão da guarda do templo estava à porta, com o bastão do seu cargo numa mão e a outra no punho da espada. Amerotke escondeu um sorriso. Fizesse que tempo fizesse, por muito quentes e húmidas que as salas do tribunal se tornassem, Asural insistia sempre em usar o seu corselete de bronze, o saiote de couro e o elmo emplumado que tinha naquele momento debaixo do braço. Todavia, se bem que fosse um pouco

nervoso e, por vezes, resmungão, o capitão era um homem que não podia ser comprado ou subornado.

Asural dirigiu-lhe a palavra.

— Está quase na hora. — Sorriu e as rugas de gordura quase lhe esconderam os olhos. — Acolho com prazer a tua sentença. Darei àqueles patifes do outro lado do rio uma lição que nunca mais esquecerão.

Afastou-se para deixar que o juiz supremo regressasse à sala, mas depois agarrou-o pelo cotovelo. Amerotke sorriu. Asural adorava fazer aquilo: mostrar a todos os presentes que o juiz e ele não eram apenas colegas, mas sim bons amigos.

— Gostaria muito de fazer progressos no outro assunto — resmungou Asural.

— Mais roubos? — perguntou Amerotke. O capitão da guarda acenou com a cabeça.

— Tão espertos e matreiros! — declarou ele. — Os túmulos estão sempre selados e, no entanto, quando são abertos para receber outro cadáver, falta sempre alguma coisa. Dizem que são os demónios. Mas como é que seres humanos conseguem passar por paredes de tijolo?

— E o que é que esses demónios roubam? — inquiriu Amerotke.

— Colares, estatuetas, anéis, pequenas caixas, taças e vasos.

— Mas nada de grande?

— Não. — O capitão da guarda abanou a cabeça.

— Então temos demónios que estão apenas interessados em objectos pequenos e preciosos? Nada de grande ou pesado?

O capitão da guarda estudou o rosto de Amerotke para ver se detectava um sorriso.

— Não acho que sejam demónios — observou o juiz —, mas sim ladrões muito astutos. Prenhoe! — gritou ele para o outro lado da sala.

O escriba, rodeado pelos colegas e a conversar sobre a maneira como o caso fora encerrado, pôs-se de pé. Bamboleou-se até ao outro lado, tentando esconder a mancha de tinta que tinha na túnica.

— Sim, Amerotke... quero dizer, Excelência?

— Descobre o nome daquele embalsamador que falou e pediu misericórdia. Poderá ajudar-nos. A resposta a estes assaltos aos túmulos — continuou Amerotke — reside num perfeito conhecimento daquilo que os túmulos contêm. Teremos de ser ajudados por alguém da necrópole.

— Sim, Excelência, e o outro caso...? Prenhoe ficou expectante.

— Está tudo pronto — replicou Amerotke. — Só gostava de não ter sido obrigado a proferir a sentença.

Olhou para a estátua de Maet. Três meses antes, reflectiu ele, o faraó Tutmés regressara das suas vitórias para morrer subitamente perante a estátua de

Amon-Ré. A sua morte causara profunda consternação na corte e na cidade. As pessoas falavam e os boatos corriam. O seu filho, que tinha o mesmo nome, era apenas uma criança de sete anos, e a rainha viúva, Hatusu, não era uma boa governante. Falava-se de uma possível regência e do investimento do poder no grão-vizir, Rahimere. É claro que a morte súbita do faraó fora investigada. Havia chamado um médico real. Num dos calcanhares do cadáver do faraó encontrara a mordedura de uma víbora. Todos se recordaram então de como o faraó parecia fraco e fragilizado na altura em que o palanquim fora transportado ao longo da Via Sagrada. A única vez em que os seus pés sagrados tinham tocado o chão fora no momento em que saíra do trono a bordo da barca real. Fizera-se uma busca e fora encontrada uma víbora enrolada por baixo do dossel real. Ninguém fora declarado culpado, mas o dedo da acusação tinha sido apontado a Meneloto, o capitão da guarda do faraó. Acusado de negligência, do não cumprimento dos seus deveres, fora julgado perante Amerotke na Sala das Duas Verdades.

— Que horas são agora? — perguntou Amerotke, saindo da sua divagação.

Prenhoe afastou-se e observou o relógio de água instalado sobre o lago ornamental no outro extremo da sala.

— A décima primeira hora! — gritou ele. — Temos mais três horas!

— Há o outro assunto — insistiu o capitão da guarda.

Ouviu-se um murmúrio entre os escribas. Quando Amerotke olhou à sua volta, duas figuras grotescas entraram apressadamente na sala. Usavam saiotes vermelhos e dourados, cintos negros cruzados sobre os peitos nus. A máscara de chagal de Anúbis escondia os seus rostos e nas mãos transportavam os bastões de ponta prateada inerentes ao seu cargo. Amerotke tocou o peitoral de Maet e pediu coragem. Os dois emissários do carrasco-mor fizeram uma vénia.

— Está tudo preparado!

A voz por trás da máscara era profunda e oca.

— A sentença será levada a cabo! — ecoou o outro.

— Eu sei, eu sei — replicou Amerotke. — E eu tenho de a testemunhar.

— Fez um gesto com a mão. — Que seja feita a sua vontade!

Hórus: filho de Osíris e Isis, freqüentemente representado como um falcão ou como um jovem com rosto de falcão.

CAPÍTULO 2

Precedido pelos emissários mascarados do carrasco-mor, Amerotke, acompanhado por Asural e Prenhoe, abandonou o recinto do templo. Atravessaram um pequeno pátio e desceram até à Sala das Trevas, aquele labirinto de celas e masmorras que ficava por baixo do Templo de Maet. No fundo dos degraus, Amerotke levantou as mãos e permitiu que o servo silencioso lhe derramasse água sagrada por cima. O juiz virou depois o peitoral de Maet para si como se quisesse esconder aos olhos da deusa aquilo que estava prestes a acontecer.

Desceram o longo corredor com a negra obsidiana a brilhar à luz das lamparinas de azeite colocadas em nichos nas paredes. Amerotke sentia um arrepio de medo sempre que entrava naquela antecâmara da morte. Normalmente, a sentença dos tribunais decretava que, no caso de um prisioneiro ser condenado a tomar veneno, ele ou ela podia dar-se ao luxo de ser acompanhado até casa ou, por vezes, engoli-lo no próprio tribunal. Este caso era completamente diferente.

O condenado tinha assassinado a esposa e o amante desta e, antes de sair, entornara algumas lamparinas, transformando a sua opulenta residência de alto funcionário do exército faraónico num inferno, que também consumira os edifícios circundantes, incluindo a ala dos servos. Além das vítimas do homicídio, tinham sido retirados das ruínas mais sete corpos carbonizados. Amerotke tivera isso em consideração. Se um corpo ficava reduzido a nada, os rituais fúnebres não podiam ser cumpridos. Os seus kas não poderiam entrar no Além: um caso não só de homicídio, mas também de sacrilégio blasfemo.

Os dois emissários pararam de ambos os lados da porta, feita de madeira do Líbano reforçada e fortalecida com faixas de cobre. A sala era escura como a noite e a única luz existente provinha dos archotes solitários colocadas em nichos nas paredes. Dois soldados, mercenários do corpo de Shardanas, estavam a um canto de espadas desembainhadas. Na extremidade da sala via-se um homem agachado sobre uma cama baixa de junco. O seu corpo quase nu brilhava à luz das tochas. A única coisa que usava eram umas sandálias de papiro e uma tanga suja. Ao lado da cama, vestido com um saíote negro plissado e debruado a ouro, encontrava-se o carrasco-mor. Como era habitual, o seu rosto estava coberto por uma máscara de chagal feita de couro tingido de negro, e com as pontas das orelhas, focinho e boca pintadas a ouro.

— Estou aqui — anunciou Amerotke.

— És Amerotke. — A máscara abafava-lhe a voz, tornando-a sinistra. — Juiz supremo da Sala das Duas Verdades no Templo de Maet. — Apontou para o machado cerimonial. — Estás aqui para observar a execução da sentença. Só estamos a aguardar o pai divino, o sumo sacerdote Sethos.

Amerotke fez uma vénia. Conhecia o ritual. Sethos era um sumo sacerdote de Amon, o delegado real, os olhos e os ouvidos do faraó. Era seu dever apresentar os casos e garantir que a justiça do faraó fosse feita. Amerotke muitas vezes se confrontara com ele, se bem que isso apenas escondesse o profundo laço de amizade que havia entre eles.

Sethos era juiz e sacerdote, como Amerotke, um filho da casa divina. Fora criado e educado na corte de Tutmés I, o venerável e astuto faraó que expulsara os inimigos do Egipto antes de empreender a viagem eterna.

Amerotke tentou não olhar para o prisioneiro. Se visse a compaixão nos olhos do juiz, o prisioneiro poderia, tal como já acontecera com outros, cair aos pés de Amerotke e suplicar pela vida. No entanto, fora lida a sentença e a única pessoa que a podia anular era o faraó, uma mera criança de sete anos.

De facto, segundo diziam os rumores, não havia faraó. A morte súbita de Tutmés II afundara a casa divina no caos e em Tebas os boatos voavam.

Amerotke ouviu passos no corredor e virou-se ligeiramente. Sethos surgiu a seu lado. Tinha a cabeça rapada e oleada e usava uma túnica plissada branca e umas sandálias de folha de palmeira ornadas a ouro. Em torno do pescoço, um colar de esmeraldas e ametistas cor de púrpura brilhava sob a luz. Usava a pele de leopardo de sumo sacerdote colocada em cima de um ombro e caindo-lhe pelas costas. Um brinco de prata balouçava no lóbulo de uma das orelhas, oscilando e brilhando a cada movimento.

O carrasco-mor procedeu ao ritual de saudação habitual. Sethos fez uma vénia e respondeu.

— Vim à Casa das Trevas — a voz de Sethos era grave e forte — para me certificar de que a sentença do faraó, o amado de Amon-Ré, o olho de Hórus, rei das Duas Terras, abençoado por Osíris, é levada a cabo.

Virou-se e sorriu compassivamente para Amerotke. O juiz supremo apenas comprimiu os lábios, um sinal secreto, pois nenhum deles gostava de tais momentos.

— Que a sentença seja cumprida! — declarou Sethos. — Na presença de testemunhas!

O carrasco-mor levantou o machado e bateu em cada ombro do condenado.

— Tens alguma coisa a dizer?

— Tenho.

O prisioneiro levantou-se.

Só naquela altura é que Amerotke viu as correntes que ele tinha nos

pulsos e tornozelos. Arrastou-se para a frente com os funcionários mascarados a seu lado, e os mercenários que estavam ao canto também se mexeram como que desconfiados do que o prisioneiro pudesse fazer. O rosto magro do condenado abriu-se num sorriso.

— Não quero ofendê-lo. — Fez uma vénia a Amerotke. — Meu senhor juiz, administrador da justiça. — O condenado hxeu os olhos de Amerotke. — Já reviu as provas?

— Tudo isso foi apreciado durante o julgamento — replicou Amerotke. — Afirmas ter-te juntado à tua unidade no deserto a norte de Tebas. Pretendes ter deixado a casa para usufruir do fresco da noite. O teu próprio cocheiro jurou a veracidade dos factos. — Amerotke esfregou a insígnia de Maet que tinha nos anéis. — Contudo, a pessoa que entrou em tua casa na calada da noite sabia onde ir, se bem que os vizinhos tenham afirmado que a casa estava muito escura. Além disso, só alguém que soubesse que havia azeite na cave e canas de papiro nos armazéns poderia ter causado tal incêndio.

— O teu cocheiro mentiu — acrescentou Sethos. — E está agora num campo de prisioneiros nas Terras Vermelhas. Lá ficará para toda a vida a reflectir nas mentiras que disse, se bem que a sua lealdade seja de louvar.

— És culpado! — declarou Amerotke. — Vais mentir aos deuses? Em breve, a tua alma será colocada na balança, tendo como contrapeso a pluma da verdade de Maet.

O prisioneiro suspirou.

— Matei a minha mulher e, no entanto, amava-a — confessou ele —, mais do que à vida. Sabem o que significa, meus senhores, olhar para os olhos de uma mulher e ouvir os seus lábios dizer que nos ama e saber, no fundo do coração, que ela está a mentir?

— A sentença tem de ser cumprida — rosnou o carrasco-mor.

O prisioneiro virou-se.

— Então, dê-me a taça.

O carrasco agarrou na taça de pedra verde-escura com os bordos dourados e entregou-lha.

— O que devo fazer?

— Nada — respondeu-lhe suavemente. — A não ser beber!

— E depois?

A voz do condenado denotou algum nervosismo.

— Assim que terminares de beber o vinho, caminha até sentires as pernas cansadas. Depois, deita-te na cama.

O condenado pegou na taça sem qualquer emoção, de olhos fixos em Amerotke. Levantou-a num brinde silencioso e, atirando a cabeça para trás, bebeu o vinho envenenado.

Amerotke reprimiu um arrepio. Era sempre o mesmo. A maior parte dos

condenados bebia o veneno como que em transe, resignando-se às trevas que os esperavam. Rezou em silêncio para que o carrasco tivesse feito bem o seu trabalho e o vinho estivesse saturado de veneno, para que não houvesse inépcia nem prolongamento da agonia. Amerotke olhou para o chão. Dizia-se que homens como aquele condenado, despojados das preocupações da vida, conseguiam ver as verdades escondidas. Teria visto algo nos olhos de Amerotke? Saberá que o juiz que o condenara tinha a alma torturada pela suspeita de que a sua linda esposa amara, ou ainda amava, outro homem? E que, naquele mesmo dia, Amerotke se sentaria para julgar o seu antigo amante, Meneloto, capitão da guarda faraônica, acusado de negligência criminosa que resultara na morte do seu amado faraó? Amerotke saiu da sua meditação quando Sethos aclarou a garganta. O delegado real, os ouvidos e os olhos do faraó, tinha afastado os pés para aliviar a tensão. O prisioneiro caminhava para trás e para a frente, com as correntes a tilintar como o sinistro matraquear da roca de orações de um sacerdote que o empurrasse para a escuridão.

— Sinto-me cansado! — arfou o homem. Deitou-se na cama. — Não sinto os pés!

O carrasco-mor retirou as sandálias do homem e apertou-lhe os dedos dos pés. Fez o mesmo às coxas e pernas.

— Frio e rígido — sussurrou o condenado. — A água da morte a subir pelo meu corpo. Certifique-se de que as minhas dívidas ficam saldadas.

— Será feito — replicou Amerotke.

Uma das funções do tribunal era a apreensão dos bens daquele homem e o pagamento de quaisquer dívidas antes de serem entregues à Casa da Prata, o tesouro do faraó.

Deitado na cama, o homem entrava em convulsões; o corpo arqueou-se e ficou imóvel. O carrasco colocou-lhe a mão sobre o pescoço.

— O pulsar vital desapareceu — declarou ele. Amerotke suspirou.

— Cumpru-se a justiça do faraó — declarou Sethos. Fez uma vénia e, seguido por Amerotke, deixou para trás o espectro da morte e caminhou pelo corredor, dirigindo-se ao local onde Asural e Prenhoe estavam à espera. Só depois de terem subido os degraus e voltado a entrar no pequeno pátio é que Sethos agarrou no pulso de Amerotke.

— E como está a senhora Norfret?

— Está bem.

— «As suas tranças são negras, tão negras como a noite» — citou Sethos. — «Negras como as uvas que se agrupam no seu cabelo.»

— Está tão bela como sempre foi — afirmou Amerotke rindo, esperando que o olhar arguto do seu amigo não detectasse a mágoa que sentia.

— Tanto tu como ela eram amigos do Meneloto?

— Como sempre, meu senhor Sethos, chegaste abruptamente ao cerne

da questão. Meneloto foi uma vez convidado em minha casa. Hoje, ao fim do dia, presidierei ao seu julgamento.

— Leste as provas que te apresentei?

Sethos levantou o seu pequeno leque e refrescou o rosto, observando cuidadosamente os olhos de Amerotke. «Será que ele sabe?», perguntou Amerotke a si próprio. «Será que Sethos, os olhos e os ouvidos do faraó, descobriu os meus segredos de alcova? Ou as preocupações do meu coração?»

Sethos olhou para Asural e Prenhoe por cima do ombro e depois afastou gentilmente Amerotke para junto de uma pequena fonte para que o som da água a cair pudesse abafar a conversa.

— Podes confiar neles — disse Amerotke.

— Com certeza que sim. Não tens escrúpulos em julgar o Meneloto? Ele devia ter tido mais cuidado!

— Esta tarde — replicou Amerotke —, iremos examinar minuciosamente as provas. Ouviremos os depoimentos das testemunhas e nessa altura, meu senhor Sethos, decidirei.

O delegado real riu-se. Juntou as mãos em sinal de obediência e fez uma vénia.

— Aceito a reprimenda. Os meus cumprimentos à senhora Norfret.

Sethos afastou-se, murmurando um hino a Amon. Um homem astuto, uma verdadeira raposa, pensou Amerotke. Sethos fora amigo íntimo do faraó. Um sumo sacerdote ao serviço de Amon-Ré, antigo conselheiro da rainha-mãe. Queria Sethos vingar-se do homem cujo desleixo, segundo ele, causara a morte do amigo? Sethos, membro da Casa dos Segredos, usara toda a sua argúcia na instrução do caso contra Meneloto. Amerotke olhou para a água brilhante. Mas seria Sethos? Amerotke ouvira dizer que o delegado real estava relutante em levar o processo por diante, mas que alguém do palácio insistira.

— Correu bem, meu senhor? — Asural e Prenhoe aproximaram-se.

— A morte nunca corre bem — respondeu Amerotke. — Mas a sentença foi cumprida e a sua alma está agora na ante-câmara da sala de julgamento. Que o olho todo-poderoso de Hórus apresente toda a verdade quando a sua alma for pesada na balança.

— E agora? — perguntou Asural.

Amerotke deu-lhe uma cotovelada amigável no estômago.

— O tribunal reunir-se-à novamente daqui a duas horas. Tu, meu capitão da guarda, estás com fome e sede. — Bateu na cabeça de Asural. — Devias fazer uma visita ao barbeiro. Nunca vi um cabelo que crescesse tão depressa.

— É do calor — murmurou Asural. — Mas será de facto agradável estar sentado debaixo de um sicômoro e partilhar um jarro de cerveja com um amigo.

O capitão da guarda olhou de lado para Prenhoe.

— Vai ver as raparigas a passar — brincou Amerotke. — Prenhoe, as

provas para o julgamento de hoje? Certificar-te-ás de que tudo está pronto?

O escriba anuiu.

— Então, deixem-me por uns momentos.

Viu os companheiros a afastarem-se e olhou para o céu azul. Amerotke gostaria de ter ido com eles. Talvez passear Pelo bazar na praça do mercado, perder-se na vida vulgar e quotidiana? Mas sentia-se sujo. Virou o peitoral para a frente. Algures no templo ouviu-se uma trombeta, um convite à adoração. Amerotke olhou para baixo, para a deusa Maet, habilmente esculpida no peitoral, admirando as tranças soltas do cabelo, olhos escuros, as mãos graciosas postas em súplica, o corpo escultural e envolto em túnicas diáfanas. Suspirou. Sempre que olhava para a imagem da deusa, lembrava-se da esposa, e isso fazia-o sentir-se desconfortável.

Amerotke fixou o muro do templo onde estava retratado um anão grotesco com um rosto feroz, a pintura do deus Bés feita por cima do pátio, para expulsar os escorpiões e cobras. Amerotke tocou nos lábios em sinal de gratidão.

— Agradeço-te — murmurou ele — por me recordares! Amerotke sempre quisera fazer aquilo: sair sorrateiramente

e ver como é que o seu servo e confidente, o anão Chufoi, passava o tempo enquanto esperava pelo seu amo em frente ao Templo da Verdade. Amerotke sentiu-se contente por ter algo que fazer. Caminhou através de pátios desertos, atravessou uma pequena ponte ornamental por cima do canal escavado a fim de trazer água do Nilo até ao perímetro do templo. Depois, seguiu o muro exterior, caminhando à sombra de acácias e sicômoros, e passou por um pequeno portão lateral, caminhando ao longo de um corredor pavimentado onde abundava o aroma a vegetais e cozinhados. O percurso levou-o à grande área de terreno que se estendia em frente aos enormes pilares do Templo de Maet. As multidões apinhavam-se: visitantes que vinham do Sul, da zona da Primeira Catarata, líbios, viajantes do deserto, camponeses das aldeias, mercenários das guarnições e diferentes tipos de cidadãos de Tebas. Todos vinham fazer compras nos mercados e bazares locais ou enfi-leirar-se nos grandes portões pintados do templo para realizar sacrifícios.

Amerotke esperou não ser reconhecido enquanto caminhava na grande praça. As palmeiras e acácias forneciam uma sombra acolhedora ao calor do sol do meio-dia. Os barbeiros, vendedores ambulantes e vendedores de fruta e pão doce pagavam à Casa da Prata do Templo de Maet elevadas quantias para exercerem ali os seus negócios.

— Onde houver comida — disse Amerotke para si próprio —, estará o Chufoi!

Ligeiramente afastado da zona mais movimentada, tirando toda a vantagem de uma acácia, Chufoi, o anão, estava sentado com o pára-sol espetado no chão a seu lado, e muito ocupado. Num pequeno tapete estendido a seu lado,

via-se um inóntículo de amuletos de turquesa.

—Aproximem-se e comprem! — gritava o anão a plenos pulmões com a sua voz semelhante à de um sino. — Os visitantes do local sagrado, que se amontoam para oferecer sacrifícios à deusa da Verdade! Por alguns debens de cobre, um amuleto de Maet, abençoado nem mais nem menos do que pelo mestre mais sagrado, o augusto senhor Amerotke, juiz na Sala das Duas Verdades!

Amerotke manteve-se à distância. Quando Chufoi virou o rosto, Amerotke viu a tremenda desfiguração no local onde o nariz fora cortado. Chufoi era um daqueles indivíduos condenados em tribunal a serem sujeitos a essa mutilação. Congregavam-se numa comunidade própria, uma pequena aldeia a sul de Tebas. No caso de Chufoi, existira um terrível erro judicial. O seu apelo fora levado a Amerotke, que o apoiou. Fora emitido o perdão do faraó, mas era preciso fazer justiça. Chufoi, um antigo curtidor da Menonia, entrara para a casa de Amerotke como servo, portador de pára-sol e, quer Amerotke gostasse ou não, como um angariador de clientela.

Amerotke sorriu e virou-se. Pelo menos agora sabia qual a fonte da recente riqueza de Chufoi. Era suficientemente inocente, se bem que tivesse perguntado a si próprio onde é que Chufoi teria comprado os amuletos.

Amerotke juntou-se ao resto dos peregrinos que se dirigiam aos pilares. Em cada um dos lados do portão viam-se enormes pinturas da deusa Maet.

— Que o teu nome seja reverenciado! — sussurrou ele.

A esquerda do portão, a deusa Maet estava vestida com uma túnica branca plissada, apoiada nos calcanhares e de braços cruzados. Da sua cabeça erguiam-se duas enormes plumas avestruz, símbolos da verdade e da integridade. No lado direito do portão, havia uma cena d'O Livro dos Mortos: os deuses Tot e Hórus a pesar as almas dos defuntos. Numa balança estava o coração do homem morto e, na outra, a justiça e a verdade. Maet observava, esperando ver para que lado cairia o prato da balança. Se fosse para o lado da verdade, o morto seria admitido na casa divina, nos prazeres dos deuses. Se fosse contra a verdade, aquelas figuras grotescas, os «devoradores» estariam à espera para desfazer a alma.

O Templo de Maet era o santuário favorito dos cidadãos de Tebas e outros locais. O ar estava pleno de murmúrios, línguas diferentes, dialectos desconhecidos. Senhoras abastadas, com as suas cabeleiras ornamentais e vestes plissadas com bordados requintados, ao lado dos maridos, mercadores ou pessoas importantes de túnicas brancas e sandálias com atilhos dourados, cruzavam-se com camponeses, visitantes provenientes do Delta, artesãos e trabalhadores. O ar tinha uma mistura de odores. Mirra e incenso, unguentos que os ricos utilizavam para perfumar os corpos, misturados com os óleos de cozinha que se entranhavam na roupa de pouca qualidade dos artesãos, ou o aroma a

terra fértil que impregnava os corpos dos agricultores e camponeses. Pára-sóis, leques e plumas encharcados em perfume flutuavam no ar para refrescar o ambiente. Amerotke seguiu os peregrinos, mantendo a cabeça baixa. Não queria ser reconhecido, especialmente pelos escribas do seu tribunal.

Subiram pelo dromo, a avenida que os peregrinos percorriam até ao portão principal. Em cada lado havia uma fileira de esfinges, corpos de leão com cabeças humanas ou de touros ou de carneiros. Amerotke passou pelo portão onde se amontoavam os escribas com as suas túnicas de linho esticadas no colo para servir de secretárias improvisadas. Sempre prontos, com cálamos e rolos de papiro, aqueles escrevinhadores angariavam clientela, escrevendo as petições que os pobres lhes ditavam e que depois entregavam aos sacerdotes no santuário.

O templo, contudo, não era somente um local de adoração. À saída do salão das colunas encontravam-se as salas de audiências para pequenos delitos onde os juizes e escribas subalternos ouviam os casos de menor importância. Do lado de fora de uma delas, estalara uma algazarra tremenda entre duas vizinhas. Uma afirmava que, quando fora nadar n Nilo, a outra metera um crocodilo de cera no meio das roupas: uma maldição que visava atrair aquele horrível ser dos canaviais, para a matar. A sua oponente, uma peixeira alta e barriguda, contrapunha em voz forte que nem sequer sabia como moldar um crocodilo de cera e que a deusa era sua testemunha! Seria preciso uma legião de crocodilos do Nilo para matar uma mulher tão má como a vizinha! Ao lado delas, um escriba estava a anotar a queixa de um trabalhador das minas de cobre. O homem proclamava em voz alta o facto de ter pago com anéis de bronze a um médico para tratar a filha das dores de dentes. Este fervera um rato e colocara os ossos dentro de um saco de couro junto da face da criança. Todavia, a dor de dentes não desaparecera e a criança, às voltas na cama, ferira a face nos ossos afiados que estavam dentro do saco.

Amerotke adorava ouvir aquelas questões: o julgamento dos casos, o ponderar dos testemunhos e a tomada de decisões, por muito mesquinho que o assunto fosse. Maet ficaria satisfeita e a justiça seria cumprida. Olhou para as mãos. Talvez fosse a luz que ressaltava dos pilares brilhantemente coloridos, mas os dedos pareciam tingidos de vermelho. Recordou-se da execução que acabara de presenciar. Apressou-se a atravessar a sala dos hipostilos com as suas colunas cobertas a placa de ouro, os suportes pintados de cores brilhantes e em forma de flores de lótão. A beleza daquele lugar sempre deliciara Amerotke: o seu tecto salpicado de estrelas e o chão pintado de tal maneira que parecia estar-se a caminhar sobre água. Saiu por uma entrada lateral e seguiu pelo caminho que conduzia à Escola ou Casa de Vida, onde estudavam os médicos, astrólogos, arquivistas e praticantes do templo. Atravessou a zona aberta do parque com as suas árvores e alamedas sombrias. Finalmente, alcançou o lago sagrado que se estendia à frente da Capela Vermelha, um precioso pequeno santuário dedicado à

deusa e reservado aos juizes principais e sacerdotisas do Templo de Maet. Por cima da porta que dava para o lago, via-se uma gravura representando Ré dentro de uma barca dourada a atravessar os céus.

Amerotke parou e ficou à espera que um dos sacerdotes se aproximasse.

— Meu senhor Amerotke?

— Desejo purificar-me.

— Pecaste? — foi a resposta formal.

— Todos os homens pecam — respondeu Amerotke de acordo com o ritual. — Mas desejo mergulhar na verdade Purificar a minha boca e limpar o meu coração.

O sacerdote apontou para a piscina ou lago sagrado, purificado pelos íbis que lá bebiam água.

— A deusa aguarda! — murmurou o sacerdote. Amerotke retirou a roupa, os anéis e o peitoral. Desapertou a tanga que se prendia em torno dos rins e entregou tudo ao sacerdote, que colocou as vestes no banco de basalto. Depois, desceu os degraus da piscina, revestida de azulejos verdes. A água, que jorrava de uma fonte, dançava e brilhava à luz do Sol. Inspirou fundo e fechou os olhos. Começou a distinguir os odores das cozinhas e das casas de comida, o distante cheiro a sangue dos matadouros atrás do templo. Esperou e inspirou novamente. Daquela vez o ar estava puro. Levantou a mão e o sacerdote lançou-lhe alguns grãos de sais de natrão que tinha numa taça dourada. Amerotke molhou-os na água, esfregou as palmas das mãos e lavou o rosto. Só então se inclinou para a frente, nadando lentamente e permitindo que todo o corpo submergisse na água. Abriu os olhos, para absorver a frescura que lavava as impurezas, que lhe aguçava a mente e lhe restaurava o sentido de harmonia de que necessitava para julgar o difícil e perigoso caso que o esperava. Virou-se, nadando com a destreza de um peixe até aos degraus. Assim que saiu da água, sacudiu-se gentilmente, aceitando as grandes tiras de linho que o sacerdote lhe entregou para se secar. Depois de se limpar e vestir, Amerotke bebeu uma pequena taça de vinho misturado com mirra e encaminhou-se para a Capela Vermelha de Maet.

O local estava escuro, iluminado por luzes em vasos de alabastro puro, colocados em prateleiras ao longo das paredes. Assim que entrou, um velho sacerdote aproximou-se, agitando um turíbulo. O fumo espesso subia. Sustentando-o diante de Amerotke, o velho sacerdote recuou. Amerotke seguiu-o devagar. Diante do santuário, ou nãos, o sacerdote fez uma pausa. Posou o turíbulo e abriu o altar. Amerotke olhou para a estátua de ouro e prata de Maet e prostrou-se, levantando depois a cabeça. A estátua da deusa estava vestida de pano de ouro. Olhou para o seu rosto e ficou sem respiração: aquele cabelo negro e brilhante, o rosto belo e longo, aqueles lábios carnu-dos e olhos rasgados ornados a *kohl*. Tinha a certeza de que a deusa ia falar. Os lábios mexeram-se, mas não era Maet, mas a sua esposa, Norfret. Bela, fria e serena. Amerotke fez

uma vénia até ao chão antes de se sentar sobre os calcanhares.

— És um seguidor da verdade, Amerotke?

O velho sacerdote, inclinado para um lado, começou a fazer as perguntas rituais.

— Fiz um juramento. Tenho perseguido a verdade e a justiça.

— A justiça de quem?

— A do divino faraó.

— Vida, saúde e prosperidade.

Porém, a voz do velho sacerdote estremeceu. Amerotke sentiu a incerteza. De facto, reflectia ele, quem era o faraó? Tutmés III, uma criança? Hatusu, a esposa do falecido faraó? Ou o verdadeiro poder residiria nas mãos de Rahimere, grão-vizir do Egipto?

— Se persegues a verdade... — a voz do sacerdote assumiu um tom de conversação — ... por que razão te purificaste nas águas beijadas pelos íbis?

— Testemunhei uma morte — replicou Amerotke. — O meu coração estava pesado e a minha mente adormecida.

— Pelo que fizeste — surgiu a resposta trocista —, ou pelo que estás prestes a fazer?

Amerotke limitou-se a fazer uma terceira reverência. O velho sacerdote suspirou, colocou-se de pé e fechou a porta do *nãos*. Amerotke ficou na penumbra, nunca virando as costas ao santuário enquanto o sacerdote varria o chão com penas, removendo, segundo o ritual, qualquer vestígio da visita de Amerotke. Assim que saíram, o sacerdote juntou as mãos e fez uma vénia.

— Oraste por sabedoria, Amerotke?

O juiz afastou-se um pouco mais para que não fossem ouvidos pelos sacerdotes que agora se amontoavam em torno do lago sagrado. Abrigou-se à sombra de um tamarindo. O velho sacerdote seguiu-o, fazendo ruído com as sandálias.

— Soubemos o que vai acontecer hoje na Sala das Duas Verdades — começou o sacerdote. — Não confias em mim, Amerotke?

— Tia! — Amerotke beijou-lhe suavemente a testa. — És um santo homem. Estás constantemente a ajoelhar-te perante a deusa no santuário da Capela Vermelha. — Riu-se vivamente. — Mas continuas a ser muito abelhudo. Como aquelas pequenas moscas que voam junto à água.

— Ou um peixe que caça as moscas — retorquiu matreiramente o sacerdote. Os seus olhos húmidos viraram-se para o jovem juiz. — És um filho do palácio, Amerotke. Um soldado com alguma fama. Um juiz com uma tremenda reputação. Tens uma mulher muito bela e dois filhos. — Tocou o peito de Amerotke. — Mas nunca estás em paz, pois não? Acreditas realmente nos deuses, Amerotke? Será verdade aquilo que ouvi? As conversas de mercado, os

murmúrios do templo?

Amerotke desviou o olhar.

— Acredito no divino faraó — respondeu lentamente. — É a personificação do deus Amon-Ré e Maet é sua filha. E a deusa da verdade e da justiça.

— Uma boa resposta para alguém que freqüentou a Casa de Vida — comentou Tia. — Mas vives realmente, Amerotke? Ou és ainda assombrado pelos pesadelos que dizem que a tua mulher não te ama? Que já se deitou com o belo capitão da guarda que, hoje, será julgado por ti? — Aproximou-se, limpando uma gota de suor do lábio superior. — Estamos quase na estação das nuvens — disse ele suavemente. — Em Tebas, pode-se sentir a mão do amado de Ré. Contudo, o divino faraó está morto. Em breve, a marca que deixou será apagada pela areia. Um tempo de espadas! Em breve, Amerotke, a estação da hiena recairá sobre nós! Cuidado com a maneira como caminhas!

Set, o deus de cabelos vermelhos da destruição: freqüentemente representado como um homem com rosto de cão.

CAPÍTULO 3

Ouviram-se as trombetas, quebrando o silêncio no pátio do templo enquanto Amerotke se sentou na cadeira de juiz, incrustada a lápis-lazúli. O seu espaldar de couro era ornado a ouro, e as pernas tinham a forma de leões agachados. A sua frente estavam os volumes que continham a lei faraónica. À sua direita, os escribas haviam colocado um pequeno santuário da deusa Maet. As trombetas calaram-se. O julgamento ia começar.

Amerotke olhou rapidamente para Sethos, que estava sentado num banco de couro negro. O delegado real, os olhos e os ouvidos do faraó, estava tenso e vigilante como uma serpente prestes a atacar. Os olhos de Amerotke moveram-se. Também os escribas tinham perdido todos os sinais de fadiga. Estavam agachados de pernas cruzadas, os quadrados de papiro cuidadosamente pousados, cálamos e tinta a postos. O olhar de Prenhoe cruzou-se com o dele, mas Amerotke ficou sentado a olhar, ignorando o ligeiro sorriso do seu parente. Não devia manifestar, por sinais ou palavras, a tensão existente em torno do caso em julgamento. No fundo da sala, Asural e outros guardas do templo estavam a organizar as testemunhas. Mais um som de trombeta. Membros da guarda real do Regimento de Hórus conduziram Meneloto, ex-capitão das suas fileiras, à Sala das Duas Verdades.

O soldado era alto, bem constituído e caminhava com uma ligeira afectação. O seu nariz, um pouco adunco, dava ao rosto um toque arrogante. Olhava em frente, e o único sinal de nervosismo consistia no facto de lamber ocasionalmente o lábio inferior. Parou ao lado de Sethos, fez uma vénia e agachou-se, cruzando as pernas e colocando as mãos sobre os joelhos. Fitou directamente Amerotke. O juiz sentiu o seu olhar procurando naquela expressão que marcava o rosto do soldado qualquer sinal de divertimento ou ironia sardónica.

— Meu senhor juiz.

A voz de Sethos mostrou-se tão cortante que Amerotke quase deu um salto. Escondeu a sua inquietação, brincando com os anéis que tinha nos dedos.

— Tem a minha atenção — disse-lhe Amerotke calmamente.

— Meu senhor juiz — continuou Sethos, virando-se ligeiramente na direcção de Meneloto. — O processo que está a julgar foi apresentado pela Casa Divina e diz respeito à morte do nosso amado faraó. Sua Majestade Tutmés Segundo, filho querido de Amon-Ré, a encarnação de Hórus, rei das Duas Terras, que já viajou para o Horizonte Longínquo e está com seu pai no paraíso.

Amerotke e os escribas inclinaram as cabeças, murmurando uma curta oração em memória do faraó.

— Amon-Ré dá-nos vida! — continuou Sethos. — E quando chama a si o seu filho, é um assunto da sua divina vontade. Estamos todos nas mãos dos deuses. Também sabemos que eles estão nas nossas mãos.

Amerotke piscou os olhos. Admirava a astúcia das palavras de Sethos. Uma verdadeira raposa! Qualquer tipo de defesa diria que a morte súbita de Tutmés II era uma questão de vontade divina, mas naquele momento o delegado real virara o assunto ao contrário.

— Todos nós estamos carregados de deveres em relação ao filho adorado de Amon-Ré. Já leste as declarações das testemunhas?

Amerotke assentiu com a cabeça.

— O capitão Meneloto foi encarregue de cuidar da pessoa do faraó e da segurança do seu navio, a Glória de Ré. Agora no mês de Hatnor, a estação das plantas de água, o Faraó, amado de Ré...

— Obrigado — interrompeu Amerotke. — A pessoa divina do falecido faraó é-nos bem conhecida. Por esse facto, durante o julgamento, as referências ao nosso deus consistirão simplesmente em «faraó». Isso fará com que os assuntos sejam mais breves e poupará bastante tempo. Não estamos aqui para debater teologia — continuou Amerotke, elevando o tom de voz —, mas sim para determinar a verdade dos factos. A morte de Tutmés Segundo foi um golpe doloroso para o Reino das Duas Terras. Gritos de dor ecoam do delta até às Terras Negras para lá da Primeira Catarata.

— E os nossos inimigos regozijam-se — interrompeu Se Sethos.

De entre os escribas ouviu-se um silvo de reprovação. Sethos inclinou a cabeça. Se bem que fosse um sumo sacerdote Amon-Ré, o amigo do faraó, os seus olhos e ouvidos, nunca deveria interromper um juiz. Amerotke tocou o peitoral de Maet e levantou a mão direita.

— Estamos aqui para determinar a verdade — declarou ele inexpressivamente. — Os assuntos que dizem respeito à defesa das nossas fronteiras são da responsabilidade da Casa de Guerra. Pode continuar.

Sethos esfregou as mãos. Olhou para o tecto salpicado de estrelas.

— De qualquer modo — declarou o delegado —, estes são os factos. A barca real, a Glória de Ré, atracou no cais de Tebas. O divino faraó desceu do seu trono. Saiu da barca e subiu para o seu palanquim, que foi depois transportado para a cidade. Muitas pessoas, que tiveram a felicidade de olhar para o seu rosto, notaram que o faraó estava doente, gravemente cansado, fatigado pelos deveres do Estado. Na realidade, quando o pé divino tocou o chão da tenda da Glória de Ré, já fora mordido por uma víbora. Na altura em que o faraó chegou ao Templo de Amon-Ré, o veneno já lhe circulava no corpo. Teve um colapso e morreu.

— E onde é que a barca atracou antes de chegar a Tebas? — perguntou Amerotke.

— Quando o divino faraó visitou a pirâmide em Sakara. Noutras ocasiões, apenas ancorou a meio do rio.

Amerotke olhou para Meneloto.

— Eras capitão da guarda do divino faraó?

— Sim.

— E a segurança da Glória de Ré da tua responsabilidade?

— Naturalmente.

Amerotke ignorou o tom de arrogância nas respostas do soldado.

— E revistaste o aposento do faraó em busca de áspides e escorpiões?

— Tantos os humanos como aqueles que rastejam no pó! — foi a resposta irada.

Um dos escribas riu-se. Amerotke olhou para o outro lado da sala.

— Capitão Meneloto, tens consciência da gravidade das acusações que te são feitas?

— Tenho, Excelência. — O título foi proferido com relutância. — Também sei qual é o perigo de enfrentar um inimigo bem armado e em carga. Estou inocente de qualquer crime. A barca real foi revistada da popa à proa em Sakara e depois de sair de qualquer lugar em que tivéssemos atracado. A víbora não foi encontrada.

— De qualquer modo, Excelência — interrompeu Sethos —, será que o capitão da guarda se importaria de referir o que foi descoberto após a morte do amado faraó?

— Diga-lhe o senhor! — proferiu Meneloto bruscamente.

— Parece estar a par de tudo!

— Excelência. — Sethos dirigiu-se a Amerotke. — Chamo a nossa primeira testemunha.

O julgamento continuou. Ambos os lados chamaram testemunhas. A de Meneloto jurou que ele era um soldado fiel e consciencioso, que revistara escrupulosamente o aposento da barca real, procurando qualquer coisa que oferecesse perigo ao faraó. Sethos, permanecendo frio e objectivo, convocou outras, que declararam que ele não o fizera. Todos avançaram, colocaram as mãos no santuário de Maet e juraram dizer a verdade.

Quanto mais testemunhas chamava, mais crescia a incerteza de Amerotke. Havia algo de muito estranho. Acreditava implicitamente que Meneloto fora bastante consciencioso na execução dos seus deveres. Contudo, os membros da guarda real que tinham revistado a barca haviam encontrado uma víbora enrolada por baixo do dossel real. A víbora fora morta e o seu corpo mumificado apresentado no tribunal. Completamente inerte e tão inofensiva; no entanto, fizera tombar o divino faraó e provocara rumores que se tinham

espalhado até ao delta e para lá das Terras Vermelhas, tanto para ocidente como para oriente do Egipto.

— Excelência?

Amerotke levantou a cabeça. Sethos estava a olhar para ele com um ar estranho.

— Excelência, o que se passa? Está confuso com os testemunhos?

Amerotke colocou o queixo entre os dedos e sorriu. Olhou lá para fora para o pátio, onde a luz do Sol começava a desaparecer. Levantara-se uma ligeira brisa.

— Estou realmente confuso, meu senhor Sethos — respondeu ele lentamente.

Pela primeira vez, Amerotke detectou uma alteração na expressão de Meneloto. Seria esperança? Ou surpresa? Esperaria Meneloto realmente que Amerotke usasse a sua chancela, o selo divino do tribunal, para aprovar todas as acusações contra ele?

— A minha confusão é grande — continuou Amerotke. — Permita-me que lhe mostre porquê. — Levantou a mão esquerda. — As testemunhas do capitão Meneloto juram que ele foi um oficial muito profissional e consciencioso e que revistou a barca real da popa à proa antes de sair de Sakara. Nada foi encontrado. — Amerotke levantou a mão direita. — Por outro lado, o meu senhor Sethos apresentou testemunhas que afirmam que, após a morte do amado faraó, na presença do capitão da barca real, se procedeu a uma vistoria e que foi encontrada e morta uma víbora. Tem a certeza? O seu coração tem tanta certeza, meu senhor Sethos, de que essa víbora foi a causa da morte do faraó? — Sethos olhou para ele friamente. — E por que razão atingiu apenas o faraó? Porque não outra pessoa?

— Meu senhor. — Sethos levantou as mãos. — A tenda real era feita do melhor linho, apoiado em estacas, com os lados e a frente abertos para que o divino faraó pudesse ver.

— E então?

— O trono real e o escabelo encontravam-se lá dentro num dossel oco que parece ter escondido a víbora. A manobra de atracagem da barca real, durante a qual o faraó esteve de pé ao lado do dossel para subir para o palanquim, poderia ter acordado a serpente. Atacou e depois voltou para a escuridão onde foi encontrada.

— Então, por que motivo o faraó não sucumbiu de imediato?

Sethos fez uma vénia.

— Meu senhor, a minha próxima testemunha esclarecerá a vossa confusão: Piai, médico da Casa Divina.

Amerotke assentiu com a cabeça.

— Conheço Piai. O médico pessoal do faraó, sua esposa e outros. —

Sorriu. — Um homem de imenso conhecimento.

Os funcionários do tribunal fizeram entrar Piai. Amerotke conhecia de reputação aquele pequeno homem moreno, que gostava de boatos e era coleccionador de objectos requintados, e que adorava ostentar a sua riqueza, usando anéis que lhe cobriam os dedos e pesados colares que brilhavam em torno do seu pescoço. Tão sumptuoso, tão excessivo. Amerotke perguntou-se secretamente como é que o médico conseguia suportar aquele peso. Este inclinou-se, colocou a mão sobre o santuário, balbuciou o juramento e levou algum tempo a agachar-se sobre as almofadas situadas à direita de Amerotke.

— Senhor — começou Amerotke. — Sabe porque foi chamado?

— Tratei pessoalmente do divino faraó — replicou Piai com a voz áspera e gutural. Apesar da sua riqueza e educação, Piai sentia-se envergonhado por ser um provinciano. Olhou à sua volta, puxando para trás as mangas da túnica de linho como que desafiando todos a rir ou a troçar dele.

— Na noite em que o faraó morreu — prosseguiu Amerotke —, foi chamado ao Templo de Amon-Ré?

— Fui, tal como dita o ritual, logo após o pôr do Sol.

— E iniciou os preparativos para a viagem até ao Horizonte Longínquo do divino faraó?

— Sim. Também tentei saber qual a causa da morte.

— Porquê? — interrompeu Amerotke.

Piai reclinou-se com os olhos muito abertos de espanto.

— O faraó sucumbira. Sofria da doença divina. Era epiléptico. — Piai gaguejou. — Pensei haver a possibilidade de ele ter desmaiado, de estar num dos sonos profundos provocados pela doença.

— Mas não era esse o caso? — questionou Amerotke. Piai abanou a cabeça.

— A alma do faraó já tinha iniciado a viagem. Não havia pulsação vital no pescoço ou nas mãos. Estava preocupado com o facto de ter sido uma morte súbita — acrescentou Piai. — Retirei as sandálias do faraó e aí, mesmo por cima do calcanhar, vi a mordedura da víbora. De uma cor vermelho-escura, devido ao facto de as presas terem mordido fundo.

— Em que perna? — perguntou Amerotke.

— Na esquerda.

Amerotke encostou o braço à cadeira.

— E tal mordedura seria fatal?

— Claro. Este tipo de víbora é extremamente venenoso. Há pouco a fazer.

— Diga-me: se o faraó foi mordido enquanto saía da barca real, por que razão não se queixou quando tal ocorreu?

— Ah! — Piai balançou-se. Se não se houvesse lembrado de onde se

encontrava, teria apontado um dedo ao juiz, como se estivesse a dirigir-se aos estudiosos da Casa de Vida. — Meu senhor, é preciso que tenha em conta duas questões. O amado faraó estava prestes a entrar na cidade. Era um soldado, um guerreiro vitorioso sobre os seus inimigos. Se sentisse algum desconforto, tê-lo-ia escondido.

— Concordo — replicou Amerotke.

— Em segundo lugar — continuou Piai —, a mordedura em si poderá não ter sido dolorosa. Já conheci homens que foram mordidos e continuaram com a sua vida sem se aperceber de que o veneno lhes corria para o coração.

— E quanto tempo dura essa corrida? Piai piscou os olhos.

— Aceito a sua primeira sugestão — explicou Amerotke. — No entanto, é quase certo que o faraó teria sucumbido muito mais cedo, não é verdade?

— De... depende — gaguejou Piai.

— De quê?

— Pode ser diferente de uma pessoa para outra. — Piai limpou o suor do rosto. — Depende da constituição, do físico. É preciso que se lembre, meu senhor, que o faraó não se mexeu até alcançar o templo. Se um homem for envenenado, quanto mais energia despende, mais depressa age o veneno.

Amerotke lembrou-se do oficial executado nessa manhã. Fez um sinal com a mão, mostrando que aceitava o que o médico dizia.

— E tem a certeza sobre a mordedura de víbora? — insistiu Amerotke.

Nessa altura, Piai chamou algumas testemunhas que com ele tinham vestido o cadáver real, bem como outras que o haviam transportado para o outro lado do Nilo até à Cidade dos Mortos. Bons e fiéis funcionários, todos juraram aquilo que tinham observado e que a mordedura da víbora era perfeitamente visível.

— Os testemunhos — resumiu Amerotke — indicam que essa víbora estava a bordo da barca real, a Glória de Ré. Poder-se-á argumentar, se bem que fale com pouco conhecimento desse tipo de serpentes, que a víbora entrou a bordo enquanto a barca se deslocava pelo Nilo, provavelmente em Sakara, onde foi atracada, não ficando ancorada a meio do rio. Admito ser estranho o facto de ninguém a ter visto, mas tais serpentes conseguem esconder-se em cantos escuros, saindo apenas quando perturbadas. Foi isso que aparentemente aconteceu em Tebas: o divino faraó teve muito azar. Foi mordido, escondeu o seu desconforto, mas, ao entrar no Templo de Amon-Ré, sucumbiu e morreu. — Amerotke olhou para Meneloto. — Tem provas que desafiem estes factos?

O capitão da guarda do faraó levantou a cabeça.

Amerotke reparou no ligeiro sorriso e percebeu que Sethos tropeçara numa ratoeira. Acontecia o mesmo quando ele próprio se entregava ao jogo do senet com a esposa: Norfret mantinha sempre o rosto impassível, mas, mesmo antes de atacar, fechar o jogo e ganhar, os seus olhos sorriam e os lábios

apertavam-se ligeiramente. Amerotke piscou os olhos. Era melhor não pensar nela agora.

— Deseja contestar as minhas conclusões? — perguntou.

— Desejo, Excelência.

A resposta provocou ondas de murmúrios no tribunal. Amerotke levantou a mão.

— Gostaria de chamar o sacerdote Labda.

— Quem é? — interrompeu Sethos.

— Desejo chamar o sacerdote Labda. — Meneloto apoiava-se no ritual do tribunal.

— Tragam a testemunha! — gritou Amerotke para toda a sala.

A multidão afastou-se enquanto Asural conduzia um velho que coxeava, os membros semelhantes a paus e a pele amarelada devido à idade. A cabeça e o rosto não tinham sido convenientemente rapados, e o facto causou algumas gargalhadas. O capitão da guarda ajudou-o a sentar-se nas almofadas e depois fez sinal a Amerotke, que o fitou com uma expressão fria e impenetrável. O juiz conseguia perceber que o velho se sentia desconfortável. Cada movimento das articulações levava-o a estremecer e a contorcer a boca desdentada. Quando olhou para o santuário de Maet, sobre o qual ele deveria prestar juramento, estendeu uma mão que mais parecia uma garra.

— Não há necessidade — disse Amerotke — de tocar o santuário. Farei eu próprio o juramento pelo senhor.

— É uma imensa honra e demonstra grande compaixão. A voz do velho era surpreendentemente forte à medida

que os seus olhos leitosos fitavam indistintamente Amerotke.

— Juro, meu senhor Amerotke, enquanto a vossa mão toca no santuário de Maet, que falo a verdade. Não estarei muito mais tempo nesta prisão de carne e preparo-me para a viagem para as tendas da eternidade.

— Como se chama? — inquiriu Amerotke.

— Sou Labda, sacerdote da deusa-serpente Meretseger! Sethos mostrou surpresa quando entendeu o motivo por que aquele homem fora chamado. Meretseger era venerada por aqueles que se ocupavam dos mortos na necrópole.

— E por que razão foi chamado? — pressionou Amerotke sem qualquer constrangimento.

— Como sabe, meu senhor, a adoração da deusa-serpente significa o estudo de diferentes serpentes: as que habitam as margens do Nilo, bem como as que vivem nos montes e vales em torno da cidade de Tebas.

— E depois? — interveio Sethos bruscamente.

O velho sacerdote nem sequer se deu ao trabalho de virar a cabeça.

— Sem mais preâmbulos, devo dizer, meu senhor, que a mordedura dessa víbora é fatal. É verdade que um médico poderá dizer que a circulação do

veneno é auxiliada pela velocidade a que a vítima se movimenta. Isso é particularmente correcto em relação a quaisquer animais que a víbora ataque. Recuam de medo e depois fogem, mas não vão longe. Quanto mais agitados ficam, mais depressa morrem.

Amerotke quis interromper, mas permaneceu sentado com as mãos nas coxas.

— Se — continuou o velho sacerdote — o nosso amado faraó foi mordido enquanto abandonava a barca no Nilo, nunca teria alcançado os portões da cidade. A viagem é demasiado longa. Teria sucumbido e morrido muito antes de entrar no templo de seu pai, o divino Amon-Ré.

— Como sabe tudo isso? — perguntou Sethos.

— Sei-o porque é a verdade — replicou Labda. — Por que razão mentiria? Sou um velho e estou sob juramento. Não há nada sobre serpentes que eu não saiba.

Amerotke olhou para a sala de audiências. A voz do velho era grave e forte. Até os escribas tinham parado de escrever e olhavam fixamente para Labda. Se estava a dizer a verdade, se o divino faraó não tivesse sido mordido quando abandonava a Glória de Ré, então qual teria sido a causa da morte?

— O palanquim foi revistado? — indagou Amerotke. — O trono real em que Tutmés se sentava enquanto era trazido para a cidade?

— Fiz uma pesquisa rigorosa — replicou Sethos. — Uma víbora não conseguiria esconder-se. Além disso, e antes que pergunte, meu senhor Amerotke, o mesmo se verificou no Templo de Amon-Ré. O divino faraó saiu do palanquim mesmo junto aos degraus e subiu-os. A esposa do faraó, a amada Hatusu, estava à espera juntamente com as sacerdotisas e sacerdotes. Não foi vista ou detectada qualquer víbora.

Amerotke odiava aquele momento. Era como se os espectadores estivessem à espera que ele fizesse um truque de magia e reconciliasse as duas verdades em conflito.

— Meu senhor. — Meneloto falou com um tom duro. — O Labda disse a verdade. Por isso, desafio, na presença da deusa Maet, aqueles que me acusaram a provar que estou a mentir.

— Como? — perguntou Sethos.

— Temos prisioneiros condenados nas celas. Homens que foram justamente julgados e condenados a mortes horrendas por enforcamento ou, em alguns casos, por envenenamento. Que um deles seja levado para perto do cais do rio Nilo. Que uma víbora lhe morda o calcanhar. Que seja transportado pela cidade. Meu senhor Amerotke, juro pela deusa que, se esse homem sobreviver, me darei como culpado. Não continuarei a refutar esta acusação, mas, se ele morrer, então pedir-lhe-ei, meu senhor juiz, que se desista da queixa. — Meneloto olhou para o delegado, os olhos e os ouvidos do faraó. — Sei que o

meu senhor Sethos é apenas o porta-voz daqueles que me querem mal, mas tem de aceitar o desafio. Apelo a Amon-Ré, ao divino ka do nosso amado faraó, cuja vida estimei mais do que a minha, que eu possa ser posto à prova!

Amerotke cobriu o rosto com as mãos, o sinal habitual de que um juiz estava a considerar o veredicto que seria proferido. Deveria aceitar o desafio de Meneloto? Ele apelara aos deuses, pensou Amerotke. Que os deuses decidissem! Retirou as mãos.

— Meu senhor Sethos — disse ele suavemente —, o que tens a dizer?

— Há mais — acrescentou Labda. — O capitão Meneloto falou precipitadamente.

— De que maneira? — perguntou o juiz.

— Até agora, meu senhor Amerotke... — O velho sacerdote acenou com uma mão de veias salientes. — Até agora apenas falámos de tempo e lugar. No entanto, pergunto a este tribunal se alguém já viu uma pessoa mordida por uma áspide ou víbora? Algumas serpentes mordem e parece a ferroadada de uma vespa. — Apontou para o corpo dissecado da víbora. — Mas a mordedura desta é diferente. Um verdadeiro tormento. O rosto de Amerotke endureceu. Perguntara a si próprio quando é que a defesa de Meneloto levantaria aquela questão. Sabia pouco sobre víboras, mas, na altura em que fora membro do esquadrão de quadrigas do faraó, Amerotke vira um cavalo que fora mordido por uma cobra semelhante e as convulsões do animal haviam constituído uma visão terrível.

— Continue — disse ele.

— Que a deusa Meretseger seja testemunha de que digo a verdade. O meu senhor Sethos, ele próprio, também deve saber que, se o divino faraó tivesse sido mordido por tal víbora, as suas convulsões teriam sido terríveis para todos os que o observassem.

— Mas ele teve convulsões — retorquiu Sethos, bastante excitado. — No Templo de Amon-Ré, a amada Hatusu, a esposa do deus, disse que ele tivera convulsões.

O velho sacerdote tentou esconder a surpresa.

— Mas foi demasiado tarde — protestou ele. — Deveria ter acontecido antes!

— Eu apelei aos deuses — interrompeu Meneloto. — Pedi o seu julgamento.

Amerotke virou-se para os seus escribas, mas eles mantiveram as cabeças inclinadas. Olhou para o pátio onde já se via cair a noite. Precisava de pensar, reflectir, examinar minuciosamente as provas.

— Este julgamento será adiado — declarou ele. — O tribunal voltará a reunir-se amanhã de manhã à hora marcada. Nessa altura, tomarei a minha decisão. Segundo sei, capitão Meneloto, está sob prisão na sua casa?

O soldado, com um ar estranhamente aliviado, assentiu com a cabeça.

— Então será levado para casa e voltará à presença deste tribunal amanhã de manhã para ouvir a minha decisão. — Amerotke virou o peitoral para que a deusa deixasse de olhar para a sala de audiências. Bateu suavemente as palmas. — É este o meu veredicto.

O tribunal dissolveu-se. O velho sacerdote levantou-se das almofadas e ouviu-se o murmúrio da conversa entre os escribas e as testemunhas. Amerotke permaneceu sentado. Só quando Meneloto abandonou a sala é que Sethos se levantou e se aproximou. Agachou-se perante o juiz.

— Que posso fazer por ti, olhos e ouvidos do faraó? — perguntou Amerotke sardonicamente. — Ouviste a minha decisão. O tribunal esperará!

Sethos apontou para os livros da lei.

— Nada consta nos procedimentos da justiça que impeça o delegado real do faraó de perguntar ao juiz que sentença ou castigo será infligido se o caso for provado.

— Será que estás a pedir a vida deste homem? O tribunal não o permitirá. Talvez uma despromoção ou qualquer tipo de pena?

— Exílio! — replicou Sethos. — Exílio para um oásis nas Terras Vermelhas a ocidente! — Reparou no espanto que se via no rosto de Amerotke. — Eu também obedeco a ordens — explicou ele. — O círculo real queria a sentença de morte. Eu temperei a sua raiva.

— Veremos.

Amerotke levantou-se do seu lugar e, se bem que soubesse que estava a ser pouco cortês, virou as costas a Sethos e dirigiu-se à pequena capela que ficava ao lado da Sala das Duas Verdades. Esticou-se e tocou no enorme ankhet, o símbolo da verdade, pintado lá dentro. Na parede que sustentava a porta, um artista representara o faraó Tutmés fazendo justiça aos inimigos do Egipto, de braço levantado e a sua maça prestes a cair sobre um prisioneiro cuxita. O artista captara com bastante exactidão os traços do faraó: o seu rosto magro e pontiagudo e o perpétuo olhar carrancudo que Tutmés parecia exhibir sempre. Amerotke fez uma vénia. Seria que o ka do faraó estava de visita àquele templo? Teria observado os procedimentos?

Amerotke fechou a porta, virando a intrincada chave de modo a que a lingueta de madeira apanhasse o trinco e o trancasse. Retirou o peitoral e outras insígnias respeitantes ao cargo e colocou-as na caixa revestida a madreperola. Depois, tal como era costume, ajoelhou-se perante a estátua.

Alguma coisa estava mal. Sethos não tinha culpa. O delegado real, os olhos e os ouvidos do faraó, parecia sentir-se desconfortável com aquele caso. Havia, de facto, uma contradição inerente. Se o faraó tivesse sido mordido por aquela víbora a bordo da Glória de Ré, teria entrado em convulsões. Nunca teria sobrevivido até ao Templo de Amon-Ré. Então, por que motivo Meneloto era acusado? Estaria a ser um bode expiatório? Ou seria outra coisa? Mais obscura e

secreta? Se o divino faraó não tivesse sido mordido à saída da barca, o que teria acontecido? Amerotke lembrava-se dos rumores. O sepulcro do faraó não fora profanado? Pragas e maldições não tinham sido escritas a sangue nas paredes do seu túmulo inacabado? E pombas com o corpo a pingar sangue não haviam caído dos céus? Teria sido um acidente? Uma mera coincidência? Mas a profanação do túmulo real não podia ser facilmente ignorada. Afinal, o faraó regressava em vitória das suas batalhas no delta. No outro lado do Nilo, na Cidade dos Mortos, um grupo de blasfemos cometera o mais horrendo dos crimes. Porquê? A violação de túmulos era comum, mas tal sacrilégio era raro.

Amerotke brincou com o anel que tinha no dedo. Por que razão o divino faraó estava a ser amaldiçoado? Seria a sua morte uma espécie de sentença? Porém, se fosse esse o caso, não seria uma questão de negligência, mas sim de homicídio. E por que motivo a profanação do túmulo não fora mencionada no tribunal? Sim! Levantaria a questão no dia seguinte, mas teria de ter cuidado: não poderia discutir o caso com ninguém. Perante a mais pequena insinuação de que o faraó fora vítima de uma conspiração para o assassinar, seria lançada a confusão em Tebas. Se não o pudesse provar, não seria o primeiro juiz a receber uma proclamação, assinada com o selo real, ordenando a sua expulsão.

Amerotke encostou a cabeça à parede, gozando a sua frescura. Ouviu bater à porta, mas ignorou quem o chamava. Iria a pé para casa naquela tarde e passaria uma noite tranqüila. Recapitularia mentalmente o que ouvira e vira naquele dia. Sethos era apenas o instrumento, mas quem seria o verdadeiro mentor do processo? O herdeiro de Tutmés era apenas uma criança, uma mera criança. Seria Hatusu, a esposa do faraó?

Ou Rahimere, o grão-vizir? Ou estaria o general Omendap, comandante supremo do exército do faraó, com ciúmes de Meneloto? Ou Bailetos, o matreiro chefe dos escribas da Casa da Prata? Amerotke recordou uma ocasião em que, enquanto criança, brincara nos penhascos de arenito que se erguiam sobre Tebas e entrara numa longa caverna escura. Sentia agora o mesmo e perguntou a si próprio que horrores o esperavam nas sombras.

Hathor: a deusa egípcia do amor.

CAPÍTULO 4

Bateram insistentemente. Amerotke levantou-se e destrancou a porta. Asural entrou. O seu rosto estava cinzento e os olhos, que habitualmente se enrugavam de prazer, mexiam-se para todos os lados. Retirou o elmo e bateu no cinto que suportava a espada, tamborilando com os dedos no punho talhado em forma de cabeça de chacal.

— Amerotke — sussurrou ele como se a sala estivesse cheia de testemunhas. Apontou com o polegar para trás das costas. — Imaginas o que está a ser dito ali dentro?

— Ouvi os testemunhos.

— Meu senhor, não brinques comigo. — Asural limpou o suor que lhe escorria pela testa, secando a mão no saíote. — Posso não ser tão inteligente como tu. Sou um soldado honesto e directo.

— Desconfio sempre de pessoas que se intitulam directas e honestas — respondeu Amerotke. — E não te armes em soldado vigoroso comigo, Asural. És esperto, matreiro e, se bem que pesado de corpo, tens uma mente rápida. — Deu uma palmada no braço de Asural. — És uma raposa, Asural, mas eu não caio nas tuas intrujices. No entanto, és um bom guarda. És honesto, não aceitas subornos, e o mais importante é o facto de eu gostar de ti e te respeitar.

Asural suspirou e encolheu os ombros. <<

— Portanto, não entres aqui — prosseguiu Amerotke — para me fazeres sentir mais nervoso do que já estou. Eu sei o que está a ser dito lá fora. Não acredito que o divino faraó tenha sido morto por aquela víbora e tu também não. Mas o modo e a razão da sua morte permanecem um mistério. Tenho de decidir onde termina o poder do meu tribunal e começam os caminhos tortuosos do conselho real.

— Há também as violações dos túmulos — disse Asural, coçando a cabeça. — Recebemos informações sobre outra. Uma velha aristocrata. Era casada com um general hitita que se instalou no Egipto. A família foi ao túmulo nos penhascos sobranceiros à Cidade dos Mortos. A porta falsa estava intacta e a entrada secreta não foi descoberta. Não havia sinais de arrombamento, mas os amuletos, colares e pequenas taças deixadas à entrada do túmulo tinham desaparecido. Vão começar a queixar-se — continuou Asural. — Vão entregar petições à Casa do Milhão de Anos e procurarão um bode expiatório que serei eu.

— O que me faz lembrar de uma história que tenciono contar aos meus

filhos esta noite — replicou Amerotke.

Asural grunhiu e afastou o olhar.

— Prometo-te — continuou Amerotke amavelmente — que, quando este assunto terminar, iremos em busca desses ladrões de sepulturas que conseguem caminhar através de pedras e lama. O que pensas dos testemunhos contra o Meneloto?

— Tal como referiste, para cada prova apresentada pelo delegado, os olhos e os ouvidos do faraó, o Meneloto conseguiu uma contraprova. Foi como um jogo de senet em que ambos os jogadores se bloquearam um ao outro.

— E as testemunhas? — perguntou Amerotke. — O Piai?

— É um homem indigno de qualquer crédito. Vive na terra das sombras entre o dia e a noite. — Asural abanou a cabeça. — Piai convive com as prostitutas que estão junto ao cais. Também tem uma predilecção pelos traseiros de meninos bonitos. Um homem que bebe de muitos copos: alguns limpos e outros sujos.

— Mas é um bom médico?

— É um homem rico, mas não acho que estivesse a mentir. — Asural sorriu. — Cometer perjúrio na Sala das Duas Verdades... Decerto que o Piai não gostaria de passar alguns anos a trabalhar nas minas de ouro do Sinai.

— E o Labda?

— Mora numa caverna nas profundezas do Vale dos Reis. É o guardião de um pequeno santuário dedicado à deusa Meretseger. Um homem íntegro. — Asural fez uma pausa.

Das árvores do pátio veio o pio longo e pesaroso de um mocho.

— Chegou a altura de nos irmos embora — disse Amerotke. — Garante a segurança do santuário e dos meus aposentos.

Colocou a mão no trinco da porta.

— Deverias tomar cuidado. Amerotke virou-se.

— O que queres dizer?

— Não te armes em inocente comigo — admoestou Asural. — Toda a Tebas está num turbilhão. Os regimentos de Osíris e de Isis estão acampados fora da cidade. Do Sul vieram cinco esquadrões de quadrigas. Podemos estar na estação do plantio, mas também estamos na estação da hiena.

— Vá lá, Asural, és o capitão da guarda do templo e não um adivinho ou profeta. Diz lá quais são os teus avisos e presságios.

— Tem havido muitos — replicou Asural. — Os astrólogos da Casa de Vida viram uma estrela a cair dos céus. Os mortos foram vistos a caminhar nas ruas e becos da cidade do outro lado do Nilo. O herdeiro do faraó é apenas uma criança. Há aqueles que gostariam de se apoderar do trono. Pelo menos, até ele ser adulto.

— Eu sou um juiz — recordou Amerotke. — Apenas administro a

justiça do faraó.

E, abrindo a porta, saiu da Sala das Duas Verdades.

O pátio estava agora deserto. O altar fora fechado e uma coroa de flores colocada junto aos seus pés. Os velhos sacerdotes, os mais puros, tinham salpicado as portas com incenso. Os escribas haviam arrumado os livros das leis, as almofadas e as cadeiras. A sala estava vazia. Amerotke sempre achara que assim parecia mais majestosa. Ajoelhou-se perante o santuário de mãos estendidas, murmurou uma curta oração de graças, levantou-se e saiu do templo. As portas de cobre polido foram abertas e fechadas pelos guardas. Amerotke atravessou a sala das colunas e saiu pelo meio dos enormes pilares. A Avenida das Esfinges, o dromo, estava agora deserta. Levantara-se uma brisa refrescante e os últimos raios da luz do Sol atingiam as esfinges rosadas, dando-lhes uma estranha vida própria.

Um grupo de sacerdotes jovens conduzia grandes bois, de flâmulas colocadas entre os cornos, até um dos matadouros, para o sacrifício matinal. Alguns peregrinos fatigados aglomeravam-se em torno da esteira do deus anão Bés, no final do caminho. Por baixo da figura sorridente do deus anão tinham sido gravados hieróglifos. A esteira era lavada pela água de uma fonte que batia sobre ela e caía para uma bacia de granito. Os peregrinos estavam a encher peles de couro com água, segundo constava uma protecção segura contra as mordeduras de escorpião e de áspide.

Amerotke passou por eles. Estava agora no pátio de entrada do templo. Fez uma pausa. Deveria ir mesmo directo a casa? Ou viajar para norte da cidade e visitar o sacerdote funerário do Templo de Amon-Ré a quem pagara para orar pelos falecidos pais? Amerotke respirou fundo: era o local onde morreria o divino faraó. Poderiam pensar que ele lá ia em serviço oficial.

— Meu senhor Amerotke? Ele virou-se.

— Ah, Prenhoe, meu parente!

O jovem escriba dirigiu-se a ele. Uma das correias das suas sandálias estava partida.

— Não quero discutir o caso — avisou Amerotke. Prenhoe escondeu a sua desilusão.

— Um dia, parente — perguntou ele —, serias capaz de apoiar a minha nomeação para juiz? Dos tribunais de delitos menores?

És membro da Escola de Escribas. Fizeste os - Claro, exames para tal. Óptimo.

O rosto magro de Prenhoe abriu-se num sorriso. Piscou os olhos. — Pensei que hoje fosse um bom dia. Tive um sonho ontem à noite.

— Prenhoe — avisou Amerotke. — Não é o momento de falar dos teus sonhos e sim hora de nos prepararmos para dormir. — Esticou o braço e agarrou o pulso de Prenhoe. — Vai para casa!

O seu parente foi-se embora. Amerotke caminhou até às palmeiras onde vira Chufoi a vender amuletos. O anão estava encostado a uma árvore a dormir profundamente com o bastão e o pára-sol do seu senhor caídos a seu lado e uma caneca de cerveja no colo. Não havia qualquer sinal dos amuletos ou do dinheiro que Chufoi fizera com eles.

Amerotke agachou-se. Colocou os lábios junto do ouvido do anão.

— Dorme apenas durante a noite — declarou ele sonoramente, citando um dos ditados de Chufoi. — Mas enquanto Ré domina o dia, usa-o para viver. Utiliza a luz para a felicidade, saúde e prosperidade.

Chufoi acordou sobressaltado.

— Senhor! Demoraste mais tempo do que eu pensava.

Levantou-se atabalhoadamente, atirando a caneca de cerveja para dentro do pequeno saco que transportava. Entregou a Amerotke o bastão branco cuja extremidade tinha o formato de uma cabeça de íbis. Teria preparado o flabelo, mas Amerotke deu-lhe uma pequena palmada na cabeça.

— Que quantidade de cerveja bebeste? — troçou ele. — A força do Sol está a desaparecer, não preciso disso.

Chufoi fez uma careta e, virando-se, berrou numa voz profunda:

— Abram caminho para o Excelentíssimo Amerotke, juiz supremo da Sala das Duas Verdades! Servidor divino do amado faraó! Escriba da justiça! Sacerdote sagrado! Abençoado e ungido por Ré!

— Cala-te! — Amerotke agarrou o anão pelo ombro. Passavam todas as noites pela mesma paródia.

— Mas, senhor... — O rosto desfigurado de Chufoi abriu-se num sorriso matreiro. — Sou o teu humilde servo. A minha tarefa é louvar-te para que todos os que passam por nós saibam quem realmente és.

— Sou um juiz — contestou Amerotke. — E muito cansado! A última coisa de que preciso, Chufoi, é que largues aos berros no mercado.

Chufoi tentou pôr um ar magoado. Amava aquele sacerdote alto e enigmático, aquele juiz honesto, que parecia muito severo. Chufoi sabia que ele era amável e gentil, se bem que um pouco solene de mais.

— Só estou a desempenhar as minhas funções — choramingou ele na brincadeira.

— E eu, as minhas. — Amerotke esgrimiou os seus argumentos habituais.

Abandonaram o pátio interior e entraram na praça do mercado.

— E, na realidade, qual é o teu trabalho, senhor? Chufoi encostou-se ao pára-sol como se fosse o bastão de um cargo.

— Ver, ouvir e julgar.

Amerotke manteve uma expressão séria. Apontou para um homem moreno, vestido de cores berrantes, com amuletos de ouro nos pulsos e brincos nas orelhas: estava preguiçosamente sentado por baixo de uma palmeira, onde

uma mulher de cabelo cinzento vendia copos de cerveja núbia.

— Observa um homem como aquele — disse Amerotke. — Olha para ele, Chufoi. Quem pensas que é?

— Um sírio? — replicou o anão. — Um mercador?

— Sentado debaixo de uma árvore a beber cerveja? Chufoi voltou a olhar.

— Vou dizer-te quem ele é — continuou Amerotke. — O seu rosto está marcado pelo sol; por isso, trabalha ao ar livre. Não usa sandálias. Os pés são ásperos e de pele grossa, mas não é um pedinte, pois veste bem. O punhal que usa no cinto é curvo e não foi feito no Egipto. Está sentado com as costas viradas para uma árvore sobre o chão duro, mas está relaxado e confortável. Apostaria que é um fenício, um marinheiro, um homem que trouxe a sua embarcação pelo Nilo abaixo, vendeu toda a carga que tinha e permitiu que a tripulação folgasse pela cidade durante a noite.

— Quanto apostas? — perguntou Chufoi.

— Um deben de prata — replicou Amerotke, de rosto empedernido. — Vai lá perguntar.

O anão atravessou a praça. O estranho olhou-o de cima a baixo, mas respondeu às perguntas. Virou-se, sorriu para Amerotke e disse mais qualquer coisa. Chufoi voltou para trás, zangado.

— Tinhas razão — afirmou ele, escondendo o queixo contra o peito e olhando para Amerotke por baixo das sobranceiras fartas. — É um marinheiro fenício! Vai estar cá durante dois dias e manda-te cumprimentos. Conhece o meu senhor Amerotke!

O juiz desatou a rir e continuou a caminhar.

— És um aldrabão! — exclamou Chufoi de maneira pouco clara, seguindo atrás dele. — Não te devo prata alguma!

— Claro que não. Como é que o meu humilde servo poderia suportar uma tal aposta? Pago-te bem, mas não és mercador, pois não, Chufoi? Não tens nada para vender. Nenhum negócio?

Chufoi piscou os olhos e afastou o olhar.

— Tenho fome — grunhiu ele. — O meu estômago está a fazer barulho! É de espantar que não te cobre o facto de o deixares bater como um tambor, avisando todos de que estás a aproximar-te. Talvez seja isso que devo fazer. Deixá-lo ressoar e todos dirão: «Ali vem o pobre Chufoi, o servo esfomeado do Amerotke. O juiz deve vir já atrás!»

— Comes o suficiente — respondeu o amo. Deu uma palmadinha na cabeça quase careca de Chufoi. — De facto, estou a engordar-te para o sacrifício.

Amerotke continuou a andar pela avenida pavimentada a basalto. Chufoi ia atrás, zangado com as brincadeiras do amo. Estava a citar provérbios: «Aqueles que se riem em breve chorarão e os que choram em breve rirão, enquanto as

barrigas vazias se saciam!»

Amerotke atravessou a praça do mercado. Ainda havia muito rebuliço. Os barbeiros, armados de navalhas curvas, amontoavam-se em torno das suas bancas sob as árvores, rapando cabeças, tornando-as tão macias como pedras do rio. Marinheiros, embriagados com cerveja barata, andavam de um lado para o outro à procura de uma casa de prazer, um bordel, onde pudessem passar o resto da noite na pândega. Eram seguidos de perto por guardas armados de grossas clavas e atentos a qualquer sinal de perturbação da paz.

O mercado preenchia todos os espaços disponíveis das pequenas praças e ruas estreitas. Amerotke não sentia qualquer tensão. As lojas estavam abertas. Os talhantes e vendedores de carne tinham terminado, há muito, o seu negócio, pois tudo o que estivera fresco no início do dia já estava putrefacto com o calor. Contudo, os outros comerciantes ainda mantinham os seus toldos esticados sobre estacas. Um grupo de gente amontoava-se em torno de uma taberna, esperando pelo pão que estava a ser cozido na área quente do jardim atrás da casa. Outra tenda vendia sementes de cebola, que, segundo os comerciantes, eram uma maneira segura de bloquear buracos de serpentes. Havia outras «iguarias» no tabuleiro: estrume de gazela para afastar as ratazanas e caudas de girafa para servir de espanador junto aos potes de mel e caixas de sementes de alcaravia para adoçar.

A multidão mostrava-se alegre e barulhenta. As crianças corriam, gritando e brincando, e passavam à frente de carros puxados por bois e empilhados com produtos que se apressavam em direcção às portas da cidade antes que soassem as trombetas com o toque de recolher. Ricos mercadores, agachados nas suas liteiras transportadas por dois burros, gritavam e gesticulavam com os seus enxota-moscas para que a multidão se afastasse. Dois nomarcas, os governadores das províncias, também tentavam abrir caminho até à Casa da Prata. A multidão ignorava os estandartes que os precediam e que mostravam as suas insígnias: uma era uma lebre e a outra, dois falcões. Estavam mais interessados no contador de histórias, proveniente da cidade fronteiriça de Siene, um homem baixo e moreno que treinara dois macacos para segurar as tochas que o ladeavam enquanto narrava as suas aventuras para lá do grande mar, em terras que as pessoas apenas podiam imaginar. A sua rival, uma dançarina e contorcionista que estava apenas a alguns passos, tentava atrair a multidão com as suas castanholas e com os guizos que lhe cobriam o corpo. Virava-se e contorcia-se enquanto um jovem tocava um tambor e outro, uma flauta. Uma multidão de homens reunira-se, acorados, batendo palmas. O contador de histórias, receando que as suas lendas fossem ignoradas, tornou-se ainda mais imaginativo.

Amerotke sorriu e continuou. Virou-se, esperando ver Chufoi a caminhar desconsoladamente atrás de si, mas o anão desaparecera. Amerotke reprimiu a

sua impaciência. Ameaçara colocar-lhe uma coleira à cintura e conduzi-lo como um macaco amestrado. Chufoi estava constantemente a distrair-se e a afastar-se. Amerotke receava secretamente que lhe acontecesse alguma coisa. Com o seu nariz desfigurado e tamanho reduzido, os vendedores de carne poderiam facilmente raptar o pequeno homem, metê-lo numa barca e vendê-lo a algum rico mercador, colecionador de curiosidades. Amerotke vira tais casos mais do que uma vez na Sala das Duas Verdades. Usando o bastão, abriu caminho por entre a multidão.

— Chufoi! — gritou ele. — Chufoi, onde estás?

Detectou o pequeno homem à frente de um grupo que se reunira em torno de um tamarindo. Num dos seus ramos estava pendurada uma tabuleta que narrava as descobertas de um médico, um especialista, um «guardião do ânus».

Resmungando, Amerotke abriu caminho. O médico tinha o doente deitado num tapete de junco com as pernas estendidas e estava prestes a tratar uma fístula existente entre as suas nádegas. Amerotke fechou os olhos. Nunca entenderia o profundo interesse de Chufoi pelo funcionamento do corpo humano. Agarrou o anão pelo ombro.

— A senhora Norfret está à espera.

— Sim. — Chufoi deitou um último olhar ao médico que estava a inclinar-se sobre o doente. — Então que espere!

Seguiu o seu amo através da multidão até à rua que levava às portas da grande cidade, dois enormes pórticos dominados por altas torres.

Pela primeira vez naquela noite, Amerotke reparou em algo diferente. Normalmente os guardas da cidade estavam sentados preguiçosamente, mais interessados nos jogos de azar do que nos transeuntes ou na hora a que se deviam fechar os portões. Naquele momento, encontrava-se de guarda um regimento de elite de Amon, com as suas caneleiras e peitorais de couro a brilhar à luz das tochas presas a lanças espetadas no chão. Os guardas estavam de alerta, observando atentamente todos os que passavam. Um deles reconheceu Amerotke e fez uma ligeira vénia, esboçando um gesto com a mão para que o juiz passasse sem ser incomodado.

Amerotke e Chufoi transpuseram os portões, entrando na calçada pavimentada a basalto. À sua direita, Amerotke podia ver o Nilo brilhando e as velas esticadas de um barco. Havia crianças a brincar junto dos canaviais de papiro. A sua esquerda, estendiam-se as habitações feitas de tijolos de lama seca dos camponeses que afluíam à cidade. Não tinham posses suficientes para comprar ou mandar construir uma casa dentro das muralhas e, por isso, cavavam lama das margens do Nilo e construíam as casas: um labirinto de edifícios de um andar que abrigavam não só os trabalhadores das pedreiras ou da cidade, mas também fugitivos da lei. Era agradável observar as pessoas sentadas em frente às portas, conversando e rindo, vendo as crianças nuas a brincar. O ar estava acre

com o cheiro a peixe salgado, a cerveja barata e ao pão duro que aquelas pessoas coziavam. Algumas levantaram-se quando Amerotke passou, avaliando-o cuidadosamente. O juiz ouviu o seu nome. Os homens sentaram-se. Em breve, começou a atravessar a Aldeia dos Impuros. A calçada tornou-se muito íngreme. Amerotke parou na berma para gozar a brisa fresca. Do outro lado do rio, podia ver as luzes da Cidade dos Mortos, com as suas oficinas e casas funerárias.

Amerotke pensou no túmulo dos seus pais, que ficava do outro lado dos penhascos rochosos. Jurou que o visitaria o mais depressa possível. Precisava de verificar se tudo estava bem e se o sacerdote funerário que contratara ainda deixava alimentos à entrada e lá ia diariamente fazer as orações. Amerotke também pensou nos roubos. Que ardiloso deve ser o ladrão! A maior parte dos ladrões de sepulturas apenas as invadiam, mas, ao fazê-lo, levantavam a suspeita de outros. Acabavam por ser apanhados e punidos cruelmente. Todavia, segundo Asural, estes ladrões eram diferentes: entravam e saíam como sombras. O juiz perguntou a si próprio se aqueles ladrões teriam encontrado a sepultura do faraó para cujo tribunal ele fora promovido, o velho guerreiro Tutmés I. Amerotke estremeceu ao recordar-se das histórias: a maneira como Tutmés levava hordas de escravos e criminosos para um vale isolado, onde o túmulo fora secretamente escavado e a sua entrada inteligentemente oculta. Mais tarde, os trabalhadores tinham sido barbaramente assassinados para que não traíssem o segredo a ninguém. Seria verdade, perguntou Amerotke a si próprio, que os kas, os espíritos daqueles mortos, se movimentavam à noite pelo Nilo para visitar as casas daqueles que amavam?

— Senhor! Pensava que estávamos com pressa! E, já agora, viste aqueles soldados?

Chufói tinha aparentemente esquecido o seu mau humor por ter sido afastado do médico.

— Que soldados? — perguntou Amerotke.

— Os que estão junto ao portão. É verdade, senhor, que a Casa de Guerra substituirá em breve a Casa de Paz?

— O divino faraó foi para o Horizonte Longínquo — replicou Amerotke. — Seu filho, Tutmés Terceiro, é seu herdeiro. Haverá alguma tensão sobre o controlo da regência, mas, no final, tudo ficará bem.

Tentou parecer confiante, mas, se bem que Amerotke tenha virado o rosto, Chufói sabia que o seu amo estava apenas a tentar tranquilizá-lo. O conselho real, aqueles conselheiros que rodeavam o jovem faraó, estava dividido. Surgiria um chefe que subiria ao poder, mas quem seria? Rahimere, o grão-vizir? O general Omendap, o comandante supremo do exército do faraó? Ou Bailetos, da Casa da Prata? Tinham sido mencionados outros nomes, em especial a esposa e meia-irmã do falecido faraó, Hatusu. Os mercadores andavam inquietos e tinham expresso as suas preocupações. Esquadrões de quadrigas e batalhões de

infantaria estavam a ser chamados das fronteiras. E o que aconteceria então, perguntavam eles? Iriam os habitantes da árcia, os Lábios e os Núbios, interferir nas trocas comerciais? Se os navios de guerra fossem para Tebas, voltariam os piratas a vaguear pelo Nilo?

— Acho que devias ter muito cuidado. — Chufoi colocou-se ao lado de Amerotke e, movendo o pára-sol, agarrou na mão do seu amo. — Ouvi comentários sobre o julgamento. As pessoas estão a perguntar a si próprias como é que um faraó pode ser mordido por uma víbora e não morrer até entrar na Casa de Amon-Ré.

— E o que dizem as pessoas? — perguntou Amerotke em tom de brincadeira.

— Que tudo isto é um julgamento. Os deuses farão justiça.

— Então, teremos de esperar para ver. — Amerotke suspirou. — Mas, de momento, Chufoi, estou cansado e tenho fome.

Continuaram a caminhar, passando pelos altos muros de outras mansões, com os grandes portões de madeira trancados e selados para a noite. Todos os dias eram construídas novas casas naquela área agradável e luxuosa apenas a curta distância do Nilo, de onde a água era retirada através de canais, estando os poços dos jardins sempre cheios.

Acabaram por chegar à casa de Amerotke. Chufoi bateu na pequena porta que fora inserida nos grandes portões de madeira.

— Abram! — gritou Chufoi. — Abram caminho para o meu senhor Amerotke!

A porta abriu-se rapidamente. Amerotke entrou. Sempre gostara daquele momento do dia. Logo que a porta se fechava atrás dele, sentia-se num mundo diferente. O seu próprio paraíso, jardins espaçosos, vinhas, colmeias, flores e árvores. O porteiro estava a resmungar com Chufoi. Amerotke olhou à sua volta. Tudo parecia estar em ordem. As jarras de alabastro cheias de azeite tinham sido acesas e colocadas nos seus suportes de pedra. Olhou para a estufa com o telhado em forma de pequena pirâmide que dava para o lago e para a estátua de Khem, o deus dos jardins.

Desceu a alameda de árvores que circundava a casa principal, um grande edifício de três andares, e depois subiu os degraus, passou por entre as colunas pintadas e entrou no corredor, onde enormes vigas de cedro suportavam o tecto cor-de-rosa. Um friso de flores corria pelo topo e pelo fundo das paredes vermelhas. O ar estava doce com o perfume de mirra e incenso.

Os criados trouxeram um jarro e uma bacia para que Amerotke se lavasse. Sentou-se num banco e tirou as sandálias. Enquanto lavava os pés na bacia e os secava com uma toalha de linho áspero, podia ouvir os seus dois filhos a rir e a gritar no andar de cima. Chufoi entregou-lhe uma taça de vinho branco para que lavasse a boca e limpasse os dentes. Ouviu um som e olhou para cima.

Norfret tinha descido as escadas. Ficou maravilhado com a sua beleza. Fazia-o lembrar a estátua de Maet: os seus olhos escuros brilhavam, embelezados pelos anéis de kohl, os seus lábios carnudos estavam pintados de ocre. Usava uma túnica plissada com franjas e um xaile bordado preso à frente por um conjunto de pedras preciosas. Dirigiu-se a ele e as suas sandálias de correias prateadas bateram no chão. Colocara uma cabeleira nova, lisa e oleada, entrelaçada com tiras douradas. No pescoço usava um colar de pedras azuis e amarelas que brilhavam à luz das lamparinas. As criadas sírias reuniam-se atrás dela. Amerotke cruzou o olhar com uma delas, Uaela, a qual baixou os olhos. Os olhares quentes da rapariga faziam-no sempre sentir desconfortável. Não era insolente nem descarada, mas, de vez em quando, apanhava-a a olhar para ele, avaliando-o atentamente. Norfret colocou-se em pontas dos pés e beijou-lhe as faces e por fim os lábios. Pressionou o corpo contra o dele.

— Estava à tua espera mais cedo. O que aconteceu? Amerotke olhou por cima da sua cabeça para as criadas.

Norfret virou-se e estalou os dedos. Para além de Chufoi, todos os servos desapareceram. Norfret conduziu-o para a enorme sala de banquetes com as colunas pintadas de verde-claro e decoradas em cima e na base com flores de lódão amarelas. Pratos com pão e fruta tinham sido colocados em pequenas mesas polidas. Na extremidade, as enormes cubas de vinho embutidas na parede soltavam uma fragrância agradável. A mobília, feita do melhor cedro e sicômoro e embutida com tiras de ébano e prata, incluía sofás com apoios de cabeça, arcas com tampas curvas e cadeiras e bancos finamente esculpidos. Havia tapeçarias coloridas suspensas nas paredes e tapetes de lã tingida cobriam o chão brilhante.

As portas fecharam-se atrás deles. Mais uma vez, Norfret beijou-o nos lábios, empurrando-o gentilmente para uma cadeira perto de uma das mesas. Serviu-lhe um copo de vinho leve e refrescante.

— O que aconteceu? — repetiu ela. — Ouvi rumores...

Amerotke olhou para a taça de vinho. Estaria ela assim tão ansiosa por saber, pensou ele? Significaria assim tanto para ela?

— O Meneloto está inocente — disse-lhe ele. — Só os deuses conhecem a verdade que está por trás da morte do faraó.

Ele bebeu um gole e tentou ignorar o suspiro longo, mas suave, de Norfret. Seria alívio?

— Ele parecia estar bem — continuou Amerotke. Levantou a taça e sorriu-lhe. — Portou-se bem. Teve a coragem de um leão. Mas sempre foi assim, não é verdade?

Norfret apenas sorriu. Amerotke quis beliscar-se a si próprio. Ela não parecia perturbada ou alarmada. Percebeu que estava a ser estúpido. O caso que acabara de julgar fora alvo do falatório de toda a Tebas. Por que razão a sua mulher não estaria interessada? Que provas tinha mais, para além dos rumores e

dos boatos, de que ela fora amiga de Meneloto? E, mesmo que tivesse sido, significava isso que tinham dormido juntos?

— Pai! Pai!

Ouviu-se bater com força nas portas, que abriram de supe-tão. Os dois filhos de Amerotke, Ahmés e Curfai, vestidos só com umas tangas e perseguidos por Chufoi, que fingia ser um babuíno, entraram a correr na sala.

— Já comeram?

Deu um puxão nas madeixas de cabelo de cada um dos seus filhos. Tinham mesmo dois anos de diferença? Se Ahmés não fosse alguns centímetros mais alto, teria dificuldade em distingui-los.

— Comeremos lá em cima — anunciou Norfret. — Assim poderemos usufruir da brisa que corre. — Sorriu abertamente para Chufoi. — Podes fazer-nos companhia!

Foram para a sala do andar de cima, onde os servos haviam colocado ganso assado, potes de mel e pratos de vegetais. Foram acendidas as lamparinas. A cadeira de espaldar favorita de seu amo fora instalada junto das portas abertas que davam para o terraço. O céu estava limpo e as estrelas tão brilhantes que Amerotke sentiu que quase podia esticar-se e tocar-lhes. Os rapazes conversavam. Norfret estava sentada com a cabeça perto da de Chufoi. Amerotke nunca conseguira entender a relação deles. Sabia que Chufoi a fazia rir com as descrições do mercado e das artimanhas e truques dos mercadores e comerciantes.

— Conta-nos uma história! — exigiu Ahmés após a refeição. — Prometeste-nos uma história, pai!

— Ah, sim.

— Tu prometeste — ecoou Chufoi com os olhos a brilhar enquanto esfregava o horrendo buraco onde já estivera o nariz. — Já consigo cheirar uma boa história!

Norfret e os rapazes riram-se.

— Era uma vez um faraó — começou Amerotke — que construiu uma casa de tesouro muito, muito forte. Havia portas secretas que só ele sabia destrancar, mas não tinha passagens ou janelas secretas. Envenenou o arquitecto, o homem morreu e o cruel faraó ignorou as queixas da pobre viúva e de seus dois filhos.

— Que faraó foi esse? — perguntou Curfai.

Com cinco anos de idade, Curfai era sempre muito curioso.

— Viveu há já muitos anos — replicou Amerotke. — De qualquer modo, assim que o arquitecto morreu, o faraó levou todo o seu ouro e prata para a sua nova casa do tesouro. Todavia, na manhã seguinte à mudança, descobriu que faltava ouro e prata.

— E a porta não estava aberta? — perguntou Ahmés.

— As portas continuavam fechadas e seladas. Já vos disse: não havia janelas nem entradas secretas.

— Então, o que aconteceu?

— O faraó aconselhou-se com os seus sábios. — Sorriu. — Mas continuarei a história amanhã à noite. Vamos! São horas de dormir.

Chufi agarrou nas crianças e fê-las marchar para fora da sala. Amerotke olhou para o Nilo e perguntou a si próprio como teria sido recebida no palácio real a decisão por ele tomada na Sala das Duas Verdades.

Néftis: «senhora da casa», uma deusa freqüentemente representada como uma jovem.

CAPÍTULO 5

Na Sala das Colunas da Casa do Milhão de Anos, o palácio real que ficava perto do grande ancoradouro do Nilo, Ha-tusu, esposa do grande deus Tutmés II, que viajara até ao Horizonte Longínquo, tomou o seu lugar no conselho real. Sentou-se numa cadeira diante da mesa bem fornecida e olhou rapidamente à sua volta. Era a sala do trono, a fonte de todo o poder. A grande cadeira, o trono do que estava vivo, com o seu maravilhoso dossel que exibia a figura vermelha e dourada de Hórus e os braços esculpidos em forma de esfinges, estava vazia. O seu escabelo, bordado a pano de ouro e onde se encontravam inscritos os nomes dos inimigos do Egipto, desoladamente posto de lado. Hatusu olhou para as pernas esculpidas do trono em forma de leões em posição de salto e mordeu o lábio. Aquele trono devia ser dela! Ao lado da grande cadeira, no seu pedestal especial, via-se a coroa dupla, vermelha e branca, do Egipto, encimada pelo brilhante uraeus, a cobra-capelo em posição de ataque com os seus olhos em pedras preciosas vermelhas, cuspidor terror sobre os inimigos do Egipto. Ao longo da mesa com tampo em madre-pérola que ficava à sua frente viam-se as insígnias do faraó, o bastão, o mangual, a espada em forma de foice e, a seu lado, a cheprech, a coroa de guerra do faraó.

Hatusu, usando um simples vestido branco e um colar de pedras preciosas ao pescoço, tentava esconder os seus sentimentos. Por direito, deveria ainda usar o toucado do abutre, a coroa das rainhas do Egipto. No entanto, o guardião dos diademas, aquele servo sem carácter, aquela criatura a soldo de Rahimere, o vizir, dissera-lhe que não seria aceitável. Outros tinham concordado com ele. O guardião das jóias, o portador do leque real e o guardião dos perfumes haviam salientado que o seu enteado, Tutmés, era, de facto, o faraó e que o conselho real decidiria quem seria o regente.

— Que idade tens? — murmurara o guardião dos diademas.

— Tu sabes a minha idade — replicara Hatusu rudemente. — Ainda não tenho dezanove anos. — Bateu na garganta. — Mas possuo dentro de mim a marca do deus. Sou filha do divino faraó Tutmés, e esposa do deus, seu filho.

O guardião dos diademas afastara-se, mas Hatusu tinha a certeza de que ele dissera aos outros impostores: «Ah, sim?», o que provocara risos e gargalhadas atrás das suas mãos erguidas.

«Eu sei onde gostariam de me ver», pensou Hatusu, olhando para eles. «Colocar-me-iam na Casa de Reclusão, no harém com as outras mulheres, engordando com mel, pão e vinho, enchendo a boca com carnes escolhidas até

estar tão redonda como um tonel.» Em qual daqueles homens poderia confiar? Só estava ali por ser filha de quem era e mulher de quem tinha sido. Precisava de pensar com frieza. Na extremidade do conselho estava sentado Rahimere, o grão-vizir, de rosto magro e olheiras profundas. Aquele nariz adunco estava de acordo com o seu carácter! Com a sua cabeça rapada e olhar constante de piedade, Rahimere fazia lembrar um mesquinho sacerdote. Era muito matreiro! Controlava os escribas da Casa da Prata para poder meter a mão nos baús de ouro e prata, jóias e colares. Hatusu aprendera rapidamente que todos os homens tinham o seu preço. Seria que Rahimere os comprara a todos? Os funcionários do conselho que se sentavam a abanar os leques perfumados ou plumas de avestruz em frente aos rostos. A fragrância gerava algum ar fresco e os leques escondiam-lhes as expressões. Não confiava em nenhum deles! Eram como a água: corriam segundo a inclinação do declive. E o que se passaria nas áreas exteriores àquele círculo? Hatusu abanou o seu próprio leque perfumado. Esses eram diferentes:

Omendap, o comandante supremo do exército. Sempre a aceitara, se bem que, a maior parte das vezes, parecesse estar mais interessado nos seus seios e pescoço do que no seu cérebro. Poderia comprá-lo com o corpo? E os outros soldados? Os comandantes dos regimentos de elite: o de Amon, o de Osíris, o de Hórus, o de Ré e o de Ísis. Aqueles guerreiros pareciam decididamente pouco confortáveis nas suas túnicas de linho branco, com pequenos machados de prata na mão, símbolo do cargo. O que lhe dissera seu pai?

— Os soldados, Hatusu, raramente são comprados com ouro e prata. Lutarão sempre pelo faraó e pelo sangue real.

Hatusu sentiu-se desconfortável. Virou-se para a esquerda. Um jovem alto de cabeça rapada estava a olhar para ela. Usava um solidéu justo e tinha uma cara nervosamente expressiva e algo enrugada, com maçãs do rosto salientes e lábios cheios. A sua túnica branca parecia suja junto ao pescoço. Segurava num enxota-moscas que usava para bater contra o rosto, mas eram os olhos que a fixavam. Hatusu teria sorrido perante a luxúria daquele olhar. Esquecendo toda a etiqueta e protocolo, o jovem despi-a com os olhos. Punha a língua de fora e lambia o canto da boca. Não parecia minimamente desconcertado pelo facto de ela ter reparado nele e não mudou o olhar ou a expressão. Estava com dificuldade em se manter quieto. Nem mesmo quando os restantes tomaram os seus lugares e os funcionários colocaram os documentos à sua frente o seu olhar vacilou.

«Ali está um homem», pensou Hatusu, «a quem poderia comprar corpo e alma. Mas quem é?» Virou-se e dirigiu a palavra ao pai divino que estava à sua direita, um dos sumos sacerdotes do Templo de Amon-Ré.

— Quem é aquele jovem? — sussurrou ela. — Aquele que está com um ar desconfortável?

— Senenmut — rosnou ele. — Um ambicioso. Nascido e criado como tal.

— Ah, sim!

Hatusu virou-se e olhou para o lado com um sorriso débil. Senenmut! Ouvira falar dele. Um homem que crescera do nada. Um guerreiro corajoso, um excelente soldado. Saíra do exército para se juntar à corte e acedera rapidamente ao cargo de superintendente dos trabalhos do faraó, encarregado dos monumentos e templos. Recordar-se-ia do seu nome!

Ouviu tossir e virou-se, verificando que Sethos se juntara a eles. Estava a rir-se abertamente para ela e piscou-lhe um olho. Hatusu sorriu de alívio. Era bom ver um rosto amigo. Ela e Sethos conheciam-se há anos. Ela iria precisar do apoio daquele senhor poderoso e rico, um sumo sacerdote, o delegado real, os olhos e os ouvidos do faraó. Sethos fora um dos amigos mais íntimos do seu falecido marido. A sua voz seria preponderante no conselho real. Hatusu inspirou com as narinas dilatadas enquanto se recompunha. Não podia perder a calma, permitindo que aqueles inimigos vissem como ela era fraca e vulnerável. Um dia beijariam a terra que ela pisasse! Até lá, reflectiu Hatusu enquanto fechava os olhos, tinha outros perigos para enfrentar. Fora convocada, vezes sem conta, à pequena capela de Set, para receber outra carta cheia de ameaças e de chantagens matreiras. Se aqueles segredos, dizia a carta, fossem tornados públicos, Rahimere acercar-se-ia como o crocodilo que era e a Casa de Reclusão seria uma alternativa bem-vinda aos outros destinos com que ele a ameaçaria.

— Para que conste! Começemos!

Hatusu olhou para cima. As portas de cedro tinham sido fechadas e os guardas permaneciam do lado de fora; os escribas e os funcionários haviam desaparecido. As lamparinas estavam brilhantemente incandescentes. Iniciara-se a sessão do conselho. Naquele momento, um sacerdote estava de pé virado para o trono vazio. Se Tutmés fosse vivo, estaria lá sentado, mas o seu herdeiro estava quase a dormir na Casa da Adoração, os aposentos privados do faraó.

— Salve! — entoou o sacerdote de mãos estendidas. — O rei do Alto e Baixo Egipto, o que proclama a verdade, o amado de Ré, o Hórus dourado, senhor do diadema, senhor da cobra! O grande falcão prateado que protege o Egipto com as suas asas! — continuou o sacerdote, apesar do facto de estar a falar de um rapaz demasiado jovem para segurar uma espada e ainda mais para ir à guerra. — Touro forte contra os miseráveis Etíopes! Os seus cascos pisam os Líbios!

E foi continuando o divino hino de louvor. Hatusu escondeu um bocejo. O sacerdote terminou o seu salmo e retirou-se. Rahimere bateu as palmas e fez uma vénia, com os olhos exprimindo boas-vindas.

— Temos coisas a tratar perante o conselho real. A sessão está aberta. — Olhou para a sua direita, para Bailetos, o chefe dos escribas. — Os assuntos aqui

tratados são secretos.

Hatusu controlou a sua expressão. Primeiro, surgiram os relatórios habituais sobre o estado das colheitas e os enviados do estrangeiro; os lingotes de ouro e prata da Casa da Prata, a saúde das irmãs do faraó. Só quando Senenmut forneceu um relatório curto e incisivo sobre os túmulos reais é que Hatusu olhou para cima. A voz do jovem era suave mas clara. Não olhou para Rahimere, mas sim para a mesa. Hatusu apertou as mãos de prazer. Conseguia senti-lo profundamente no seu peito. Ali estava um homem que o grão-vizir não comprara. Omendap, estranhamente silencioso desde a morte do faraó, entregou então um relatório curto e enérgico sobre a utilização das tropas e o estado das fortificações nas fronteiras, ao longo do Nilo e perto da Primeira Catarata. Falou em frases curtas e bruscas. O estômago de Hatusu contorceu-se. Omendap estava a pintar um retrato terrível. Espiões e batedores informavam sobre a existência de movimentações junto das fronteiras do Egito. Nas Terras Vermelhas, os grandes desertos que ficavam a oriente e ocidente do Egito, os Líbios podiam estar a acumular tropas. Do Sudeste, os batedores comunicavam as histórias contadas pelos viajantes que referiam que as tribos etíopes tinham sabido da morte do faraó e estavam a aconselhar abertamente todos os habitantes do deserto a ignorar as patrulhas fronteiriças egípcias e postos alfandegários. Se não havia faraó, concordavam eles, não era preciso pagar tributos. Finalmente, para lá da Estrada de Hórus, que ia do Sinai a Canaã, os maiores rivais do Egito, os Mitânios, observavam e esperavam.

— É importante — concluiu Omendap — que este conselho nomeie um regente que aja em nome do faraó.

— Deixem-me iniciar a marcha! — Ipu-uer, comandante do Regimento de Hórus, bateu com o punho na mesa. — Deixem-nos escolher o nosso inimigo! Que possamos trazer os nossos inimigos para Tebas onde as suas cabeças serão esmagadas e os seus corpos pendurados nas ameias como sinal!

— Contra quem devemos marchar? — replicou Omen-dap. — Os Líbios? Não fizeram mal nenhum. Os Núbios? Podem estar a conspirar mas estão sossegados. Como podemos saber que todos os nossos inimigos não formam uma grande coligação secreta? Que não estão à espera de que nós os façamos andar à força de chicote? Tomarão isso como um sinal de fraqueza, bem como um pretexto para guerra.

As suas palavras provocaram um arrepio. Ipu-uer agitou-se inquieto, na cadeira.

— Há dois assuntos que devem ser abordados — continuou Omendap frontalmente. — A morte do faraó é um mistério e deve ser investigada. Em segundo lugar, deve ser nomeado um regente.

Olhou para Sethos. O delegado real fitou rapidamente Hatusu, que sorriu com simpatia.

— E então? — Rahimere fixou Hatusu com um olhar malicioso. — Como é que está a correr o caso contra o capitão Meneloto?

— Não está — replicou Sethos vigorosamente. — Toda a gente sabe o que aconteceu na Sala das Duas Verdades. O Amerotke, o juiz supremo, em vez de resolver o mistério, adensou-o ainda mais. Adiou o caso até amanhã de manhã.

Hatusu ficou sentada a ouvir enquanto Sethos fazia uma curta descrição do que acontecera no tribunal. O delegado real não olhou para ela e Hatusu agarrou-se à mesa com as mãos. Quando Sethos terminou, fez-se silêncio. «Rahimere vai atacar agora», pensou ela. O grão-vizir pegara no seu enxotamoscas e estava a bater com ele na face.

— Será que foi sensato? — disse ele de maneira afectada.

— O que é que foi sensato? — perguntou o seu sicofanta e funcionário, Bailetos, chefe dos escribas da Casa da Prata.

O rosto distorcido de Rahimere abriu-se num sorriso e os seus olhos, qual lagarto, viraram-se para Hatusu.

— O divino faraó viajou para o Horizonte Longínquo — declarou o vizir. — A sua partida causou-nos muita dor e angústia.

Os cidadãos de Tebas cobrem-se com pó e espalham cinzas na cabeça. As lamentações são ouvidas além do delta e, para sul, para lá da Primeira Catarata. No entanto, ele partiu! Para quê investigar a razão da sua partida? Uma víbora mordeu-lhe o calcanhar. Foi essa a vontade dos deuses!

Hatusu permaneceu em silêncio. Não lhes diria o que fora instruída para dizer. A pessoa que escrevia aquelas cartas chantagistas estipulara claramente a maneira como a morte do faraó devia ser retratada. Não conseguia esquecer aquela manhã terrível em que o marido caíra em frente da grande estátua de Amon-Ré. A maneira como o seu corpo fora levado para a capela lateral. Enquanto estivera a chorá-lo, encontrara uma outra carta dirigida a si. Fornecia instruções sobre o que devia acontecer. Que mais poderia ela fazer se não obedecer? A pele de Hatusu arrepiou-se de frio. «O chantagista deve estar aqui entre estes homens. O próprio Rahimere? Deve ser um membro do conselho real.» Hatusu pensara que poderia descobrir sozinha. As cartas não tinham chegado antes do regresso do marido? Mesmo assim, a maior parte do conselho real fora mandada à frente para Tebas, muito antes da chegada do faraó.

— Minha senhora?

Hatusu levantou a cabeça. Desejou que a gota de suor na testa não tivesse aparecido, mas ousou levantar a mão e limpá-la.

— Peço perdão, vizir. Estava perdida em doces recordações do meu falecido marido.

Hatusu ficou contente quando alguns dos comandantes do exército acenaram sabiamente com a cabeça, com uma expressão de desagrado nos rostos.

Teria Rahimere ultrapassado as marcas? Vendo bem as coisas, ela era a viúva. O seu marido, o divino faraó, morrera em circunstâncias misteriosas! Ela tinha todo o direito de ordenar uma tal investigação.

— Minha senhora. — Rahimere continuou a pressionar. Os seus olhos de lagarto piscaram como sempre acontecia quando estava a ser sarcástico. — Acha que foi sensato expor este assunto aos rumores que correm na praça do mercado? É verdade, meu senhor Sethos, que, como delegado real, estive relutante em aceitar este caso? Não aconselhou que não fosse iniciado?

— Meu senhor vizir. — Senenmut levantou a mão direita. — Meu senhor vizir, se a senhora Hatusu, se Sua Alteza — proferiu ele, dando ênfase à última palavra — deseja investigar este assunto, que assim seja. Ninguém aqui se opôs. Ninguém levantou objeções. O juiz Amerotke é bem conhecido como homem íntegro. Existe um mistério por trás da morte do divino faraó e, conseqüentemente, deve ser investigada.

— Concordo — acrescentou Sethos. — Aconselhei Sua Alteza a não encarar este caso como um assunto de Estado. Contudo, como uma rainha que exige justiça...

As suas palavras geraram um murmúrio de aprovação. Hatusu descontraiu-se. Rahimere, contudo, recusou-se a desistir da vantagem. «Parece um chacal», pensou Hatusu. «Ele quer a regência e está decidido a controlar este conselho. Quer provar que eu sou uma fraca e não tenho nada na cabeça! Quer varrer-me para a Casa de Reclusão! Agarrar no jovem Tutmés pelo ombro e proclamar-se regente do faraó.» E quanto tempo sobreviveria ela na Casa de Reclusão, despojada de dinheiro, poder e influência?

Rahimere abria agora o saco de couro debruado a prata que transportava, bem como todos os membros do conselho, em que podiam ser guardados os papéis e documentos secretos.

— Já ouvi a opinião do Omendap sobre a situação das nossas fronteiras — disse Rahimere. — E os relatórios que temos dos nossos espiões. É esta a razão desta reunião. Contudo, as notícias são de mau agouro. Eu tenho... Como poderei dizê-lo? — Sorriu e pegou noutro documento. — Tenho provas de que os príncipes da Líbia e da Etiópia estão a considerar uma aliança contra o Egito.

— Isso está tudo muito bem. — Senenmut falou com um tom insolente. — Mas, meu senhor vizir, a quem os deuses devem conceder saúde, riqueza e prosperidade, estávamos a falar, creio eu, do relatório do meu senhor Sethos sobre o caso apresentado perante o juiz Amerotke na Sala das Duas Verdades.

Hatusu olhou para o lado. Sethos estava a sorrir maliciosamente de cabeça baixa. Alguns dos comandantes tinham coberto os rostos com as mãos. Rahimere fora tão maldoso, mostrara-se tão ansioso em atacar que cometera de facto uma grave ofensa em relação ao delegado real, passando de um assunto para o outro sem um pedido de autorização. O rosto de Rahimere estava

manchado de fúria. Respirava pesadamente e fez um gesto com as mãos para que o seu funcionário não entrasse na discussão.

— As minhas desculpas, meu senhor Sethos. O que aconselha?

— Que deixemos a justiça tomar o seu rumo — proferiu Sethos alegremente. — Que o meu senhor Amerotke pronuncie a sentença. Teremos de esperar por isso. — Sethos abriu os dedos sobre a pequena mesa à sua frente. Olhou para o outro lado da sala para o fresco da parede, uma cena gloriosa a azul, verde e ouro, representando as vitórias dos exércitos egípcios sobre os Povos do Mar. — Devo acrescentar que sugiro que meu senhor Amerotke seja convidado a integrar o conselho real. Ele é, como sabem, um homem íntegro e sapiente. Poderá muito bem fazer perguntas a que talvez seja melhor responder aqui do que na Sala das Duas Verdades. Para além disso — acrescentou Sethos matreiramente —, podemos precisar dos seus bons conselhos e sabedoria nos meses que se seguem.

— Seja como quiser — disse Rahimere abruptamente. — Já é tarde. — Tocou num papiro. — Suspendemos a sessão por algum tempo e discutiremos depois o assunto em questão. Temos de mandar um exército para sul até à Primeira Catarata.

— Porquê? — perguntou Omendap.

— Porque o ataque surgirá de lá — continuou Rahimere. — Temos de decidir que tropas e que membros do conselho real ficarão junto do comandante supremo. — O seu olhar passou por Hatusu. — Quem comandará os exércitos do faraó?

O grão-vizir baixou o seu enxota-moscas.

— Trouxe vinho. O melhor de Moeretia. Bebamos e regressemos às discussões.

A reunião foi suspensa. As pessoas enrolaram os papiros, colocando-os nos pequenos sacos de couro que tinham nas costas das cadeiras. Hatusu passou a mão pela mesa. A hena vermelha das unhas brilhava à luz das lamparinas e archotes. Tão vermelha e tão fluida que parecia ter mergulhado os dedos em sangue. «Se necessário», pensou ela, «fá-lo-ei. Tratam-me como se fosse um gato de estimação, mas tenho garras e usá-las-ei.»

Ela sabia o que Rahimere ia recomendar. Enviaria Omen-dap e outros comandantes para fora de Tebas: mandem os regimentos de elite para sul. Rahimere também aconselharia que Hatusu fosse com eles, pois era sempre assim. Se o faraó, o deus, não podia ir por ser muito jovem, então porque não a viúva do deus Tutmés? As tropas exigi-lo-iam. Não fora o seu próprio avô que marchara contra os Líbios? E, enquanto Hatusu estivesse fora, Rahimere urdiria a sua teia. Pior ainda, pensou Hatusu enquanto tamborilava com os dedos na mesa. E se o exército não saísse vitorioso? Voltaria para Tebas para uma casa vazia? Ou pior? Seria aprisionada numa câmara qualquer? A sua mente fervilhava. Não

podia objectar. Não podia recomendar que Rahimere fosse com os exércitos: ele era o grão-vizir. A sua tarefa seria ficar em casa e segurar as rédeas do governo.

— Minha senhora?

Hatusu olhou para cima. O resto do conselho real já se levantara. Sethos, que falava com dois dos escribas, estava a olhar para ela com uma expressão estranha. As portas tinham sido abertas para permitir a entrada dos funcionários e criados. Ela olhou para a esquerda. Senenmut estava de pé a seu lado segurando duas taças de vinho cheias até à borda.

— Ainda choras, minha senhora? Hatusu tirou-lhe a taça da mão.

— Minha senhora ainda chora — respondeu ela, mas sorrindo para Senenmut com os olhos. — Agradeço o seu apoio.

— Se não se sente bem — Senenmut levantou a voz —, minha senhora, será melhor apanhar um pouco de ar da noite. Refrescá-la-á.

Envolvendo a taça com as mãos, Hatusu seguiu Senenmut para o terraço. O ar estava pleno do perfume das flores. Trazia-lhe recordações agridoces do seu tímido esposo Tutmés. Como ele gostava de a levar a passear até ali, discutindo algum projecto ou alguma questão religiosa. Sim! Tutmés pensava sempre nos deuses, sobre a sua natureza e função. Ela costumava escutá-lo com pouca atenção... mas Senenmut? Observaria aquele homem atentamente.

— Uma noite suave e balsâmica — começou ele. — Dedicada à deusa Hathor.

— A deusa do amor — replicou Hatusu sem virar a cabeça. — Bom, é uma deusa a quem não tenho prestado muita homenagem. — Olhou-o com expressão matreira. — Pelo menos, nos últimos tempos.

— E faz bem, minha senhora. Estamos na estação da hiena, no ano do gafanhoto. — Senenmut falava depressa. — Para lá das fronteiras, nas Terras Vermelhas, os inimigos do Egipto preparam-se. Mais perigosas são as serpentes enrascadas e prontas a atacar na nossa própria casa.

Hatusu olhou rapidamente para ele. Saber ia alguma coisa sobre o que se estava a passar? Seria Senenmut o chantagista?

— Falas de serpentes. — A sua voz estava fria.

— É apropriado, Vossa Alteza. — Senenmut salientou de-liberadamente o título. Aproximou-se. — Vossa Alteza — sussurrou ele asperamente — tem de confiar em mim.

— Porquê?

— Porque não pode confiar em mais ninguém.

— O Rahimere subornou-o?

— Tentou.

— E porque recusou?

— Por três razões, minha senhora. Em primeiro lugar, não gosto dele. Em segundo, gosto de si e, finalmente, o suborno não foi suficientemente

avultado.

Hatusu desatou a rir-se à gargalhada.

— Então, diga-me a verdade. — Ela mudou a taça de vinho de uma mão para a outra. — Como é que eu posso suborná-lo?

— Com nada, minha senhora, mas se eu conseguir, com tudo.

— Tudo? — Hatusu, com ar matreiro, sorriu-lhe por baixo das pálpebras semicerradas. Sentiu um rubor de excitação. Ali estava um homem que a queria. Queria-a desesperadamente e estava preparado para jogar com paradas altas. — Então, diga-me, meu inteligente superintendente dos trabalhos reais, o que é que Rahimere vai realmente recomendar?

— Vai recomendar que um exército seja enviado para o Sul. O Omendap deverá comandá-lo.

— Esteve com o meu esposo em Sakara? Senenmut abanou a cabeça.

— O que tem um superintendente dos trabalhos reais a ver com o exército?

— Já foi soldado. Capitão no esquadrão das quadrigas, segundo sei. — Olhou para ele de alto a baixo, imitando deliberadamente uma mulher que observa um lutador antes de fazer a aposta. — Os seus pulsos são fortes, as pernas firmes, o peito largo e não tem medo.

— Sou o superintendente de todos os trabalhos do faraó — continuou Senenmut secamente. — Tal como já disse, Rahimere recomendará que o exército vá para sul e que a senhora vá com ele.

— Já tinha adivinhado isso.

— Não pode recusar. — Senenmut aproximou-se, olhando por cima da cabeça dela como se discutisse um assunto de pouca importância. — Vá com o exército - insistiu ele. — Estará em segurança. Se ficar em Tebas, morrerá. Irei consigo.

— E se eu falhar?

— Então, falharei consigo.

— E se eu ganhar? — perguntou Hatusu num tom malicioso.

— Então, minha senhora, eu ganho tudo.

— E esperará até então?

Os seus olhos espertos semicerraram-se, divertidos.

— Minha senhora, esse assunto diz-lhe respeito. No entanto, ouça o meu conselho. Se puder, leve este caso ao juiz Amerotke para que seja encerrado. Enterre-o, esqueça-o. — Os seus olhos mostravam-se subitamente alarmados. — Só os deuses sabem a razão por que decidiu abordar este assunto!

Senenmut estava prestes a continuar quando os funcionários anunciaram que os conselheiros deviam retomar os seus lugares. Voltaram para dentro e as portas foram fechadas. Hatusu começou. Uma lamparina caiu do seu nicho, provocando o caos e alguns risos nervosos. As chamas apanharam um dos

tapetes, mas um criado abafou as chamas com os pés. A lamparina foi substituída. Foi cantado um salmo em honra do divino faraó. O sacerdote mal acabara de se retirar quando se ouviu um grito dilacerante. Hatusu rodopiou. O comandante Ipu-uer estava de pé, olhando aterrorizado para o braço. Na mesa à sua frente encontrava-se o seu saco, com os documentos a tombar. Hatusu, espantada, viu a víbora enroscar-se entre as folhas de papiro.

Sacando do punhal, o comandante Omendap avançou para a cobra. Falhou. A serpente atacou de novo, desta vez mordendo Ipu-uer na coxa. Omendap, de pé, brandia o punhal. A sala do conselho encontrava-se em pleno rebuliço. As portas foram abertas e os soldados entraram apressadamente. Ipu-uer caíra no chão. Os membros do seu regimento tinham-se juntado à sua volta. Omendap matara a cobra, levantara-a com o punhal e atirara-a violentamente para o chão da câmara do conselho. Todos olhavam impotentes quando Ipu-uer entrou nas convulsões da morte, o corpo a estremecer à medida que o veneno circulava pelo sangue. Finalmente, acabou por lançar um grito estrangulado, uma última convulsão, e a cabeça caiu para o lado, de olhos esbugalhados e a saliva a escorrer pelo canto da boca.

— Levem-no! — ordenou Omendap. — Eu trato de anunciar a sua morte.

Hatusu estava sentada com a rigidez de uma pedra. A súbita morte de Ipu-uer fizera-a recordar as terríveis convulsões de seu esposo perante a estátua de Amon-Ré, os sacerdotes levando o cadáver para a capela lateral e os terríveis acontecimentos que se seguiram.

Rahimere mandou evacuar a sala. Os restantes voltaram a tomar os seus lugares. Ninguém falou, mas todos se mexeram com cautela. As capas, os sacos e todos os haveres foram cuidadosamente revistados com a ponta de um punhal, bastões ou enxota-moscas.

— Um terrível acidente — afirmou Bailetos.

— Acidente! — zombou Senenmut. — Meus senhores, minha senhora Hatusu, acham que foi um acidente? O comandante Ipu-uer colocou uma víbora no seu próprio saco? Se o fez, porque não estava lá no início da sessão?

— O Ipu-uer foi assassinado — declarou Sethos. — Alguém colocou uma víbora no seu saco. Um assassino que tenciona voltar a matar! A viagem do divino faraó até ao Horizonte Longínquo não será a única!

— Concordo. — Os olhos duros de Rahimere estudaram Hatusu. — Houve um homicídio e evoco o deus Tot, o que proclama a verdade, para que desmascare o assassino e no-lo entregue, a ele... — fez uma pausa — ... ou a ela, para a merecida punição.

CAPÍTULO 6

Os assassinos, os amemets ou «devoradores», estavam sentados em círculo no pequeno bosque de palmeiras perto do Templo de Hathor, um local deserto e escondido. O seu chefe sentira-se suficientemente confiante para acender uma pequena fogueira para os proteger do frio da noite. Apenas um grito ocasional e débil de um guarda ou sentinela era transportado pela brisa nocturna. Por vezes, vindo do rio, ouviam o urro de um hipopótamo ou o esvoaçar súbito dos pássaros nos canaviais de papiro. O ar estava pungente com o cheiro acre da putrefacção existente no Nilo. O rio estava a começar a descer, deixando vastas áreas de lama rica que ia secando, a qual, à noite, muito cozida pelo sol, largava o seu peculiar e estranho perfume. Os amemets estavam confiantes. O seu chefe dissera-lhes exactamente o que iriam fazer. Nada de perigoso, apenas eliminar alguns guardas, ao que se seguiria o rapto e execução do capitão Meneloto.

Os amemets passaram o tempo a contar histórias até um deles ter ido buscar o seu gato de estimação, um animal enorme, com orelhas em forma de corno e meio selvagem, que eles consideravam o seu amuleto, a mascote da boa sorte. Outro capturara um escorpião, cuidadosamente aprisionado num pedaço de papiro endurecido. Fizeram um pequeno círculo de fogo. O escorpião fora colocado no centro e o gato andava solto. Foram feitas apostas e um dos amemets começou a contagem habitual. A aposta consistia em ver quanto tempo levaria o gato a matar o escorpião. O animal movimentava-se com rapidez; havia sido treinado para matar e era recompensado com pedaços de boa carne. Evitou cuidadosamente o pequeno círculo de carvão em brasa, bateu no escorpião de lado, virou-o e, com uma poderosa patada, retirou-lhe a cauda venenosa antes de esmagar o resto do corpo com as mandíbulas. Os espectadores suspiraram. O gato movera-se com rapidez e apenas alguns tinham ganho a aposta. Os restantes perderam alguns suados debens de cobre, até à próxima.

— Um verdadeiro predador — declarou o chefe dos ame-mets.

Pegou no gato, puxou-o contra si e olhou para o céu. Recebera as suas ordens. Tinham chegado tão secreta e misteriosamente como as últimas. No entanto, o ouro fora pago. Fosse quem fosse que o escondia, deveria ser um grande senhor egípcio.

— Chegou o momento. Sim! Chegou o momento — disse ele em voz baixa.

Entregou o gato ao seu lugar-tenente. O fogo foi rapidamente apagado.

Os amemets vestiram as suas capas negras, escondendo os rostos como se fossem viajantes do deserto. Empunharam as suas armas e avançaram, com a suavidade do gato que adoravam, através do espaço aberto, subindo por um beco.

A casa de Meneloto era um edifício pequeno de dois andares rodeado por um jardim e um muro. O guarda da entrada estava a dormir profundamente devido à cerveja barata que bebera. Foi imediatamente morto. O pescoço cortado, de orelha a orelha. O soldado que guardava o portão traseiro estava mais atento. Todavia, antes de poder gritar, os amemets já tinham saltado sobre ele, abafando-lhe a boca, atirando-o por terra e enterrando sucessivamente os punhais, até o corpo parar de estremecer. Com as mãos cobertas do seu sangue quente, os amemets escalaram o muro e espalharam-se como uma onda de escuridão pelo jardim iluminado pelo luar. Foram mortos mais dois guardas. O selo da porta lateral foi quebrado e a fechadura forçada. Um funcionário sonolento virou uma esquina sendo atingido por uma saraivada de setas. O chefe dos amemets correu precipitadamente em frente. Os restantes dos seus seguidores dispersaram, tencionando roubar tudo o que fosse valioso. Alguns minutos mais tarde, Meneloto, ainda embriagado pelo sono pesado, foi forçado a vestir-se, empurrado pelas escadas e para o jardim. O ar da noite acordou-o. As figuras sombrias reuniram-se à sua volta. Meneloto agarrou na capa que lhe fora metida nas mãos e olhou para o jardim: o contraforte do muro estava um pouco destruído. Se conseguisse alcançá-lo, poderia escalá-lo e esconder-se no emaranhado de becos existentes do outro lado.

— Venha conosco — disse uma voz.

— Para onde?

— Para um local seguro!

Meneloto percebeu que ia ser morto. Fez girar a capa como se a fosse colocar pelos ombros, mas atirou-a para cima dos captores. No mesmo instante, começou a correr, afastando a soco as mãos que o tentavam segurar. Chegou ao muro e já saltara para o outro lado quando as primeiras setas sibilaram por cima da sua cabeça.

Amerotke estava sentado na cadeira de juiz no Salão das Duas Verdades e olhava, incrédulo, para Sethos.

— O capitão Meneloto fugiu?

— Segundo parece. — O delegado real abriu as mãos. — Decerto com o apoio de outros. Os soldados que o guardavam foram mortos.

Amerotke olhou para o chão. Ignorou os murmúrios de consternação dos escribas e testemunhas. A vida de Tebas, reflectiu ele, era como o Nilo. Rodopiava e mudava. Mesmo quando estava a entrar na cidade naquela manhã, com Chufoi a refilar em voz alta atrás dele, notara a mudança. Sentia-se a tensão no ar. A guarda dos portões fora redobrada. O comércio no mercado não estava

tão vivo como deveria. As multidões agrupavam-se em torno das casas de cerveja e vinho. Chufoi pusera-o a par dos rumores: a maneira como, na reunião do conselho real na Casa do Milhão de Anos, o popular e ambicioso Ipu-uer, comandante do Regimento de Hórus, fora mordido por uma serpente. Publicamente, tal facto fora divulgado como um acidente; em privado, as pessoas falavam de homicídio e faziam comparações entre a morte do comandante e a do divino faraó.

Por um lado, Amerotke sentia-se aliviado com a fuga de Meneloto, mas por outro, perdera o seu tempo e a justiça fora contrariada. Tomara uma decisão, a única conclusão lógica. O divino faraó poderia ter sido mordido e morto por uma víbora, mas não por aquela cujo corpo dissecado jazia no chão à sua frente. De uma maneira ou de outra, devia ter sido mordido por outra víbora. E se fosse esse o caso? Amerotke coçou a cabeça. Teria sido um acidente ou um homicídio?

— Estes assuntos deveriam ser adiados — disse Khemut, o chefe dos escribas. — Meu senhor Amerotke, o prisioneiro desapareceu e por isso a sentença não poderá ser pronunciada.

Amerotke tocou no peitoral de Maet. Teve um acesso de cólera. A justiça pertencia ao faraó, era um instrumento dos deuses e não o brinquedo de uma facção no conselho real.

— A sentença poderá ser deferida — declarou Amerotke ardorosamente. — Mas eu, como juiz supremo da Sala das Duas Verdades, tenho o direito de comentar qualquer caso que me seja apresentado. Há aqui questões que me preocupam profundamente.

Fez-se silêncio no tribunal. Amerotke colocou a mão nos joelhos. Mantendo a cabeça hirta, fixou o olhar num símbolo que estava na parede mais distante, o todo-poderoso olho de Hórus.

— Primeiro — começou ele —, tenho dificuldade em acreditar que a morte do faraó não esteja ligada à blasfema e sacrílega violação do seu túmulo, que teve lugar enquanto o divino faraó viajava pelo Nilo abaixo.

Um suspiro saudou as suas palavras, um momento de ex-citação.

— Em segundo lugar, é difícil crer — continuou Amerotke em tom determinado — que a morte do faraó tenha sido causada pela víbora encontrada a bordo da Glória de Ré. Em terceiro lugar, aceito a opinião das testemunhas, tanto das que foram apresentadas pelo delegado, os olhos e os ouvidos do faraó, como das do agora ausente Meneloto. Todas falaram verdade.

Contudo, e vendo bem as coisas, a morte do faraó esconde um mistério sinistro.

Sethos inclinou-se para a frente como se tencionasse interromper, mas Amerotke fez um movimento cortante com a mão.

— Não será pronunciada sentença. O caso está encerrado. Amerotke não se mexeu da cadeira. Sethos suspirou de exasperação e levantou-se. Fez uma

vénia ao juiz e depois em direcção ao santuário e saiu silenciosamente da Sala das Duas Verdades. Amerotke estalou os dedos, indicando que o tribunal continuaria em sessão e seriam ouvidos outros casos. Sethos teria adorado falar com ele à parte e discutir aquilo que fora dito, mas Amerotke estava decidido a não ser atraído para as intrigas subtis do conselho real. Amerotke também teria gostado de debater a morte do comandante Ipu-uer, mas teve o bom senso de morder a língua. Se lhe fosse pedida a opinião sob juramento, pronunciar-se-ia. Suspeitava que o divino faraó fora assassinado e que a morte do comandante Ipu-uer estava ligada a esse facto. E quem libertara Meneloto? Teria sido o conselho real? Alguma ordem teria sido dada para que aquele julgamento embaraçoso fosse subitamente encerrado, pondo assim o assunto de lado, para que fosse rapidamente esquecido? Ou teria Meneloto, temendo o facto de a justiça não ser feita, conspirado a fuga com os amigos?

Amerotke aceitou a pequena taça de vinho com água que Prenhoe lhe ofereceu. Bebeu um pequeno gole e devolveu-lha, olhando depois para os escribas ainda inquietos e agitados.

— O tribunal ainda está em sessão — anunciou Amerotke. — Façam entrar o próximo caso!

Os escribas nunca esqueceriam aquela manhã. O juiz supremo, Amerotke, actuava rápida mas implacavelmente. Uma mulher que matara o filho fora mandada transportar a criança e sentar-se na praça do mercado durante sete dias à vista de toda a gente. Cinco bêbedos que tinham urinado no lago sagrado do Templo de Hathor, a deusa do amor, foram julgados sumariamente e levados para a Casa das Trevas, onde seriam despidos e açoitados. Um mercador que vendera carne podre, causando a morte de dois dos seus clientes, teve de pagar uma pesada compensação e foi banido dos mercados da cidade durante um ano e um dia. Ao meio-dia, Amerotke pensou já ter demonstrado suficientemente a justiça do faraó. O tribunal foi suspenso. Levantou-se, tenso e zangado, da cadeira de juiz e entrou na pequena capela lateral. Retirou o peitoral de Maet, mas assustou-se quando uma figura saiu da escuridão. O homem estava vestido de sacerdote. Amerotke reparou na força dos seus pulsos e na inclinação arrogante da cabeça.

— Não tem o direito de estar aqui. Virou-se.

— Então, então, meu senhor Amerotke, a sua memória está a falhar?

Amerotke voltou-se e sorriu.

— Engordaste um pouco, meu senhor Senenmut, mas esses olhos e essa voz... Como poderia esquecê-los?

Apertaram as mãos.

— No entanto, esta é a minha câmara, a minha capela privada — recordou Amerotke.

— É por isso que estou aqui — respondeu Senenmut. — Meu senhor

Amerotke, trago-te saudações de Sua Alteza a senhora Hatusu, viúva do divino faraó.

— Sei quem é a senhora Hatusu!

Senenmut meteu-lhe um pequeno rolo de papiro na mão. Amerotke desenrolou-o. Reparou no selo que havia no fundo e beijou-o. A convocatória era curta e sucinta.

O senhor Amerotke e a senhora Norfret são convidados para um banquete no palácio real esta noite, onde o senhor Amerotke receberá o selo e anel reais, símbolos da sua admissão como membro do conselho real.

— Uma honra surpreendente.

Amerotke levantou a cabeça, mas Senenmut desaparecera.

O Sol estava a dirigir-se para ocidente, banhando a cidade com os seus raios mortiços, quando Amerotke, com Norfret a seu lado na quadriga, se dirigia à Casa do Milhão de Anos nas margens do Nilo. Norfret ficara silenciosamente feliz com a grande distinção oferecida ao marido.

— Tens de a aceitar — insistiu ela, agarrando-lhe na mão. — Quer queiras quer não, Amerotke, estás metido na política do tribunal.

— Querem calar-me a boca — respondera Amerotke vigorosamente. — Silenciar-me ou comprar-me. A fuga do Meneloto, já para não falar na morte súbita do comandante Ipu-uer, é embaraço suficiente para um dia.

— Nenhuma dessas coisas tem a ver contigo. O Meneloto era um soldado eficiente. Fugiu e sabe tratar de si.

Ele observara o rosto da mulher, procurando qualquer sinal de distúrbio ou consternação. Norfret devolvera-lhe um olhar gelado.

— Tu sabes a verdade — acrescentara ela firmemente. — Os deuses sabem a verdade. Se sabes a verdade, Amerotke, porque te importas com o que os outros dizem?

Finalmente, como sempre, ela levava a melhor. Amerotke sentia-se lisonjeado e grato pela ambição da esposa. Era verdade, admitira Norfret, que adorava as visitas à corte, os jantares onde podia ouvir os mexericos, uma ocasião a não perder.

— Fazes-me lembrar uma bela sombra — declarara ele, agarrando-lhe nas mãos.

— Uma sombra! — repetira ela na brincadeira e, colocando os lindos braços à volta do pescoço dele e em pontas de pés, beijara-lhe o nariz.

— Gostas de ir a essas festas, mas não gostas de ser vista. Adoras ficar sentada, a ver e a ouvir.

— Foi assim que te conheci.

— E foi assim que eu te conheci. Lembras-te? Passámos aquela noite a olhar um para o outro.

Norfret rira-se e afastara-se apressadamente, dizendo por cima do ombro

que ele deveria ir com a sua melhor roupa.

Amerotke, com as rédeas da quadriga envoltas no pulso, olhou para o lado. Vestira a sua túnica plissada nova e colocara o anel do seu cargo. Como sempre, recusou-se a usar cabeleira. Lembrava-se de como, quando servira no esquadrão de quadrigas, os soldados costumavam ridicularizar os presumidos comandantes que tentavam manter-se a par da moda, mesmo quando rolavam pelas Terras Vermelhas. Norfret, contudo, estava tão bonita como a noite. Usava uma túnica imaculada de linho plissado e a sua longa cabeleira negra entrelaçada com tiras de ouro e prata. Brincos de ametista caíam-lhe dos lóbulos das orelhas e uma linda gargantilha de lápis-lazúli contornava-lhe o pescoço. Estava inclinada a falar com Chufoi, que seguia atrás da quadriga de pára-sol numa mão e bastão na outra.

— Podes acompanhar-nos, Chufoi — brincou ela. — Há espaço aqui. — Ela bateu no vime entrelaçado. — Não é um carro de guerra e, por isso, os cavalos são castrados e não têm uma ponta de ardor.

— Não gosto de carros — respondeu o anão. — Não gosto de festas nem de banquetes. As pessoas estão sempre a olhar para o meu rosto e fazem perguntas ridículas como: «Para onde foi o teu nariz?» Ao que eu sempre respondo: «Pelo teu rabo acima!»

Norfret riu-se e virou-se.

Amerotke agarrou nas rédeas. Reparou nas plumas vermelhas dos cavalos que subiam e desciam e olhou à sua volta. Fosse qual fosse a hora, o cais e as margens do Nilo eram sempre muito movimentados. As cervejarias estavam abertas. Os becos apinhados de marinheiros e soldados que visitavam as casas de prazer ou passeavam de canecas na mão, olhando para as raparigas e gritando insultos bem-humorados uns aos outros. É claro que olhavam para Norfret, mas, lançando um olhar a Amerotke, para não falar dos dois soldados que o escoltavam até ao palácio, passavam rapidamente a procurar uma presa mais fácil.

Um homem dos escorpiões aproximou-se, um autoproclamado mágico, oferecendo amuletos e paus encantados contra o azar. Chufoi, ágil como um macaco, afastou-o.

Finalmente, chegaram à calçada que conduzia ao palácio. As multidões, ansiosas por ver as entradas e saídas, amontoavam-se, reprimidas pelos archeiros e os soldados de infantaria do Regimento de Isis. Amerotke provocou algum ruído com as rédeas e os cavalos começaram a andar um pouco mais depressa. Passaram os portões e entraram nos jardins amplos e bem cuidados do palácio, um lindo paraíso com alamedas protegidas do sol, lagos ornamentais e grandes relvados onde pastavam gazelas treinadas e carneiros. Os guardas conduziram-nos. Amerotke ajudou Norfret a sair da quadriga enquanto dava instruções aos lacaios para desatrelar os cavalos, enxugá-los do suor e alimentá-los antes de serem metidos nos estábulos. Foram escoltados através da porta principal,

passando pelas enormes pinturas murais que retratavam as glórias dos faraós em batalha, e pelo corredor de colunas, enquanto esquadrões de soldados guardavam a entrada da Casa de Adoração, os aposentos privados do jovem faraó. Finalmente, chegaram ao vasto salão de banquetes, uma grande câmara majestosa, onde as colunas eram pintadas de vermelho-escuro e os capitéis em forma de flores de lódão douradas. Candeeiros de alabastro puro, pintados de cores diferentes, forneciam uma luz suave que brilhava pelos frescos que adornavam as paredes: árvores, lindos pássaros com plumagem colorida, flores, borboletas, tudo desenhado no gesso suave numa maravilhosa gama de cores. Por cima, os tectos eram pintados com hieróglifos que prometiam saúde, vida e prosperidade aos que se congregassem sob a sua protecção.

Amerotke olhou à sua volta para o amontoado de mulheres de ombros nus e homens de cabeleiras negras e pesadas. Reconheceu alguns: Sethos, Rahimere e o comandante Omendap. À medida que cada um o via, acenava imperceptivelmente com a cabeça e virava-se para os companheiros. As criadas, que estavam praticamente nuas, à excepção de pedaços de tecido em torno das ancas, moviam-se por entre os convidados, oferecendo uma flor de lódão de boas-vindas e servindo pequenos pratos com iguarias e taças, cravejadas de pedras preciosas, de vinho ou cerveja. Norfret agarrou numa dessas taças e afastou-se para cumprimentar uma pessoa conhecida. Amerotke ficou perto da entrada. O ruído da conversação morreu quando as portas mais distantes se abriram e Hatusu entrou na sala. Amerotke ficou surpreendido com o modo como Hatusu mudara durante o período de luto desde a morte do marido. Sempre a considerara como uma mulher das sombras, mas agora caminhava com majestade, mãos postas à frente do corpo, uma visão de beleza numa túnica apertada de linho quase transparente. A sua longa cabeleira brilhante flamejava com o óleo e estava apertada em torno da testa por uma pequena coroa que ostentava a deusa-abutre, fazendo com que todos se recordassem de que ela era a rainha do Egipto. Um peitoral de prata em torno do pescoço exibia o mesmo desenho enquanto largas pulseiras de ouro ornamentadas com uma cobra-capelo lhe rodeavam os pulsos. As unhas das mãos e dos pés estavam pintadas de hena e aqueles olhos escuros tinham sido embelezados pela aplicação de uma cintilante sombra azul-esverdeada.

O seu olhar cruzou-se com o de Amerotke e sorriu imperceptivelmente. Outros se aproximaram dela, mas apenas lhes gesticulou educadamente com os dedos e atravessou a sala para o cumprimentar. No ombro esquerdo nu fora desenhada uma delicada tatuagem que retratava Sekhmet, a deusa-leoa, a vingadora. Vestiu-se como uma princesa, pensou Amerotke, mas age como um guerreiro. Ela parou à sua frente e estendeu a mão. Amerotke ter-se-ia ajoelhado como mandava a cortesia, mas Hatusu abanou ligeiramente a cabeça e nos seus olhos via-se um bom humor extremo.

— Meu senhor Amerotke. — A voz era baixa e bastante profunda. — Há quantos anos? Dez, doze desde que abandonou a corte de meu pai?

— Creio que doze, minha senhora.

— Então, sê bem-vindo.

Amerotke olhou por cima do ombro. Os outros altos funcionários, comandantes e escribas fingiam estar entretidos a conversar, mas observavam-nos propositadamente. No fundo do salão, perto de uma coluna, Sethos segurava a mão de Norfret, conversando com ela e contando uma anedota. Nor-fret atirou a cabeça para trás e o seu riso ecoou pela sala.

— Vi-te chegar — prosseguiu Hatusu. — A senhora Norfret continua muito bela.

— De qualquer modo, a beleza contempla a beleza — retorquiu Amerotke.

Hatusu suspirou. Amerotke perguntou a si próprio se ela estaria a rir-se para ele quando os lábios cor de carmim se estreitaram.

— Nunca serás um cortesão, Amerotke. A tua tentativa de lisonjear é tão óbvia.

— Sou um juiz — replicou Amerotke. — É-me difícil lisonjear.

— Sempre foste assim, Amerotke. — Olhou para ele com suavidade. — Ainda estás perdidamente apaixonado pela senhora Norfret? Vi-te aqui parado, irradiando felicidade para toda a gente. — Ela riu-se por trás da mão. — Ah, Senenmut!

O superintendente dos trabalhos reais aproximara-se. Amerotke ficou surpreendido com a maneira familiar como ele se instalava ao lado de Hatusu, como se fosse um membro do kin real, um príncipe do palácio. Amerotke apertou a mão que ele lhe estendeu.

— Lamento — desculpou-se Senenmut — não me ter demorado mais tempo esta manhã. Pensei que pudesses recusar o convite e isso seria embaraçoso para todos.

Fez surgir uma pequena bolsa de couro. Hatusu abriu-a e colocou um anel de ouro na palma da mão. Depois, agarrando na mão de Amerotke, enfiou-lhe o anel no dedo. Amerotke olhou para ele. A larga faixa de ouro estava gravada com hieróglifos que proclamavam ao mundo que ele era agora um dos «amigos do faraó», um membro do círculo real com assento no conselho e o dever de aconselhar o faraó.

— Não é um suborno — murmurou Hatusu com uma expressão fria e dura. — Preciso de ti, Amerotke. Preciso do teu poder de reflexão, do teu bom conselho. E, serei honesta, do teu senso comum.

Amerotke quis perguntar-lhe porquê, mas os criados já estavam a colocar as almofadas junto às pequenas mesas postas para o jantar real. Hatusu tocou ao de leve na mão de Amerotke e afastou-se.

Apareceram as escravas. Uma colocou-lhe uma coroa de flores ao pescoço, outra ofereceu-lhe uma espécie de sabonete de perfume. Amerotke recusou este último, mas aqueles que usavam cabeleiras agarraram nos sabonetes e colocaram-nos no topo da cabeça. Daí a pouco tempo ficariam quentes e derreteriam, encharcando-lhes as cabeças com os mais fragrantos odores. Tal como era costume, os homens sentavam-se de um lado do salão e as mulheres do outro. Circularam copos de vinho, e os festejos começaram. Foram servidos pratos de carne assada, frango, ganso, pombo-preto e muitas variedades de pão cortado em diversos formatos. Jarros de vinho, assentes em suportes de metal, cada qual marcado com o ano da colheita, eram abertos e os criados asseguravam-se de que as taças de bronze embutidas fossem cheias com alguma regularidade. Foram trazidos guardanapos e taças para lavar as mãos. Ao lado de Amerotke estava sentado o comandante Omendap. Este virou-se, mergulhando os dedos na taça, e piscou o olho a Amerotke.

— Bem-vindo ao conselho real — murmurou ele. Amerotke devolveu o sorriso. Encontrara o comandante em diversas ocasiões e sabia que ele era um homem bom e honesto, entroncado, de rosto cheio, mas com um extraordinário bom humor que escondia uma mente astuta e uma inteligência mordaz. Guerreiro corajoso, Omendap usava ao pescoço o lódão dourado que lhe fora imposto pelo faraó pela coragem demonstrada no campo de batalha. Omendap acercou-se.

— Já todos soubemos do teu julgamento sobre o pobre Meneloto. — Olhou à sua volta para ter a certeza de que os criados não o ouviam. — Disseste a verdade! Aquele caso nunca deveria ter sido julgado.

— Então, por que razão foi? — perguntou Amerotke. — Não o abordaram no conselho real?

— A esposa do deus insistiu! — Omendap virou-se e olhou para o outro lado da sala, onde Hatusu estava sentada num pequeno banco semelhante a um trono acima de todas as outras mulheres. — Pensei que ela tivesse mais juízo. De qualquer modo, em breve sentirás a política do conselho real. Basicamente, há duas facções. — Omendap pegou na taça de vinho e bebeu. — Rahimere. — Fez um gesto para o local onde se sentava o vizir, em todo o seu precioso esplendor, que conversava com o chefe dos escribas, Bailetos. — Quer ser o regente e a Hatusu também.

— E quem sairá vencedor?

— Provavelmente, o Rahimere. Ele controla o tesouro, o tribunal supremo e o Templo de Amon-Ré.

— E a senhora Hatusu?

— Ela tem três apoiantes: o Sethos, o Senenmut e agora o senhor Amerotke.

— Eu não faço parte de nenhuma facção.

— Não? — Omendap sorriu maliciosamente. — Aceitaste o convite e recebeste o anel. Todos fazemos parte da dança.

— E vocês, os comandantes?

Amerotke fez um gesto com a taça na direcção deles.

— Ainda não decidimos. Somos soldados, recebemos ordens. Ouvimos os rumores na praça do mercado. O faraó está morto, partiu para o abençoado Ocidente, o seu sucessor é um menino, o conselho está dividido. Os chacais pensam que os cães de guarda desapareceram e, por isso, tentarão roubar a galinha dos ovos de ouro.

— E quem vais apoiar?

Omendap aproximou um pouco as almofadas.

— A minha simpatia vai para a senhora Hatusu. Tem o : sangue de Tutmés e eu não gosto do Rahimere. Mas já sabes

como somos nós, os soldados. A nossa primeira regra é não provocar uma batalha quando sabemos que iremos perder. Por isso, bebe. — Bateu com a taça na de Amerotke. — E oremos por dias mais felizes.

Amerotke voltou para a sua refeição. Estava a tentar ver onde Norfret se encontrava sentada quando surgiu um mensageiro que transportava uma arca atada com tiras de cobre. Ajoelhou-se à entrada da sala de banquetes, esperando que reparassem nele. O criado particular de Rahimere, que estava de pé atrás da cadeira do amo, mandou entrar o homem.

— O que é? — Rahimere olhou para cima.

— Um presente, meu senhor. Do Amen-hotep.

Os lábios do grão-vizir contraíram-se. Amen-hotep era um chantre, capelão do falecido faraó Tutmés II. — O Amen-hotep devia estar aqui. Como sacerdote do Templo de Hórus é seu dever frequentar o círculo real.

Rahimere exibiu o seu poder e fez-se silêncio no salão. Um convite para tal banquete era, de facto, uma ordem real e apenas uma doença ou grave calamidade poderiam justificar uma ausência. Amerotke estava surpreso. Encontrara Amen-hotep várias vezes: um homem baixo, pomposo e irrequieto, cheio da sua própria importância. Não era seu costume perder uma ocasião daquelas.

— Talvez seja uma oferta de paz — ironizou o chefe dos escribas. — Uma desculpa digna, meu senhor, pela sua falta às nossas reuniões.

Rahimere encolheu os ombros e fez um sinal com a mão ao criado para que se aproximasse. Amerotke olhou por cima do ombro. Hatusu estava sentada muito pálida e com os olhos a brilhar de fúria. O presente deveria ser dirigido a ela. Era ela a anfitriã, a senhora do palácio, e a intervenção de Rahimere constituía uma humilhação pública e uma lembrança eloquente de que era ele que sustinha as rédeas do poder. O criado avançou com a arca.

— Foi entregue, meu senhor — explicou ele —, por um homem de

manto negro.

Amerotke deixou cair o pedaço de ganso que estava a comer. A referência aos mantos negros suscitava recordações. Em relatórios que tinham surgido no tribunal, Amerotke soubera da corporação dos assassinos, os «devoradores», os homicidas profissionais. Em vários processos, tinham sido feitas, vezes sem conta, referências àquele bando sanguinário que adorava uma feroz deusa felina, Mafdet, e que se vestia de negro dos pés à cabeça.

— Aceito o presente. — Rahimere bateu palmas de irritação. — Abram a arca!

Os selos foram quebrados e a tampa levantada. Amerotke virou-se para dizer algo ao seu companheiro quando ouviu um grito. O criado retirara o presente para fora da arca e segurava-o, incrédulo, como se estivesse a sonhar. O sangue ainda pingava do pescoço. Os convidados olharam horrorizados para a cabeça do sacerdote Amen-hotep numa bandeja de prata.

Sekhemet: a deusa-leoa, a destruidora.

CAPÍTULO 7

O banquete terminou num caos. Duas senhoras desmaiaram. Alguns dos convivas masculinos, cobrindo as bocas com as mãos, deixaram o salão para ir vomitar e purgar os estômagos. A cabeça foi recolocada dentro da arca e os guardas saíram rapidamente à procura do portador, mas há muito que desaparecera. Hatusu, apoiada por Senenmut e Sethos, impôs a ordem.

— Meus senhores! — Hatusu bateu as palmas para pedir silêncio. — Meus senhores e minhas senhoras, deixou de haver motivos para continuarmos com estes festejos. O banquete terminou. O conselho real reunir-se-á na Sala das Colunas.

Os criados entraram para levantar os pratos e as jarras de vinho. Os que não eram membros do conselho ficaram muito satisfeitos em fazer um sinal contra o mau-olhado e abandonar o palácio. Amerotke fez os preparativos necessários para que Chufoi levasse Norfret de volta a casa. Omendap disponibilizou dois dos seus soldados para os acompanhar.

Assim que ela saiu, Amerotke regressou ao salão de banquetes. A arca manchada de sangue estava aberta no chão. Amerotke agachou-se: a cara horrível olhava para ele com as órbitas viradas para cima e a língua de fora. Amerotke observou o pescoço cortado: o corte fora limpo e total. Reparou como a pele estava intumescida e descorada.

— De que estás à procura?

Hatusu, ladeada por Senenmut e Sethos, olhava para ele.

— Minha senhora, suspeito que o Amen-hotep já estaria morto quando a cabeça foi cortada. O corte é limpo, um golpe certo feito por um profissional. O mensageiro que trouxe a cabeça estava vestido de negro. Isto foi obra dos amemets, um grupo de assassinos profissionais.

— Mas porquê matar o Amen-hotep?

Senenmut agachou-se e espreitou a cabeça cortada com curiosidade.

— Esta boca tagarela agora está calada — declarou ele. — E estes olhos arrogantes nunca mais olharão para mim de alto a baixo.

Amerotke fitou rapidamente aquele novo braço direito da rainha do faraó: o seu ódio pelo sacerdote morto era óbvio. Hatusu fechou a arca com o pé.

— Para a Sala das Colunas! — ordenou abruptamente. A sala de reuniões fora preparada, os assentos e pequenas mesas dispostos em oval. Rahimere já lá estava, instalado no lugar principal. Os escribas e os sacerdotes que o apoiavam

ladeavam-no. Hatusu sentou-se no mesmo lugar em que estivera na noite anterior com Senenmut e Sethos.

Amerotke tomou assento na cadeira que estava mais perto da porta. Sentia-se desconfortável e desejava não estar ali. Apesar do vinho e da alegria da primeira parte do banquete, a atmosfera da sala era sufocante. O ódio e a inveja que fervilhavam eram quase tangíveis.

O sacerdote entoou apressadamente um salmo, comparando o rosto do jovem faraó ao do deus Hórus, como o seu cabelo era tão suave como os céus, o seu olho esquerdo o Sol da manhã e o direito o da noite, como a glória de Ré enchia o seu corpo, fornecendo luz e calor ao povo do Egito. Contudo, quando o sacerdote saiu, não havia o mais pequeno sinal daquela luz e calor. Hatusu tomou a iniciativa.

— Meus senhores.

A sua atitude imperial, sentada na cadeira, fazia com que esta se assemelhasse a um trono.

Rahimere ia interromper, mas ela levantou a mão.

— Meu senhor vizir, estamos no palácio real, a Casa do Milhão de Anos. O nosso glorioso faraó está na Casa de Adoração. Sou sua madrastra. Portanto, o que se passa aqui?

O meu esposo morreu em frente à estátua de Amon-Ré, mordido por uma víbora. O comandante Ipu-uer morreu nesta sala, mordido por uma víbora. E agora, durante o banquete, a cabeça cortada de Amen-hotep foi-nos enviada como advertência macabra ou, talvez, como aviso a todos nós.

— O que estás a insinuar? — interveio o intendente da Casa da Prata. — Três homens morreram.

— Não — protestou Senenmut. — Três homens foram assassinados.

— Assassinados? — Rahimere ergueu a cabeça. — Estás então a tentar dizer que a morte do divino faraó, que viajou para o abençoado Ocidente, não foi um acidente?

— A morte do comandante Ipu-uer não o foi com certeza — salientou Hatusu. — E acho que o Amen-hotep não caiu dumas escadas abaixo.

— Meu senhor Amerotke. — Rahimere olhou para o fundo da sala de reuniões. — Já todos soubemos da sua sentença. — Abriu as mãos com os dedos cobertos de anéis. — Determinou, pelo menos para nossa satisfação, que a víbora encontrada a bordo da Glória de Ré não foi responsável pela morte do divino faraó. Todos sabemos que o divino faraó foi transportado para o templo num palanquim, onde foi recebido pela senhora sua esposa.

Ouviu-se o ruído de ar inspirado. Senenmut ter-se-ia posto de pé num salto, mas Hatusu impediu-o, colocando-lhe uma mão no pulso.

— Eu não disse — respondeu rapidamente Amerotke — que o divino faraó foi assassinado: não era isso que estava a ser julgado. Determinei que a

víbora que matou o faraó não era a que foi encontrada na barca real.

— Mas também te referiste à violação do túmulo do faraó. — Foi a vez de um dos escribas de Rahimere intervir.

— Toda a Tebas sabe disso — replicou Amerotke. — Especulei, tal como é meu direito, que alguém tinha um ressentimento sacrílego contra o divino faraó.

— E o comandante Ipu-uer? — perguntou Sethos. — Como explicas a sua morte?

Amerotke apontou para um dos sacos de escrita pendurado nas costas da cadeira de um escriba.

— Pelo que posso verificar, e são esses os rumores, o conselho real reuniu-se aqui. Não é verdade?

— É um facto — retorquiu Rahimere agressivamente.

— E o Ipu-uer trouxe documentos? — continuou Amerotke.

— Trouxe, sim — concordou Omendap.

— E depois a reunião do conselho foi suspensa?

— Sim — disse Sethos. — Reunimos os nossos papéis e colocámo-los nos sacos de escrita. Estás a dizer, Amerotke, que, enquanto todos nos movimentávamos, alguém colocou uma víbora no saco de escrita do comandante?

As suas palavras deram origem a um riso sarcástico em alguns dos escribas.

— É possível — tartamudeou um dos sacerdotes — que a serpente tenha entrado para o saco.

— E há também a possibilidade — replicou abruptamente Amerotke — de as serpentes saberem voar! — Ignorou as gargalhadas. — A solução é bastante lógica. Se uma víbora entrasse na sala do conselho ou no templo, seria vista. Se houvesse uma víbora no palanquim do divino faraó, alguém teria reparado nela. Se uma víbora estivesse nos degraus ou na entrada do Templo de Amon-Ré, teria sido detectada e morta.

— No entanto, o faraó morreu de uma mordedura de serpente — disse Rahimere.

— Concorro. Mas o como, o quando e o porquê são um grande mistério. Pergunto uma coisa a todos. — Amerotke engoliu em seco. — Já alguém ouviu falar ou viu um ser humano, rodeado por uma multidão, ser mordido e morto por uma víbora e esta nunca ser encontrada?

Os membros do conselho real murmuraram em concordância.

— Existe um mistério — insistiu Amerotke. — E o mesmo é verdade para o comandante Ipu-uer. Alguém aqui viu a víbora que o matou antes de ele colocar a mão dentro do saco? Algum sacerdote, escriba, soldado ou membro do conselho real? Meu senhor vizir, dá-me licença?

Rahimere anuiu com a cabeça. Amerotke levantou-se e contornou a sala do conselho. Pegou nas sacolas de escrita do local onde os membros as tinham pendurado, as costas das cadeiras, e andou de um lado para o outro, fazendo depois um gesto a Sethos.

— Meu senhor, és o delegado real, os olhos e os ouvidos do faraó. Eu andei a alterar os locais dos sacos de escrita. Poderá alguém tão perspicaz e observador como tu dizer-me agora que saco pertence a quem?

Hatusu sorriu. Senenmut tamborilou com os dedos no tampo da mesa.

— Na noite em que o Ipu-uer morreu — prosseguiu Amerotke quando regressou ao seu lugar —, durante a interrupção da sessão, o assassino, seguidor de Set, o deus vermelho da destruição, trouxe a víbora para a sala do conselho num saco de escrita. Meus senhores, senhora Hatusu, vão até ao mercado. Falem com os homens dos escorpiões, com os encantadores de serpentes, aqueles que usam tais répteis para espantar as multidões e ganhar alguns debens de cobre. Uma serpente pode ser transportada num saco ou cesto. O próprio movimento a acalma, e mantém-se enrolada, quieta. Se tiver sido alimentada recentemente, ainda se mostra mais passiva.

— Até o Ipu-uer — disse Omendap — colocar a mão dentro do saco.

— Tal movimento enfureceria a víbora adormecida — replicou Amerotke. — Atacaria vezes sem conta. No entanto, será que alguém repararia ou se lembraria de quem mudou o saco de uma cadeira para a outra? Ou, de facto, se as próprias cadeiras tinham sido trocadas? Será que alguém desta sala — prosseguiu ele cuidadosamente — conseguirá alguma vez determinar que a víbora saiu, de facto, do saco do Ipu-uer?

— Não, não conseguimos. — Sethos apontou para Omendap. — Tu trataste do cadáver e mandaste transportá-lo para a Cidade dos Mortos.

— Tu também levaste os documentos do Ipu-uer — replicou Omendap calorosamente, com o rosto corado de vergonha. — Mas, nessa altura, eu não sabia como tudo se tinha passado.

— Claro que não sabias. — Senenmut falou alto, com a voz tingida de sarcasmo.

Omendap, apoiado pelos seus comandantes, teria objectado de imediato. Sethos interveio calmamente, com cuidado para não ofender os soldados, cujo apoio era tão essencial para Hatusu.

— Meu senhor Amerotke, pareces saber muito sobre serpentes!

— E sobre homicídios — acrescentou Rahimere com desdém.

— Meus senhores — replicou Amerotke. — A morte por mordedura de serpente está nos lábios de todos os habitantes de Tebas. Já reflecti sobre as histórias. O que sugiro agora pode ou não ser verdade, mas tem uma lógica própria.

— E as tuas conclusões? — perguntou Hatusu. — Se tiveres razão, meu

senhor Amerotke, e os sacos tiverem sido trocados?

— Então, minha senhora, o assassino está nesta sala. Todos sabem disso. Não foi um soldado ou um servo. O saco foi trazido para aqui e guardado por alguém antes de ser pendurado nas costas da cadeira do Ipu-uer.

— Continua! — ordenou Rahimere.

— Sabemos que o assassino deve ser um membro do conselho real. — Amerotke brincou com o anel de Maet que tinha num dos dedos. Orou para que os seus lábios e coração fossem tocados pela sua pena divina da verdade e sabedoria. — A próxima questão deverá ser: porquê?

Estava prestes a continuar quando se ouviram pancadas furiosas na porta. O capitão da guarda entrou, um núbio de casta média que usava um saiote de couro. No cinto da espada que lhe cruzava o peito nu via-se o emblema do Regimento de Ôsíris. Ignorou Hatusu e Rahimere e fez uma vénia em frente ao general Omendap.

— Segui as tuas instruções, senhor.

— E então?

— Enviei equipas de busca pelas margens até ao templo velho. O resto do cadáver do Amen-hotep foi descoberto a flutuar no meio dos canaviais. O tronco estava nu, à excepção da tanga e do amuleto que o identificava.

— Há mais? — exigiu saber Omendap.

— Sim, senhor. Um dos soldados estudou durante algum tempo na Casa de Vida para ser médico. Bom, o corpo estava inchado e descorado...

— É espantoso os crocodilos não o terem comido! — zombou Bailetos.

— O Amen-hotep foi mordido cinco ou seis vezes na perna por uma víbora — terminou o soldado.

— Envia o cadáver e a cabeça para o outro lado do rio, para a necrópole — ordenou Rahimere. — O Amen-hotep mandou construir um túmulo. Diz ao nosso intendente na Cidade dos Mortos que o corpo do Amen-hotep deverá receber um funeral condigno, cujo custo será suportado pela Casa da Prata.

O soldado retirou-se.

— A estação do gafanhoto — murmurou um dos sacerdotes. — Morte e devastação. Sekhmet, a destruidora, caminha agora no Reino das Duas Terras. Caos lá dentro e ameaças do exterior.

Como que a secundar as suas palavras, a luz do Sol desapareceu, à medida que as nuvens o cobriram. Amerotke perguntou a si próprio se o sacerdote estaria a dizer a verdade. Lembrou-se das histórias que a avó lhe contara, que diziam que, todos os dias, Amon-Ré cavalgava pelos céus numa quadriga dourada, que à noite o deus do Sol entrava no Duat, o mundo inferior, onde o seu maior adversário, o formidável deus-serpente Apep, esperava para o destruir. Estaria tudo aquilo para acontecer?, pensou Amerotke. Aqueles homicídios com víboras transformariam as Duas Terras num teatro de destruição

e derramamento de sangue, tal como acontecera naqueles anos terríveis em que os reis de Tebas tinham lutado para expulsar os Hicsos?

— Todos nós choramos a morte do Amen-hotep — afirmou Hatusu. — Mas, meu senhor Amerotke, ainda não aca-baste, pois não?

— Não, não terminei. — Amerotke afastou a mesa. — Temos três mortes: duas são, decerto, homicídios. Todos aparentemente causados por uma víbora. Não sabemos quem é responsável e por que razão agiu assim. Por isso, temos de nos virar para as vítimas e interrogarmo-nos sobre o que tinham elas em comum.

— Acho que isso é óbvio — pronunciou Bailetos vagarosamente.

Abanou o enxota-moscas como se as palavras fossem irritantes, devendo ser afastadas. Se Bailetos esperava conseguir o apoio do grão-vizir com o seu sarcasmo, ficou desiludido. Ra-himere estava a olhar intencionalmente para Amerotke.

— É óbvio que todas as vítimas, incluindo o divino faraó, eram membros do conselho real — comentou Rahimere. — Mas que mais?

— Estas mortes e a violação do túmulo do faraó coincidem todas num ponto. O regresso do divino faraó após as suas vitórias sobre os povos marítimos no delta do Nilo. A sua viagem ao Grande Mar — continuou Amerotke — foi vitoriosa e esplêndida. O Ipu-uer estava com ele?

Um coro de anuência respondeu às suas palavras.

— E o Amen-hotep também se encontrava com o divino faraó?

— O que estás a querer dizer, Amerotke? O juiz franziu o sobrolho.

— Aconteceu alguma coisa na viagem do faraó do Delta até Tebas?

— Tal como?

— Houve alguma calamidade ou problema? O divino faraó expressou-se sobre o que planeava fazer quando regressasse a Tebas? Ou então... — Amerotke olhou para Hatusu. — Durante a sua ausência, aconteceu alguma coisa de estranho aqui em Tebas? Estou apenas a fazer uma conjectura. Não tenho provas, nem mesmo a mais ligeira, de que algo tenha acontecido.

Ouviu-se um murmúrio pela sala. Senenmut inclinou-se, segredando qualquer coisa a Sethos, que continuava a abanar a cabeça. Amerotke reparou que Hatusu parecia preocupada, mesmo assustada, perdida em devaneios, com os lábios a moverem-se sem proferir qualquer palavra e os olhos a piscar. Lembrou-se de alguns rumores que ouvira sobre a esposa do faraó e recordou-se da sua vivência na corte real.

«Demasiado doce para ser saudável», fora a maneira como um servo real a descrevera.

Amerotke lembrou-se de que ouvira dizer que Hatusu quase conseguira dominar o seu meio-irmão e esposo Tut-més II. De facto, de acordo com o protocolo, Hatusu deveria ter acompanhado Tutmés ao delta, mas em vez disso,

como sinal de confiança, ele deixara-a encarregada de Tebas, controlando o governo e a cidade. Seria Hatusu responsável por tudo aquilo? Ela e aquele astucioso Senenmut? Envolvidos num jogo subtil para assumir o poder? Controlar Tebas, o reino e o império para além das suas fronteiras?

— Não me recordo de nada que tenha acontecido de calamitoso. — Rahimere fez um gesto com as mãos, pedindo silêncio. — O divino faraó zarpou pelo Nilo abaixo no Glória de Ré. Parou perto de Sakara onde visitou as pirâmides e o templo funerário dos seus antepassados. Fez oferendas aos deuses, eliminou alguns dos príncipes cativos e continuou a viagem.

— E não houve nenhuma alteração de humor ou comportamento? — perguntou Amerotke.

— O divino faraó era um homem que se aconselhava a si próprio — declarou pomposamente Rahimere. — Não era um homem que falasse muito. Mostrava-se pálido e, por vezes, parecia doente. Disse que se sentia pouco firme, mas ele, de facto, sofria de epilepsia. Fora tocado pelos deuses e, em transe, tinha visões.

— Minha senhora. — Amerotke olhou para Hatusu. — Vossa Alteza. — Deu ênfase ao título. — O teu esposo disse-te alguma coisa nas cartas que te escreveu?

— Disse-me que Ré lhe tinha sorrido — afirmou ela. — Que as suas vitórias lhe tinham sido dedicadas, que esmagara os inimigos e que sentia muitas saudades da esposa e da família.

Amerotke baixou a cabeça. Hatusu nada lhe dissera, mas lembrava ao conselho real que ela e o divino faraó haviam sido muito chegados.

— Mantinha-se em silêncio — informou Omendap. — Não teve nenhum ataque de epilepsia durante a viagem, mas andava calado e distante. — Levantou o machado prateado, símbolo do seu cargo. — Mas, agora que penso nisso, alguma coisa aconteceu. Lembrem-se de que deixámos o faraó pouco depois de a Glória de Ré ter partido para Tebas. — Apontou para os escribas e sacerdotes. — A maioria dos senhores, tal como eu, Sua Excelência o vizir e meu senhor Sethos, foi enviada à frente para preparar a sua chegada a Tebas. Não me recordo de o faraó ter celebrado qualquer sacrifício aos deuses. Lembro-me de que, no dia em que desembarcou, parte da guarda real também comentava esse facto.

— Mas isso é um disparate! — Um sacerdote de Amon, que estava sentado junto a Bailetos, levantara a mão.

Rahimere assentiu com a cabeça, dando-lhe autorização para falar.

— Eu acompanhei o divino faraó desde Sakara. É verdade que ele não realizou sacrifícios, mas, até chegar a Tebas, nunca saiu da barca real.

— Como tal, não visitou mais templos e santuários? — perguntou Omendap.

— Não — retorquiu o sacerdote. — Ficou na barca, permanecendo na tenda real, se bem que, de vez em quando, saísse para rezar. Perguntem aos guardas. Muitas vezes se dirigia à popa, mandava lá colocar tapetes e almofadas e sentava-se de pernas cruzadas a olhar para as estrelas, de mãos estendidas. — O sacerdote sorriu affectadamente. — De facto, o divino faraó, durante o seu regresso a Tebas, esteve em estado permanente de oração. Não faço idéia do que meu senhor Amerotke está a insinuar. Sou um dos capelães reais. Não vi nada de estranho durante a ausência do divino faraó da cidade e da corte.

Rahimere ia intervir, mas Hatusu levantou-se abruptamente. Senenmut e Sethos seguiram-na. Amerotke não teve outro remédio senão imitá-los. Hatusu ficou de pé em silêncio. Cruzou as mãos sobre o peito, o mesmo gesto que o faraó fazia antes de começar a falar. Era um desafio ao resto do conselho. Hatusu estava a lembrar-lhes que era a viúva do faraó, que tinha sangue real. O ritual e o protocolo exigiam que todos se levantassem. Rahimere reclinou-se na cadeira como que recusando o desafio. Todavia, Omendap sorriu e piscou o olho aos seus comandantes, que lentamente se ergueram. Os escribas e os sumos sacerdotes seguiram o seu exemplo. Rahimere não teve escolha. Levantou-se, levando o seu tempo, agarrando o bastão do seu cargo. Manteve o rosto impassível, mas o ódio brilhava-lhe nos olhos.

— Esta conversa sobre o divino faraó — proferiu Hatusu enquanto baixava as mãos — perturbou o meu coração e molestou a minha alma. A sessão do conselho fica suspensa, mas é nosso desejo que as mortes do comandante Ipu-uer e do sumo sacerdote Amen-hotep sejam investigadas pelo meu senhor Amerotke, juiz supremo da Sala das Duas Verdades. — Os seus olhos orlados a kohl piscaram gentilmente. — Deverá apresentar-se directamente a mim. Eu e os meus conselheiros reunir-nos-emos agora com ele nos meus aposentos privados.

— E os outros assuntos? — inquiriu Rahimere.

— Que outros assuntos? Não há mais nada, grão-vizir, que não possa esperar até amanhã. Comandante Omendap, os regimentos estão às portas de Tebas?

— Estão o de Isis, o de Osíris, o de Hórus e o de Amon-Ré — informou-a ele. — Mas o de Set e o de Anúbis encontram-se num oásis a sul. — Omendap brincou com a pega do machado de prata. — O grão-vizir Rahimere, contudo, tem o comando das forças mercenárias que guardam a cidade de Tebas. Creio — acrescentou Omendap matreiramente — que estão acampadas nos prados e campos da Casa da Prata, bem como nos do Templo de Amon-Ré.

— Estão, sim — interveio Rahimere —, a fim de proteger a cidade durante estes tempos conturbados.

Hatusu apertou os lábios e agitou a cabeça.

— Para a protecção de todos nós, grão-vizir?

— Sim, minha senhora, para a protecção de todos nós.

O resto do conselho real mostrou-se desassossegado, fingindo ajustar as túnicas ou pegando em coisas que estavam sobre as mesas. Mesmo assim, todos sabiam que o poderio armado do Egito estava reunido em torno da cidade. As espadas estavam a ser desembainhadas. Era apenas uma questão de tempo e oportunidade até elas serem usadas, o conselho real dividido e o reino e o império lançados numa guerra civil.

— Talvez fosse melhor — sugeriu Bailetos, com o seu rosto gordo e oleoso aberto num sorriso — mostrar o divino faraó às forças armadas, levando-o em procissão solene pela cidade. Os sacerdotes de Amon e os mercenários forneceriam uma guarda eficiente.

Hatusu devolveu-lhe o sorriso, com o lábio superior contraído como o de um cão prestes a rosnar. Olhou para Rahimere e Bailetos, tentando acalmar a turbulência que lhe ia no coração. «Já sei o que queres», pensou ela. «Assim que o rapaz estiver fora do palácio, os mercenários e os sacerdotes de Amon levá-lo-ão para outro lado.»

— O divino faraó... — Fez uma pausa. — O divino faraó tomará o pedido em consideração, mas é muito jovem e há doenças na cidade. Acho que será melhor que fique na Casa de Adoração. Contudo, terei em atenção o teu conselho, senhor chefe dos escribas. Os deuses sabem que vivemos tempos conturbados. Comandante Omendap, quero que envies uma brigada para os terrenos do palácio real: o seu comandante apenas responderá perante mim.

Omendap olhou ansiosamente para trás, prestes a recusar. Hatusu estalou os dedos e Senenmut, empurrando a mesa, atravessou a sala e atirou um rolo de papiro para as mãos do comandante. Omendap abriu-o, viu o selo real e beijou-o.

— Não é um desejo meu — acrescentou Hatusu docemente —, mas sim do divino faraó. A sua palavra foi proclamada.

Omendap fez uma vénia.

— Os desejos do divino faraó serão executados — respondeu ele de imediato. — Naturalmente, visitarei todos os dias o palácio para me assegurar de que as minhas tropas estão a gozar de boa saúde.

— É sempre bem-vindo, comandante! — Hatusu sorriu. — Meus senhores. — E com aquelas palavras Hatusu abandonou o conselho real com Senenmut e Sethos atrás dela.

A reunião do conselho foi imediatamente suspensa. Amerotke reparou na quantidade de pessoas que se reuniam, a murmurar, em torno de Rahimere. Omendap manteve-se afastado, mas dois dos seus comandantes foram imediatamente atraídos para a conversa por Bailetos.

«Será a guerra civil», pensou Amerotke. «Hatusu e Rahimere odeiam-se. Um deles terá de morrer.»

Se as tropas estivessem em combate, ele sabia o que aconteceria. As multidões, as gentes enraivecidas que se amontoavam nos bairros junto ao cais,

iniciariam os motins. «Mandarei Nor-fret e as crianças para outro lado», decidiu ele. «Enviá-los-ei para norte, a fim de pedirem protecção nos santuários dos templos de Mênfis. Se as espadas forem desembainhadas, não haverá lugar para justiça em Tebas.»

— Meu senhor Amerotke?

Olhou para cima. Um servo estava perto da porta, acenando. Amerotke teria ignorado tamanha falta de cortesia, mas Rahimere e o resto dos membros estavam a olhar para ele; portanto seria necessário tomar uma decisão. Se se fosse embora, tornar-se-ia inimigo de ambas as facções. Se ficasse ali, Hatusu rejeitá-lo-ia e, se fosse, Rahimere marcá-lo-ia como partidário de Hatusu. Olhou para Omendap. O comandante fez um movimento com os olhos na direcção da porta. Amerotke puxou a cadeira para trás e seguiu o servo.

Neit: uma antiga deusa associada à caça e ao armamento.

CAPÍTULO 8

Amerotke seguiu o servo pela galeria. As paredes de ambos os lados estavam decoradas com enormes frescos que representavam as vitórias do Egito sobre os seus inimigos. As quadrigas, pintadas a azul e ouro, avançavam sobre os Núbios, os Líbios e os guerreiros da terra de Punt. Os asiáticos olhavam em estado de choque e aterrorizados para a glória do faraó e para o poder do Exército egípcio. Ao longo das orlas das pinturas viam-se palavras de louvor.

«Ele estendeu o braço. Ele, o Falcão Dourado de Hórus, caiu sobre os inimigos. Partiu-lhes o pescoço, esmagou-lhes as cabeças, tirou-lhes o ouro e tesouros e fez a terra tremer ao ouvir o seu nome.»

Amerotke perguntou a si próprio se as inscrições seriam um epitáfio à glória do Egito. O menino faraó em casa, um conselho real dividido, e agora irrompera um ódio assassino entre os que governavam Tebas.

O servo continuava a caminhar à sua frente e, depois, virou à direita. Os guardas que estava à porta usavam as vestes cerimoniais: toucados às riscas vermelhas e brancas, corseletes de bronze e saíotes de couro. Os soldados, pertencentes a um dos regimentos de elite, estavam de pé com as espadas desembainhadas e os escudos colocados no braço. Quando o servo falou ao ouvido de um deles, as portas abriram-se e Amerotke foi introduzido nos aposentos privados de Hatusu, que estavam frescos e bem iluminados. Sombras em cor pastel nas paredes proporcionavam um alívio bem-vindo por oposição às cenas de guerra que se viam no exterior. O ar estava pesado com o odor a cássia, incenso e aos perfumes mais fragrantes das flores envasadas ou grinaldas que se viam por toda a parte. Os aposentos, escassamente mobilados, exibiam lindas figuras de ouro e prata, cadeiras e bancos de madeira polida incrustados a ébano e marfim.

O servo deixou-o na antecâmara e passou por uma pequena porta lateral. Amerotke tentou descontraí-lo, admirando as pinturas de pescadores do Nilo que lançavam redes e de ágeis dançarinas com as suas cabeleiras espessas e ricamente adornadas e sinuosos corpos nus. Com o movimento das chamas, os corpos pareciam mover-se graciosamente, levantando os seus sistros e batendo palmas numa dança eterna.

— Meu senhor.

O servo chamava-o imperiosamente. Amerotke seguiu-o para a câmara e controlou o seu espanto. Era um quarto pequeno e as pinturas das paredes ficavam ocultas porque havia apenas dois candeeiros de ambos os lados da

cadeira que se assemelhava a um trono, colocada sob um dossel de pano de ouro. Hatusu estava sentada com as mãos sobre os braços esculpidos em forma de leopardos a rosnar. Os pés repousavam num escabelo coberto a pano de ouro, retratando a deusa Maet sentada em vitória sobre um dos terríveis demônios do mundo inferior. À esquerda e à direita de Hatusu encontravam-se Sethos e Senenmut.

Amerotke tinha a certeza de que Hatusu escolhera os seus aposentos para transmitir o sentido do seu próprio poder real. Se estivesse a usar a coroa azul ou a coroa dupla e segurasse o bastão e o mangual, pareceria igual ao próprio faraó, sentado em julgamento. O rosto mudara e já não se mostrava suave e sedutor. Agora, os seus maxilares estavam tensos de fúria e os olhos abrasadores. Amerotke olhou para Sethos e, depois, ajoelhou-se. Não estava a conceder-lhe mais dignidade do que aquela que merecia, mas, no entanto, recordou-se do aviso de Omendap. Hatusu decidira tornar claro quem era a regente. Secretamente, perguntou a si próprio se ela não queria também ser faraó.

— Sua Alteza — disse Amerotke firmemente. — Chamas-te-me à tua presença.

— Se não quiseses ficar, meu senhor Amerotke, podes retirar-te!

A voz de Hatusu soava tensa e entrecortada. Amerotke suspirou e levantou-se, cruzando os braços em frente ao peito. Os olhos de Sethos pareciam agora velados. Abanou imperceptivelmente a cabeça, avisando Amerotke de que tivesse cuidado com as palavras. Amerotke sentiu a rebelião no ar.

— Sou o juiz supremo da Sala das Duas Verdades — afirmou ele. — Represento a justiça do faraó.

— Sempre foste inflexível. — Hatusu inclinou-se para a frente a sorrir. — Lembras-te, Amerotke? Costumavas ser um... um pouco ga... ga... go — imitou ela. — Lembras-te?

— Lembro-me da maneira como brincavam comigo, Alteza. Como me poderia esquecer? Tu e o teu gato de estimação. Cinzento, não era? Com olhos suaves e garras afiadas. Por vezes era difícil distinguir os dois: o animal ou a dona.

A respiração de Sethos tornou-se audível, mas Hatusu surpreendeu-o. Um brilho endiabrado surgiu-lhe no olhar.

— Nunca tiveste papas na língua, Amerotke. Superaste a tua gaguez, mas tens o mesmo rosto misterioso, a mesma paixão pela senhora Norfret e a mesma determinação pela justiça. Nunca te cansas?

— Sua Alteza! Fui treinado na corte de teu pai. Como tal, se me sentir cansado, tenho a boa educação de o esconder.

Amerotke sentiu raiva. Teve dificuldade em controlar a respiração. Quis passear de um lado para o outro, dando largas à ira. Simultaneamente, sentiu-se infantil. Estaria zangado ou simplesmente assustado?

— Certas pessoas diriam que és impertinente — declarou Senenmut. Estava inclinado para o lado com um braço sobre o trono. Acariciava-o de tal modo que Amerotke perguntou-se se o homem de confiança de Hatusu não o queria para si próprio.

— Como? — Amerotke inclinou a cabeça como se não estivesse a perceber as palavras de Senenmut.

O superintendente dos trabalhos reais mexeu a mão, tam-borilando com os dedos na coxa.

— Meu senhor Amerotke, certas pessoas chamar-te-iam impertinente — proferiu ele novamente.

— De qualquer modo, senhor, muitas pessoas diriam talvez que temos muitas coisas em comum.

Hatusu riu-se e pôs-se de pé. Avançou e encostou-se a Amerotke com o rosto levantado para ele. A luz das lamparinas, Amerotke sentiu como se tivessem recuado nos anos e ele fosse de novo o rapaz sempre atazanado por uma pequena fedelha da família do faraó. Quando ela pressionou o corpo contra o dele, Amerotke sentiu o odor dos perfumes e óleos adocicados e preciosos que vinha das suas vestes e do seu corpo. Ela beijou-o na face e caminhou elegantemente de volta ao trono, onde se sentou com um sorriso petulante nos lábios.

— O que queres, Amerotke?

— Ser deixado em paz.

— Não. Como juiz supremo?

— Vida, saúde e prosperidade para o divino faraó. Paz na sua casa.

— Amerotke — interrompeu Sethos. — Não te armes em inocente conosco. Para ser franco, foi traçada uma linha. De que lado estás?

Amerotke ergueu as sobrancelhas.

— Receio, senhor, estar no mesmo sítio em que estava antes de ser traçada a linha.

— És um mentiroso! — interrompeu Senenmut. Amerotke deu um passo em frente e Senenmut levantou as mãos.

— Peço desculpa! Retiro o que disse. És muitas coisas, Amerotke, mas não és mentiroso. De facto, a não ser que sejas louco, acho que és um homem íntegro. — Sorriu de través. — Um pouco ingênuo, bastante intransigente. Mas... e se o reino resvala para a guerra civil?

— Apoiarei o faraó contra os seus inimigos — respondeu Amerotke.

— E quem são os inimigos do faraó? — perguntou Hatusu com uma voz alta e estridente. Esticou o braço e abriu a mão.

Amerotke viu o selo real do jovem faraó, os inegáveis hieróglifos que mostravam o deus Tot, o deus da sabedoria, o nome real do faraó e a coroa dupla do Egito.

— Então? O que diz a lei? — exigiu ela saber.

— Quem possuir a carteia, o selo do Egito — replicou Amerotke —, manifesta o poder divino de Amon-Ré.

— Sou eu que a possuo — disse ela. — Aqueles conselheiros loucos pensam que o meu enteado me odeia e rejeita. Não é assim!

Amerotke inclinou-se e beijou a carteia.

— O que queres de mim, Alteza? — Apontou para Sethos. — Ali está o delegado real, os olhos e os ouvidos do faraó. Se se devem procurar inimigos...

— Ah! Então é isso! — Hatusu sorriu. — Achas que estás aqui para ser o cão do faraó, para ladrar e mostrar os dentes? — A sua voz tornou-se contundente. — Apenas quero a investigação destas mortes.

— Porquê?

— Porque o assassino pode ter decidido destruir qualquer um de nós nesta câmara.

— Porquê? — repetiu Amerotke deliberadamente.

— O faraó ainda é uma criança — afirmou Sethos. — Talvez haja um membro do conselho real que julgue poder caminhar através de um mar de sangue para controlar o trono do Egito.

— Acho que não — contestou Amerotke. — Sua Alteza! Crê que as mortes estão ligadas com a de teu esposo. Foi o primeiro a perecer. Imediatamente, quando regressou a Tebas, e as outras mortes vieram logo a seguir.

— Mas porquê? — perguntou Hatusu.

Amerotke arrependia-se agora da sua hostilidade inicial. Hatusu parecia vulnerável, desconfiada e tinha os olhos plenos de medo. «Ela sabe alguma coisa», pensou Amerotke.

— E se apanhares o assassino? — proferiu Senenmut.

— Se eu apanhar o assassino, teremos o autor do crime, a causa e o motivo. No entanto, será uma tarefa difícil. Se eu comesse pela morte do divino faraó, teria de considerar o capitão Meneloto inocente.

— Aceitas a minha incumbência? — insistiu Hatusu.

— Aceito.

— E prestar-me-ás contas directamente?

— Se Sua Alteza assim o deseja. Mas se eu aceitar esta tarefa, minha senhora, tenho de começar o meu interrogatório por si.

Hatusu reclinou-se na cadeira.

— Mas... — A sua indecisão foi genuína. Sorriu, zombando de si própria. — Não sei nada. Recebi o divino faraó nos degraus do Templo de Amon-Ré. Entrámos juntos. Tombou e morreu nos meus braços.

— E não disse nada? Ela abanou a cabeça.

— Não disse nada!

«Ela está a mentir», pensou Amerotke. Olhou para Senen-mut e perguntou a si próprio o que é que ele saberia.

— Eu encontrava-me no meio da multidão no exterior do templo — declarou Senenmut. — Não fazia parte da comitiva do divino faraó.

— Eu ainda estava mais longe — brincou Sethos. — Na cidade, a supervisionar a multidão que se juntava perto do cais.

— O divino faraó morreu ao meio-dia — continuou Amerotke. — O que aconteceu então, minha senhora?

— A carne dourada do divino faraó foi levada para o templo mortuário mais próximo. Foi chamado um médico.

— Qual? Foi o Piai? — perguntou Amerotke.

— Não, não. Foi um velho da Casa de Vida. Procurou a pulsação vital no pescoço e peito e colocou-lhe um espelho junto aos lábios. Disse que a sua alma partira.

— E depois o que aconteceu?

— Houve consternação e instalou-se o caos lá fora. — Hatusu encolheu os ombros. — Os prisioneiros tinham sido executados. Sinais e maus presságios no pátio: pombas tinham caído dos céus.

— Ah, sim. Ouvei falar disso. O que aconteceu? Hatusu fez uma expressão carrancuda.

— Algumas pessoas dizem que foi um mau presságio. Outras, que os caçadores tinham ferido as aves. Voavam por cima da cidade, mas a tentativa de sobrevoar os muros do templo fora demasiado para elas.

— Foi feita alguma busca? Procuraram os caçadores? Havia outras aves? Hatusu abanou a cabeça.

— Não sei. Fiquei com o cadáver do meu marido no templo mortuário até depois do pôr do Sol. Não conseguia acreditar que ele estivesse morto. Não era capaz de aceitar que ele tivesse viajado para o Horizonte Longínquo. Pensei que se tratava de um erro tremendo.

— Mas as pessoas entraram para a ver?

— Algumas. O Rahimere, o comandante Omendap e outros membros do conselho real. Fizeram-me perguntas das quais já não me lembro.

Amerotke assentiu com a cabeça. O que Hatusu lhe dissera fazia parte do protocolo da corte. Um faraó tinha morrido, a rainha choraria sozinha. O processo de embalsamamento, a preparação do corpo para o ritual do funeral real, apenas começaria depois do crepúsculo.

— E o Piai foi chamado nessa altura?

— Eu despi o corpo — respondeu ela. — A coroa do divino faraó caíra, mas fora trazida para dentro do templo mortuário com ele. Retirei-lhe o saiote, a couraça, o peitoral e as sandálias e cobri o corpo com um lençol de linho. Depois do crepúsculo, o Piai e os embalsamadores vieram buscar o cadáver.

— E depois é que foi descoberta a mordedura da víbora?

— Sim! Na perna esquerda do faraó, mesmo acima do calcanhar.

— Quem foi o primeiro a vê-la?

— O Piai. Tinha a idéia ridícula de que o faraó estava em transe profundo. — Hatusu abriu os dedos. Viu a luz a reflectir-se nos anéis esculpidos em forma de serpentes. — O resto já sabes. Chamei o Sethos, que se encontrava de serviço. Ordenou que as tropas fossem até à barca real. A víbora foi encontrada, enrolada por baixo do trono real. Tão pequena, mas causadora de um tão grande caos.

— E por que razão o Meneloto foi acusado?

— Meu senhor Sethos aconselhou que tal não fosse feito — replicou Hatusu. — Eu estava desfeita, furiosa. Acreditava piamente, e ainda acredito, que a negligência do Meneloto custara a vida ao faraó.

— Eu teria dado o mesmo conselho que o Sethos — ros-nou Senenmut. — Mas, na altura, ninguém me pediu opinião.

A mão de Hatusu deslizou pelo braço da cadeira e as costas dos dedos roçaram o joelho de Senenmut.

— O Meneloto foi colocado sob prisão, mas em sua casa — afirmou ela. — E o caso foi levado ao teu tribunal.

— O Meneloto já foi procurado? — perguntou Amerotke.

— Já foram enviados espiões e batedores, mas, na minha opinião, ele poderá estar com os habitantes do deserto ou com os trogloditas das Terras Vermelhas.

Sethos levantou-se e puxou um banco para a frente, fazendo um gesto para que Amerotke se sentasse. O juiz assim fez. Sentia-se desconfortável, mas, ao mesmo tempo, secretamente contente. «É nisto que eu sou bom», pensou ele, «a resolver , problemas e a avaliar as provas. Mas será tudo verdade? E, se eu puxar o fio do novelo, qual a quantidade que se desenrolará e até onde irá?»

— O Meneloto é um grão de areia — disse Senenmut, I mostrando repugnância. — Quer vinho, meu senhor Amerotke?

O juiz abanou a cabeça.

— Bebi o suficiente no banquete.

— Na sala do conselho... — começou Sethos. — Insinuaste, Amerotke, que a visita do faraó à pirâmide de Sakara foi significativa. Decerto que essa idéia não te veio do ar.

— Não me veio do ar — replicou Amerotke. — Lembra-te de que, antes do julgamento do Meneloto, eu li os testemunhos e depoimentos. Nada de notório aconteceu depois das grandes vitórias do faraó no Delta. Foi algo que o Meneloto disse na sua confissão ao tribunal. A maneira como o faraó rejubilara com as vitórias... Porém, depois de Sakara, ficou mais calado e distante. Também foram feitas referências à reunião do conselho real.

— É verdade — concordou Sethos. — No entanto, após o regresso do faraó à Glória de Ré, eu e outros fomos enviados à frente para Tebas.

— Sua Alteza e minha senhora... — Amerotke sorriu. — Por que razão o divino faraó parou em Sakara? Não foi, com certeza, apenas para ver as pirâmides!

— Numa carta que me mandou — informou Hatusu —, escrita logo após a sua vitória, disse ter recebido uma carta, uma missiva especial do Neroupe, chefe dos guardiães e sacerdote dos templos funerários em torno das grandes pirâmides em Sakara. O Neroupe era um dos servidores mais leais de meu pai.

— Já ouvi falar do nome — disse-lhe Amerotke. — Um estudioso. Estava a escrever a história do passado do Egito. Conheci-o uma vez na Sala da Luz no Templo de Maet.

— O Neroupe adoeceu — continuou Hatusu. — Era um homem muito idoso. Na altura em que o divino faraó chegou aos templos mortuários em Sakara, o Neroupe já estava morto.

— O que aconteceu?

— A barca real foi levada para a margem — continuou Sethos. — O comandante Omendap poderá confirmar esses pormenores. O divino faraó viajou para o interior.

— Foste com ele?

— Não! Fiquei com o vizir, Bailetos e os outros na barca real. O divino faraó pedia-me sempre que vigiasse os seus altos funcionários.

— E depois?

— O divino faraó foi sozinho. Não! — Hatusu levantou a mão. — Foi acompanhado pelo Ipu-uer, pelo Amen-hotep e por um destacamento da guarda real, composto por não mais de cinco homens. Estiveram três dias em Sakara.

— E o Meneloto? Sethos fez uma careta.

— Sim! O Meneloto também foi. Era seu dever guardar o faraó. Segundo sei, pouco aconteceu. O divino faraó ficou em casa do Neroupe. Visitou os templos, os santuários e os túmulos dos seus antepassados. Depois, regressou à barca real.

— E ele contou a alguém o que tinha acontecido? Sethos abanou a cabeça.

— No dia seguinte, fui despachado numa barca para Tebas.

Trouxe cartas para Sua Alteza e alguns membros da família. Eu e outros recebemos ordens para preparar a entrada em Tebas do divino faraó.

Amerotke cruzou os braços. Recordou-se de Sakara, dos seus grandes túmulos e mausoléus construídos há centenas de anos como monumentos, sinais do poder e glória do Egito. Agora, desde que a corte real se mudara para Tebas, tornara-se um local desolado e em ruínas, perdido entre os campos verdes do Nilo e as areias escaldantes das Terras Vermelhas. Apoderou-se dele uma

sensação de orgulho, pois tinha razão: Tut-més, Ipu-uer e Amen-hotep haviam todos visitado aqueles santuários. Todos tinham morrido enquanto Meneloto enfrentara acusações muito graves e acabara por desaparecer. Ou teria sido morto? Mas quem estaria por trás de tudo aquilo? Rahimere e a sua facção? Ou Hatusu e Senemut? Seria este amante de Hatusu? Teria a sua ligação começado quando o divino faraó andava a combater os inimigos do Egípto?

— Minha senhora?

Hatusu falava em voz baixa com Senemut. Virou-se.

— Sim, meu senhor Amerotke? Pensei que tinhas adormecido.

— O divino faraó escreveu-te? Ou, nos poucos minutos em que estiveram juntos no Templo de Amon-Ré, confidenciou-te que alguma coisa o perturbava?

— Recebi uma carta logo após ele ter saído de Sakara — informou Hatusu. — Proclamava as suas grandes vitórias. Continha mensagens para mim e para o filho. Dizia como estava ansioso para voltar para Tebas. — Manteve a sua pose para esconder a mentira. — Nada mais!

— E agora? — perguntou Senemut com aspereza. — Meu senhor Amerotke, nós queremos que investigue todas estas mortes. Sobre a do Ipu-uer, sabe tanto como nós. O homem enfiou a mão no saco e foi mordido por uma víbora. Não sabemos como tal aconteceu. A do Amen-hotep... — Abriu as mãos. — É um assunto que deverá deslindar. Tem a nossa autorização para agir.

Senemut, raciocinou Amerotke, estava a utilizar as palavras «nossa» e «nós» como se fosse agora o grão-vizir de Hatusu, o seu principal ministro de Estado. Olhou para Hatusu, que sustinha friamente o seu olhar. «Eras uma sirigaita malandra», pensou Amerotke, «e, na minha arrogância, enganei-me a teu respeito. És mais perigosa e subtil do que eu pensava. Há coisas que não estás a dizer-me. Não queres realmente que eu investigue. É simplesmente um pretexto, um gesto público. O verdadeiro jogo será levado a cabo aqui no palácio. Assim que assumires o poder, nada mais te interessará. E, se falhares, o que é que importará?»

— Tem a nossa autorização para se retirar.

Amerotke levantou-se, fez uma vénia e abandonou a câmara de Hatusu, entrando na Sala das Colunas, agora vazia. As almofadas e cadeiras tinham sido empurradas para trás, as taças e pratos ainda se encontravam sobre as mesas. Olhou para o terraço e reparou que já estava escuro. Do exterior, ouviu o tinido dos guardas armados. Esperou que Norfret estivesse em casa e pensou se iria ter com ela. Lembrou-se da cabeça cortada de Amen-hotep e, é claro, de que o bom Chufoi estaria perto dos portões à sua espera.

— Meu senhor Amerotke.

O juiz, assustado, reparou em Omendap, que se ocultava nas sombras, quase escondido atrás de uma coluna.

— Nunca pensei que fosse gato, comandante — disse Amerotke enquanto fez uma vénia —, para irromper furtivamente das sombras. O que está a fazer? À minha espera ou de um encontro a sós com a senhora Hatusu?

Omendap agarrou nervosamente no machado de prata, símbolo do seu cargo, passando-o de uma mão para a outra. Pegou no cotovelo de Amerotke, empurrando-o gentilmente em direcção à porta.

— Já decidi que facção vai apoiar, meu senhor Amerotke?

— Não, ainda não. Devo investigar as mortes, incluindo as dos seus comandantes.

À porta, Omendap parou.

— Aqui estamos seguros — sussurrou ele. Bateu na porta. — A madeira é grossa e estamos suficientemente distantes de qualquer espião que ande no terraço ou no jardim.

— O que tens para me dizer?

— As tuas palavras sobre a viagem do divino faraó a Sakara. Estivemos lá cerca de três dias. Sabes disso, não sabes? Bom — apressou-se ele —, quando Ipu-uer regressou, perguntei-lhe o que tinha acontecido. O Ipu-uer nada me disse à excepção do facto de o faraó ter saído de noite. O Ipu-uer ficou. Só o Amen-hotep e o Meneloto o acompanharam.

— O comportamento do Meneloto e do Ipu-uer mudou depois do regresso do faraó?

Omendap abanou a cabeça.

— Estou a falar contigo de homem para homem, Amerotke. O divino faraó sofria de epilepsia. Tinha visões e sonhos. Eu sou um soldado. Combato os seus inimigos e ele pode fazer o que quer. Se quer sair à noite para fazer sacrifícios ou orar à luz das estrelas, é problema dele.

— Então por que razão o Ipu-uer teve de morrer?

— Não sei. E é por isso que estou aqui. Ele era um dos meus comandantes. Corajoso como um leão. Leal e altruísta. — Os olhos de Omendap encheram-se de lágrimas. — Deveria ter morrido de espada na mão e não mordido por uma serpente como uma velha na sala do conselho!

— E é só isso que tens para me dizer? — perguntou Amerotke, acautelando a possibilidade de ser arrastado para alguma conversa traiçoeira.

— Não. Vim só dizer-te duas coisas. — Omendap mordeu os lábios. — Ou melhor, três. — Puxou Amerotke para tão perto de si que ele conseguia cheirar o hálito a cerveja. — E, antes de o fazer, meu senhor Amerotke, deixa-me que esclareça que a minha lealdade e a dos meus homens ainda está dividida. Contudo, se o assassino do Ipu-uer for descoberto, tomaremos uma decisão. E se as coisas chegarem a derramamento de sangue... — Omendap bateu com o machado de prata no peito de Amerotke — nenhum alto funcionário nem conversas agradáveis à mesa de jantar salvarão seja quem for.

— Disseste-me que tinhas duas coisas para me contar — respondeu Amerotke friamente. — Depois, mudaste para três. Meu senhor comandante, estou com pressa.

— Não era minha intenção ameaçar-te.

— Não pensei que fosse. Três coisas?

— Primeiro, o Ipu-uer não mudou após a sua visita a Sakara, mas o Amen-hotep, sim. Raramente ia às reuniões do conselho real. Quando ia, apresentava-se sujo e mal arranjado. Houve uma ocasião em que pensei que estava bêbedo. Em segundo lugar, o Ipu-uer não me falou de mais nada a não ser disto.

Omendap abriu o pequeno saco de couro que tinha pendurado na faixa. Retirou uma pequena figurinha vermelha e entregou-a a Amerotke. O juiz levou-a para debaixo de um dos candeeiros de alabastro e observou-a cuidadosamente. Não tinha mais do que um palmo de altura. Uma figura de homem, de um prisioneiro com as mãos amarradas atrás das costas com uma fita vermelha, e o mesmo em volta dos tornozelos de barro.

— As fitas vermelhas do deus da guerra Montu — observou Amerotke.

— Sim, é verdade — respondeu Omendap. — Como quando os sacerdotes atam os tornozelos e pulsos dos cativos antes de serem mortos.

— Feitiçaria. O trabalho de um homem dos escorpiões ou vendedor de amuletos.

— É uma oferta — explicou Omendap. — Um aviso do Set vermelho, o deus da destruição. Não é só barro. Provavelmente, é lama tirada de uma sepultura misturada com sangue menstrual e dejectos de mosca. Uma oferenda a um demônio.

— E o Ipu-uer recebeu isto?

— Não! Algo parecido! — Omendap deitou a mão à figura. — Esse é o terceiro assunto! Quando entrei no palácio esta noite, esta obscenidade foi-me metida na mão!

— Sabes a razão por que foi mandada?

— Não. — Omendap guardou a figurinha. — Mandá-la-ei destruir no fogo sagrado. Servirá de muito... — Engoliu com dificuldade. — É uma praga tão antiga como o Egipto, um chamamento do Anjo da Morte!

Isis: a principal deusa do Egipto, freqüentemente representada como uma jovem mulher com o hieróglifo para trono.

CAPITULO 9

Amerotke deixou Omendap e saiu da sala do palácio real, descendo para o grande pátio. Os mercenários faziam patrulhas, usando a sua armadura característica. Os Shardanas com os seus rostos magros e astutos, usando elmos com a forma de chifres. Os Dakkaris com os seus toucados às listas e escudos redondos presos nos braços. Os Radus de capas longas e cintos bordados, com brincos e colares a brilhar à luz das tochas e as peles escuras cobertas de tatuagens azuis. Os Shiries armados com curtos arcos de corno. Os Núbios, negros como a noite, com os seus saiotes de pele de leopardo e toucados emplumados. Todos estavam indolentemente reclinados em pórticos ou ao lado dos muros com as armas empilhadas a seu lado. Olharam, carrancudos, para Amerotke quando este abriu caminho entre eles, mas Amerotke sorriu-lhes, pedindo desculpa. Os mercenários olharam para o peitoral e o anel símbolo do cargo e afastaram-se relutantemente.

A tensão era tangível. As tropas regulares estavam sob as ordens de Omendap e iniciariam a marcha quando ele desse sinal. Todavia, aqueles mercenários eram controlados por Rahimere, que matreiramente os fazia avançar, colocando-os cada vez mais próximo do palácio. Enquanto as tropas regulares permanecessem leais, os regimentos dos guardas e os esquadrões de quadrigas, aqueles mercenários, que só combatiam por lucro, não levantariam um dedo.

Amerotke chegou aos portões e olhou para trás. Se Rahimere atacasse, racionou ele, o palácio seria ocupado. Espalhar-se-ia a revolta. Os pobres sairiam das suas colmeias junto ao cais. E que poderia ele fazer? Não haveria justiça para administrar e a população decerto atacaria as casas e mansões que ficavam fora da cidade. Nada seria poupado. Amerotke pensou nos amigos que tinham em Mênfis ou até nos comandantes das guarnições aquarteladas pelo Nilo abaixo. Era preciso fazer planos.

Amerotke abandonou o recinto do palácio e entrou na grande alameda que se estendia à sua frente. Archotes a arder amarrados a estacas faziam recuar a escuridão, ampliando a luz da lua cheia que parecia um disco de prata no céu negro-azulado da noite. Ali não se sentia qualquer animosidade. As multidões da meia-noite, como era habitual, estavam mais preocupadas com a troca de gêneros e com os negócios, tirando vantagem do bom tempo e da boa colheita que prometia. Um grupo de sacerdotes de túnicas brancas passou por ele, com o estandarte de Amon-Ré erguido à sua frente. Eram escoltados por alguns dos

mercenários. Amerotke parou para deixar passar uma procissão fúnebre. A família que perdera o seu gato de estimação tinha, como ditava a tradição, rapado as sobancelhas e, naquele momento, transportava o animal mumificado num sarcófago até ao rio Nilo para o conduzir à necrópole de gatos de Bubástis. A família contratara carpideiras profissionais que espalhavam cinzas sobre as suas cabeças e iam à frente da procissão fúnebre, levantando nuvens de pó e atirando-o sobre eles. Lamuriavam incessantemente a sua triste perda e oravam aos deuses para que o gato viajasse para ocidente e acabasse por se reunir no paraíso com os seus donos.

Amerotke olhou à sua volta à procura de Chufoi. A sua atenção desviara-se para um grupo de escravos reunido sob uma oliveira: recentemente comprados pelo seu proprietário, encontravam-se agora a ser marcados na testa com pó negro esfregado em cada ferida aberta. Os escravos estavam bem seguros. O seu dono ignorava os gritos de dor. O pó fazia com que as cicatrizes nunca sarassem, ficando assim marcados como propriedade sua para toda a vida. Amerotke afastou o olhar. Odiava tais processos. Não havia necessidade disto, e esta era uma convicção que crescia ainda mais quando se recordava do rosto desfigurado do pobre Chufoi. Um grupo de prostitutas passeava lentamente com tinta vermelha esfregada nas faces e os olhos mais brilhantes com anéis de tinta verde e kohl. Usavam túnicas brancas transparentes que deixavam pouco à imaginação e as suas perucas ensopadas em óleo abanavam provocantemente. Uma delas olhou para Amerotke e parou. Fez um movimento obsceno com as mãos, atraindo-o para si, mas Amerotke abanou a cabeça. As prostitutas teriam insistido, mas alguns jovens, provavelmente sacerdotes com as cabeças rapadas disfarçadas com chapéus de palha, avançaram sem pressas e atraíram-nas com conversa. As prostitutas afastaram-se com guinchos altos e risos estrepitosos enquanto negociavam o entretenimento de uma noite numa casa de prazer qualquer.

A grande praça do mercado estava cheia de comerciantes e vendedores ambulantes, marinheiros, funcionários dos nomarcas que vinham prestar contas. Fora aberta uma barraca de comida. Gazelas e ibex frescos, trazidos pelos caçadores, tinham sido esventrados e limpos e estavam agora a ser amontoados em tiras em cima de uma grelha sobre carvão em brasa. O cheiro adocicado espalhava-se pelo ar da noite, escondendo os outros odores mais desagradáveis que vinham das latrinas públicas e dos pedintes, sentados sobre os seus próprios excrementos, olhando à sua volta sem nada ver, dedos ossudos a pedir sustento e esmolas. Um grupo de cantores pertencentes à Casa de Canções de um templo qualquer abriu caminho, entoando um hino a um deus do qual Amerotke nunca ouvira falar. Os seus cânticos foram rudemente interrompidos por uma briga furiosa entre um encantador de serpentes e um fornecedor de aves canoras. Aparentemente, uma cobra-capelo fugira do cesto, entrara numa das gaiolas e,

metendo a longa língua através das grades, matara um pássaro e arrastara-o sem o dono se dar conta, até ser demasiado tarde. Ambos os homens começaram a empurrar-se um ao outro. Um caiu aos trambolhões, deitando ao chão um dos cantores. Teria havido uma briga grave se a guarda não tivesse aparecido, distribuindo pauladas a torto e a direito.

Amerotke, praguejando em silêncio, continuou à procura de Chufoi. Surgiu mais um bando festivo de bêbedos. Moviam-se de uma casa para outra, levando à sua frente o sarcófago de uma múmia pertencente a um antigo amigo que desejavam homenagear. Viram Amerotke ao longe e tentaram atraí-lo, mas o juiz supremo ignorou-os. Um deles gritou qualquer coisa em voz rouca, cambaleando na direcção de Amerotke, babando-se e de punhos cerrados. Um guarda, que reparara no selo do cargo de Amerotke, entrepôs-se e afastou gentilmente o homem para junto dos seus companheiros.

— Posso ajudá-lo, senhor? — O guarda voltara para trás, batendo com o bastão na perna nua. Estreitou os olhos. — És o senhor Amerotke? Juiz supremo da Sala das Duas Verdades? — Inclinou a cabeça. — Não devias estar aqui. É noite de pândega. — Reparou na expressão espantada de Amerotke. — Uma festa em honra do deus Osíris — explicou o guarda.

Amerotke suspirou.

— Sim, sim — desculpou-se ele. — Esqueci-me. Estou à procura de... — Fez uma pausa. — Bom... do meu servo. É um anão. O Chufoi. Tem o rosto desfigurado. Ele...

— Não tem nariz. — O jovem guarda sorriu. — Um vendedor de amuletos? — Apontou para a extremidade da praça do mercado. — Está ali a fazer um negócio fantástico!

Amerotke agradeceu e abriu caminho através da multidão. Havia mais árvores naquela parte da praça: algumas acácias, oliveiras e bastantes palmeiras, com os ramos estendidos, fornecendo conforto e sombra durante o dia e um ponto de reunião útil à noite. Chufoi encontrava-se sob uma dessas árvores com uma capa estendida no chão à sua frente. O pequeno homem, em cima de um barril, autoproclamava-se um grande homem dos escorpiões, um vendedor de amuletos verdadeiros que forneceriam uma protecção segura contra demónios e bruxas, bem como fórmulas mágicas contra inimigos e rivais.

Amerotke ficou a olhar, admirado. O local de negócio de Chufoi estava cheio de mercadoria. Pequenas estátuas do deus anão Bés, selos em forma escaravelho, amuletos cobertos de hieróglifos mágicos, tais como o olho de Hórus, ankhs ou cruces egípcias em madeira, pequenas esteiras da deusa Taueret com orelhas na orla, um sinal certo de que aquela deusa ouviria quaisquer preces. Chufoi mostrava tudo isto, berrando para a multidão impressionada.

— Viajei pelas Terras Negras e pelas Terras Vermelhas! — gritava a poderosa voz do anão. — Trago-lhes sorte! Amuletos e escaravinhos! Altares e

estátuas, todos os símbolos de sorte e protecção contra os demônios. Tenho cera sagrada. — Agachou-se, fazendo uma careta com o seu rosto grotesco. — Põe isto na orelha durante a noite — disse ele a um camponês —, e evitarás que um demônio ejacule no teu ouvido. Tudo isto — entouou ele, levantando-se novamente —, tudo isto vos protegerá das setas de Sekhmet, da lança de Tot, da maldição de Isis, da cegueira causada por Osíris e da loucura infligida por Anúbis!

Amerotke aproximou-se.

— E proteger-te-á a ti — gritou Amerotke — contra as mentiras e os truques dos charlatães?

A transformação de Chufoi foi uma maravilha. Saltou do barril e, num abrir e fechar de olhos, os amuletos, escaravinhos e todas as suas curiosidades foram embrulhados num enorme manto enquanto afastava a multidão. Então, sentou-se no barril e olhou queixosamente para o seu amo.

— Pensei que tinhas ido para casa — gemeu ele. — Levado a tua quadriga e deixado o pobre Chufoi à sua sorte. Um homem precisa de trabalhar. Um homem precisa de laborar... — Chufoi citava um dos ditados dos escribas. — Precisa de laborar do nascer ao pôr do Sol para ganhar o pão com o suor do seu rosto. — Suspirou. — O meu rosto está pálido e a minha barriga vazia. A bolsa está magra e cheia de pó.

— Cala-te! — Amerotke agachou-se à sua frente. — Tens o teu próprio quarto na minha casa, Chufoi. Comes e bebes como um escriba. Tens boa roupa. — Agarrou na capa puída do anão. — Mas insistes em vestir-te como um sírio, encontrado a vaguear no deserto.

Os olhos de Chufoi brilharam quando Amerotke citou o famoso provérbio.

— Também te lembras desse — observou Amerotke. — Mas não esconde a verdade. Qual a razão de tudo isto? — Bateu no saco de amuletos. — Não és um feiticeiro nem um homem dos escorpiões!

— Como é que correu a reunião do conselho? — perguntou Chufoi com a cabeça inclinada e uma expressão sonhadora no olhar.

— Não mudes de assunto! — ordenou Amerotke, irritado. — Onde é que arranjaste todo este lixo? Onde é que o escondes? E onde é que usas os lucros?

— Ontem à noite sonhei — disse Chufoi enquanto se balançava para trás e para a frente. — Sonhei ontem à noite que tinha capturado um hipopótamo e estava a trinchá-lo para comer. Isso significa que tu e eu jantaremos em palácios. Mais tarde sonhei que estava a copular com a minha irmã.

— Não tens irmã — interrompeu Amerotke.

— Sim, mas, se tivesse, seria a rapariga com que sonhei. Isso significa que ficarei rico. Também sonhei, meu senhor, que o teu pénis aumentava e que te

fora oferecido um arco dourado: sinal de que as tuas posses se multiplicarão e terás um cargo importante.

— O Prenhoe! — Amerotke levantou-se e obrigou Chufoi a fazer o mesmo. — É a primeira vez que falas de sonhos. Tens andado a conversar com o Prenhoe, não tens? E onde escondes o saco. Em casa dele! E dividem os lucros. Já perguntara a mim próprio por que razão nunca te apanhara. Porque quando o Prenhoe vai para casa, diz-te que venho a caminho e tu escondes tudo ou ele leva tudo consigo.

Chufoi coçou a sua barba mal feita.

— É um bom negócio, senhor. Não fazemos mal a ninguém e os tempos não são os melhores.

— O que queres dizer com isso? — inquiriu Amerotke.

— Posso não ter nariz, meu amo, mas tenho ouvidos, olhos e um cérebro que se encaracola como uma cobra. Sabe-se em toda a cidade. Vai haver guerra, não é verdade? — Olhou para cima, expectante. — Mas o coração está violento. Pragas invadirão a terra e haverá sangue por toda a parte. Os mortos serão enterrados no rio — continuou Chufoi em voz alta. — E os crocodilos ficarão sobrealimentados com o que levarem.

— Estiveste a beber? — perguntou Amerotke rudemente.

— Só um pouco de cerveja, meu senhor. Amerotke suspirou.

— Eu tomo conta do teu saco de bugigangas. Vai descobrir onde morava o sacerdote Amen-hotep.

Chufoi afastou-se rapidamente, ansioso por uma diversão. Voltou pouco depois, pegou no saco e colocou-o ao ombro.

— Vem comigo, meu amo.

Conduziu Amerotke para fora do mercado e desceram as ruas serpenteantes. De ambos os lados viam-se as casas com paredes de tijolos de lama seca dos camponeses e trabalhadores, com as suas pequenas janelas e portas abertas, homens, mulheres e crianças agachados à volta dos fogos das cozinhas. Levantavam-se à medida que Amerotke passava, ansiosos por vender bugigangas. Chufoi anunciava em voz alta quem era Amerotke e as sombras desapareciam. Atravessaram outra extensão aberta de terreno e caminharam ao longo de um beco estreito e escuro. Ali, as casas eram mais espaçosas, rodeadas por muros altos, protegidos por portões de bronze. Chufoi parou junto a um deles e bateu. Amerotke recuou e olhou por cima do muro. As persianas da casa de três andares estavam fechadas e não se via luz.

— Quem é? — disse a voz de uma mulher.

— O senhor Amerotke da Sala das Duas Verdades! Amigo do divino faraó! — trovejou Chufoi. — Abre!

Os portões abriram-se. Uma mulher idosa, que transportava uma lamparina de azeite num jarro de alabastro, olhou para eles com o rosto húmido

de lágrimas.

— Não tens respeito? — choramingou ela. — O meu amo morreu! Terrivelmente assassinado!

— É por isso que estamos aqui.

Amerotke passou por Chufoi e transpôs o portão. Agarrou na velha pelo cotovelo e conduziu-a através das acácias até à casa principal. Cheirou a fragrância das flores, a doçura da prensa do lagar do vinho, o odor de pão acabado de cozer e o cheiro forte e penetrante de fruta e carne cozinhada.

— O teu amo era um homem rico?

— Era sacerdote do Templo de Amon-Ré — pronunciou a velha com voz tremente. — Capelão pessoal do divino faraó.

Ela secou as lágrimas que manchavam o rosto pintado.

— O que aconteceu? — perguntou Amerotke.

Avançaram para o vestíbulo da entrada. As paredes e os pilares tinham sido pintados de fresco, representando cenas de caça e a vida dos deuses, mas o chão estava por lavar. Cheirava desagradavelmente a humidade e a azedo. As plantas envasadas no canto tinham sido deixadas morrer e as folhas exibiam um tom negro-amarelado. Na cadeira, via-se um prato com comida e as moscas zumbiam à sua volta. O quarto fora fechado e o zumbido dos mosquitos, enquanto dançavam em torno das lamparinas, era irritante, fazendo crescer a noção de desolação e desespero. Era quase como se Amen-hotep soubesse que ia morrer e tivesse perdido todo o gosto pela vida.

— O teu amo estava bem?

— Não. — A velha abanou a cabeça. Deixou a túnica bordada que tinha sobre os ombros cair no chão. O vestido de linho que usava por baixo estava amachucado e solto, expondo os seios flácidos e uma garganta rugosa. — Parou, pura e simplesmente, de fazer fosse o que fosse. — Ficou com uma voz triste. — Encerrou-se no quarto. As vezes comia e bebia. Sim! Bebia muito! Avisei-o de que o vinho forte no estômago vazio lhe fazia mal, mas nunca saía para os palácios ou para os templos. Não recebia visitas.

Amerotke apertou as narinas devido ao cheiro pútrido a vegetais que vinha da cozinha.

— Não me deixava fazer a limpeza — lamentou-se ela. — Despediu os criados e os escravos. Até as jovens que costumavam dançar para o entreter.

— E a sua morte?

Amerotke olhou por cima do ombro. Chufoi não entrara na casa. Amerotke esperava que o seu servo não estivesse a preparar alguma malandrice no escuro do jardim.

— Veio um mensageiro — respondeu a mulher. — Não gostei do seu aspecto. Bem, de qualquer modo não o vi bem. Estava vestido de negro, tal como os habitantes do deserto. Disse ter uma mensagem para o meu amo.

Recebi-a e ele desapareceu.

— Quando foi isso? — inquiriu Amerotke.

— Ao princípio do dia. Levei-a ao quarto do puro. — A velha usava o título freqüentemente concedido a um sacerdote de alto nível. — Ele abriu-a e pareceu agitado. Fez um gesto com a mão para que eu sáísse. Ficou a falar sozinho. O puro tinha mau gênio. Costumava atirar-me com coisas. Desde a morte do divino faraó que ele vivia isolado do mundo. — Ela olhou para cima. — O senhor é o juiz Amerotke, não é verdade? Mandaram-no investigar?

Amerotke assentiu com a cabeça.

— E não sabes o que fez mudar o estado de espírito do teu amo? — perguntou ele.

— Inicialmente, pensei que fora a morte do divino faraó, mas ele nunca falava comigo. Não falava com ninguém. Venha! Eu mostro-lhe.

Ela conduziu-o pela casa escura até ao pátio, onde uma fonte jorrava água e o ar estava mais doce com a fragrância das flores. Desceram um corredor. A velha ia à frente, transportando uma lamparina, uma sombra móvel num lago de luz. Parou junto a uma porta e Amerotke reconheceu uma pequena capela muito semelhante à que tinha em casa. O interior da capela estava tão desarrumado e tão sujo como o resto da casa. Representações de Amon-Ré de braços estendidos, aceitando a adoração dos seus sacerdotes, adornavam as paredes. A seu lado via-se o deus Hórus que tinha nas mãos uma baixela de oferendas. O altar, ou não, que continha o santuário, estava aberto. A pequena estátua que se encontrava lá dentro tinha um ar patético, vendo-se por baixo uma baixela de oferendas que parecia jazer ali há dias. A areia espalhada pelo chão estava marcada pelo arrastar de pés, o queimador de incenso frio e a resina dura e negra. O recipiente de água sagrada, que o sacerdote usava para se purificar, encontrava-se partido no chão. Noutras circunstâncias, Amerotke teria pensado que o santuário fora violado. A luz tremeluzente da lamparina parecia que Amen-hotep renunciara aos seus deuses ou que acreditara que os deuses o tinham abandonado.

A velha voltara para junto da porta e estava de pé a olhar para a noite. Amerotke atravessou para o outro lado.

— O Amen-hotep não te disse nada?

— Nada, meu senhor. Comia pouco, bebia muito vinho e, por vezes, dormia. Noutras alturas, apenas ficava sentado no quarto a falar sozinho.

Amerotke recordou-se da cabeça cortada entregue a Rahi-mere durante o banquete. A cabeça não estava rapada, e a barba por fazer cobria as faces e o queixo. Amen-hotep nem se dera ao trabalho de se purificar, o primeiro dever de qualquer sacerdote.

— E ele leu a mensagem? — insistiu Amerotke.

— Ele leu-a. — A voz da velha tremeu. — Depois, atravessou o quarto e

eu vi-o queimá-la numa lamparina. Ao fim da tarde agarrou na capa e no bastão e saiu sem dizer palavra.

— Posso ver o quarto? — pediu Amerotke.

Ela conduziu-o para dentro e subiram as escadas. Os aposentos privados de Amen-hotep estavam sujos e cheiravam a podre como se o sacerdote nem sequer se tivesse dado ao trabalho de usar a latrina, urinando nos cantos. O quarto de dormir estava repleto de restos de comida. Amerotke fez uma careta quando duas ratazanas, empoleiradas num banco al-mofadado, se afastaram rapidamente. Esperou enquanto a mulher acendia mais lamparinas. Na sua juventude, Amen-hotep desfrutara, sem dúvida, de uma vida luxuosa. A cama era de sicômoro puro com uma cabeceira incrustada a ouro. Havia muitas cadeiras e bancos estofados com tecidos preciosos e embutidos de marfim e ébano. Sobre as mesas e prateleiras viam-se taças de ouro e prata. O chão estava coberto de tapetes de pura lã. As paredes exibiam belas tapeçarias. Amerotke abriu um pequeno cofre cheio de turquesas e pedras preciosas trazidas das minas do Sinai. Outros continham debens de prata e ouro, pulseiras, braceletes, peitorais e colares com pedras preciosas.

— Nada disto significava fosse o que fosse para ele — lamentou a velha. — Nada de nada. Dantes, costumava ir até ao Lago da Purificação. Fica no jardim. Lavava-se e banhava-se três vezes por dia. Agora, nos dias anteriores à sua morte, nem sequer mudava de roupa.

Amerotke pegou num rolo de papiro e abriu-o. Era uma bela versão copiada d'O Livro dos Mortos que todos os sacerdotes conheciam e estudavam atentamente. Continha as orações e os rituais de preparação de que uma alma necessitava enquanto viajava pelas câmaras do mundo inferior para ser julgada por Osíris e os outros deuses. Estava escrito em lindos hieróglifos, a medu nefter, a linguagem dos deuses. Segundo parecia, Amen-hotep pegara num cálamo e espalhava tinta vermelha e verde, desfigurando os símbolos e imagens requin-tadamente representadas. Rabiscara na margem, vezes sem conta, os hieróglifos que representavam os números um e dez. Amerotke lançou o rolo para cima da cama e foi até à janela. Movimentou-se cuidadosamente, olhando para a porta. Um quarto como aquele, coberto de lixo, atraía cobras e outros perigos. Olhou para o céu da noite. O que teria causado aquela transformação? Teria Amen-hotep enlouquecido? Poderia parecer que sim, mas por que razão um sacerdote rico e arrogante se viraria contra si próprio? Desistir até dos rituais mais simples, negligenciar os deuses e os deveres do templo? Seria por causa da morte do faraó? Ou outra coisa qualquer? Algo que acontecera enquanto o faraó viajara de Sacara? Olhou por cima do ombro. A velha pegara num prato de ouro ornado a pedras preciosas e mexia com desdém nos restos de comida.

— E essa mudança ocorreu depois do seu regresso a Tebas?

— Sim. E não sei a razão. — Ela fungou. — Só comia borrego e cebolas.

— Mas os sacerdotes estão proibidos de o fazer. Macula-os, torna-os impuros.

— Eu disse isso ao Amen-hotep, mas ele apenas se riu. Disse que queria encher a barriga de borrego e cebolas e não comer mais nada. — Ela levantou o rosto manchado pelas lágrimas. — Por que razão ele morreu, meu senhor? Era um fanfarrão — acrescentou ela. — Mas era um bom homem. Trazia-me presentes.

— Recebeu alguma visita? — perguntou Amerotke.

— Apenas uma. Não, não. — Deixou cair o prato. — Onde está? — Dirigiu-se a um canto escuro. — Hoje de manhã...

Durmo muito pouco e adoro ver o Sol nascer. É glorioso ver o senhor Ré na sua barca a começar a viagem através dos céus.

— Descobriste alguma coisa? — interveio Amerotke.

— Sim, fui ao portão. Abri-o para ver se lá fora deixada alguma coisa: comida fresca, provisões e, especialmente, vinho. O meu amo insistia sempre em manter o copo cheio. Encontrei um embrulho em pano de linho manchado de vinho tinto. — A sua voz soava oca quando se inclinou e procurou nas sombras. — Trouxe-o ao meu amo e ele abriu-o. Sim! Aqui está!

Ela aproximou-se e atirou para as mãos de Amerotke uma figura de cera com as mãos e pés amarrados com uma fita vermelha.

— Não sabes o que isto é? — perguntou Amerotke. A velha semicerrou os olhos devido à falta de luz.

— É uma boneca. O brinquedo de uma criança. Amerotke colocou-a sobre a mesa.

— Sim — suspirou ele. — É um brinquedo. — Deu uma pequena palmada no ombro da mulher. — Mas queima-a — disse ele em voz baixa. — Limpa este quarto e queima aquilo!

Desceu as escadas e saiu para o jardim. Chufoi estava aga-chado junto ao portão, agarrado à sua preciosa trouxa.

— O coração de um homem é purificado quando espera com paciência — entoou o anão.

— No ponto em que as coisas estão — retorquiu Amerotke —, por uma boa noite de sono. Vem, Chufoi.

O servo abriu o portão e seguiu-o. Chufoi manteve a cabeça baixa. Não queria que o amo reparasse que ele estava perturbado pelo que acontecera. Tencionara dar uma vista de olhos pelo jardim para ver se havia alguma coisa que merecesse a pena levar. Ouvira um ruído no portão e recuara, com medo que a sua trouxa desaparecesse. A pessoa que esperava do outro lado estava vestida de negro. Atirara um pequeno embrulho de linho para as mãos de Chufoi.

— Para o teu amo! — sussurrara a voz através da escuridão. Depois, a pessoa desaparecera. Chufoi, curioso, desapertara a fita vermelha e olhara com

horror para a figura que continha, com os tornozelos e os pulsos amarrados como os de um prisioneiro conduzido ao sacrifício. Chufoi reconheceu imediatamente o que era. Uma ameaça: um sinal do deus Set. O seu amo estava marcado para ser destruído! Chufoi enterrara-a com o calcanhar. Como dizia O Livro dos Provérbios: «A curiosidade não pode ser explicada», e «Não é o dever de um criado destruir a harmonia do coração do seu amo.»

Na grande caverna aberta que ficava na extremidade do Vale dos Reis e que dava para o uádi poeirento e em desagregação, o assassino, o devoto de Set, estava sentado de pernas cruzadas a olhar para a noite. A caverna era antiga e as paredes encontravam-se cobertas de símbolos estranhos. Era conhecida como um santuário da deusa Meretseger, a antiga deusa-cobra, mas agora estava vazia. O velho sacerdote, o que falara tão claramente perante Amerotke, estava deitado a um canto, de garganta cortada, a cabeça esmagada, o sangue a jorrar, formando poças espessas e pegajosas em torno do corpo magro e coberto de pó. O assassino fez uma fogueira, empilhando bocados de excrementos secos. Precisava de manter o fogo aceso porque, para lá dos afloramentos rochosos, estendiam-se as grandes Terras Vermelhas, o covil de leões, chacais e das grandes hienas, cujos gritos rasgavam, agora, a noite. Olhou para a lança, arco de corno e aljava de setas a seu lado. O fogo poderia manter as hienas afastadas, mas as setas eram uma protecção suplementar contra os vorazes predadores da noite.

O assassino chegou-se um pouco mais para o fogo e olhou para as estrelas que se viam para além da boca da caverna. Deu uma dentada numa melancia e olhou para o cadáver. Fizera o seu sacrifício, uma garça-real consagrada a Hórus, e agora o velho sacerdote. O assassino fechou os olhos e respirou fundo. Invocou as figuras grotescas do mundo inferior: o sorvedor de sangue do matadouro, os devoradores, o grande caminhante, o engolidor de sombras, o quebrador de ossos, o comedor de sangue e o que anuncia o combate. Pediu para que Sekhmet, a deusa-leoa, e Set, o deus das trevas, morte e destruição, ouvissem as suas preces e mandassem os demônios em seu auxílio.

Para lá do corpo do velho sacerdote jaziam os cadáveres dos dois babuínos também sacrificados pelo assassino aos homicidas das trevas. Recitou uma lista de inimigos, pedindo para que fossem inscritos no papiro dos deuses do mundo inferior que registava as pessoas que morreriam antes de terminar o ano. Tinha de o fazer. Se não o fizesse, o Egipto não seria salvo e os deuses não seriam protegidos. Que importava se algum caos fosse gerado? No entanto, tinha de ser, simultaneamente, matreiro e implacável. Especialmente com Amerotke! Para ele, não haveria uma mordedura rápida de víbora! O assassino olhou à sua volta para o que destruíra e inclinou a cabeça dando graças. Ouviu os gritos das hienas. Era uma resposta às suas preces: como destruir o honrado e sempre curioso juiz supremo da Sala das Duas Verdades!

Osíris: principal deus do Egipto. Esposo de Ísis. Morreu, mas foi

ressuscitado por ela. Representado como um homem de vestes brancas e justas, com o mangual e o ceptro na mão.

CAPÍTULO 10

Hatusu virou-se na cama e olhou à sua volta. As chamas das lamparinas de azeite faziam ressaltar as sombras, e as figuras representadas nas paredes pareciam ter vida. Pegou num leque de avestruz e abanou-o lentamente, sentindo o ar fresco e perfumado afagar-lhe o rosto e o pescoço. Os lençóis da cama embutida a ébano estavam revoltos e manchados de suor. Afastou-os com os pés e colocou as pernas fora da cama. Empurrou para trás as taças de ouro e o jarro de vinho de cerâmica azul. O chão estava coberto de túnicas bordadas a ouro e roupões embelezados com milhares de rosetas. Viu um frasco de unguento perfumado. Hatusu sorriu perante a inscrição a ouro em torno da borda: «Vive um milhão de anos, ó querida de Tebas! Com o rosto virado a norte e os olhos cheios de amor.»

Hatusu retirou a cabeleira, presa com um diadema de pedras preciosas e a gargantilha de lápis-lazúli. Olhou por cima do ombro para o lugar da cama onde Senenmut dormia profundamente com o corpo forte e musculoso coberto de suor. Provava ser um verdadeiro touro no amor, potente e forte. Tinham bebido vinho em copos de ouro e ela dançara para ele, usando as roupagens e jóias de esposa do faraó. Depois, Senenmut possuía-a com força, quase cruelmente, virando-a de frente, puxando-a e penetrando-a como se quisesse encher-lhe o corpo com o seu sêmen. Hatusu recostou-se na cama e tocou gentilmente no nariz de Senenmut com a ponta do dedo. Seria que ele a amava? Teria sido por isso que a possuía vezes sem conta? Ou seria porque ela era uma princesa de sangue real, a antiga esposa do faraó, e, conquistando-a, tomaria o Egito, possuiria as suas terras e honrarias, tudo o que aquele cortesão ambicioso e astucioso cobiçava? Ou poderia confiar nele? Seria ele o chantagista? Teria sido ele a deixar os pequenos rolos de papiro com as ameaças, avisos e instruções precisas? Se fosse... Hatusu chegou-se mais para ele e fez deslizar o dedo pela garganta de Senenmut. Se aquele homem alguma vez a traísse, ela dançaria para ele, enchê-lo-ia de boa comida e vinhos preciosos, lutaria como uma gata debaixo dele e, quando estivesse a dormir, cortar-lhe-ia a garganta! Hatusu sorriu perante o dramatismo dos seus pensamentos. Recordou-se da execução dos prisioneiros aquando do regresso do faraó do delta. Teve a sensação de que ia desmaiar, no entanto, naquele momento, atravessaria um mar de sangue para ter o que era dela. Cortaria as cabeças de Rahimere, Omendap e dos restantes e colocá-las-ia na Casa das Caveiras.

Hatusu virou-se de costas e olhou para o tecto coberto de estrelas. O que

causara aquela mudança? Teria sido o facto de estar só? Seria a ameaça? Seria a perspectiva de ser atirada para a Casa das Mulheres, a Casa de Reclusão? Engordar e ver passar os anos, enquanto pintava e bordava e ouvia os boatos escandalosos da corte? Ou seria outra coisa? Seria um homem num corpo de mulher? Lembrava-se da escrava com quem travara amizade, chegadas e íntimas nos anos que tinham precedido o casamento com Tutmés. Ou seria porque realmente acreditava ser a personificação do Egipto? Fora o que o pai lhe chamara. Aquele duro guerreiro pegava-lhe ao colo, abraçava-a com força e chamava-lhe «Pequeno Egipto».

«Pois tu representas», dir-lhe-ia ele, «toda a sua glória, beleza e grandezal»

Hatusu abanou o leque de avestruz. Mas tudo aquilo acontecera no passado. Pai e marido tinham ido para o Ocidente, para a Casa da Eternidade, e ela estava sozinha. E quais eram as ameaças? Quem seria o chantagista? Como, em nome dos deuses, teria ele sabido o segredo que a mãe lhe sussurrara quando estava no seu leito de morte, possuída pela febre? E por que motivo só agora surgira a ameaça? No momento em que Tutmés regressara a Tebas, haviam começado os avisos. Queria o chantagista dominá-la e, com o tempo, dominar o Egipto? Ou pretenderia empurrá-la ainda mais para as sombras? Seria esse o trabalho de Rahimere, de Bailetos e daqueles sacerdotes sorridentes e hipócritas que se reuniam nas câmaras secretas dos seus templos, maquinando a traição? Ou seriam os soldados conduzidos por Omendap? O divino faraó sempre tivera um fraco por jovens soldados. E o que aconteceria agora? Era como um jogo de xadrez. Cada lado movera as suas peças. Ela controlava os palácios, Rahimere controlava os templos e os soldados recusavam movimentar-se.

Hatusu baixou o leque. Era como esperar pelo início de uma tempestade, aquelas súbitas chuvas violentas que surgiam quando as nuvens negras pairavam sobre Tebas. Senenmut dissera-lhe o que se estava a passar. Os espiões e os batedores haviam regressado. Cavaleiros líbios tinham sido vistos nas Terras Vermelhas muito mais a oriente do que era habitual. O vice-rei de Cuche queixava-se de que os Núbios haviam deixado de mandar tributos, que os castelos e as fortificações para lá da Primeira Catarata estavam a ficar isolados. As patrulhas eram vítimas de emboscadas, mas haveria coisas mais graves? Senenmut estava sempre a falar do Norte, de onde os seus espiões e batedores não tinham regressado. Descrevera em frases claras e sucintas os verdadeiros perigos que o Egipto corria. Os Etíopes, os Líbios e os Núbios eram uma praga irritante, incômodos como as moscas que zumbiam à volta das lamparinas. E os Mitânios, o grande poder asiático que invejava os ricos campos de Canaã? O que aconteceria se se movessem para ocidente? Se mandassem um exército pelo Sinai e se apoderassem das minas que forneciam o ouro, a prata, as turquesas e outras pedras preciosas ao Egipto? Se andassem depressa, poderiam alcançar o delta e depois invadir as cidades a norte, é o que aconteceria então? Senenmut alisara o

pedaço de papiro em que desenhara um mapa tosco.

— O Rahimere exigira que se envie um exército para norte ou para sul. É claro que o seu comandante será o Omendap, mas insistirá para que vás.

— E o que acontecerá então? — perguntou ela.

— O que achas? — indagou ele com arrogância.

— Serei derrotada! Ficarei prisioneira dos Mitânios ou voltarei a Tebas como um cão escorraçado.

— Cadela! — exclamou Senenmut em tom jocoso. —. Como uma cadela escorraçada, pronta a ser mandada para os canis.

— E enquanto estiver fora... — prosseguiu ela.

— Enquanto estiveres fora, os seus mercenários aproximar-se-ão cada vez mais do palácio. E os funcionários dele terão desculpas permanentes para visitar o teu enteado.

Hatusu suspirou e virou-se para o outro lado. Seria por isso que ocorriam os homicídios? Mas não faziam sentido. Ipu-uer era um bom comandante, mas poderia ser substituído. Amen-hotep, tão importante durante a vida, quem o choraria? Pensou em Amerotke. Poderia confiar nele? Hatusu fechou os olhos. Deveria contar a alguém o que acontecera naquela terrível noite em que se ajoelhara ao lado do cadáver do esposo e encontrara a mensagem enrolada numa fita vermelha. Tinha de se libertar! Era preciso confiar em alguém. Inclinou-se e soprou gentilmente sobre o rosto de Senenmut.

Amerotke levantara-se muito antes do nascer do Sol e, ao fazê-lo, assustara Norfret. Ela saíra do quarto com os olhos pesados de sono e o espírito cheio de perguntas. Amerotke abraçara-a, sentindo a suavidade do seu corpo e o seu perfume requintado. Ela questionara-o sobre a noite anterior e ele contara-lhe o que achara que podia contar. Norfret afastara-se com os olhos brilhantes de riso.

— És o pior mentiroso que já conheci, Amerotke! É grave, não é? Será uma altura para desembainhar espadas. E tu tomarás parte.

Ele anuiu com a cabeça.

— Não me mandes embora. — Ela aproximou-se, de rosto suplicante. — Não me mandes embora, Amerotke.

— Minha pequena gata assanhada. — Sorriu. — E os rapazes? Se a população se amotinar, haverá derramamento de sangue em Tebas.

— As tropas estão na cidade?

— As tropas agem sob ordens e poderá não haver ninguém que as dê. Pior ainda: poderão juntar-se ao motim. — Ele agarrou-lhe nas mãos. — Promete-me uma coisa. Se acontecer o pior, faz exactamente o que o Chufoi te disser.

— O Chufoi! — exclamou ela.

— O Chufoi consegue tirar sangue de uma rocha — replicou Amerotke.

— E não há buraco de onde não saia. Terá mais valor do que um regimento de soldados. Far-te-á sair de Tebas para um lugar seguro.

Norfret prometeu e regressou para o quarto. Amerotke passou pela sua sala de trabalho e subiu ao telhado para ver nascer o Sol. Purificara as mãos e o rosto com água e a boca e os lábios com sal. Quando Sol começou a nascer, ajoelhou-se de mãos estendidas e olhos fechados, pedindo sabedoria e protecção para a família. Depois, virou-se para a esquerda, olhando para norte e sentindo a brisa fresca, o hálito de Amon. Logo a seguir, desceu e foi ter com as crianças que corriam alegremente pela sala de banquetes enquanto os servos tentavam fazê-las comer e beber antes de saírem para brincar. Amerotke respondeu distraidamente às suas perguntas e regressou à sua sala de trabalho no andar superior da casa.

O Sol já nascera, saudado pelos trombeteiros do templo na cidade, o seu som estridente transportado pela brisa enquanto os raios solares atingiam os obeliscos cobertos a ouro, produzindo brilhantes círculos de luz. Amerotke sentou-se a trabalhar, passando em revista as contas do Templo de Maet: as provisões adquiridas, as flores plantadas, os lucros provenientes do comércio de incenso com a Terra de Punt. Chufoi juntara-se às crianças, perseguindo-as pelos jardins e depois re-preendendo-as solenemente para que o tratassem com mais dignidade. Amerotke decidira não interferir com o negócio de amuletos e escaravinhos do servo. Sabia que seria impossível impedi-lo e Chufoi, quando ele quisesse repreendê-lo, ouviria em atitude obediente mas com a mente e os ouvidos firmemente fechados.

— Não gozem com os cegos nem ridicularizem o anão! — berrava Chufoi às duas crianças. — Não arremem um homem que os deuses tornaram doente!

— Tu não sofres de nada — disse Amerotke para si próprio.

Norfret chegou e ficou sentada junto dele. Falaram sobre a entrada do filho mais velho para a Casa de Vida como escriba. Norfret apercebeu-se de que Amerotke estava distraído e, por isso, beijou-o na testa e desceu.

Prenhoe chegou e, avisado de antemão, confessou imediatamente ser cúmplice de Chufoi.

— Nós partilhamos um profundo interesse pelos sonhos — explicou ele com simplicidade. — E a venda de amuletos... — Tinha os olhos fixos nos do parente. — Bem, a venda auxilia o magro rendimento de um escriba.

— Tu és bem pago, Prenhoe — afirmou Amerotke. Abriu um pequeno cofre e atirou-lhe uma bolsa de couro. — É para ti. — Ele sorriu. — És um excelente escriba, Prenhoe. És perspicaz e incisivo. Eu vejo a tua mão a mover-se no papiro. As tuas transcrições das audiências são das melhores que já li.

O rosto de Prenhoe brilhou de satisfação.

— Pensei que hoje seria um dia de sorte. Ontem à noite, sonhei que

estava a comer carne de crocodilo...

— Sim, sim — interrompeu Amerotke. — Mas pelo menos é melhor do que o do Chufoi. Ele sonhou que estava a copular com a irmã.

— Mas ele não tem irmãs!

— Eu sei — afirmou Amerotke pacientemente. — Agora ouve, Prenhoe, escreve o relato do julgamento do Meneloto e entrega-mo assim que poderes.

A visita seguinte foi o desconsolado Asural. Entrou em casa como um deus da guerra no seu saiote de couro, couraça e um elmo algo ridículo debaixo do braço. Amerotke deu silenciosamente graças pelo facto de as crianças não estarem presentes, caso contrário, Asural teria de desembainhar a espada e representar pela milionésima vez a maneira como lutara sozinho contra o campeão líbio. O capitão da guarda do templo sentou-se numa cadeira de acampamento e aceitou, de bom grado, um copo de cerveja.

— Mais roubos? — perguntou o juiz supremo.

— Sim. Figuras e objectos pequenos. Já sabes como é. Frascos de perfume, caixas de agulhas, pequenas taças e pratos.

Amerotke pensou na história que estivera a contar às crianças.

— E as portas foram forçadas?

— As portas ficam sempre intactas! É só quando abrem o túmulo para colocar outro cadáver que os roubos são descobertos. Não há outras entradas secretas ou passagens, apenas buracos muito pequenos para ventilação. — Asural mexeu-se no lugar. — A propósito! Antes de sair, um dos jovens sacerdotes do templo disse que isto foi deixado lá para ti.

Entregou-lhe um rolo de papiro. Amerotke abriu-o.

— É do Labda! — exclamou Amerotke. Olhou para cima. — Quer falar comigo, antes do pôr do Sol, no santuário da deusa-cobra no Vale dos Reis. Diz que não pode vir ter comigo e pede-me indulgência.

— É um local isolado — comentou Asural. — A beira do deserto. Devias ter cuidado. Por que razão ele quer falar contigo?

Amerotke observou a escrita cursiva, do punho profissional de um escriba.

— Afirma ter informações sobre a morte do divino faraó. Que soube alguma coisa.

— Ah, também tenho de te dar os parabéns — disse Asural, em tom irónico. — Pela tua promoção a membro do conselho real...

— E que mais? — perguntou Amerotke.

— Está a começar a acontecer.

— Por Osíris, Asural, de que estás tu a falar?

— Chegaram refugiados hoje à cidade, alguns mercadores de Mênfis e outras cidades do Norte. São apenas rumores, os homens do vizir já os encaminharam, mas ouvem-se boatos que referem que um grande exército

atravessou o Sinai e está a invadir o delta.

Amerotke ficou gelado. Quando era rapaz ouvira falar dos Hicsos, guerreiros indomáveis, em quadrigas, que tinham invadido o Egito, espalhando a fome, a guerra, as pragas e a devastação. O pai costumava falar sobre a sua crueldade e Amerotke sabia o suficiente sobre estratégia militar para perceber o terrível perigo que estava a anunciar-se. Se o exército hostil se apoderasse do delta e depois das cidades do Norte, o Egito ficaria dividido em dois.

— Talvez sejam apenas boatos — contrapôs ele.

— Não creio. Devas ir à cidade, Amerotke, e descobrir o que realmente está a acontecer.

— Há tempo suficiente para isso — respondeu Amerotke. — Se os refugiados surgirem em grande número, a Casa dos Segredos tomará conta da situação. Não quererão que o pânico se espalhe, pelo menos enquanto o conselho real estiver dividido.

Devia ter mordido a língua quando viu o brilho nos olhos de Asural.

— Então, há uma divisão? — murmurou o capitão da guarda. — As histórias são verdadeiras?

— Volta para o templo, para a Sala das Verdades — ordenou-lhe Amerotke. — Manda duplicar a guarda e trancar as portas. O tribunal não se reunirá durante alguns dias. Não há casos prementes.

Asural levantou-se.

— Há notícias do Meneloto?

Asural chegou à porta, virou-se e abanou a cabeça.

— Qual fumo de incenso. — Ele sorriu. — Existe uma fragrância, mas, do Meneloto, nem vê-lo nem ouvi-lo.

Amerotke ficou a escutar os passos pesados de Asural a descer as escadas. Sentiu um tremor de pânico no estômago, mas estava decidido a não ceder. Era preciso manter-se ocupado. Puxou de uma folha de papiro recém-cortada e abriu-a. Abriu a caixa da paleta que continha pincéis, tintas e calamos, escolheu um destes últimos, mergulhou-o em tinta vermelha e escreveu rapidamente da direita para a esquerda, usando o tipo de escrita que aprendera na Casa dos Escribas. Fechou os ouvidos aos gritos distantes das crianças que brincavam por entre os tamarindos e sicômoros, assustando as poupas de bico negro que sempre se reuniam em torno do lago. Quando terminou a introdução, pegou numa pequena faca e afiou o cála-mo. O que poderia pensar de tudo aquilo?

Amerotke fez o símbolo de Tutmés II, o divino faraó místico e epilético. Um corajoso comandante e estratega inteligente.

Marchara para norte e trouxera os inimigos do Egito à força de chicote. Tudo correrá bem. Os seus altos funcionários tinham permanecido com ele enquanto a meia-irmã e esposa, Hatusu, ficara em casa, a governar Tebas.

Amerotke desenhou uma pirâmide. O divino faraó regressara, depois, para sul. Parara em Sakara para visitar as grandes pirâmides e os templos dos seus antepassados há muito falecidos. Tutmés abandonara a barca real com o comandante Ipu-uer, o capitão Meneloto e o sacerdote Amen-hotep. Visitara as pirâmides, secretamente, à noite. Amerotke escreveu a palavra «porquê?» e olhou para a luz do Sol que entrava pela janela.

— Porquê? — murmurou ele.

Porque recebera o divino faraó uma carta do velho sacerdote Neroupe? Continuou a escrever. O que conteria aquela mensagem? Porque seria tão importante? Teria o faraó descoberto alguma coisa? Teria partilhado o segredo com Amen-hotep? Seria uma questão de fé? Tutmés sempre fora um homem muito devoto. Continuara com as suas oferendas e orações, mas em particular, sem visitas a templos, enquanto Amen-hotep parecia ter perdido todo o interesse pela vida e qualquer fé nos deuses. Por que razão Amen-hotep rabiscara repetidamente os hieróglifos de um e dez? Amerotke lembrava-se de ter aprendido que eram números sagrados para a essência de Deus e o clímax de todas as coisas.

Finalmente, os homicídios. Como é que o divino faraó morrera? Era indubitável que fora mordido por uma víbora, mas seria essa a verdadeira causa da morte? Todas as provas demonstravam que não era. E qual o motivo da utilização de uma serpente? Amerotke desenhou o hieróglifo que simbolizava a víbora. Haveria algum significado ritual na arma que o assassino usava? A serpente representaria o grande monstro do mundo inferior, Apep, o senhor do caos e da noite eterna, que lutava constantemente contra o senhor Amon-Ré e as forças da luz? Ou seria que a serpente representava o uraeus, a cobra-capelo do diadema no toucado do faraó, o símbolo da resistência a todos os inimigos do Egipto? Ou seria apenas um instrumento fácil de utilizar num homicídio? O assassino sabia, de facto, muito sobre serpentes. Se tratadas convenientemente, e Amerotke já observara os encantadores de serpentes nos mercados, estas podiam ser facilmente controladas e transportadas sem fazer qualquer mal ao dono. Amerotke esboçou um sorriso pálido. De algum modo, Ipu-uer era uma vítima fácil. Durante a atarefada reunião do conselho, ou melhor, durante a sua suspensão, alguém simplesmente trocara os sacos. Colocar uma mão perto de uma víbora era morte instantânea.

E o pobre Amen-hotep? Devia ter saído para se encontrar com alguém, alguém em quem confiava. O velho e obeso sacerdote seria também uma vítima fácil. Fora atraído para aquele templo em ruínas nas margens do Nilo e assassinado, e a sua cabeça fora cortada e entregue a Rahimere por um assassino a soldo. A única pista disponível era o facto de os assassinos estarem vestidos de negro. Amerotke pousou o cálamo.

— Os amemetsl — exclamou ele.

Seriam as figurinhas de barro entregues por eles? Faria parte do ritual quebrar a harmonia das suas vítimas? Amerotke sempre sonhara com a eventual captura daqueles assassinos sinistros, julgando-os depois na Sala das Duas Verdades. Teria muito gosto nisso. Adoraria interrogá-los e descobrir a verdadeira litania dos seus crimes. No entanto, isso seria tão fácil como apanhar raios de sol ou o sopro divino de Amon-Ré. Então, quem era o assassino?

Amerotke voltou à sua escrita. Seria Hatusu? O seu braço-direito, Senenmut? Ou Rahimere, com o seu círculo de sico-fantas? E qual seria o objectivo? Vingança? Esconder um segredo? Ou simplesmente provocar o caos e a confusão? Amerotke suspirou e afastou o papiro. A tarefa era frustrante. Ninguém diria a verdade. A esposa do divino faraó poderia dizer mais, mas mantinha-se silenciosa. Estava apenas a ser usada como uma oferta propiciatória, um gesto público para as mortes que tinham ocorrido. Amerotke levantou-se e espreguiçou-se. O dia ainda amanhecia. Havia silêncio no jardim. Foi-se deitar na cama com a mente cheia de imagens e recordações. Ouviu Norfret a chamá-lo, mas estava com os olhos pesados. Depois, Chufoi abanou-o até ele acordar. O anão sorriu-lhe.

— O fardo dos altos cargos, não é, meu amo? Amerotke levantou-se e balançou as pernas para fora da cama. Pegou numa caneca de cerveja fresca que Chufoi lhe enfiara na mão e viu o prato de pão acabado de cozer e tiras de ganso assado na mesa.

— Devas ir ter conosco ao jardim. — Chufoi observou cuidadosamente o amo. — O Sol está a começar a pôr-se, o ar está fresco e refrescante por baixo dos sicômoros.

— Tenho de sair — disse Amerotke. Dirigiu-se à mesa e pegou no prato.

— Porquê? — perguntou Chufoi.

— Porque preciso — respondeu Amerotke evasivamente. — Assuntos do conselho real.

— Estive com o Asural — afirmou Chufoi. — Por isso, ouve o que tenho para te dizer, amo. Acharás os meus conselhos proveitosos.

— O meu coração está cansado de ouvir os teus conselhos — declarou sarcasticamente, citando outro provérbio.

— Pareces um maçarico — gozou Chufoi. — Uma daquelas aves que, quando o crocodilo se põe ao sol sobre a lama e abre as mandíbulas, salta lá para dentro para debicar os restos que ele tem entre os dentes. — Chufoi aproximou-se. — O crocodilo pode fechar a boca e também transformar o maçarico num pedaço suculento de comida.

— E quem é esse crocodilo? — perguntou Amerotke, desejando manter uma conversa ligeira.

— Vai à Casa do Milhão de Anos — retorquiu Chufoi. — O lugar está cheio de crocodilos sequiosos de sangue.

Amerotke sorriu e terminou o que estava a comer.

— Há mais uma história, Chufoi, sobre crocodilos. Quando tomam banhos de sol nas margens lamacentas de mandíbulas abertas, um mangusto pode enfiar-se-lhes discretamente entre as mandíbulas, descer sorrateiramente até ao estômago e, depois, matá-los, roendo o caminho de saída.

— Que mangusto!

Rindo, Amerotke foi lavar as mãos e o rosto e vestiu a túnica. Retirou de uma arca uma grossa capa militar de lã e um cinto de guerra em bronze, embainhando a espada e o punhal.

— Diz à senhora Norfret que não demoro. Não a incomodes.

E, ignorando os olhares de alarme de Chufoi e a litania de provérbios que estava prestes a referir, Amerotke desceu as escadas. Parou no fundo, saboreando a doce fragrância das flores do jardim, onde Norfret estava a ensinar os dois rapazes a escrever. «Adorava ficar», pensou Amerotke.

No entanto, o velho sacerdote poderia dizer-lhe alguma coisa. Amerotke ainda ponderou levar a quadriga, mas uma partida tão estranha apenas assustaria Norfret e incitaria os rapazes a um interrogatório interminável. Saiu sorrateiramente por uma porta lateral. O caminho estava quase deserto. Vinha uma procissão na sua direcção, um grupo de sacerdotes jovens a escoltar um boi, com grinaldas de flores, esticando o seu cabeçalho bordado. Fez uma vénia à passagem dos sacerdotes e olhou rapidamente para dentro da carroça. Proferiu uma breve oração a Maet, agradecendo o facto de Chufoi ou Prenhoe não estarem com ele. A carroça estava cheia de ossos, um sinal seguro de azar, resultante de os sacerdotes levarem os restos do seu matadouro para os enterrar no deserto.

Amerotke passou os portões da cidade, abrindo caminho através das casas de lama dos artesãos e camponeses até ao cais. Não observou a tensão que Asural lhe dissera que existia. Os mercados e bancas ainda estavam a fazer negócio. O ar estava acre com o cheiro de natrão, que os comerciantes usavam para proteger as bancas contra as miríades de moscas. Um vendedor ambulante pegou na mão de Amerotke.

— Gordura de gato! — disse ele. — Cobre o lintel da tua casa com isto e nunca mais verás um rato ou ratazana!

— Não tenho medo dos ratos nem das ratazanas! — retorquiu Amerotke.

Afastou o vendedor ambulante e dirigiu-se para a margem do rio. O Sol começava a pôr-se. Amerotke parou numa banca para comprar uma cabaça de água e colocou-a ao ombro. Saíra com alguma pressa, mas recordava-se agora de outras viagens ao Vale dos Reis, onde o calor e a poeira rapidamente entupiam a boca e a garganta.

Amerotke passou a correr por alguns jovens que dançavam, esgrimindo

com paus de papiro. Outros estavam a apanhar excrementos de animal e a cobri-los com palha, a fim de serem colocados nos telhados das suas casa e cozidos até ficarem duros, sendo usados como combustível no Inverno.

Um grupo de hesets, cantoras ao serviço de Hathor, a deusa do amor, tinham atraído uma enorme multidão que bloqueava o caminho. Amerotke parou para ver. As raparigas estavam vestidas de maneira provocante, usando longas cabeleiras oleadas nas quais tinham sido entrelaçadas tiras coloridas. Em torno dos seus pescoços viam-se botões de lódão, e brincos da mesma cor dançavam e brilhavam a cada movimento. Os seus corpos estavam nus, a zona púbica coberta por saíotes de linho grosso que se movimentavam à medida que as cantoras, batendo as palmas, se moviam numa dança sensual e inebriante.

*Que encantador, meu amor!
Ir contigo até ao rio.
Anseio o momento
Em que me peças para me banhar à tua frente.
Afundar-me-ei na água e emergirei
Segurando um peixe vermelho.
Ficará, feliz, entre os meus dedos.
Ficará entre os meus seios.
Vem comigo, meu amor!*

Aquela dança e a canção, muito provocantes, atraíram a atenção dos marinheiros, que repetiam as palavras e aceitavam ansiosamente os pequenos pedaços de papiro distribuídos pelos músicos acompanhantes que mostravam cenas amorosas toscas, mas eróticas. Um grupo de núbios usando peles de pantera foi apanhado pelo ritmo da música das flautas e reuniu-se ansiosamente às hesets. Chegou a guarda do mercado e, na confusão subsequente, Amerotke contornou a multidão, seguindo o caminho que ia dar ao cais, onde se acumulavam barcos e barcas. Os mercadores, marinheiros, chulos, prostitutas e uma miríade de visitantes agrupavam-se nas casas de cerveja e nas lojas de vinhos, trocando rumores, conversando ou apenas gozando as últimas horas de comércio. Amerotke evitou-os, circulando pelas docas e pelos molhes até alcançar os armazéns e as casas que davam lugar a um caminho lamacento que atravessava os canaviais de papiro. Parou e olhou para a necrópole, sobre a qual os penhascos de granito e calcário curiosamente coloridos delimitavam o Vale dos Reis. Fechou os olhos e fez rodar o anel de Maet. Pressentiu o perigo. O sacerdote poderia ter informações valiosas e tinha de ir, mas, mesmo assim, pediu a Maet que o deixasse regressar em segurança.

Meretseger: a deusa-serpente, com santuários dentro e ao redor da necrópole e do Vale dos Reis.

CAPÍTULO 11

Amerotke avançou mais um pouco pela margem do rio. De quando em vez, bandos de pássaros levantavam voo e atravessavam o rio, poisando em barcos de todas as formas e fei-tios. Ouviu um guincho vindo de um denso canavial. Um grupo de caçadores estava a bater num porco com paus, enquanto outros dois deitavam ao rio pedaços de carne espetados em enormes anzóis, esperando que a carne em sangue e os gritos do porco atraíssem um dos crocodilos, que engoliria o isco e seria puxado para a margem para ser morto à paulada. Os homens, vestidos só com uma tanga, estavam de pé segurando lanças e paus. Um deles olhou para Amerotke.

— Devias juntar-te a nós — gritou ele. — É um bom desporto!

Amerotke abanou a cabeça e continuou.

Finalmente, chegou a um molhe de desembarque praticamente deserto e atravessou-o. Ficou no pontão a olhar para as águas onduladas. Havia sempre o perigo dos crocodilos; se bem que raro, não era estranho caçarem pessoas que caminhavam à beira do rio. Asural dizia que já tinham caído tantos bêbedos ao Nilo, sendo comidos pelos crocodilos, que estes já haviam adquirido o gosto pela carne humana. Amerotke ficou ali o tempo suficiente para atrair a atenção de um pequeno barco de um só mastro que funcionava como transporte de pessoas, subindo e descendo o Nilo.

Amerotke entrou para bordo. A tripulação do barco mal reparou nele, mas recebeu o deben de cobre. Estavam a conversar entre si, manobrando o barco, de acordo com as instruções de Amerotke, até ao outro lado do Nilo para um embar-cadouro que ficava à beira da necrópole. Amerotke ficou a olhar para o emaranhado de ruas, casas, lojas e bancas e, acima destas, os grandes penhascos rochosos que estavam agora a ficar vermelhos, à medida que o Sol começava a pôr-se. Era o pico ocidental, dedicado à deusa-serpente Meretseger, amante do silêncio. Amerotke lembrou-se do aviso em relação ao vale sombriamente vigiado por aquele aglomerado rochoso.

— Cuidado com a deusa do pico ocidental. Ataca instantaneamente e sem aviso.

Amerotke fechou a mente àquelas recordações tenebrosas, perguntando a si próprio o que Norfret e os seus dois filhos estariam a fazer. Ficou tão absorto nos seus pensamentos que os homens do barco acharam que ele estava a dormir e lhe abanaram o joelho quando a embarcação chocou contra o cais de madeira. Amerotke agradeceu-lhes e desceu para a margem.

Avançou pela estrada que serpenteava através da necrópole, parando junto a uma estátua enorme, um santuário a Osíris, o primeiro entre os do Ocidente, o deus dos mortos, perante o qual todos deviam apresentar-se. Amerotke visitava freqüentemente a necrópole para visitar o túmulo dos pais ou dos membros da família e era sempre uma experiência arre-piante. As habitações cerradas daquela cidade cheia de ruas abrigavam embalsamadores, construtores de sarcófagos, marceneiros, pintores e todos os que ganhavam a vida fazendo mobiliário funerário. Através das portas abertas, Amerotke olhou para os sarcófagos pintados e dourados encostados contra a parede: salas com amostras onde os clientes podiam escolher os melhores modelos. Alguns comerciantes até ofereciam miniaturas aos clientes para que estes as pudessem levar para casa e apreciar melhor.

Ao lado, viam-se as tendas e as barracas dos embalsamadores, onde os cadáveres eram preparados para a cerimônia fúnebre. O ar tinha o cheiro acre do natrão, o sal cáustico em que os cadáveres eram imersos antes de os embalsamadores começarem a trabalhar. Aquele cheiro misturava-se com outros: os cérebros, arrancados pelo nariz, o vinho de palmeira, incenso esmagado e mirra que eram enfiados no cadáver depois de este ser esventrado e limpo. A maior parte destes preparos era para as pessoas ricas. Os cadáveres dos pobres eram simplesmente pendurados em ganchos. Amerotke olhou para alguns deles, que já estavam a ficar de um negro-azulado, à espera de serem atirados para dentro dos grandes caldeirões de sais de natrão a fim de serem limpos e devolvidos aos parentes.

Atrás das lojas e tendas viam-se túmulos alveolares esculpidos em granito arenoso. Amerotke parou para dar passagem a uma procissão funerária. Esta era encabeçada por um sacerdote que entoava uma oração a Osíris. Atrás dele vinham os servos que transportavam jarras de alabastro com comida, óleos aromáticos e longas arcas de madeira decoradas que continham os ornamentos, armas e vestes do morto. Um pequeno carro coberto, arrastado por dois homens, demarcava o centro da procissão. Lá dentro encontravam-se os vasos canópicos que continham as entranhas embalsamadas, retiradas do corpo. Atrás dele, um sacerdote entoava solenemente:

— Estamos perante ti, Senhor do Ocidente, grande deus Osíris. Não houve maldade na boca deste homem. Não disse mentiras. Faz com que ele possa ser um dos favorecidos que estão entre os teus seguidores. Salve, divino pai Osíris! Senhor do fôlego! Senhor dos palácios da eternidade! Faz com que o ka deste homem possa habitar nas tuas cortes!

As palavras eram repetidas por outros sacerdotes que transportavam o sarcófago da múmia intrincadamente esculpido, que repousava num canapé sob um dossel. Atrás de tudo aquilo seguiam a família e os amigos, bem como um grupo de carpideiras profissionais que justificavam o dinheiro que ganhavam

chorando, arrancando os cabelos e batendo no peito, enquanto levantavam areia e a atiravam para cima dos cabelos e roupas dos outros membros do cortejo fúnebre.

A procissão passou. Amerotke estava prestes a recomeçar o seu trajecto quando avistou o médico Piai, a sair de uma casa com um macaco domesticado sobre o ombro, um daqueles pequenos animais freqüentemente tratados pelos ricos como animais de estimação. O médico movia-se de maneira apressada e dissimulada, e Amerotke perguntou a si próprio o que estaria ele a fazer na necrópole. Ia começar a andar quando chocou com alguém. Deu um passo atrás e reconheceu o em-balsamador, o homem que testemunhara a favor do seu parente durante o recente julgamento na Sala das Duas Verdades. O indivíduo, envergonhado, murmurou uma desculpa e, de cabeça baixa, recuou.

— Saúde e bênçãos! — cumprimentou Amerotke.

— Saúde e bênçãos para si, meu senhor Amerotke. Por que razão está na Cidade dos Mortos?

— Os juizes e respectivas famílias também acabam por vir para cá — disse Amerotke.

— Onde estão enterrados? — perguntou o homem. Amerotke apontou para a outra ponta da cidade.

— Posso levá-lo lá — ofereceu-se o embalsamador. — A Cidade dos Mortos não é lugar para si.

Amerotke olhou através de uma porta aberta. Os embalsa-madores estavam atarefados com um cadáver, trabalhando apenas de tanga e com os corpos brilhando com o suor. Ouviu o som metálico de um martelo e os lamentos do cortejo fúnebre enquanto os cheiros estranhos e ácidos lhe enchiam a boca e o nariz. Amerotke nunca fora ali sozinho, sendo sempre acompanhado pela família, servos, guardas ou funcionários.

— Devia andar com cuidado — observou o embalsamador.

— Eu caminho com cuidado — retorquiu Amerotke. Fez menção de avançar, mas o homem não se afastou.

Quando a mão de Amerotke caiu sobre o punho da espada, o indivíduo fez uma vénia e levantou a mão em sinal de paz.

— Agradeço-lhe, meu senhor, a clemência com que tratou o meu primo.

— E foi uma enorme clemência — respondeu ele. — O seu parente cometeu um acto blasfemo e sacrílego.

— Rezo sempre por si, meu senhor Amerotke.

O juiz deu uma pequena palmada no ombro nu do homem.

— Então, faça-o agora — pediu o juiz, colocando-se depois a caminho.

Finalmente, Amerotke saiu da necrópole, avançando por um caminho poeirento orlado por junco verde. Os cheiros e sons da necrópole começaram a ficar para trás, sendo substituídos pelo bafo quente e arenoso do deserto.

Contornou, por fim, o afloramento rochoso, seguindo um estreito caminho serpenteante que seguia através do uádi seco até ao Vale dos Reis. Os penhascos que o ladeavam erguiam-se escuros e sinistros sob os raios do sol-poente. Amerotke ouviu um ruído e parou. Um pouco mais acima, avistou um monte de trapos a mexer-se e, agarrando na espada, subiu pelo cascalho solto. Tinha sido ali deixada uma mulher idosa. O rosto estava amarelo, rodeado por um cabelo cinzento, gorduroso e fino. Amerotke ouviu-lhe o estertor da morte na garganta e olhou-lhe para os olhos leitosos. Abanou-a gentilmente. As pálpebras agitaram-se, uma mão raiada de veias moveu-se como se quisesse tapar o sol do rosto. Amerotke levantou-a com cuidado. Parecia tão leve como uma pena. Puxou-a para a sombra, pousando-lhe o corpo contra uma rocha. Os lábios da velha mexeram-se, mas Amerotke não conseguiu perceber o que ela disse. Sabia o que acontecera. A velha fora levada para ali para morrer, abandonada no deserto por uma família demasiado pobre para alimentar outra boca que se tornara inútil com a idade.

— De onde és?

A mulher idosa ia falar, mas abanou a cabeça com a respiração a surgir num estertor seco e arquejante. Amerotke pegou na cabaça de água e levou-lha aos lábios. Ela bebeu avidamente; depois, ele deitou alguma água na mão e humedeceu-lhe a testa e as faces. Ela abriu os olhos. Sofria de cataratas, uma leve película que cobria ambos os olhos; porém, conseguia distinguir a forma do corpo de Amerotke.

— Estou a morrer.

Amerotke pegou-lhe na mão e apertou-a.

— Posso levá-la para sua casa — ofereceu-se ele.

Ela tentou rir-se, mas a cabeça tombou-lhe para a frente. Ele molhou-lhe a nuca com mais água, que parecia revigorá-la; a velha levantou a cabeça.

— Não ficas? — sussurrou ela. — Não ficas para dizer uma oração?

Amerotke olhou para o vale. Devia pôr-se a caminho. Poderia levar a mulher consigo. Mas para onde? A pele já estava fria e pegajosa e ouvia-se bem o estertor da morte. Ofereceu-lhe novamente a cabaça de água.

— Eu fico contigo.

— E fechas-me os olhos e dizes uma oração? Amerotke concordou e esperou que as sombras ficassem mais longas e a mulher enfraquecesse. Deu-lhe goles de água e instalou-a da maneira mais confortável possível. O fim chegou depressa. Ela regurgitou parte da água com o corpo esquelético a tremer e, depois, a cabeça caiu para o lado. Amerotke fechou-lhe os olhos e, virando-se para norte, pediu, em oração a Amon-Ré, uma compaixão especial para que o ka daquela pobre mulher, o seu espírito, pudesse morar nos Campos da Eternidade. Cobriu-lhe o rosto com a capa esfarrapada e passou algum tempo a colocar pedras e pequenas rochas sobre o corpo. A noite estava a cair e, vindo do deserto, ouviu

os ui-vos dos animais necrófagos, os chacais, os leões e as hienas.

Amerotke chegou à conclusão de que devia ter perdido, pelo menos, uma hora e apressou-se a descer ao vale. Quanto mais descia, mais sinistro se tornava o silêncio. Os arbustos de juncos agarrados à escarpa rochosa pareciam vigilantes encapu-zados à espera de atacar. A noite estava a ficar fria. No céu negro-azulado começavam a surgir as estrelas, uma miríade de luzes. As sombras estendiam-se e encontravam-se umas com as outras. Amerotke recordou-se de que aquele lugar era considerado assombrado. Algures ali, naquele vale, situava-se o túmulo secreto do faraó Tutmés I. O arquitecto real, Ineni, gabara-se de que « nenhuns olhos tinham visto nem ouvidos escutado nem línguas dito » onde o grande rei fora enterrado. Por outras palavras, os mortos não contam histórias. As centenas de condenados e prisioneiros de guerra que tinham trabalhado no túmulo haviam sido massacrados. Seria que os kas daqueles homens, os seus fantasmas, ainda vagueavam por ali?

O caminho descrevia uma curva. Na extremidade do vale, Amerotke conseguia ver a grande caverna, o santuário da deusa Meretseger, no alto da escarpa rochosa. Uma luz vacilante surgiu contra o escuro da noite. Espreitando pelo meio das trevas, Amerotke conseguiu descortinar uma figura que lhe acenava para que se aproximasse.

O juiz apressou-se, com o suor a escorrer-lhe pelo corpo quando começou a subir. Tinham sido talhados degraus toscos na face do penhasco, mas começavam a desmoronar-se, cobertos de areia e cascalho. O culto da deusa naquele lugar declinara, tendo sido substituído pelo luxuoso templo ritual em Tebas. Amerotke olhou para cima, mas a boca da caverna estava agora escondida pela inclinação dos degraus.

Por fim, chegou ao topo. Ali, como que escavada por uma mão gigante, uma fenda espantosamente profunda cortava a rocha. Amerotke parou para respirar e ficou a olhar. A fogueira já não estava a arder e não via ninguém. Por cima da entrada da caverna, uma estátua esculpida da deusa dos olhos oblíquos devolvia-lhe em silêncio o olhar, sendo o cabelo uma enorme massa de serpentes a contorcer-se.

— Estou aqui! — gritou Amerotke. Olhou para trás, seguro de que tinha ouvido algo. — Estou aqui! — repetiu. — Amerotke, juiz supremo da Sala das Duas Verdades!

Lá de cima dos rochedos surgiram os gritos das temíveis hienas. Desembainhando a espada, Amerotke atravessou cautelosamente a ponte de madeira que ligava as duas extremidades da garganta, formada por meras pranchas de madeira. Entrou na gruta e olhou para baixo, para o trilho de sangue que surgia da escuridão. Agarrando a espada, entrou. Duas lamparinas de azeite ardiam tranqüilamente em pratos de metal. O fogo fora apagado com água, abafando as chamas e o calor. O cheiro de sangue e putrefacção era intenso.

Amerotke levou a mão à boca. Ouviu um ruído e apressou-se a regressar à entrada da caverna, onde, aterrorizado, viu que as pranchas de madeira haviam sido retiradas, puxadas para o outro lado. Amerotke gritou, desesperado. Arrogante e vaidoso, não ponderara a possibilidade de uma armadilha! Voltou para trás, pegou numa lamparina e penetrou na escuridão.

Parou, horrorizado com o que estava à sua frente. O velho sacerdote jazia ali deitado, com a garganta tão mal cortada que a cabeça se encontrava ainda pendurada por algumas tiras de carne e o corpo ensopado em sangue negro. Mais à frente, viam-se os cadáveres fedorentos dos dois babuínos. O vento soprava dentro da gruta e amenizava um pouco o cheiro. De súbito, Amerotke sentiu o horror de ter caído numa ratoeira. Símbolos escritos a sangue cobriam as paredes. A estátua de pedra da deusa fora deitada ao chão. O local fora profanado.

Amerotke voltou à boca da caverna, fechando os olhos de alívio. A gruta fora escavada na parte lateral de um penhasco. Se fosse para o rebordo, seria capaz de subir para a rocha que ficava por cima, alcançar a beira do vale e reencontrar o caminho longo e poeirento que o faria regressar a Tebas, contornando o deserto? Saiu, procurando com as mãos um apoio para os pés, e deu graças por reparar num velho caminho estreito e batido que conduzia ao cimo do penhasco. Pousou a lamparina, embainhou a espada e trepou. Um rugido baixo e profundo quebrou o silêncio, e ele escorregou, raspando as mãos e os joelhos. Aparecera uma figura escura no caminho, com os olhos cor de âmbar a brilhar na escuridão. O odor da putre-facção inundava o ar da noite. Amerotke controlou o pânico. A forma, se bem que baixa e ameaçadora, não se movera. Mais uma vez se ouviu o rugido profundo, daquela vez seguido de outros. Amerotke desembainhou a espada e a sombra mexeu-se, vendo-se a cabeça. Contra o céu negro-azulado, Amerotke distinguiu as orelhas compridas, a cabeça horrenda e a longa juba de uma hiena enorme, um daqueles necrófagos que assombravam a orla do deserto. Amerotke recuou. Uma hiena era um animal imprevisível. Normalmente, nunca ameaçaria um homem armado. Contudo, uma matilha que caçasse durante a noite, atraída pelo cheiro a sangue e a carne putrefacta, poderia perfeitamente atacar. Sondariam a sua fraqueza e atacariam. Amerotke ouvira histórias daquelas da boca de mercadores e vendedores ambulantes, de pessoas que tinham sido apanhadas desprevenidas, de pessoas feridas, cujos cortes e lacerações haviam atraído matilhas de hienas.

A forma moveu-se, com a barriga a roçar o chão. O líder da matilha avançou. Amerotke gritou e berrou, batendo com a espada de bronze contra a rocha. A hiena parou. Amerotke retirou-se para a gruta, onde a chama da lamparina já estava baixa. Agarrou-a, queimando as pontas dos dedos ao procurar reacender o fogo, a única protecção segura contra a ameaça exterior. Desesperadamente, tentou fazer com que as chamas chegassem aos pequenos galhos húmidos, mas foi inútil. Ouviu um rugido e olhou para cima. Uma figura

escura semelhante a um lobo erguia-se à entrada da gruta. Até com uma luz tão fraca Amerotke conseguia divisar todo o horror daquele demônio das trevas. Não era uma hiena vulgar: o líder da matilha era provavelmente uma fêmea já adulta, de juba hirsuta a rodear-lhe a cabeça horrenda, mandíbulas abertas e olhos semelhantes a lagos de fogo.

Amerotke gritou e berrou novamente. Pegou na lamparina e atirou-a para a abertura da caverna e a figura desapareceu. Ouviu os rugidos e a matilha a entrar em frenesim. Banhado em suor, agarrou na espada e no punhal. Em breve atacariam. O fogo forneceria uma protecção segura. Podia fugir, tentar saltar por cima da fenda, mas afastou essa idéia. O abismo era demasiado amplo e, se as hienas conseguiam abater uma gazela veloz, também poderiam apanhá-lo.

Amerotke fechou os olhos, orando a Maet.

— Não fiz nada de mal — proferiu ele com calma. — Não ofereci um sacrifício em tua honra? Não tentei caminhar pela senda da verdade?

Mais uma vez ouviu um rugido quando a hiena reapareceu à entrada da caverna com outra atrás de si. Amerotke viu um arco de fogo através da escuridão e alguma coisa bater na rocha por cima da caverna, seguindo-se gritos. Outras setas de fogo foram lançadas. As hienas, agora alarmadas, retiraram-se.

— Meu amo! Meu amo!

— Chufoi!

Amerotke começou a correr, lembrando-se então da ameaça que o esperava lá fora. De costas para a parede da gruta, avançou com cautela. Espreitou para a escuridão. Consequia ver uma sombra a mover-se e uma tocha foi erguida.

— Venha, meu amo! Venha!

— As pranchas! — gritou Amerotke.

A figura desapareceu. Escutou o som da corda tensa de um arco e viu uma ou duas setas em chamas apontadas na direcção das hienas. Ouviu o seu servo a resmungar, falando consigo próprio.

— Senhor, pelo amor da verdade, ajude-me! Amerotke saiu para o rebordo. O ar frio da noite atingiu-lhe a pele transpirada e fê-lo estremecer. Olhou para a direita. Não havia sinal das hienas.

— Desapareceram! — exclamou Chufoi. — Mas podem voltar. As pranchas. Rápido!

— Certifica-te de que estão direitas.

Amerotke agachou-se e tacteou o caminho. Não conseguia parar de tremer, não sendo capaz de concentrar-se. Chufoi atirou para o outro lado a tocha acesa, que aterrou num crepitar de chamas, mas, reacendendo-se o alcatrão e o pez, brilhou com mais fúria. Amerotke, acalmando-se, usou a luz para agarrar nas extremidades das pranchas e prendê-las. Depois, atravessou, agachando-se ao lado de Chufoi. Deixou que o servo o embrulhasse numa capa, lutando contra

uma onda de náusea e a sensação de ardor na parte de trás da garganta.

— Como é que soubeste? — disse ele.

— Não sabia — declarou Chufoi honestamente. — Mas, meu senhor, aqui não. Temos de ir.

Amerotke estava prestes a partir, mas, por insistência de Chufoi, ajudou-o a retirar de novo as pranchas.

— A hiena é um animal matreiro — explicou Chufoi. — Não seríamos os primeiros humanos a ser caçados no escuro. Estás bem? Consegues correr?

Amerotke anuiu com a cabeça.

— Com uma condição — disse ele, arquejando. — Não quero provérbios nem máximas, Chufoi!

— O destino de um homem é o destino de um homem — entooou Chufoi.

— As hienas já não parecem tão horríveis — zombou Amerotke.

O servo colocou-lhe a mão em torno da cintura e os dois começaram a descer o penhasco.

Quando já haviam saído do vale, Amerotke sentiu-se fraco e em agonia. Tinha a mente cheia de imagens terríficas: os cadáveres ensopados em sangue, os babuínos com as mandíbulas abertas, aqueles cheiros pútridos e aquelas formas mortais na escuridão.

Contornaram a necrópole e Chufoi conseguiu alugar um pequeno barco para atravessar o Nilo. No cais, Amerotke desfez-se de toda a sua dignidade, atirando-a ao vento, e sentou-se de joelhos para cima, braços cruzados e olhos fechados. Descobriu que não conseguia parar de tremer.

— Estás a precisar de comida quente.

A sugestão foi demasiado forte. Amerotke começou a ter convulsões e a vomitar. Permitiu que Chufoi o pusesse de pé e o deitasse debaixo de uma palmeira que ficava perto de uma das cervejarias que permaneciam abertas até mais tarde. Chufoi sentou-o num banco, berrando ao dono que não se preocupasse, pois pagariam. Depois, fez com que Amerotke bebesse um copo de vinho branco forte.

— Vais sentir-te com sono, mas melhor.

Amerotke bebeu um grande trago. Tomou consciência do que o rodeava, dos marinheiros com as suas vestes características, rindo e brincando com as prostitutas, chulos e vendedores ambulantes, soldados de folga e pomposos funcionários do porto, que andavam nos seus afazeres nocturnos. Amerotke teve vontade de se pôr em pé e gritar os horrores que presenciara.

— Eu não posso voltar neste estado — indicou ele. — A Norfret ficará muito perturbada.

— Esperaremos aqui durante algum tempo — replicou Chufoi suavemente. — Vinho e alguma comida, meu amo.

— Como é que soubeste para onde eu tinha ido? — perguntou Amerotke.

Reparou que o pequeno rosto de Chufoi ficara pálido e encolhido. Amerotke esticou o braço e tocou na face do anão.

— Tu já não és um servo, Chufoi — disse ele em voz baixa. — És livre e rico. És meu amigo e serás vestido com o melhor linho e sentar-te-ás em lugar de honra.

— Não, muito obrigado — respondeu Chufoi. — O destino de um homem é o destino de um homem. E se os deuses te deram um cesto vazio, então é leve e fácil de transportar. — Baixou a cabeça. — Pelo menos, não sou um juiz da Sala das Duas Verdades que está a ser caçado por hienas na calada da noite. Fizeste uma coisa muito estúpida, senhor.

— Eu sei. — Amerotke reclinou-se contra a árvore e limpou o suor do pescoço. — Eu sou juiz, Chufoi. Nunca imaginei que alguém ousasse ameaçar a justiça do faraó. Esta noite aprendi uma lição de humildade. Sou um homem com muitas limitações e a minha vida é igual à de qualquer um. Uma chama ao vento. — Estalou os dedos. — Que pode desaparecer assim!

— Perguntei a mim próprio onde é que irias — contou-lhe Chufoi. — Por isso, como é hábito, procurei nos teus papéis. Encontrei a carta do sacerdote da serpente e segui-te.

Amerotke olhou para cima.

— Onde estão o arco e as flechas?

— Algures no Vale dos Reis — troçou Chufoi. — Fui a casa do Prenhoe e trouxe-os. Ele não estava. De outro modo, teria vindo comigo. De qualquer maneira, trouxe o arco e a aljava. Atravessei o Nilo e entrei na necrópole. Encontrei aquele homem, o embalsamador, aquele que esteve no julgamento. Disse-me que te tinha visto. Por isso, continuei. Vi onde pararas para ajudar aquela velha. Havia um farrapo da tua túnica preso numa rocha. Apressei-me. Estava escuro como breu. Não conseguia ver para onde foras e como lá chegar até ouvir os teus gritos. Tinhas uma lamparina na mão. Vi-a bruxulear. Posso não ter nariz, mas possuo dois bons olhos e ouvidos. Mesmo antes de sair da necrópole compreí... — sorriu e encolheu os ombros — ... roubei uma tocha de pez. O resto já sabes. Trepei às rochas.

— Não sabia que eras tão eficiente com flechas de fogo — disse Amerotke.

— Já fui archeiro — respondeu Chufoi com orgulho. — Uma coisa aprendi em todas as minhas viagens: não há animal que não fuja do fogo. Uma espada, um punhal, podem ser úteis, mas o fogo... Acredita, meu amo. No deserto, na calada da noite, o fogo é, realmente, uma dádiva dos deuses. Agora diz-me por que razão lá foste.

Tornou a encher a taça de Amerotke e ouviu a narrativa do que sucedera

desde que Meneloto fora julgado no Salão das Duas Verdades, sobre as rivalidades no seio do conselho, a reunião com Hatusu e as mortes de Ipu-uer e de Amen-hotep.

Chufói lembrou-se da figura de cera que lhe fora metida nas mãos na noite anterior, mas decidiu não mencionar o facto. Se o seu amo tinha sido insensato, ele também fora. Devia ter avisado Amerotke, mostrando-lhe a figura de cera e alertando-o para os perigos que corria. O anão jurou, em silêncio, que nunca mais cometeria o mesmo erro.

— Não há dúvida — declarou ele assim que Amerotke terminou — de que o assassino tentou matar-te esta noite.

— Mas porquê daquela maneira? — perguntou Amerotke. — Porque não uma taça de veneno ou uma cobra?

— Seria semelhante aos outros. O Amen-hotep foi atraído a um local isolado junto ao Nilo e assassinado. Digo-te uma coisa: o assassino conseguiu pelo menos metade do seu intento. Por alguma razão peculiar, aquele velho sacerdote da serpente, o Labda, tinha de morrer. Queria silenciá-lo. Só os deuses sabem por que motivo. Mas o teu caso é diferente. Não estiveste em Sakara com o divino faraó. Não deveras ser castigado, mas sim afastado. Se eu não tivesse encontrado aquele recado, poderiam ter-se passado semanas, meses ou uma eternidade até os restos ensanguentados encontrados na caverna serem relacionados contigo. O assassino apenas queria que tu desaparecesses. Aquelas hienas foram atraídas de propósito e os seus apetites estimulados. Assim que o fogo morresse, apertavam o cerco. Pareceria um terrível acidente.

Amerotke esvaziou a taça e baixou-a. Ouviu os sons que vinham das entranhas da cidade e homens a gritar.

— Alguma coisa está a correr mal! — Levantou-se, hesitante, olhando para o céu da noite. Seria um incêndio?

Chufói agarrou-o pelo pulso.

— Quando comecei a seguir-te, um esquadrão de quadrigas entrou em Tebas, ou o que restava dele. Os cavalos estavam ofegantes e os condutores ensanguentados e cheios de pó. Ouvi rumores, falatório sobre alguma coisa de horrível que aconteceu no Norte!

Amerotke caminhou na direcção do barulho com Chufói atrás de si. Abandonaram o cais, correndo pelas ruas estreitas e serpenteantes até ao grande recinto que ficava em frente de um dos templos. As pessoas juntavam-se à volta de três jovens soldados. Pelas suas insígnias, Amerotke percebeu que pertenciam ao Regimento de Ísis. Abriu caminho através da multidão e agarrou um pelo braço. O indivíduo tê-lo-ia afastado com um empurrão, pois Amerotke estava ensanguentado e sujo, mas ele mostrou-lhe o anel.

— Sou Amerotke, juiz supremo da Sala das Duas Verdades! O que se passa?

O soldado afastou-o do resto da multidão, aproximando-o de uma loja junto à qual ardia uma tocha de pez. Observou o rosto de Amerotke e pediu que lhe mostrasse novamente o anel.

— És quem dizes ser, meu senhor Amerotke.

O soldado fez uma vénia.

— Não importa! O que aconteceu?

— A tua presença é necessária no palácio — respondeu o homem. — Eu e os meus companheiros vamos juntar-nos ao regimento. Os Mitânios atravessaram o Sinai com um exército enorme. Ameaçam o Egipto.

Iviontu: deus-falcão, normalmente representado como um homem com cabeça de falcão, usando um disco solar coroadado por duas penas. É o deus da guerra egípcio.

CAPÍTULO 12

Os quatro grandes regimentos do poderio egípcio, o de Osíris, o de Ísis, o de Hórus e o de Amon-Ré, estavam agora a avançar em massa para norte ao longo da margem oriental do Nilo. Cada regimento possuía a sua própria insígnia de prata e estandartes, se bem que já estivessem encobertos pelas espessas nuvens de pó levantadas pela caminhada.

O exército estava em marcha havia duas semanas. Os escribas anotavam o iter, cada seis milhas e meia que marcavam o seu progresso. As provisões e a água haviam sido cuidadosamente guardadas e divididas para cobrir cada iter. Mesmo assim, os homens tinham fome e sede. Olhavam com inveja para a esquerda, onde as galés de guerra reais, com as suas proas douradas esculpidas em forma de animais ameaçadores, cortavam as águas do Nilo. Os marinheiros a bordo estavam em sentido, com as armaduras de bronze a brilhar ao sol. Os remadores inclinavam-se sobre os remos ao som dos gritos dos timoneiros e dos oficiais que se passeavam no convés entre eles. A brisa enfraquecera e era essencial que as galés estivessem em contacto com os regimentos. Nos seus porões traziam água, alimentos, armas e provisões. Para além disso, a frota de guerra guardava o seu flanco esquerdo.

Os Mitânios eram guerreiros manhosos. Fora difícil receber informações dos espões, e os Mitânios poderiam ter atravessado o Nilo numa tentativa de os apanhar de surpresa. Se os escassos relatórios que tinham recebido estivessem correctos, os Mitânios poderiam até ter tomado as galés de guerra e dirigir-se para jusante com intenção de devastar e destruir. Todavia, o exército estava optimista. Do outro lado das águas, ouvia-se ao longe a canção dos remadores que lançavam desafios ao seu inimigo invisível:

*Nós subimos o rio em vitória!
Matando o inimigo na nossa própria terra!
Salve, grande Montu, poderoso deus da guerra!
E Sekhmet, a devoradora, que destruirá
Os inimigos do Egipto!
Voltaremos rio abaixo queimando os seus acampamentos,
Despindo os seus cadáveres!
Salve, grande Montu!*

A canção surgia e sumia-se. Amerotke, marchando à direita da sua

falange, também olhava com inveja para a água. Levantou a sua cabaça de água, bebeu um gole e parou. Depois, abriu a pequena paleta que trazia dentro do saco que tinha às costas e aplicou alguns anéis de kohl em torno dos olhos, protecção segura contra o vento e o pó. Após guardar a paleta, continuou a marchar. O seu toucado branco, orlado com a tira vermelha de oficial, proporcionava-lhe alguma protecção contra o sol, mas a garganta estava ressequida, os pés cheios de bolhas e as pernas doridas, suplicando repouso. Contudo, era preciso manter a pose fria de um oficial superior. Os seus homens observariam o seu estado de espírito. Mesmo naquela altura, ele sabia que os resmungões que se encontravam entre os neferu, os novos recrutas, buscavam algum sinal de fraqueza ou moleza naquele grande nobre, seu superior.

— Quando é que descansamos, senhor? — gritou uma voz.

— Quando anoitecer! — retorquiu Amerotke. — Continuem a andar, rapazes! Fortalece as coxas. As mulheres assobiarão quando vocês regressarem a Tebas.

— Vão admirar muito mais do que as minhas coxas! — retorquiu uma voz. — Se não tiver uma mulher em breve, andarei sobre três pernas, e não duas!

O comentário obsceno provocou uma onda de riso nas fileiras enquanto a piada era passada de boca em boca. Amerotke avançou com mais vigor. Os abutres voavam por cima dele com as grandes asas bem abertas. «As galinhas do faraó», assim eram chamados pelas tropas. Conseguiram seguir aquela longa coluna de homens à espera de restos, mas os soldados não se importavam. Se bem que fossem animais necrófagos, encaravam-nos como um sinal de sorte.

Amerotke protegeu os olhos do sol e olhou para a direita, onde os grande esquadrões de quadrigas, aos milhares, quinhentas por regimento, retumbavam no meio de nuvens de pó. Entre eles encontrava-se o seu próprio esquadrão de duzentos e cinquenta homens, pois Amerotke detinha o título de pedjet, comandante de quadriga, chefe daqueles a quem chamavam «Cães de Hórus». A sua própria quadriga seria conduzida pelo seu skedjen, o cocheiro. Seria mais fácil viajar com ele, mas, se bem que tentador, isso teria apenas abrandado a coluna de marcha e cansado os cavalos. As quadrigas eram leves, em vime dourado, mas transportavam um condutor, um arco, uma aljava e lanças de arremesso. Os altivos cavalos oriundos de Canaã, com as suas plumas de guerra a dançar ao vento, tinham de estar tão frescos quanto possível em caso de ataque súbito.

Mais para norte e leste encontravam-se as linhas de batedores, mercenários recrutados entre os habitantes do deserto. Omendap, o comandante supremo, não confiava neles. As quadrigas eram uma defesa certa contra um ataque de surpresa, uma parede de bronze e carne de cavalo para proteger o flanco direito e permitir que os regimentos desdobrassem em linha se os Mitânios aparecessem.

Amerotke olhou para o céu. Em Tebas passava pouco do meio-dia. Já

estavam em marcha há mais de duas semanas. Tinham transposto Abido e Mênfis, seguindo agora o Nilo, procurando os Mitânios, que se congregavam, segundo diziam os batedores, algures para nordeste. Dizia-se nos regimentos que os santuários de Amon-Ré tinham sido pilhados e incendiados e que agora os Mitânios, descansados e poderosos, esperavam o exército egípcio. Assim que o destruíssem, o rico e luxuoso vale do Nilo ficaria desprotegido e os Mitânios poderiam saquear à vontade.

Amerotke apenas esperava que Omendap tivesse razão e que apanhassem o inimigo de surpresa. Omendap argumentava constantemente, durante as longas reuniões nocturnas, que os Mitânios não esperavam que uma hoste tão grande fosse organizada com tanta rapidez pelos escribas da Casa da Batalha. Estes, juntamente com os funcionários da Casa de Guerra, tinham trabalhado sem parar para conseguir armas, provisões, carroças, burros e todas as bagagens para uma batalha. Amerotke reflectiu pesadamente que, se eles surpreendessem os Mitânios, seria uma mudança para melhor. Os espiões da Casa dos Segredos tinham regressado a Tebas com notícias de um grande exército hostil que atravessara o deserto do Sinai, mantendo-se afastado da estrada real, a Estrada de Hórus, e da pequena guarnição egípcia que a defendia. Os Mitânios tinham avançado em força e controlavam agora a estrada e o deserto com as suas minas de ouro, prata e turquesa.

Algures na frente da coluna, um trombeteiro pertencente ao corpo de músicos do exército fez soar algumas fanfarras para agitar o sangue das tropas em marcha. Os diferentes batalhões responderam com berros e aplausos antes de começarem a entoar canções, normalmente obscenas, que falavam uns dos outros.

Cada batalhão tinha o seu próprio nome: «O Touro Enraivecido da Núbia», ou «A Pantera Furiosa do Faraó». Todos defendiam religiosamente a sua reputação e entretinham-se durante aquela longa marcha trocando gracejos entre si. Vários batedores, montados em cavalos malhados, galoparam ao lado das colunas até junto dos oficiais que iam à frente.

Amerotke viu-os passar e o seu pensamento recuou até à noite em que Chufoi o salvara dos terrores do Vale dos Reis. Encontravam-se a meio caminho de casa quando tinham sido surpreendidos pelos servos reais que insistiam para que ele regressasse na sua companhia à Casa do Milhão de Anos. Chufoi levou as mensagens a Norfret enquanto ele corria para o palácio para encontrar o conselho real numa enorme desordem. As invejas e divisões tinham vindo à superfície. Os escribas da Casa da Batalha estavam em desacordo com os da Casa de Guerra, se bem que unidos para proclamar o abuso dos escribas da Casa dos Segredos e a sua impotência para descobrir aquela terrível ameaça contra o reino. Os conselheiros não estavam melhor. Hatusu, Sethos e Senenmut mostravam abertamente o seu desprezo em relação a Rahimere, enquanto o vizir, apoiado

por Bailetos e os sacerdotes, atirava as culpas para Hatusu.

— Se tivesse sabido qual era o seu lugar — troçara Bailetos —, permitindo que o governo de Tebas estivesse unido, estaríamos preparados. Os regimentos poderiam ter sido enviados.

— Disparate! — gritara Senenmut. — Sua Alteza Real tem o sangue dos faraós. Se não tivessem desperdiçado o seu tempo a discutir quem faz isto ou aquilo...!

Finalmente, Omendap recordara-lhes o perigo que enfrentavam, descrevendo em frases claras e precisas a verdadeira ameaça que representavam os Mitânios, conduzidos pelo seu rei-guerreiro Tucheratta.

— Só temos algumas tropas no Norte — declarou ele. — Os Mitânios atravessaram o Sinai. Provavelmente incendiaram cidades e aldeias e subornaram as nossas guarnições militares. Não atacarão o Delta nem marcharão para sul. Esperarão para ver.

— Ver o quê? — perguntara Hatusu.

— Devem ter conhecimento das divisões que existem dentro da cidade — acrescentou Omendap amargamente. — Talvez até das mortes, dos terríveis homicídios. Ficarão à espera que enviemos um exército de maltrapilhos para norte, que será aniquilado antes de começarem a deslocar-se para sul. — Omendap esboçou um ligeiro sorriso. — Temos uma grande vantagem. Devido, como direi, ao ambiente sensível que se vive em Tebas depois da morte do divino faraó, há quatro regimentos às portas da cidade, prontos a marchar. Um quinto, o de Anúbis, poderá seguir atrás. Temos de atacar e depressa. O exército terá de começar a marcha logo a seguir à alvorada.

A sua declaração causou algum rebuliço, mas Omendap repetiu, fria e calmamente, as suas razões.

— Tu assumirás o comando, Omendap — declarou Rahimere com o olhar fixo em Hatusu. — Mas Sua Alteza deveria acompanhar o exército. Como diz o senhor Senenmut, ela é do sangue dos faraós. As tropas exigirão.

Hatusu ia objectar, mas Senenmut disse-lhe algo ao ouvido. Sethos também lhe murmurou qualquer conselho. Contudo, Rahimere fora inteligente. A campanha poderia ser infrutífera. Os Mitânios seriam capazes de reunir tesouros e escravos e voltar a atravessar a fronteira ou Hatusu poderia sofrer um contratempo. De qualquer modo, voltaria de rastos para Tebas, onde descobriria que Rahimere apertara o controlo sobre os palácios e templos, assumindo, é claro, a custódia pessoal do menino, o divino faraó. Hatusu aceitou, mas apontou para a coroa de guerra, o elmo azul que o faraó usava sempre em batalha.

— Eu levo aquilo — declarou ela. — Para que as tropas saibam que o espírito do faraó marcha com eles!

Rahimere baixara a cabeça.

— E leve os seus conselheiros também consigo — afirmara

sarcasticamente. — Não era comandante das quadrigas, meu senhor Amerotke? Comandante Omendap, vai precisar de todos os homens experientes.

— Irei — disse Amerotke em voz alta, com o rosto vermelho de raiva, proferindo aquela palavra sem reflectir. — Durante esse período, a Sala das Duas Verdades permanecerá fechada.

Rahimere apenas pestanejou e afastou o olhar. Amerotke sabia que estava comprometido. Por muito que tentasse manter-se neutro, colocara-se do lado de Hatusu, que já estava, nesse momento, a levantar-se do seu trono. A reunião do conselho real terminara.

Amerotke apressara-se a chegar a casa e a explicar o que acontecera. Norfret ficara pálida, mordendo os lábios. Tentou mostrar-se sorridente, ..mas Amerotke reparou na expressão preocupada que tinha no olhar. Abraçou-a.

— Ficarei bem — garantiu ele. — Voltarei para Tebas em glória.

Foram os únicos momentos que tiveram sozinhos. Os rapazes haviam entrado de supetão com uma interminável lista de perguntas. Amerotke acalmara-os. Prenhoe e Asural foram chamados. Receberam instruções rígidas sobre a custódia do templo e sobre a maneira como deveriam ajudar Chufoi a proteger a senhora Norfret e os seus dois filhos.

— Não posso ir contigo? — perguntara Chufoi. — Precisarás de alguém que te guarde.

Amerotke agachara-se e agarrara nas mãos do pequeno homem.

— Não, Chufoi, acredita! Tens de ficar aqui. Norfret e os meus dois filhos estarão a teu cargo. Se tudo correr pelo pior, e tu serás informado logo que tal aconteça, protege a minha família. Se me deres a tua palavra, poderei partir com mais alegria.

Chufoi concordara. Pouco depois, Amerotke saiu para se juntar aos regimentos que já estavam a levantar acampamento, formando uma coluna de marcha.

Amerotke ouviu aplausos e acordou dos seus devaneios. Olhou para a coluna de homens. Na sua quadriga, Hatusu saía do meio de uma nuvem de pó. As tropas bateram com as armas e a quadriga abrandou a marcha para que Hatusu aceitasse os aplausos das suas tropas. As enormes rodas traseiras da quadriga tornavam-na fácil e rapidamente manobrável. À frente, erguia-se um grande estandarte que mostrava a deusa-abutre, o emblema pessoal de Hatusu. Dos lados estavam penduradas uma aljava azul e dourada, uma grande cometa e lanças de arremesso.

Os dois cavalos negros eram os melhores dos estábulos do faraó. Ajaezados com panos de linho branco, faziam força nos arreios, e as grandes plumas de avestruz brancas colocadas entre as orelhas dançavam a cada movimento. Amerotke reconheceu os cavalos, o Glória de Hathor e o Força de Anúbis, dois dos cavalos de quadriga mais velozes dos quatro regimentos. O

condutor era Senenmut, usando um saiote branco coberto de tiras de couro. Sobre o seu peito nu, exibia um cinto de couro ornamentado a bronze. Hatusu, de pé a seu lado, tinha o cabelo atado com uma fita. Trazia uma armadura e pequenas placas de bronze presas a uma túnica de linho que caía até um pouco abaixo dos joelhos. No cinto, prendera um punhal de lâmina estreita. À sua volta juntaram-se outras quadrigas que constituíam a guarda pessoal de Hatusu.

Entre as quadrigas corriam os bem armados nakhtu-aa ou «rapazes de braços fortes», duros veteranos de diferentes regimentos com os seus rígidos toucados vermelhos e brancos. Estavam armados com escudos de bronze arredondados, espadas e punhais, os troncos protegidos com armaduras alcochoadas a linho com grandes protectores de virilha ovais.

A quadriga real aproximou-se e parou. Hatusu inclinou-se para o lado. Amerotke achou-a mais bela então do que quando usava as suas gloriosas vestes da corte. Estava vibrante, o rosto e os olhos cheios de paixão como que reveladores da glória, força e poder dos exércitos egípcios.

— Estás com calos nos pés, Amerotke?

— Um pouco mais duros, Vossa Alteza, do que estavam em Tebas.

Hatusu riu-se e pousou a mão no braço transpirado de Senenmut, apertando-o antes de descer da quadriga. As tropas que marchavam olharam-na apreciativamente enquanto caminhava com um ligeiro bamboleio na direcção do comandante. Era tão esbelta e tão aprumada. Apesar do calor, não havia suor a brilhar na sua testa ou no seu rosto. Ofereceu um odre de vinho a Amerotke.

— Só um gole — avisou ela. — Adoça a língua e contenta o coração.

Amerotke obedeceu.

— Mantém o rosto sério — murmurou ela, recebendo o odre —, mas os Mitânios estão mais perto do que pensamos. Acamparemos esta noite perto do oásis de Selina. Há erva para os cavalos e água e sombra para alguns de nós. Amanhã saberemos o pior.

Dirigiu-se à quadriga e subiu. Senenmut fez uma vénia, pegou nas rédeas, e tanto quadriga como escolta avançaram para o início da coluna.

Amerotke ficou a vê-los. Omendap, e não Hatusu, era tecnicamente o comandante supremo e trazia o bastão do seu cargo. De início, as tropas tinham considerado Hatusu simplesmente como um símbolo. Até lhe chamavam a «mascote dos soldados», gozando em silêncio; porém, desde que tinham saído de Tebas, a influência e o poder de Hatusu aumentaram. Não mostrara fraqueza e não pedira favores. Demonstrara abertamente que era filha de um guerreiro e estava habituada à vida rigorosa de um acampamento. Estava constantemente em movimento, parando e falando com os homens, aprendendo os seus nomes, que nunca mais esquecia. Numa determinada ocasião, um dos «rapazes de braços fortes», um homem grande e gordo, falara publicamente sobre os seus seios e da maneira confortável como assentavam sob a fina armadura acolchoada. Hatusu

ouvira o comentário, mas, em vez de bater no homem ou atribuir-lhe um castigo, apontara para o seu peito nu e fortemente musculado.

— Uma das razões por que gosto de falar convosco, rapazes — gozou ela —, é o facto de ser secretamente invejosa. Se eu tivesse mamas tão grandes como as vossas, não teria de usar armadura!

O comentário gerara um ambiente surpreendente de satisfação e alguns ataques de riso. Hatusu era vista como um par, um soldado que não insistia em cerimónia, que partilhava as dificuldades e privações. Assim que o exército acampava para passar a noite, Hatusu e Senenmut visitavam os diferentes batalhões. O seu discurso era sempre o mesmo: iam à procura dos inimigos do Egipto, partir-lhes o pescoço, esmagar-lhes as cabeças e dar-lhes uma lição que nunca esqueceriam. Os Mitânios que conseguissem voltar para casa regressariam a coxear e narrariam a terrível fúria e vingança do faraó.

No conselho de guerra, Hatusu exercia cada vez mais a sua influência. Omendap, que apreciava o seu discernimento, cedia sempre ao seu ponto de vista. Hatusu insistia para que o exército se mantivesse unido. Deveria permanecer junto ao Nilo e levar os Mitânios à batalha em terreno escolhido por eles. Amerotke ansiava secretamente que o bom senso de Hatusu se mostrasse eficaz.

— Estás com uma insolação?

Amerotke olhou para cima, protegendo os olhos da luz solar, para ver Sethos em cima de um cavalo. O delegado real, os olhos e os ouvidos do faraó, parecia em boa forma e não perturbado pelo sol e pela poeira. Amerotke sorriu.

— Não há quadriga para ti, meu senhor Sethos?

O delegado real era conhecido como bom cavaleiro, um dos poucos nobres egípcios que preferia montar a cavalo a que conduzir uma quadriga. Sethos fiscalizou a coluna.

— A Hatusu está outra vez a mostrar a bandeira — murmurou ele.

Amerotke agarrou nas rédeas do cavalo e seguiu o olhar do companheiro.

— Ela falou de uma surpresa.

— Acho que vamos todos ter uma surpresa — afirmou Sethos. Inclinou-se para a frente e bateu no ombro de Amerotke. — Os Mitânios estão muito perto. Talvez, daqui a alguns dias, este assunto fique decidido de uma vez para sempre. E o outro assunto — continuou Sethos —, a morte do divino faraó e o homicídio de Amen-hotep?

— Terá de esperar. Tal como dizes, meu senhor Sethos, daqui a uma semana já não teremos de nos preocupar.

— Quando passámos por Sakara — disse Sethos enquanto afagava a crina do cavalo —, olhaste para as pirâmides?

Amerotke anuiu com a cabeça.

— Recordei tudo — continuou Sethos. — A visita do divino faraó e o

que aconteceu desde que regressou e morreu perante a estátua de Amon-Ré. Bom! — Pegou nas rédeas. — Esta noite, Amerotke, bebemos uma taça de vinho?

Antes de o juiz poder responder, Sethos bateu com os calcanhares e galopou atrás do cortejo real.

Chegaram ao oásis ao fim da tarde. Os sargentos e instrutores puseram as tropas a cavar uma vala defensiva, construindo uma paliçada que foi reforçada com os escudos dos soldados de infantaria. Primeiro, foi o caos. Os cavalos tinham de ser alinhados, os odres de água cheios e as latrinas escavadas. Cada corpo de exército tinha uma extremidade do enorme campo. Na ponta mais distante situava-se a zona real, defendida por outra paliçada e homens escolhidos a dedo de entre os regimentos. Dentro dela via-se o pavilhão de Hatusu bem como os de Omendap e dos outros comandantes, todos agrupados em torno do santuário a Amon-Ré, que os sacerdotes tinham erguido. As oferendas carregadas de incenso já exalavam uma fragrância doce que pairava sobre o acampamento.

Amerotke surpreendia-se sempre com a velocidade com que aquele caos se desfazia e a ordem era restaurada. Os esquadrões de quadrigas eram mandados em patrulha para assegurar que o inimigo não lançava um ataque de surpresa. Rapidamente, os oficiais encarregados da distribuição de víveres já tinham enchido grandes potes com água das fontes e canais de irrigação que saíam do Nilo. Acendiam-se fogueiras e distribuía-se comida. Destacamentos eram enviados às aldeias mais próximas para requisitar provisões, animais e tudo aquilo de que o exército pudesse necessitar.

A pequena tenda de Amerotke foi armada dentro do recinto real. Consistia apenas em algumas estacas enterradas no solo e cobertas com grandes panos para o proteger do ar da noite. Retirou rações do recipiente comum e comeu, sentado no chão de pernas cruzadas, como os restantes. Depois, retirou-se, lavou-se e mudou de roupa e ajoelhou-se perante o pequeno santuário de Maet que trouxera. Lá fora, à medida que a noite caía, ia-se fazendo silêncio no acampamento, apenas quebrado pelos sons dos armeiros, o relinchar dos cavalos, os gritos e berros dos oficiais e os sussurros que persistiam em torno das fogueiras. Amerotke apagou a lamparina e deambulou pelo recinto.

Visitou o seu próprio esquadrão. O oficial informou-o de que os cavalos tinham comido e bebido, estavam secos e preparados para a batalha a qualquer momento. Perto dali, um médico estava a limpar golpes e feridas, distribuindo pequenos frascos de unguento aos soldados que se queixavam de ferimentos nos pés ou nas canelas, após a longa e rápida marcha. Os seguidores de acampamentos andavam também por ali,) um grande emaranhado de gente que acompanhava o exército: prostitutas, latoeiros e vendedores ambulantes. Alguns já vinham com eles desde Tebas. Outros tinham-se juntado ao exército ao longo da marcha. Grandes sopros de trombeta anunciavam as horas e a passagem da

noite. Todos se preparavam para o sacrifício matinal. Viam-se sombras a entrar e a sair do acampamento: amantes, homem e mulher, procurando um local sossegado onde pudessem deitar-se num abraço quente e vigoroso, esquecer as dificuldades do dia e a possível ameaça do amanhã. Os arautos moviam-se pelo campo, emitindo ordens de marcha e novas instruções. Os batedores saíam e entravam sub-repticiamente e as carroças eram arranjadas.

Amerotke perguntou a si próprio o que estaria a acontecer em Tebas. Norfret e os rapazes estariam em segurança? Teria Chufoi seguido as suas instruções? Um oficial aproximou-se, anunciando que o comandante supremo Omendap mandava cumprimentos e pedia que todos os membros do conselho de guerra se dirigissem ao recinto real. Amerotke suspirou e levantou-se. Abriu caminho através do acampamento. Dentro da tenda de Omendap estavam reunidos os restantes membros do conselho de guerra, sentados em bancos com pequenas mesas à sua frente. Hatusu parecia imperturbável como sempre, sentada entre Senenmut e o comandante. Nos restantes membros incluíam-se Sethos, os principais escribas da Casa de Guerra e os comandantes dos mercenários e regimentos reais. Os funcionários distribuía rolos de papiro onde se liam os cálculos para os alimentos e água e a linha de marcha. A conversa não seguia qualquer método. Assim que os funcionários saíram, Hatusu, pegando no machado prateado de Omendap, bateu na mesa.

— Os Mitânios — declarou ela — estão mais próximos do que pensamos.

— Por isso — acrescentou Sethos —, não podemos continuar a marchar até ao mar.

— Não é o que esperávamos! — protestou Omendap. — O Tchratta está a revelar-se tão matreiro e escorregadio como um mangusto. Esperávamos ter de suportar ataques de surpresa e até com quadrigas à nossa linha de marcha. Nada aconteceu. Os batedores enviados não regressaram. Um conseguiu voltar e disse que não havia sinais de Mitânios, mas que encontrara um grupo de nômadas. Falaram de um grande exército algures a nordeste, milhares de quadrigas, soldados de infantaria e archeiros.

Amerotke sentiu os cabelos da nuca a eriçar-se. Compreendia o que Omendap estava a dizer. Não se tratava de um ataque qualquer. Os Mitânios estavam ali em força. Tencionavam conduzir o exército egípcio à guerra e ajustar contas.

— E o que podemos fazer? — perguntou um dos comandantes de regimento.

— São essas as boas notícias — ironizou Senenmut. — Temos quatro regimentos. Vinte mil homens, mais dois ou três mil mercenários, se bem que não possamos confiar em alguns. Desses vinte mil, cinco mil são homens em quadrigas.

Abriu um rolo de papiro sobre a mesa à sua frente e esfregou o rosto com as mãos.

Amerotke detectou o seu mal-estar.

— Os Mitânios podem muito bem ser o dobro em número — disse ele.

— O dobro? — surpreendeu-se Sethos. — Se sabemos tão pouco, porque não três ou quatro vezes mais?

Senenmut olhou para ele.

— Podes ter razão — disse Hatusu. — O Tuhratta e os Mitânios devem ter atraído mercenários, aqueles que não concordam com o governo do faraó. Se continuamos a avançar para norte, poderemos alcançar o Grande Mar e não ter alternativa senão voltar para trás. Se abandonamos o Nilo e avançamos para nordeste, entraremos nas Terras Vermelhas, onde a água e as provisões são escassas. Podemos vaguear durante meses. O Tuhratta poderá cair-nos em cima ou simplesmente evitar-nos e continuar em frente.

— E enquanto estamos no Norte — adiantou Amerotke —, o Tuhratta está a marchar para Tebas.

— Sabemos que estão perto — disse Hatusu. — Não há dúvida de que os nossos batedores foram mortos.

— Ou passaram-se para o inimigo?

— Amanhã de manhã — continuou Hatusu —, enviaremos os nossos três esquadrões de quadrigas. Cada um avançará o suficiente de modo a varrer o terreno em arco. O mais importante — apontou para Amerotke — é que o Regimento de Anúbis ainda não nos apanhou. Quatro mil homens e mais quinhentas quadrigas. Meu senhor Amerotke, deves regressar e dizer ao comandante que tem de se apressar.

— É mais fácil dizer do que fazer — observou Sethos de cabeça inclinada.

Ninguém o contradisse, mas todos os que estavam na tenda reconheceram a ameaça silenciosa. O comandante do Regimento de Anúbis, Nebanum, fazia parte do círculo de Rahimere, suspeitando-se bastante da sua lealdade. Saíra de Tebas depois do exército real, mas insistira em manter-se dois ou três dias de marcha atrás dele. Hatusu levantou-se.

— Até sabermos mais — concluiu enquanto entregava o machado prateado a Omendap —, o exército permanecerá aqui. — Fez uma ligeira vénia. — Meus senhores, desejo a todos uma boa noite.

Amerotke ficou a debater vários assuntos com os outros e concordou com a afirmação de Sethos de que pareciam cães a correr atrás das próprias caudas. Depois, voltou para a sua tenda, acendeu a lamparina e sentou-se na cama de campanha, olhando para o céu nocturno. O que aconteceria quando fosse ter com Nebanum? E se o comandante se recusasse a marchar mais depressa? Amerotke deitou-se na cama, enrolando-se na capa, fechou os olhos e

murmurou uma oração a Maet.

Noutra parte do acampamento, bem longe do recinto real, o chefe dos amemets também estava a dizer uma oração ao seu próprio e terrífico deus. Os membros do seu bando encontravam-se todos à sua volta com as armas empilhadas ao lado. O chefe dos amemets não se importava com os Mitânios ou com a ameaça de guerra. Não era a primeira vez que seguia na esteira de um exército. Para onde fossem exércitos, havia sempre saques e pilhagens fáceis. Se ocorressem combates árduos ou situações de perigo, ele e as suas tropas assassinas pura e simplesmente desapareceriam na noite. Era verdade que tinha aceite o pequeno barril de ouro e prata, o saco de pérolas e a comissão inerente. Deveria seguir o exército real e, no momento certo, receberia instruções sobre o que fazer.

O chefe dos amemets suspirou. Até àquela altura, a viagem decorrera sem incidentes ou desconforto. Os seus homens tinham pilhado as aldeias, ludibriado os soldados e vivido da riqueza da terra. E se os boatos fossem verdade e os Mitânios estivessem por perto? O chefe dos amemets olhou para as estrelas e depois fechou os olhos. Não esperaria mais tempo e desapareceria nas sombras. Afinal, pensou ele ao deitar-se, era um artesão e só conseguia trabalhar se lhe dessem a matéria-prima.

Anúbis: o deus dos mortos, representado como um homem com cabeça de chacal.

CAPÍTULO 13

— Amerotke! Amerotke! Acorda! Senenmut estava a abaná-lo pelo ombro.

— Em silêncio! — ordenou Senenmut. — Segue-me! Amerotke agarrou na capa, calçou as sandálias e saiu com o confidente de Hatusu. O ar da noite estava frio e desagradável. O acampamento adormecera e o silêncio era apenas quebrado pelos gritos das sentinelas e o relinchar dos cavalos. As fogueiras tinham esmorecido, dando lugar à escuridão. Amerotke seguiu Senenmut até à tenda de Omendap, onde Hatusu e Sethos estavam de pé junto à cama de folhas de palmeiras. Omendap encontrava-se deitado de lado e as mantas puxadas para trás. A taça que estava sobre a mesa ao lado da cama tombara. Um médico tentava introduzir algum líquido por entre os lábios de Omendap. O comandante gemeu, colocando-se de costas. Tinha o rosto pálido e estava encharcado em suor.

— O que estás a fazer? — sussurrou Hatusu.

— Minha senhora, estou a dar-lhe mandrágora, pulicária e enxofre com uma pitada de ópio. É preciso limpar-lhe o estômago.

O médico continuou. Omendap virou-se e vomitou violentamente para dentro de uma taça que o médico lhe colocara junto à boca. O comandante foi obrigado a beber várias vezes e, sempre que o fazia, vomitava. Ocasionalmente, o médico dava-lhe também um pouco de água. Senenmut pegou numa pequena garrafa com vinho e passou-a a Amerotke.

— É charou — disse Senenmut.

Amerotke leu a inscrição que estava em torno do gargalo. Vinha das caves particulares de Omendap e, de acordo com a data do selo, o vinho fora engarrafado cinco anos antes. Cheirou-o e detectou o cheiro acre.

— Foi envenenado! — murmurou Hatusu. — Trouxe a garrafa da sua própria adega. Já examinámos as outras. Algumas estão boas e outras como essa.

Andava para trás e para a frente, fazendo girar o anel que tinha no dedo. Hatusu usava uma simples veste branca e as sandálias estavam desapertadas e soltas. Olhava para Amerotke como uma rapariguinha assustada.

— Foi feito aqui? — perguntou Amerotke.

— Aqui ou em Tebas — replicou Senenmut. — O comandante trouxe-as da sua própria adega. Seria fácil juntar-lhes algumas garrafas de vinho envenenado. A inscrição é provavelmente falsa e o selo forjado. O Omendap estava cansado e nem se deu ao trabalho de olhar. Podia ter acontecido esta noite

ou há uma semana. Tudo dependia da garrafa que o Omendap escolhesse.

— Viverá? — exigiu Hatusu saber.

— Não posso garantir-lho, minha senhora — respondeu o médico, abrindo a boca de Omendap. — O comandante é forte e bem constituído.

— Como é que descobriram? — perguntou Amerotke.

— Os nossos espiões trouxeram um sobrevivente de uma patrulha de mitânios. Ainda o têm preso junto aos cavalos. Não quis que o acampamento entrasse em rebuliço. Vim dizer ao Omendap e encontrei-o em agonia, perdendo e recuperando a consciência. Acordei a senhora Hatusu e o meu senhor Sethos e chamei o médico.

— Fizemos tudo o que pudemos — disse firmemente Hatusu. Agarrou o médico pelo ombro. — Isto é para manter em segredo. Compreendes? — Apertou com mais força. — Se não, juro-te que não ficarás com a cabeça sobre os ombros!

O médico, um velho de rosto esquelético, devolveu-lhe o olhar.

— Compreendo, minha senhora. Se a doença do Omendap for conhecida no acampamento...

— Senenmut! — Hatusu estalou os dedos. — Ordena a alguns dos teus homens que guardem a tenda. Todos, e são mesmo todos, deverão ser mandados embora. Se o Omendap morrer, médico, tu morres. Se ele sobreviver, encherei a taça que estás a usar de ouro puro.

Seguiram-na para o exterior e entraram na sua tenda. Amerotke ficou surpreendido com a escassez de mobiliário: uma simples cama de acampamento, alguns lençóis de linho e uma pequena mesa com copos e um jarro de água. As roupas estavam atiradas para o chão. Num suporte encontravam-se a sua armadura e a coroa azul de guerra do Egito e, a seus pés, um escudo redondo e um cinto de guerra com uma espada e um punhal. Hatusu sentou-se num banco e cobriu o rosto com as mãos. Os restantes, sem proferir palavra, sentaram-se de pernas cruzadas no chão à sua volta.

— Isto tinha de acontecer — proferiu ela entre dentes, levantando a cabeça. — O Omendap tinha de morrer. Quando regressar a Tebas, agarro nos testículos do Rahimere, meto-lhos na boca e mando cortar-lhe a cabeça! — Limpou um pouco de saliva que tinha no canto da boca. O rosto estava pálido e sombrio e os olhos muito abertos. — Acabarei com todos eles. Crucificá-los-ei nos muros de Tebas! O Rahimere e o bando que o segue ansiavam por isto: a Hatusu e o seu exército a morrer nas areias do deserto!

— Não sabemos se o Rahimere é o responsável pelo atentado à vida do Omendap — avisou Amerotke.

— Nós não sabemos — repetiu ela, abanando a cabeça. — Não sabemos. O que vais fazer agora, Amerotke? Reunir o tribunal? Ouvir todos os testemunhos?

Amerotke ter-se-ia posto de pé, mas Senenmut agarrou-o pelo pulso.

— Amerotke está simplesmente a avisar, minha senhora. O assassino pode ser outro. Não é altura para apontar o dedo. O deus Amon-Ré conhece a verdade. A justiça será feita.

— Não temos deuses — declarou Hatusu. — Nada para além de areia, vento e um calor abrasador.

Falou com tanta paixão e raiva que Amerotke conseguiu detectar o ódio que lhe embargava a voz. Acreditaria ela em alguma coisa? Teria Hatusu mudado de tal modo que o seu único deus fosse apenas uma tremenda ambição? O seu desejo de governar?

Ela sentou-se e respirou fundo.

— Senenmut, manda entrar o mitânio!

O seu conselheiro desapareceu. Pouco tempo depois, os guardas trouxeram o homem ensangüentado e ferido com a armadura de couro negro rasgada e cortada, o bigode e a barba ensopados em sangue. Tinha um olho fechado e os seus captores haviam-lhe arrancado os brincos dos lóbulos das orelhas. O prisioneiro foi atirado aos pés de Hatusu. Era a primeira vez que Amerotke via um guerreiro mitânio: era baixo, bem constituído, tinha a cabeça rapada à frente e o longo cabelo negro, espesso e oleado, caído até aos ombros. Estava se-quioso. Senenmut, agachando-se a seu lado, chegou-lhe uma taça de água aos lábios. O homem bebeu avidamente.

— Tu vais morrer — disse-lhe Senenmut. — O que tens de decidir é se queres morrer rapidamente ou abandonado ao calor para ser pasto das hienas e dos chacais.

O homem respirou com dificuldade e sentou-se nos calcanhares.

— Ele percebe a nossa língua? — perguntou Sethos.

Senenmut proferiu algumas palavras numa linguagem áspera e gutural. O mitânio virou-se, os lábios entreabertos e a língua grossa lambendo os arranhões que tinha no canto da boca. Senenmut voltou a falar e depois olhou para Hatusu.

— Ofereci-lhe a vida.

— Se quiseses, oferece-lhe o trono de Tebas! — replicou ela.

O interrogatório continuou. O rosto de Senenmut ficou cinzento. Engolia constantemente em seco. O mitânio apercebeu-se do seu nervosismo e pôs-se a rir até Senenmut lhe dar uma violenta bofetada. Senenmut olhou para os guardas.

— Levem-no para o outro lado do campo! Cortem-lhe a cabeça!

O mitânio foi posto de pé e empurrado para fora. Senenmut aproximou-se da aba da tenda. Juntou-se ao semicírculo em frente a Hatusu.

— Os Mitânios tomaram um oásis e uma das nossas fortificações a nordeste. Os seus esquadrões de quadrigas estão a pouca distância. Saquearam as minas e usaram a riqueza para subornar os nômadas e os habitantes do deserto,

sendo essa a razão do desaparecimento dos nossos batedores. As informações que obtivemos são falsas. O Tchratta está apenas a um dia de marcha. O seu exército é o dobro do nosso. Está bem aprovisionado, bem armado e tem, pelo menos, seis mil carros de guerra. Se avançarem, minha senhora, poderão esmagar o nosso acampamento.

Afastou as mãos.

— E atacarão? — Hatusu colocou as mãos sobre os joelhos. Fez com que Amerotke se lembrasse da deusa Maet: não havia qualquer emoção, o rosto estava translúcido e calmo. Olhou por cima das suas cabeças.

— Não se podem esconder para sempre — declarou Se-nenmut. — As provisões e a água estão a terminar. Se atacarem, terá de ser em breve. Querem levar-nos à guerra e destruir-nos totalmente.

A cabeça de Hatusu descaiu. Ficou sentada em silêncio. Amerotke ouviu os sons do campo e o relinchar dos cavalos.

— Tu prometeste a vida àquele mitânio. Senenmut encolheu os ombros.

— Meu senhor Amerotke, eu dei-lhe a vida, durante algum tempo, e a sua morte será rápida. Se vivesse, diria aos seus senhores o quanto estamos vulneráveis e saber-se-ia aqui, e que é mais grave, a força real dos Mitânios. Temos seguidores de acampamento, a escumalha que habitualmente segue os exércitos. Parecem sempre descobrir o que se está a passar. Serão os primeiros a desertar, e seguir-se-ão os neferu. Daqui a dias, teremos metade das nossas forças.

— Atacarão em breve — afirmou Hatusu asperamente. — Meu senhor Amerotke, chefiarás um pequeno esquadrão de quadrigas. Descerás o Nilo. Ordenarás ao Nebanum que traga o Regimento de Anúbis em marcha forçada. Meu senhor Senenmut, assumirei o lugar do comandante Omendap. A sua doença deverá ser mantida em segredo. Quero o acampamento fortalecido. Os esquadrões de quadrigas deverão permanecer a dois quilômetros a norte deste local, ficando aqui apenas um pequeno esquadrão. — Levantou-se, batendo as palmas. — Daqui a uma hora, raiará o dia. — Dirigiu-se à mesa e, pegando num dos seus selos pessoais, atirou-o para as mãos de Amerotke. — Se o Nebanum não obedecer às minhas ordens, mata-o! — Bateu as palmas. — Vamos! Não há tempo a perder!

Pouco depois, Amerotke, com o cocheiro ao lado, conduzia o pequeno esquadrão para fora do campo. Seguiram a estrada poeirenta e serpenteante que tinham percorrido no dia anterior, uma sensação estranha à medida que o céu se iluminava e os raios de sol se tornavam mais intensos. O Nilo, com as suas verdes margens luxuriantes, brilhava ao calor da manhã. Bandos de pássaros assustados por um animal qualquer, crocodilo ou hipopótamo, escondiam-se nas sombras. À sua esquerda, o deserto começava a ficar vermelho-dourado como que saudando os raios de sol. O frio da manhã desaparecera. Ahumidade

evaporou-se rapidamente e o Sol ergueu-se, uma gloriosa bola de fogo brilhante. Sob as instruções de Amerotke, o esquadrão avançou em três linhas, uma à frente e outra no flanco esquerdo para prevenir um ataque de surpresa. Quando o Sol já ia alto nos céus, os cavalos, a galope, faziam ressaltar e oscilar as quadrigas.

Pararam ao meio-dia, abrigando-se do tremendo calor junto ao rio e descansando à sombra das palmeiras. Os cavalos foram dessedentados e alimentados e os homens comeram e beberam. Tal como Amerotke, tinham-se preparado para a batalha, vestindo os corseletes de bronze, saíotes de linho cobertos com tiras de couro e sandálias justas. Os cocheiros usavam placas protectoras, peitorais de bronze e tangas de linho. Os seus carros estavam armados de aljava, arco e lanças de arremesso.

Os homens não questionaram as ordens. Pertenciam ao esquadrão de Amerotke e, se necessário, voltariam para Tebas. Todavia, ele sentia o seu mal-estar. De um lado, o Nilo fluía, agora com algumas ondas, e, do outro, estendia-se o deserto silencioso. Amerotke perguntou a si próprio se os rumores já teriam começado a espalhar-se. Pressentiriam os homens que o enorme exército dos Mitânios avançava ao seu encontro? Estavam a andar para trás a fim de mandar apressar a marcha do Regimento de Anúbis, devendo por isso suspeitar de que algo não corria bem. Amerotke levantou-se e escalou a margem. Ficou, de mãos nas ancas, a olhar para o deserto, vacilando com o bafo de calor. O ar tremeluzia, desfigurando e distorcendo as rochas distantes e as depressões do terreno: todo um exército marcharia para ali, pensou ele, mantendo, no entanto, oculta a sua presença. Mandou levantar os homens.

— Temos de continuar!

Os cavalos foram novamente aparelhados. O próprio Amerotke sentia-se inquieto como se estivesse a ser observado. Os cavalos, retemperados, cavalgavam a meio galope, o silêncio apenas quebrado pelo seu relinchar, o batimento dos cascos no chão, o ruído das rodas e os gritos dos cocheiros.

Alcançaram o acampamento do Regimento de Anúbis pouco antes do anoitecer. Amerotke ordenou ao seu esquadrão que parasse a fim de comer e beber o pouco que tinham trazido. Acompanhado por um oficial, entrou no acampamento. O Regimento de Anúbis estava bem organizado, com a paliçada e a vala cavada de acordo com os regulamentos. Um santuário ao deus fora erigido no centro do campo, mas não existia a actividade frenética que Amerotke esperara. Nebanum, de olhos pesados de sono, saiu com uma túnica de linho por cima dos ombros. De traços rudes e olhos semicerrados, Nebanum coçava a cabeça rapada e bocejava quando Amerotke se apresentou. Depois, virando-se, ordenou ao sacerdote que estava ao seu lado que lhe enchesse o jarro de cerveja. Nebanum tomou um gole, lavou a boca e cuspiu, quase acertando nos pés de Amerotke.

— Foste, então, enviado pelo Omendap. — Olhou por cima do ombro

de Amerotke para o estandarte plantado à frente do santuário. — Suponho que trazes ordens para que eu me apresse, mas eu só posso marchar com a devida consideração por mim e pelo meu cavalo. — Bocejou.

— Meu senhor. — Amerotke sorriu e aproximou-se. Mostrou-lhe a carteia que Hatusu lhe dera. — Não foi o comandante Omendap que me enviou, mas sim Sua Alteza.

Nebanum forçou um sorriso e, seguindo o protocolo, fez uma vénia e roçou os lábios na carteia.

— As minhas ordens são bastante simples — continuou Amerotke. — Estou aqui em representação do faraó e para que não te esqueças do seu poder.

— Vida, saúde e prosperidade — murmurou cinicamente Nebanum.

— Deves iniciar uma marcha forçada daqui a uma hora — ordenou Amerotke. Desembainhou a espada e o seu oficial fez o mesmo. — Caso contrário, deverei executar-te e assumir o comando! É essa a vontade divina do faraó!

A alteração em Nebanum foi assustadora. Amerotke percebeu que Hatusu e Senenmut tinham cometido um erro, tratando com brandura aquele comandante arrogante que se tornara insolente na sua desobediência; todavia, como qualquer outro soldado, era obrigado a curvar-se perante a autoridade do faraó sem a questionar.

Uma hora depois, o acampamento já fora levantado, as carroças dos mantimentos carregadas à pressa, as quadrigas atreladas e, antes de o Sol ter nascido, o Regimento de Anúbis estava em marcha forçada. Colunas de homens transpirados, completamente armados, moviam-se rapidamente para norte, ouvindo-se as trombetas e o rufar dos tambores.

Amerotke ordenou ao seu esquadrão que permanecesse na retaguarda. A medida que amanhecia, pouco se podia ver à esquerda ou à direita devido aos passos arrastados e às quadrigas que levantavam espessas nuvens de poeira.

Inicialmente, o regimento ficara sobressaltado e os homens resmungavam contra as magras rações e o desconforto da marcha urgente. Acabaram por se acalmar. Os sacerdotes entoavam hinos de batalha e foram seguidos pelos homens. A manhã avançava, e o calor, o sofrimento provocado pelos membros doridos e o pó envolvente impunham um silêncio rigoroso, apenas quebrado pelo ruído das rodas das quadrigas e o batimento ritmado de milhares de pés a marchar.

De quando em vez, era ordenada uma pequena pausa. A água era distribuída rapidamente e a marcha continuava.

Ao final da tarde, Amerotke reparou que já estavam perto do acampamento de Hatusu. A planície poeirenta dera lugar a arbustos, sebes e árvores luxuriantes. O calor seco do dia subsistia. Subitamente, Amerotke ouviu gritos. Os batedores em carros isolados voltavam agora para a coluna. Amerotke

mandou avançar o seu cocheiro. Quando o fez, um som terrível ergueu-se, qual trovão, à sua direita. Dirigiu-se à frente da coluna, onde Nebanum e os outros oficiais se haviam reunido. Também eles tinham escutado o estrondo e observavam a crescente nuvem de poeira que vinha de leste. As quadrigas dos batedores regressavam rapidamente. Uma delas chegou junto da coluna e sofreu o cavalo. O condutor estava ferido com uma seta no braço. Quando o seu companheiro saltou para o chão, viram que não tinha elmo e o arco estava partido. Atirou-se para o chão e ajoelhou-se perante Nebanum.

— Os Mitânios, senhor! Um esquadrão de quadrigas! Nebanum, porém, não estava a ouvir. Ficou ali como que

transfigurado, olhando para o deserto.

— Em nome de tudo o que é mais sagrado! — gritou Amerotke. — Mande os homens cerrar fileiras!

Reparou na confusão que se gerara. Alguns dos veteranos estavam a desamarrar os escudos, tentando com os corpos estabelecer uma espécie de formação, mas os recrutas começavam a entrar em pânico, receosos da enorme nuvem de poeira e do ruído atroz, temendo a perda das suas próprias quadrigas. Tentavam avançar, quebrando fileiras, ignorando os gritos dos oficiais. As pequenas ondas transformaram-se em vagas à medida que os homens se agitavam. Amerotke olhou aterrorizado para a linha de carros que emergira da nuvem de poeira. Colunas atrás de colunas de mitânios, cavalos a galopar como o vento e as quadrigas a balançar. Carregaram em fileiras cerradas com os estandartes ao vento. Foi o caos no Regimento de Anúbis. Os carros egípcios avançaram contra o inimigo. Alguns dos soldados de infantaria formaram um muro de protecção. Outros oficiais com maior discernimento voltaram para os seus postos. Nebanum, contudo, saltou para a sua quadriga, ordenando ao condutor que chicoteasse os cavalos, afastando-se do mar de bronze que avançava na sua direcção.

Amerotke praguejou. O acampamento de Hatusu estava apenas a algumas léguas de distância. Se o Regimento de Anúbis fugisse, os guerreiros mitânios segui-los-iam até ao acampamento. Fez sinal ao seu próprio esquadrão, gritando e gesticulando. Alguns dos carros juntaram-se a ele, mas não havia sinal dos restantes. Os inimigos encontravam-se cada vez mais perto, as cabeças dos cavalos a avançar, com as plumas de guerra agitando-se e o sol a brilhar no bronze das quadrigas. Amerotke conseguia descortinar as armaduras de escamas negras e os grotescos elmos de guerra. O ar cantava com o zumbido das setas. Os homens começaram a cair e depois, como uma onda a caminho da margem, os mitânios atingiram as fileiras do Regimento de Anúbis. A frente da coluna foi poupada, mas Amerotke viu cair fileira atrás de fileira, atiradas para o lado pelos cavalos em carga, esmagadas e derrotadas pelas rodas com pontas aguçadas. Uma ou duas almas corajosas tentaram assaltar os carros, caindo logo a seguir, feridos

por lança ou espada ou sendo atingidos com o impacte total de um arco transportado pelo archeiro que vinha lá dentro. Os carros mitânios eram mais pesados do que os egípcios, situando-se as rodas no meio da quadriga, o eixo fortalecido para suportar o condutor, o lanceiro e o archeiro. A carga assemelhou-se a uma brincadeira de crianças com os egípcios a cair que nem tordos. O flanco direito da coluna do Regimento de Anúbis desfez-se à medida que as lanças eram arremessadas, para a esquerda e para a direita, numa orgia de carnificina. Os mitânios chicotearam os cavalos até ficarem cobertos de espuma enquanto se enterravam como uma espada nas desfeitas fileiras egípcias. Escudos, arcos e espadas foram atirados para o lado. O pânico destruiu a ordem. Atrás dos mitânios vinham hordas de soldados de infantaria. De vez em quando, uma quadriga dos mitânios virava-se, fazendo saltar os seus três ocupantes. Os egípcios aproximavam-se, atacando-os à bastonada ou de mãos nuas, mas outros vinham em sua defesa. Cada vez mais soldados egípcios avançavam para a frente da coluna. A primeira vaga de carros mitânios estava agora a virar, voltando à luta. A poeira elevava-se, bloqueando o céu, os abutres planavam atraídos pelo barulho e pelo cheiro acre a sangue.

— Senhor! — Um dos oficiais de Amerotke aproximou-se a correr e agarrou-se ao carro. — É preciso avisar o exército!

Amerotke assentiu com a cabeça. Fechou os olhos e pensou no acampamento egípcio, longo e rectangular. Na ponta mais distante, ficava o recinto real. Evitaria o portão principal e avançaria pelo flanco oriental, por onde conseguiria avisar Hatusu e Senenmut do que se estava a passar. Fez um sinal ao seu cocheiro. O homem exalou um suspiro de alívio e fez estalar as rédeas. O carro de Amerotke avançou a toda a velocidade. Os cavalos, inquietos e assustados pelo ruído e clamor, estavam ansiosos por fugir àquela chacina. Pouco depois, o carro avançava a galope. Amerotke gritou ao cocheiro a direcção que deveria tomar, repetindo a ordem por cima do trovejar das rodas e dos cascos a bater.

Olhou para trás. O Regimento de Anúbis estava agora envolto em espessas nuvens de pó. Alguns homens tinham fugido. Outros carros seguiam-nos. Os mitânios repararam no que se passava e destacaram forças de perseguição. Quando o cocheiro de Amerotke gritou um aviso, Amerotke olhou para a direita, vendo que as quadrigas dos mitânios estavam agora a progredir na sua direcção para lhe cortar a retirada ou simplesmente o esmagar. Amerotke soltou o arco. Encaixou uma das longas setas, inclinando-se na parte lateral do carro, de pernas abertas. Rezou em silêncio para que as rodas não saltassem ou os cavalos tropeçassem. Uma queda feri-lo-ia ou atordoá-lo-ia, e Amerotke sabia que os Mitânios não faziam prisioneiros. O cocheiro gritava agora com os cavalos. As quadrigas egípcias eram mais leves, os animais mais rápidos, mas os cavalos de Amerotke também tinham tomado parte na apressada viagem do dia

anterior, já para não falar dos rigores da marcha forçada. O da direita começou a vacilar. A quadriga balançou precariamente. Amerotke olhou para a direita. Estavam a libertar-se da linha dos mitânios. Contudo, uma quadriga inimiga, com um cocheiro mais engenhoso, fizera uma viragem em arco, esperando bloquear a fuga de Amerotke. O mundo reduzia-se agora ao seguinte: cavalos a correr, o troar das quadrigas, o chão rochoso a avançar velozmente à sua frente, o pó quente e aquele carro de guerra negro e dourado com os cavalos em esforço redobrado.

Amerotke reparou que um dos do seu esquadrão estava agora a aproximar-se pela direita para o proteger. O cocheiro vira o que estava a acontecer e Amerotke agradeceu aos deuses a bravura daquele oficial. A medida que os mitânios se aproximavam, o oficial egípcio agarrou no seu arco. Amerotke ouviu o seu cocheiro a berrar para que apontasse aos cavalos. O oficial fê-lo e depois o carro recuou, permitindo o disparo a Amerotke. Foi difícil manter o equilíbrio, estando de pé, ligeiramente atrás do condutor. Inspirou. Disparar contra os homens seria fútil, pois dois deles possuíam escudos. Largou a seta. Pensou que tinha falhado, mas, logo a seguir, um dos cavalos mitânios tropeçou. A quadriga oscilou, caiu para o lado e esmagou-se no chão rochoso. Amerotke estava livre. Os cavalos pareciam ter encontrado forças novas e, à distância, através da poeira, Amerotke distinguiu as paliçadas do acampamento de Hatusu.

Dentro do acampamento, Hatusu encontrava-se junto de uma paliçada. Tal como os seus oficiais, fora atraída pelas nuvens de pó detectadas. Dedos a apontar dirigiram a sua atenção para os clarões e reflexos do bronze que podiam ser vistos à medida que as nuvens de pó se moviam.

— Quadrigas em velocidade! — sussurrou Senenmut ao seu ouvido. — Um ataque em massa!

Hatusu ficou ali parada, sentindo o coração na garganta. Iria tudo terminar ali? Na parte norte do deserto? Seria que o seu corpo, depois de embebido nos mais preciosos perfumes e óleos, seria deixado para pasto dos chacais e das hienas? Nunca iria conhecer os rituais de embalsamamento, os que permitiriam que o seu ka seguisse em frente? Estaria Amon-Ré a aplicar o seu julgamento divino e a castigá-la? Sentiu o estômago a agitar-se, as pernas a enfraquecer e o corpo começou a transpirar fortemente. Os oficiais gritavam à sua volta. As quadrigas estavam agora a libertar-se das nuvens de pó. Os de melhor capacidade de visão declararam que eram egípcios, mas em fuga.

— Desce — pediu-lhe roucamente Senenmut. — Não és uma deusa, minha senhora.

Hatusu sentiu uma onda de pânico que se apoderava dos oficiais e homens que estavam reunidos à sua volta. Ela agarrou no pulso de Senenmut.

— O que está a acontecer? O que está a acontecer? Senenmut puxou-a para baixo. Não lhe restou alternativa se não segui-lo através do acampamento.

— Vai para a tua tenda! — ordenou Senenmut com urgência, empurrando-a para a frente. — Arma-te!

E, antes de ela poder objectar, Senenmut já se afastara e gritava com os oficiais. Todos à sua volta, numa enorme confusão, agarravam nas armas que tinham à mão. Os ocupantes das quadrigas apressaram-se a atrelar os cavalos. Ouviram-se as trombetas. Os oficiais chicotearam os animais com os bastões brancos, símbolos dos seus cargos. Senenmut percebeu que pouco podia fazer. No recinto real, os «rapazes de braços fortes» já estavam a guarnecer a paliçada. Os mercenários, com os seus capacetes ornados de chifres, juntavam-se perto do portão. Senenmut abriu caminho. Na tenda, Hatusu estava a armar-se. Atirara com a túnica para o chão, enfiando a armadura pela cabeça, um longo invólucro de protecção que ia do pescoço até aos pés. O rosto mostrava-se pálido. Senenmut ajudou-a a calçar as sandálias. Colocou o cinto de guerra ao ombro e, antes que ele pudesse impedir, Hatusu colocou o elmo de guerra azul dos faraós egípcios, que segurou na cabeça. Da outra extremidade do campo, ouviram um bramido quando os primeiros carros mitânios tentavam romper as linhas. Um oficial veio a correr para relatar o que estava a acontecer.

— O Regimento de Anúbis — disse ele com esforço — foi vítima de uma emboscada! O exército mitânio já se juntou de novo e está a persegui-lo até ao acampamento!

Hatusu fechou os olhos. Senenmut tentava aconselhá-la, mas ela não conseguia perceber o que ele estava a dizer. Revia-se enquanto menina, com o pai nos jardins reais. Tinha um pau na mão e estava a desenhar símbolos no chão que descreviam as suas vitórias.

— Minha senhora!

Os olhos de Hatusu abriram-se. Amerotke, com o rosto e a armadura cobertos de pó e feridas nas faces e ombros, encontrava-se de pé à entrada da tenda. Atrás dele, havia outros homens do seu esquadrão. Hatusu mandou-o avançar. Sem pensar, pegou numa taça de vinho e meteu-lha nas mãos.

— Eu sei o que aconteceu! — afirmou ela. Apontou para a mesa coberta de pedaços de papiro.

— Mostra-me com clareza, Amerotke, quais as nossas possibilidades.

Amerotke bebeu um gole do vinho e, depois, pegando num cálamo, mergulhou-o no recipiente de tinta vermelha. Descobriu que não conseguia parar de tremer. As lágrimas vieram-lhe aos olhos, o estômago sentia-se apertado, como se tivesse bebido de mais e quisesse vomitar. Senenmut reparou no tremor da sua mão.

— Isso passa — assegurou ele. — Vai passar, Amerotke.

O juiz esfregou os olhos. Alcançara um dos portões laterais do acampamento, gritara aos guardas para que o deixassem atravessar a paliçada e entrar no recinto real. Desejava que Chufoi ali estivesse, gritando os seus

desaforos bem-humorados.

— Mostra-me! — A voz de Hatusu soava áspera. Amerotke desenhou um rectângulo.

— Isto é o acampamento — explicou ele enquanto desenhava uma linha através da parte de baixo do rectângulo. — Aqui o recinto real. — Apontou depois para o cimo do rectângulo. — Este é o portão principal, não é? O Regimento de Anúbis foi derrotado por ser mal conduzido e mal preparado. Entraram em pânico e estão agora a tentar voltar ao acampamento. — Fez uma seta em curva para a esquerda até ao portão principal. — Aqui estão os mitânios. Não é uma patrulha nem alguns esquadrões, mas sim uma massa de quadrigas suportadas por falange atrás de falange de infantaria. Estão a tentar assaltar o acampamento.

— Se o fizerem — observou Hatusu —, descobrirão o caminho mais fácil. Não através da paliçada, mas pelo do portão principal. Forçarão a entrada. As suas fileiras entrarão por entre as tendas e carroças. — Apontou para a parte inferior do rectângulo. — Este é o local onde estão os nossos principais esquadrões de quadrigas! — O dedo movimentou-se um pouco para a direita, indicando a orla de um oásis. — Aqui está o restante da nossa força móvel. Sairás imediatamente e assumirás o comando destes esquadrões, meu senhor Senenmut.

— E tu, minha senhora?

Hatusu agarrou no cálamo de Amerotke e desenhou uma seta que ia do recinto real até ao portão principal.

— Os carros mitânios são pesados. Os cavalos devem estar cansados. Os soldados separar-se-ão à procura de saques. — Mandou chamar um oficial.

— Tu és o Harmosie, comandante do Regimento de fsis?

— Sim, Alteza.

Hatusu conseguia ouvir os gritos, o estrépito das armas, mas manteve a voz firme.

— És agora o comandante do acampamento.

— E meu senhor Omendap?

— Ainda tem febre! Agora, ouve! Tens uma única ordem: organizar a tua força numa falange, um muro que delimite o recinto real. Deveras manter os mitânios afastados. Não avances. Repito! Não avances até os nossos carros atacarem!

O conselho desfez-se e Senenmut afastou-se a correr. Hatusu, agora determinada, distribuiu mais ordens e bateu no ombro de Amerotke.

— Venha, meu senhor juiz. Transmitamos agora a nossa decisão ao inimigo!

Amerotke olhou cansado para ela.

— É altura de matar?

— Sim, Amerotke — replicou ela calmamente. — Para ter o poder, é

preciso matar! Para manter o poder, tens de matar! Para fortalecê-lo, tens de matar! Se nasces divino, é essa a tua tarefa. Não tens escolha!

Ré: o autogerado espírito eterno.

CAPÍTULO 14

Hatusu, Amerotke e o seu grupo de oficiais juntaram-se aos esquadrões de quadrigas no sítio em que estes, sob as instruções dos comandantes, estavam agora a reunir-se, na extremidade do campo. Viam uma longa linha de carros, os cavalos a empinar-se e a recuar, as plumas de guerra a dançar, os condutores a verificar as rédeas e arreios enquanto os seus companheiros de guerra se asseguravam de que aljava, arco e lanças de arremesso estavam prontos. O sol do final da tarde reflectia-se no bronze dourado, na ponta das lanças em clarões de luz brilhante. As rodas rangiam enquanto as quadrigas balançavam para a frente e para trás. Os oficiais andavam de um lado para o outro a repetir as mesmas ordens. Deveriam ignorar o caos que reinava no acampamento. Deveriam avançar atrás da divina Hatusu. Os da extrema direita deveriam fazer um arco e esmagar o flanco e retaguarda dos guerreiros mitânios. O senhor Senenmut traria uma força suplementar pelo outro lado para fechar a armadilha. Os soldados de infantaria e os «rapazes de braços fortes» do acampamento susteriam o inimigo. Fechariam os mitânios num círculo apertado e derrotá-los-iam. As ordens eram simples e as instruções repetidas vezes sem conta.

Amerotke subiu para a quadriga. O cocheiro mudara de cavalos. Sorriu.

— Desta vez, senhor, a surpresa estará do nosso lado!

Amerotke ia responder quando nas fileiras se ouviu um murmúrio de aclamação. Hatusu na sua quadriga, com a guarda pessoal à sua volta, avançava agora para a frente dos esquadrões. Usava o elmo de guerra azul e a armadura de bronze brilhava ao sol. Uma das mãos segurava a lança, enquanto a outra se apoiava ao rebordo da quadriga. Não falou, mas observou as linhas de soldados como que gravando neles, pela sua presença, o que iria acontecer. Apesar da urgência da situação, ela chegou ao final da linha e voltou para trás. Amerotke sorriu. Hatusu era uma actriz nata. De pé, imóvel sobre a quadriga, de lança em riste, parecia a encarnação feminina do deus da guerra Montu. O carro parou e voltou-se noutra direcção. Hatusu baixou a lança. O carro avançou lentamente. Amerotke e os comandantes de esquadrão seguiram-na. Atrás, como um enorme hino à morte, elevava-se a chiadeira e ruídos dissonantes dos esquadrões. Todos observavam a pequena figura que estava de pé ao lado do estandarte de Amon-Ré, fixo na parte da frente da sua quadriga. O condutor era um dos homens de confiança de Senenmut. Virou-se com uma mão levantada.

— Vida, saúde e prosperidade à divina Hatusu!

Um bramido saudou aquelas palavras. O carro de Hatusu deslocou-se um

pouco mais depressa. Algures no seio dos esquadrões, um sacerdote entoou um hino de guerra.

— Hatusu! Destruidora como Sekhmet!

— Hatusu! — respondeu a multidão.

— Hatusu! Espada de Anúbis!

— Hatusu! — Daquela vez o ruído era ensurdecedor.

— Hatusu! Lança de Osíris!

— Hatusu!

A litania era agora repetida por milhares de vozes.

— Hatusu! Conquistadora!

— Hatusu! Filha de Montu!

— Hatusu! Carne Dourada de Deus!

As quadrigas moviam-se agora com mais rapidez. Amerotke perguntou a si próprio se a litania divina seria espontânea ou preparada, mas agora havia pouco tempo para pensar. A quadriga de Hatusu movia-se à velocidade de uma ave que roçava ao de leve pelo chão. Atrás dela, ouvia o ribombar dos outros carros. Toda a terra ecoava com o bater dos cascos dos cavalos, o ranger dos arreios e o ruído do metal. Atrás de Hatusu, os comandantes davam ordens. A fileira diminuiu a velocidade da marcha enquanto virava, com a extrema direita a mover-se mais depressa ao fazer o arco. O som da batalha que vinha do portão principal do acampamento vogava pela fresca brisa da noite, se bem que todos pudessem ver à sua frente a grande nuvem de pó. Amerotke desamarrou o arco e afastou os pés. Os cavalos, instigados pelos cocheiros, avançavam como devoradores em direcção aos mitânios, que de nada suspeitavam. O rugido da batalha, o mero prazer de matar, atraía-os. Estavam a aproximar-se da nuvem branca de poeira e depois entraram nela, colidindo como setas nas fileiras dos mitânios.

O caos era indescritível. Homens e cavalos cobriam o chão. Aqui e ali, os soldados de infantaria egípcios formavam falanges, mas alguns mitânios tinham passado por cima deles, entrando no acampamento. A chegada das quadrigas egípcias apanhara-os completamente de surpresa. Os mitânios estavam interessados em pilhar, enquanto os seus cavalos se mostravam exaustos e as pesadas quadrigas se moviam com grande dificuldade no meio do caos e confusão das fileiras maciças de homens.

Amerotke via rostos a gritar para ele. Disparou seta atrás de seta e depois desembainhou a espada e empunhou a maça. Rostos, mãos e peitos apareciam à sua frente para depois cair devido a grandes feridas abertas, o sangue salpicando Amerotke e o seu cocheiro, encharcando o chão da quadriga. À sua volta, os homens cerravam-se em combates individuais. Tornava-se cada vez mais difícil distinguir amigo de inimigo à medida que as armaduras, estandartes, elmos e rostos se cobriam de pó. Amerotke olhou para cima. Hatusu estava embrenhada

nas hostes inimigas, com a lança subindo e descendo. Um grupo de «rapazes de braços fortes» colocara-se à sua volta, matando os soldados e cocheiros mitânios, protegendo a sua rainha enquanto ela se embrenhava cada vez mais nas fileiras inimigas.

Inicialmente, era apenas uma luta feroz e sangrenta: homens a gritar e a berrar. O inimigo a tentar virar os cavalos para repor as quadrigas no campo de batalha. No entanto, Amerotke sentiu uma mudança de estado de espírito. Os soldados de infantaria egípcios que se encontravam no acampamento e tinham sabido da sua chegada estavam agora a fazer recuar os mitânios. Ouviu o soar distante das trombetas e mais gritos. Os poucos esquadrões de quadrigas de Senenmut tinham colidido contra o flanco mais distante dos mitânios. A batalha transformou-se num massacre. Os mitânios haviam sido apanhados numa formação em forma de ferradura. Alguns tentavam libertar-se e conseguiram, mas os oficiais de Hatusu lançaram esquadrões na sua perseguição. Os braços de Amerotke estavam a ficar pesados, os olhos magoados e a boca tão cheia de pó que quase se engasgava. Não se mostrava misericórdia nem se concedia perdão. Os «rapazes de braços fortes» entretinham-se agora a cortar as gargantas de quaisquer inimigos que baixassem as armas. Em alguns casos, aqueles lutadores duros e cruéis estavam a sodomizar o inimigo caído. Amerotke agarrou o braço do seu cocheiro.

— Acabou! — gritou ele. — Acabou tudo! Isto já não é uma batalha, mas sim um matadouro!

O condutor estacou, de olhos esbugalhados.

— Retirar! — bramiu Amerotke. — A batalha está ganha! O cocheiro virou os cavalos com relutância, dirigindo a quadriga para trás, procurando aberturas nas fileiras egípcias e introduzindo-se, nas do inimigo caído.

Em breve terminaram a chacina. A luz do sol-poente, o solo do deserto rochoso parecia brilhar com o sangue espalhado. Em alguns casos, havia pilhas de dois e três cadáveres. Homens gemiam e os cavalos lutavam para se libertar dos restos das quadrigas desfeitas. Os seguidores do acampamento já tinham invadido o local em busca de despojos, despindo os cadáveres e cortando as goelas dos inimigos feridos.

Amerotke apontou na direcção de um pequeno oásis coberto de erva que ficava mesmo à saída do acampamento. Os feridos egípcios já haviam sido transportados para lá, a fim de serem tratados pelos médicos. À sombra, perto da água fresca, Amerotke desceu da quadriga e caminhou como um sonâmbulo. Os homens gemiam, pediam de beber, um opiáceo, algo que desse algum alívio contra o calor, o pó e o sofrimento. Amerotke reparou que nada lhe interessava. Retirou a armadura e deitou-se com o rosto dentro de água, lançando esta para a cabeça e para a nuca, lambendo-a como um cão. Teve dificuldade em mover-se. Só queria dormir, fechar os olhos e ouvidos. Reparou subitamente que estava um

homem a seu lado: um mercenário de cabelos compridos com uma armadura de couro barato.

— Uma grande vitória, meu senhor Amerotke? O juiz virou-se. O rosto estava mais escuro, disfarçado por um bigode e barba desgrenhados, mas Amerotke conseguiu reconhecer aqueles olhos quando agarrou a mão estendida de Meneloto.

Na manhã seguinte, as paliçadas do acampamento foram desarmadas para que o poderio maciço do exército egípcio pudesse formar fileiras compactas. Durante a noite, fora construído um grande estrado, com madeira e outros materiais provenientes das quadrigas capturadas. No centro do estrado erguia-se um enorme altar feito de tecido pilhado do acampamento dos mitânios. Ao lado, encontrava-se Senenmut. Fora saudado como um dos grandes heróis da batalha e, actuando como um verdadeiro actor, não se lavara nem mudara de roupa, permanecendo com o seu saiote de guerra e couraça de bronze, elmo numa mão e, na outra, uma espada curva dentro da bainha. Fora responsável pela atribuição de águias douradas por bravura aos diversos comandantes e soldados. De vez em quando, virava-se e olhava para Amerotke, que estava à frente das alas. Os seus olhos sorriram-lhe. O facto de o juiz se ter retirado do local da carnificina não fora comentado e, na noite anterior, Hatusu mandou levar vinho à tenda de Amerotke. Ladeando Amerotke, erguiam-se os comandantes dos esquadrões e principais sacerdotes, carregando as insígnias e estandartes dos diferentes deuses e regimentos do Egipto.

Ninguém dormira na noite anterior. O acampamento mitânio fora saqueado, e a noite dera lugar à celebração da vitória esmagadora de Hatusu. Tuchratta fugira, mas os nobres mais eminentes do destacamento de mitânios estavam agora amontoados em enormes paliçadas, construídas à pressa no exterior do acampamento. Os soldados de infantaria, condutores de quadrigas, guardas, «rapazes de braços fortes» e mercenários encontravam-se todos presentes, de olhos postos no grande altar dourado colocado num local proeminente sobre o estrado. Amerotke desconfiou do que estava prestes a acontecer.

Senenmut levantou a mão. Ouviram-se as trombetas. Os sons estridentes foram repetidos por outros músicos posicionados em torno do campo. O aglomerado de sacerdotes de túnicas brancas ao lado do estrado segurava agora os queimadores de incenso, cujo fumo se elevava, qual orações, para o céu azul brilhante. Os címbalos ressoavam e Senenmut virou-se, fazendo um gesto com a mão. Dois sacerdotes correram para a frente e as cortinas douradas foram afastadas lentamente. No trono de Hórus, coberto de tecidos preciosos e com os pés sobre um escabelo, encontrava-se Hatusu. Na cabeça usava a coroa azul de guerra, guarnecida com a cobra-capelo. Sobre os ombros, ostentava o nenes, a bela cota de faraó. A parte inferior do seu corpo estava escondida sob linho

branco plissado. Os braços estavam cruzados. Numa mão, sustinha o mangual e, na outra, o ceptro do Egito; no colo, repousava a espada sagrada em forma de foice dos faraós. Os portadores de leques movimentaram-se à sua volta com as grandes plumas de avestruz a exalar perfume pelo ar. Amerotke olhou para o lindo rosto de Hatusu, que se mostrara, tão pouco tempo antes, contorcido pelo terrível semblante da batalha. Fixou com admiração a barba falsa, utilizada pelos faraós, agora apertada em torno do queixo. O resto do exército olhava, admirado com a majestade e a surpresa da ocasião. Hatusu estava imóvel como uma estátua, olhando por cima das cabeças dos soldados.

— Contemplem o deus perfeito! — gritou Senenmut com a voz poderosa ouvindo-se por todo o acampamento. — Contemplem a carne dourada do seu deus! O trono dourado do ser divino! Contemplem o vosso faraó, Hatusu, Makaat-Ré: a verdade da alma do ser sagrado! Amada filha de Amon, concebida, pela divina graça e protecção de Amon-Ré, no ventre da rainha Ahmés!

Senenmut fez uma pausa para deixar que as palavras fizessem efeito. Não estava apenas a proclamar Hatusu como faraó, mas também a sua origem divina.

— Contemplem o vosso faraó, rei do Alto e Baixo Egito! — continuou ele. — Hórus dourado, senhor do diadema, o abutre e a serpente! Rei do esplendor permanente, bem-amado de Amon-Ré!

Fez nova pausa. O silêncio tornou-se mais tenso. Em toda a história do Egito, nunca uma mulher segurara o ceptro e o mangual e fora proclamada filha de deus, rainha, senhora dos Nove Arcos.

— Hatusu! — O grito veio de trás de Amerotke e foi imediatamente repetido por todo o exército.

— Hatusu! Hatusu! Hatusu!

As lanças bateram contra os escudos. O bramido cresceu. As aclamações aumentaram como que assegurando que as suas saudações chegariam aos pontos mais distantes da terra, para além do Horizonte Longínquo, e entrassem nos palácios dos deuses. As fileiras recuaram e Amerotke ajoelhou-se com os restantes, todos colocando as cabeças no chão em total submissão. Amerotke sorriu para si próprio: Hatusu era agora vencedora da guerra e da paz. Soaram as trombetas e os homens levantaram-se. Senenmut mandou trazer para junto do trono cinco dos prisioneiros mais importantes, com as mãos amarradas atrás das costas. Foram forçados a ajoelhar-se.

Hatusu levantou-se, agarrando no bastão cerimonial que um dos sacerdotes lhe entregou. Pegou pelos cabelos cada prisioneiro, agora bem seguro entre dois soldados, e deixou cair o bastão. Amerotke fechou os olhos. Ouviu os gemidos e murmúrios dos prisioneiros, o terrível estertor da morte e, quando voltou a olhar, os prisioneiros, que apenas usavam tangas, estavam caídos sobre o estrado rodeados de grandes poças de sangue.

Hatusu foi novamente proclamada e, através de Senenmut, declarou a sua

protecção aos seus «amados soldados». Foram oferecidas mais recompensas. O produto do saque seria dividido. Uma parada vitoriosa passaria por Tebas e daria lugar a um fortalecimento do reino. Nebanum foi arrastado à sua presença. Senenmut foi breve e rápido. O comandante caído em desgraça foi enviado para o exterior do acampamento, onde vários homens pertencentes aos diferentes regimentos o apedrejariam até à morte. Depois disso, Hatusu retomou o seu lugar. As cortinas douradas que rodeavam o trono foram fechadas tal como as portas do altar, protegendo a carne dourada do deus dos olhos impuros dos homens.

Amerotke observou a grande pirâmide, maravilhando-se com a forma harmoniosa da escadaria de granito que se elevava para os céus. O seu topo brilhante reflectia os raios do Sol que começava a surgir, tal como um pavio emana a chama. Escura e impressionante, a pirâmide trazia-lhe recordações do pai, que o levava lá para lhe mostrar as glórias passadas do Egipto.

Ninguém conhecia o verdadeiro motivo por que os antepassados dos faraós as tinham construído. Amerotke lembrou-se das histórias do pai: que de algum modo elas estavam ligadas aos deuses dos primeiros tempos, o período conhecido por Zep Tepi, quando os deuses desceram dos céus e caminharam por entre os homens. Quando o mundo estava em paz. Quando o Nilo não era uma estreita linha verde, mas um vale luxuriante que atapetava a face da terra. Onde o leão era amigo do homem e a pantera um animal doméstico. O pai, sacerdote, contava muitas dessas histórias, que referiam que as pirâmides tinham sido uma tentativa de reunião com os deuses.

Amerotke olhou para trás para o embarcadouro, onde a frota imperial estava atracada. Hatusu e o conselho apressavam-se agora a regressar a Tebas à frente do seu exército vitorioso. Ela tencionava, nas palavras de Sethos, julgar os rebeldes e opositores que tinham ficado em Tebas. As tropas viam-na agora como uma deusa, divinamente tocada, rainha e faraó, e a sua palavra era lei. Até Senenmut a tratava circunspectamente, enquanto Omendap, que recuperava do ataque homicida sobre o qual não lhe conseguia dizer nada, se submetia a ela em qualquer assunto.

Hatusu não mudara fisicamente. Os seus olhos ainda se enrugavam quando estava divertida. Ainda namoriscava com os homens, mas isso era uma das suas armas, parte da sua estratégia.

Até vestida com um lençol de linho ela emanava poder. O seu humor era instável como se tivesse estudado os corações e as almas dos homens e soubesse como funcionavam. Conseguia, numa questão de segundos, passar da tentadora matreira à rapariguinha petulante. Quando baixava a cabeça e os lábios se apertavam e olhava por debaixo das pestanas, todos estremeciam. Hatusu não tolerava qualquer oposição. Tinha o mangual e o bastão. Todo o Egipto, todos os povos dos Nove Arcos deveriam tremer perante ela. Mal falara com

Amerotke, a não ser uma vez, depois de os outros terem saído da tenda, quando ela se levantara e lhe agarrara o pulso.

— Tu não recebeste qualquer recompensa, Amerotke, pelo que fizeste.

Ele olhou, mas não abriu a boca.

— Mas não queres uma recompensa? — troçou ela. Colocou-lhe a mão no ombro. — Esta é a tua recompensa, Amerotke. És amado do faraó.

Amerotke fizera uma vénia perante o mais supremo tributo que qualquer faraó podia conceder: receber o título de «amigo do rei» era uma protecção vitalícia, amnistia e perdão para com os actos do passado e para o que poderia acontecer no futuro. Contudo, a sua resposta desajeitada saiu-lhe antes de poder conter-se.

— Majestade — declarou ele. — Tens a minha alma e o meu coração, mas ambos tentarão sempre seguir na senda da verdade.

Hatusu sorriu e, agarrando-lhe na mão, beijou-lha.

— É por isso que és meu amigo, Amerotke.

Hatusu também mostrara a sua vingança às tropas. Neba-num morrera debaixo de um monte de pedras. Mais prisioneiros tinham sido sacrificados. O acampamento dos mitânios fora pilhado e os esquadrões de quadrigas despachados para o Sinai a fim de recuperar as minas, reorganizar as guarnições e lançar ataques de terror, fogo e espada na Terra de Canaã.

— Dêem uma lição àqueles rebeldes! — proclamara ela. — Que o meu nome se estenda até aos confins da terra! Dêem-lhes a conhecer o poder do Egipto!

Os corpos dos inimigos mortos tinham sido recuperados.

A última hora soara para milhares de mitânios. Fila após fila de cadáveres fétidos alinhavam-se ao sol. Hatusu ordenara que fossem cortados os pénis de todos os soldados inimigos e reunidos num cesto.

— Mandem-nos ao Rahimere! — exigiu ela. — Que ele e o povo de Tebas saibam a extensão das nossas vitórias!

Ninguém objectara. Era hábito mandar cortar a mão direita, mas o medonho presente de Hatusu era um aviso de como ela atingira o mundo dos homens, colocando tudo de pernas para o ar. A emasculação dos inimigos mortos servia como advertência a Rahimere e seus partidários dos terrores que estavam para vir. Os «rapazes de braços fortes» não se tinham mostrado avessos àquela tarefa sangrenta. Se Hatusu lhes dissesse que subissem aos céus e trouxessem o Sol, eles obedeceriam. Hatusu era o seu único faraó e, conseqüentemente, a sua deusa, bela, terrível e sanguinária.

Amerotke suspirou. A armada parara em Sakara, onde Hatusu tinha agora a sua corte e estava a receber os oficiais, os comandantes dos nomarcas locais. Aceitou a sua obediência e presentes, proclamando o seu poder e confirmando a sua autoridade.

Aquela visita às pirâmides fora idéia de Meneloto. Tinham passado quatro dias desde que haviam retirado do campo de batalha e os céus ainda estavam escuros do fumo das piras funerárias. Meneloto visitava-o sempre pela noite. Acocorava-se nas sombras e contava-lhe como fugira dos amemets e viajara pelas Terras Vermelhas, onde encontrara um grupo de mercenários. O grupo juntara-se ao exército real na sua marcha para norte.

— Eu confio em ti, Amerotke — dissera Meneloto. — O teu julgamento na Sala das Duas Verdades foi verdadeiro e justo. Contudo, no tempo em que estive no deserto, reflecti. Tudo isto começou com a visita do faraó à pirâmide em Sakara. Com a sua entrada pelas portas secretas.

— Portas secretas! — exclamara Amerotke.

— Na altura não pensei mais no assunto — confessara Meneloto. — Nós sabemos que as pirâmides têm emaranhados de galerias e passagens secretas. Pensei que o divino faraó ia visitar um santuário ou que tropeçara num tesouro secreto. Sou um soldado, Amerotke. Cumpro ordens.

— Quantas vezes lá foi? — perguntara Amerotke.

— Três ou quatro vezes. O Ipu-uer e um pequeno grupo levaram-nos à pirâmide de Khufu. Esperaram lá fora. Ele subiu os degraus, entrou por uma pequena porta da face norte e depois por um portão secreto. Fiquei de guarda enquanto o divino faraó e o Amen-hotep avançaram.

— E agora?

— Temos de visitar o local. Temos de lá voltar! Descobrir o que está na origem de tudo isto.

— E eu?

— Tu tens a carteia real — disse Meneloto. — Tu gozas da protecção divina. Não serão feitas perguntas. Tu és o juiz do meu caso. E há mais uma coisa.

— O que é? — perguntou Amerotke.

— Entre os seguidores do acampamento escondem-se amemets. Tenho a certeza. Tal como o resto dos chacais que seguem o exército, podem ter perdido parte da sua matilha na batalha, mas conseguiram muitos despojos.

— Provavelmente estão cá para isso.

— Não. Devem cá estar por outros motivos. Amerotke afastou-se do muro que rodeava a pirâmide, olhando para o terreno rochoso. Desejou que Chufoi lá estivesse. Desde que deixara o acampamento real que sentia algum medo. Seria imaginação sua ou estaria mesmo a ser seguido? Ou seria apenas aquele local sagrado? Aquelas formas misteriosas, as pirâmides, os templos mortuários, as mastabas, os becos e, à distância, a esfinge luminosa, melancólica e coberta de areia, que olhava para o deserto. Todo o local estava envolto numa atmosfera de escura ameaça.

— Saúde e prosperidade!

Amerotke rodopiou. Meneloto estava ali de pé, não passando de uma sombra. Deslizara pela parede, furtivo como um gato. Amerotke apertou-lhe a mão estendida. Meneloto olhou para trás.

— O que se passa?

— Estou inquieto — admitiu Meneloto. Fez um gesto com a cabeça. — Os sacerdotes de guarda estão a dormir, encharcados em cerveja de má qualidade. Sinto que estamos a ser observados. Sombras...

Aproximou-se. Amerotke sentiu o seu hálito a vinho e o cheiro acre a cebolas.

— Acreditas em fantasmas, Amerotke? Que as sombras dos mortos sobrevivem e têm uma existência própria?

Amerotke deu uma pequena palmada na cabeça.

— Já tenho fantasmas suficientes aqui dentro.

Fez menção de se virar, mas Meneloto agarrou-lhe o braço.

— A tua esposa, a senhora Norfret?

— Está bem — afirmou Amerotke. Quis avançar, mas Meneloto agarrou-o com firmeza.

— Consigo ler-te o coração, Amerotke, e tenho a certeza de que meia Tebas já o fez. Quando estavas noivo da Norfret, eu acabara de ser promovido a oficial. Cortejava-a.

— E depois? — proferiu Amerotke friamente.

— Ela gostava de mim — respondeu Meneloto. — Ela gostava muito, muito de mim, mas o seu coração e corpo são teus, Amerotke. — Começou a andar. — Tu adoras a verdade — prosseguiu ele por cima do ombro. — Por isso, aceita-a tal como é.

Entraram no complexo da pirâmide, abrindo caminho através das passagens estreitas e lamacentas. Um sacerdote guardião ficou irritado. Houve protestos e objecções que morreram nos lábios do velho quando viu, à luz tremeluzente da tocha, a carteira real. Uma voz de mulher chamou, mas o velho sacerdote respondeu com brusquidão e, resmungando por entre dentes, conduziu-os até à base da enorme pirâmide.

— Porquê agora? — lamuriou-se o sacerdote. — Daqui a pouco será dia!

— Porque não? — disse Amerotke rispidamente.

Arrancou a tocha das mãos do sacerdote e começou a longa subida pelos degraus imperfeitos até à entrada na face norte. O sacerdote seguiu-os. A entrada fora escavada. Lá dentro cheirava a bafio. Foram acesas mais tochas cobertas de pez. O sacerdote agachou-se à entrada.

— Eu espero aqui — disse ele, irritado.

Amerotke e Meneloto, transportando uma tocha em cada mão, entraram na pirâmide. O ar estava quente e opressivo. O silêncio parecia conter terrores peculiares como se os mortos estivessem a reunir-se e a observar com olhos

invisíveis. Atravessaram a galeria principal e, no final, viraram à esquerda e desceram alguns degraus.

— A pirâmide está aberta há séculos — disse Meneloto com a voz a ecoar nas rochas graníticas. — Os ladrões e sal-teadores já satisfizeram o seu apetite.

— Como é que descobrimos o caminho de regresso? —inquiriu Amerotke.

— O divino faraó preocupou-se com o mesmo — replicou Meneloto. Conduziu Amerotke até à parede e levantou o archote. — Olha as marcas em forma de seta.

Inicialmente, Amerotke não conseguiu descortiná-las, mas depois viu. Estavam recortados em forma de folha ou ponta de seta e mostravam o caminho de retorno. Meneloto avançou um pouco mais.

— Olha! Aqui está outra. Cobrem toda a pirâmide. Khu-fu, o construtor, era não só um faraó, mas também um mago. A pirâmide tem um labirinto de galerias e passagens. Algumas não tinham saída. Outras, simplesmente obrigavam a dar voltas e voltas até se cair de cansaço. Por isso, procura a seta. Se uma parede tiver um destes símbolos, estarás a seguir o caminho para trás.

Avançaram para as entranhas da pirâmide. Amerotke teve dificuldade em controlar o medo e o pânico. As paredes pareciam esmagá-lo. Por vezes, dobrava-se quando o tecto se inclinava para baixo. Já deixara de ser um velho mausoléu ou um túmulo saqueado, tornando-se, na mente de Amerotke, uma coisa viva que os observava e reflectia se devia esmagá-los. Graças a Deus, Meneloto conhecia o caminho. De vez em quando parava para verificar os sinais da parede e chegavam a ver os sinais que outros tinham deixado. A um canto, avistava-se um esqueleto quase desfeito que ainda tinha entre os dedos descarnados uma faca partida pelo punho. Passaram por outros restos sinistros.

— Os ladrões ainda se arriscam a vir aqui — sussurrou Meneloto. — E pagam o seu preço.

Amerotke estava prestes a responder quando ouviu um ruído que ecoava atrás de si nos corredores.

— O que foi aquilo?

Virou-se. Meneloto sacou do punhal.

— Tenho a certeza do que ouvi — insistiu Amerotke. — Alguém gritou. — Olhou para Meneloto. — Estaremos a ser seguidos?

Meneloto apontou para o chão de areia, onde se via o trilho de cinza deixado pelos archotes.

— Talvez seja o sacerdote! Mas continuemos! Não podemos esperar!

Caminharam apressadamente. No final de uma galeria, Meneloto parou e suspirou de alívio. Aproximou-se da parede e pressionou a mão contra algumas pedras. Amerotke baixou o archote e reparou nas pegadas na base junto da

parede. Ouviu um ruído e olhou para cima. As pedras tinham-se mexido. Uma porta oculta abriu-se, apoiada em dobradiças oleadas. Uma lufada de ar frio fez dançar a chama da tocha.

— Madeira — explicou Meneloto. — Madeira revestida e pintada para parecer rocha. — Apagou um dos archotes e enfiou-o cuidadosamente por baixo de uma das dobradiças. — Pode ser aberta pelo exterior — disse ele. — Mas não tenho a certeza se o mesmo se pode fazer pelo interior. Foi aqui que fiquei de guarda. O divino faraó e o Amen-hotep foram mais longe.

Amerotke seguiu-o para o interior. O corredor inclinava-se abruptamente e quase tiveram de correr para manter o equilíbrio. No fundo, não havia mais nada a não ser uma câmara quadrangular, chão de pedra e paredes feitas de blocos de granito.

— Nada! — comentou Amerotke.

Contudo, Meneloto já estava ocupado a examinar a parede, premindo-a com os dedos. Amerotke reparou que havia areia a um canto, que ali fora amontoada. Aproximou-se e começou a cavar. Meneloto foi ter com ele. Encontraram uma argola de ferro numa das lajes. A transpirar e a praguejar, puxaram-na e empurraram a pedra para o lado. Meneloto baixou o archote, que revelou um lanço de escadas com degraus salientes que se estendiam na escuridão. Desceram rapidamente. Ao princípio, a luz causou-lhes alguma impressão, mas as trevas cerraram-se.

— Parece uma câmara do Duat — comentou Meneloto. — Um daqueles terríveis aposentos do mundo inferior.

Continuou a caminhar e, depois, praguejou de novo. Amerotke juntou-se apressadamente a ele. Estenderam os archotes. Os seus olhos foram-se familiarizando com as sombras oscilantes. Amerotke respirou fundo quando as tochas brilharam. Revelaram uma longa câmara abobadada. De ambos os lados, viam-se grandes pilares de madeira. Meneloto aproximou-se de um deles. Quando Amerotke levantou o archote, reparou nas fendas no tecto.

— Deve ter começado a desmoronar-se — disse ele. — E estas vigas foram colocadas para o reforçar.

— Em nome do deus da Luz! — exclamou Meneloto. Avançou. Amerotke seguiu-o. À primeira vista, pensou que inúmeros pedaços de pano estavam pendurados no tecto, mas conseguia ver que eram tiras de couro, terminando cada uma num nó. Na maioria deles viam-se pendurados esqueletos desconjuntados, em alguns casos apenas o crânio, a caixa torácica e parte da coluna. Algumas das tiras de couro nada seguravam, pois os ossos haviam tombado para o chão, formando montes de pó. Continuaram a caminhar, passando por aqueles símbolos tremendos do faraó morto. O corredor parecia estender-se até ao infinito, cheios daquelas tiras de couro e dos seus fardos tenebrosos. Enquanto caminhavam, grãos de poeira caíam do tecto, assim como

ínfimas porções de saibro.

— Khufu deve ter construído isto — observou Amerotke. — Arquitectou um labirinto secreto por baixo da pirâmide. Escavou fundo de mais e os seus engenheiros colocaram estes pilares. Depois, para garantir que ninguém vinha a saber o que acontecera, enforcou os escravos: guardiões mortais dos seus segredos.

As suas palavras ecoaram na escuridão. Amerotke teve dificuldade em controlar o medo. Sentiu os mortos a aproximarem-se. Aquele exército de enforcados. Seriam agora demônios que guardavam aquele lugar secreto? E o que tivera Khufu tanta ânsia de guardar? O que seria tão especial que tinha de estar enterrado nas entranhas da terra e depois selado com vários homicídios? Os restos daqueles que lá tinham labutado estendiam-se por toda a parte: restos de roupa e louça, utensílios e pratos quebrados.

Avançaram ainda mais. De ambos os lados, elevavam-se grandes pilares de madeira e no tecto estavam penduradas aquelas temíveis tiras de couro. Esmagavam ossos com os pés e com as sandálias tropeçavam em poeira humana. Finalmente, chegaram à parede mais distante. Amerotke olhou para a grande inscrição que ali fora esculpida. Levantou o archote. Os hieróglifos eram do Império Antigo, mas ele estudara-os na Casa de Vida. Conseguiu decifrar algumas frases: «Khufu, amado do senhor da Luz, faraó, rei, mago, colocou por trás desta parede os segredos do tempo: os registos da época em que deus e o homem viviam em paz e harmonia.»

Amerotke declamou as palavras para que Meneloto o ouvisse.

— A época dos primeiros tempos — continuou Amerotke a traduzir. — O Zep Tepi, quando o ser da luz, o criador na divindade, mandou os seus emissários dos céus.

Amerotke parou. Um som metálico ecoara na câmara como se tivessem deixado cair uma arma, ressoando por aquele local de morte como um toque de trombeta.

— Fica aqui — sussurrou Meneloto. — Vê o que consegues descobrir.

Amerotke continuou a ler à pressa, ignorando os hieróglifos que não percebia e não conseguia decifrar. Percebeu então por que razão Tutmés mudara. Para além daquela parede, estavam arquivos e manuscritos que não falavam de deuses, mas sim de um deus, um ser da luz, todo-poderoso e criador de todas as coisas. Um dia, Deus caminhara com o homem. Enviara os seus mensageiros das estrelas, do Horizonte Longínquo. Fora uma época de fartura, quando toda a criação estava em harmonia, até o homem se ter revoltado e morto todos os enviados das estrelas, aos quais se davam agora nomes como Osíris e Hórus. Amerotke tentou ver se conseguia encontrar a porta oculta. Bateu com o pé em alguma coisa e pegou nela. Era um pedaço de metal, deformado e endurecido, mas muito mais duro do que qualquer um que Amerotke jamais tivesse visto.

Não era bronze; tratava-se de um metal feito por mãos humanas. Bateu com ele na rocha. O metal não estava marcado, mas a rocha ficou ferida. O movimento súbito provocou a queda de nuvens de pó. Ouviu um ruído. Meneloto voltou a correr.

— Fomos seguidos — sussurrou ele.

— Quem? — indagou Amerotke, aflito. Meneloto agarrou-o por um braço.

— Só os deuses da Luz sabem. Temos de nos apressar! Amerotke lembrou-se dos amemets. Deitou uma última olhada à inscrição e, agarrando no archote com uma mão e no pedaço de metal com a outra, seguiu Meneloto de volta através da câmara da morte. Meneloto empurrou-o para lá dos degraus para as sombras. Atiraram as tochas para o chão no preciso momento em que os amemets se esgueiravam, qual espectros, para dentro da câmara.

Amerotke fechou os olhos. Agradeceu a Maet o facto de Meneloto ter deixado um dos archotes preso a um nicho na parede mais distante, pois aquele clarão de luz atraía os amemets. Eram oito ou nove, vestidos de negro dos pés à cabeça, como os nômadás. Cada um transportava uma tocha e uma espada desembainhada. Eles também pararam horrorizados, aturdidos com o que tinham à sua frente. Sussurraram rapidamente uns para os outros. Alguns estavam relutantes em prosseguir, mas o chefe dos amemets mandou-os avançar, apontando com a espada para o clarão distante do archote.

— Agora — murmurou Meneloto. — Deixa-os ir!

— Mas temos de ver o que está por trás daquela parede! — sussurrou Amerotke.

Meneloto abanou a cabeça.

Os amemets estavam agora a penetrar na escuridão. Amerotke percebeu que não tinham outra possibilidade senão fugir.

Na obscuridade, seguiu o antigo capitão da guarda pelos degraus acima. Iam a meio da escadaria quando uma figura negra, de archote na mão, surgiu no topo das escadas. Solto um grito e atirou-se a eles de espada em punho. Meneloto tentou evitá-lo, mas a ponta da espada foi-lhe enterrada no peito. Cambaleou para trás, arrastando consigo o assassino, chocando com Amerotke. Os três caíram. O amemet foi o primeiro a levantar-se, mas, no meio das trevas, deixou cair o archote. Amerotke lançou-lhe a cortante peça de metal, projectando-o para trás e fazendo com que o assassino chocasse com um dos pilares de madeira. Ouviu-se um rangido, um estalido. O amemet estava agarrado à coluna. Ouviu-se o ruído de madeira a quebrar e o pilar deu de si, seguido de uma cascata de saibro e pedras. No extremo oposto, os amemets voltaram para trás a correr, mas a queda da coluna causara uma onda de choque. Outras partes do tecto caíram, chovendo areia e pedra.

Amerotke pegou na tocha caída e voltou apressadamente para junto de

Meneloto, deitado na base dos degraus. Virou o corpo do companheiro. A espada atingira-o no coração e de um corte profundo, no local onde a aresta irregular do degrau lhe atingira a cabeça, pingava sangue. Amerotke tacteou-lhe o pulso, mas não conseguiu sentir nada. Uma nuvem de pó fê-lo tossir. Do fundo da câmara vieram os gritos dos amemets. Amerotke colocou a mão no rosto de Meneloto, sussurrou rapidamente uma oração e subiu os degraus a correr. A câmara superior estava vazia. Apenas um archote ardia na fenda da parede onde fora colocado. Amerotke arrastou a laje, agarrando-a pela argola, e foi empurrando e puxando, apesar da tosse que dele se apoderara devido à poeira que agora subia pelos degraus. Finalmente, colocou-a no seu lugar, calando assim os sons terríveis que vinham lá de baixo. Depois, pegou no archote e saiu velozmente da galeria, seguindo as setas até à porta na face norte da pirâmide.

Atum: «o ser completo», criador de Deus: um dos deuses mais antigos do Egito.

CAPÍTULO 15

Amerotke afastou o apoio da cabeça e deitou-se virado para baixo. Libertou gentilmente o outro braço. Norfret mexeu-se. Os lindos olhos orlados de kohl pestanejaram e o corpo perfumado virou-se enquanto murmurava algo e sorria durante o sono. Amerotke ficou deitado a ouvir a sua respiração. Olhou para o friso, pintado tão habilmente ao longo da parede mais distante do quarto: dois leopardos a brincar com uma bola, tal como as crianças faziam na praça do mercado, enquanto uma lebre fazia de árbitro.

Amerotke fechou os olhos. Tinham passado duas semanas desde que escapara daquele buraco sinistro na pirâmide de Sakara. Assim que alcançara a frota imperial, lavara-se, limpou os arranhões e mudou de roupa. Sethos, perspicaz como sempre, apercebera-se de algo de estranho. Durante a refeição matinal, consumida na proa da galé real, olhara, perplexo, para ele. Amerotke apenas abanara a cabeça e recusara-se a falar. Decidira não dizer a ninguém o que acontecera.

A armada real chegara a Tebas e fora saudada por um frenesim de celebrações. O embarcadouro estava cheio de gente e a Avenida das Esfinges repleta de cidadãos e visitantes de outras terras.

— Vida, prosperidade e saúde! — rugira a multidão enquanto Hatusu, vestida de faraó, fora levada de palanquim para a cidade. Os sacerdotes cantavam:

Ela estendeu os braços!

Ela desfez o inimigo!

*A terra na sua largura e comprimento,
ocidentais e orientais são teus súbditos!*

Esmagaste todos os países, o teu coração está feliz!

A beleza de Amon está no teu rosto!

A glória de Hórus na tua carne dourada!

Coração do fogo! Luz da luz!

Glória de Amon-Ré!

Hatusu olhava implacavelmente para a frente, enquanto alguns auxiliares, negros cor de carvão, auxiliavam a guarda real a afastar a multidão. Enormes penas de avestruz espalhavam ricos perfumes em torno da sua real presença. Hatusu sentara-se imóvel com as sandálias douradas pousadas na coroa protegida com elmo do rei dos Mitânios.

A procissão abriu caminho pelas ruas ornamentadas de Tebas. Amerotke caminhara à sua frente. Atrás de Hatusu avançavam os seus esquadrões de quadrigas, uma longa fila reluzente com arreios polidos. Cavalos, adornados com plumas de vitória, puxavam carroças cheias do saque. Atrás destes caminhavam penosamente colunas de prisioneiros de guerra, esfarrapados e cobertos de poeira.

A grande porta de bronze do templo fora aberta. As sacerdotisas, agitando os sistros, desceram a escadaria para saudar o novo faraó. Incenso, água sagrada e grinaldas de flores ine-briantes tinham sido espalhados em torno do palanque. Hatusu subira os degraus, queimara incenso a Amon-Ré e depois sacrificara mais prisioneiros.

Amerotke sentira-se feliz por sair dali. Norfret, os filhos, Asural, Prenhoe e Chufoi tinham estado à sua espera na sua pequena capela perto da Sala das Duas Verdades. O êxtase do regresso a casa! Haviã-se seguidos noites de celebrações, festas e festejos. O estômago de Amerotke teve dificuldade em digerir tudo aquilo, depois das reduzidas rações do acampamento. Norfret mostrara-se muito apaixonada, levando-o à exaustão noite após noite com o seu corpo belo e dourado a contorcer-se por baixo do dele. Amerotke achara tudo aquilo um sonho. Tinha o corpo ainda dorido dos rigores da campanha. Os seus sonhos eram invadidos por aquela terrível carga dos mitânios, a carnificina da batalha, a câmara dos enforcados na pirâmide. A cabeça decepada do sacerdote da capela que encontrara perto da entrada da pirâmide.

Amerotke virou-se. Sentira-se culpado pela morte de Meneloto e pela sua própria fuga. Mas que poderia ter feito?

Chufoi contara-lhe tudo o que acontecera durante a sua ausência. Amerotke só ouvira metade. Não tinha importância. Estava em casa. Os terrores já pertenciam ao passado. Toda a Tebas falava sobre a ascensão de Hatusu ao trono. O menino faraó, que nunca fora coroado, tinha sido gentilmente posto de lado, relegado para o estatuto de príncipe e deixado a brincar no infantário real. Amerotke mantivera-se afastado das intrigas. A sua mente estava sempre a regressar àquela inscrição na terrível câmara por baixo da pirâmide. Sabia agora o que Tutmés descobrira e a razão por que Amen-hotep perdera a fé. Se fosse verdade, não havia deuses. Os sacerdotes do Egipto tinham conduzido o seu povo por becos estreitos para longe da verdade. Amerotke não achara aquela mensagem assim tão chocante. Não fora sempre um herege, um cínico em relação ao elaborado ritual dos templos de Tebas? Sempre desconfiara da adoração de um crocodilo ou de um gato. A sua veneração a Maet era diferente. A parte a estátua e o ritual do templo, a verdade existia. Tinha de ser servida e seguida de perto.

Amerotke perguntou a si próprio se deveria lá voltar, mas depois lembrou-se dos perigos de desabamento. Fechou os olhos. A câmara era uma

última morada digna para os ame-mets. Que os seus espíritos a guardassem. Ofereceria um sacrifício em intenção de Meneloto. Mas a quem? Aos deuses de pedra do Egipto?

Ouviu um ruído lá fora no corredor e empurrou os lençóis para trás. Vestiu uma túnica e calçou as sandálias, lavou as mãos e rosto com água perfumada e desceu as escadas. Os criados ainda não se tinham levantado. O Sol começava a nascer; ouviu as notas distantes dos arautos do amanhecer, que vinham da cidade. Saiu para o jardim, onde a brisa ainda estava fresca. Chufoi sentara-se a alguma distância por baixo de um sicômoro. Amerotke tirou as sandálias e caminhou em silêncio até ele. O anão ouviu-o e virou-se velozmente com a mão a cobrir os objectos preciosos que estavam sobre a manta. Amerotke agachou-se.

— De onde é que isto veio, Chufoi?

— Comprei-os — foi a resposta rápida. — Um homem tem de negociar de manhã à noite para ganhar uma côdea de pão.

— Tenho a certeza que sim — respondeu secamente Amerotke.

Chufoi aproximou-se e os seus olhos brilhantes e rápidos observavam o amo.

— Mudaste desde o teu regresso, meu senhor.

— Vi coisas... coisas horríveis! Chufoi acenou com a cabeça.

— Isso passa, meu senhor. No final, todas as coisas morrem.

Amerotke observou os valiosos objectos.

— Estás a ficar um homem rico.

— Quando o exército saiu de Tebas, gerou-se o pânico. As pessoas estavam a vender tudo o que podiam.

Amerotke reparou na pequena taça de ouro. Pegou nela. No rebordo via-se uma cena que representava Osíris a pesar uma alma, e Maet ajoelhada a seu lado. Por baixo, estava inscrito o ano de reinado do pai de Hatusu, o faraó Tutmés I. Ao lado do selo divino, lia-se o nome do seu proprietário há muito falecido, um escriba da Casa da Prata.

— Onde é que arranjaste isto? — perguntou Amerotke, interessado.

Chufoi mostrou-se cauteloso.

— Ia levá-la para a cidade... para vender, meu amo.

— É uma taça funerária — insistiu Amerotke. — Especialmente feita para este escriba e suficientemente pequena para conter um pouco de vinho e ser colocada num túmulo. — Estendeu a mão e agarrou o ombro de Chufoi.

— Juro pela vida dos teus filhos que a comprei a um mercador em Tebas! Um vendedor de taças e pratos preciosos. Não pude resistir ao preço.

— É roubada! — declarou Amerotke. — E tu sabes que é,

Chufoi. Isto foi retirado de um túmulo! — Agarrou nas quatro pontas da manta e amarrou-as, ignorando as súplicas e gemidos de Chufoi. — Vai à cidade

— ordenou ele. — A Sala das Duas Verdades. Traz Asural e alguns dos rapazes mais corpulentos. Depois, visita os pequenos estabelecimentos. Não me importa o trabalho que dê, mas apenas quero o nome do homem a quem compraram isto. Chufoi, esta taça poderia ter vindo do túmulo de meu pai. O que é teu, é teu, mas o que aconteceria se começasse a correr a notícia de que Chufoi, o grande homem dos escorpiões, andava envolvido no saque de túmulos?

Pouco tempo depois, Chufoi já saía de casa, armado com uma espada e um saco, resmungando baixinho e pronunciando todos os provérbios que sabia. Amerotke ficara contente com a sua descoberta. Sentiu-se mais alerta. Lavou-se e vestiu-se, comeu alguma fruta e já estava no jardim quando a visita chegou mesmo antes do meio-dia.

Sethos entrou a passos largos pelo relvado: parecia inalterado pela campanha ao longo do Nilo. Tomara parte na luta e fora confirmado por Hatusu no seu lugar de honra, se bem que o seu ressentimento contra Senenmut fosse cada vez maior. Sentou-se na cadeira do jardim.

— Vida, saúde e prosperidade! — desejou ele a Amerotke. Amerotke encheu uma pequena caneca de cerveja e levou-lha. Sethos bebeu um gole e observou o lago ornamental como que fascinado pelo íbis que estava empoleirado na beira.

— Dias turbulentos, meu senhor Amerotke? — Tirou a flor de lódão da faixa que trazia à cintura e fê-la rodopiar. — Sua Majestade deu-me isto esta manhã. Um símbolo de boas graças. — Cheirou a flor e colocou-a no banco, ao seu lado. — Não foste à reunião do conselho real? — Sethos olhou para o jardim onde os desbastadores das vinhas se movimentavam junto às latadas, inspeccionando as hastes.

— Ainda estou exausto — replicou Amerotke.

— O Rahimere, o Bailetos e os outros foram presos — anunciou Sethos. — Os membros da minha guarda prenderam-nos ontem à noite quando estavam a sair do palácio real.

— Acusados de quê?

— Alta traição.

— Não há provas disso.

Sethos sorriu afectadamente com o rosto bem barbeado e inteligente a abrir-se num sorriso largo, como que saboreando uma piada secreta.

— Irão a julgamento perante ti à Sala das Duas Verdades.

— Nesse caso, rejeitarei as acusações por falta de provas.

— Tu és teimoso, Amerotke!

— Isso é o mesmo que não ser corrupto? A minha senhora Hatusu sabe que não há provas de traição contra o Rahimere. Quantos foram presos?

— Cerca de dez. O divino faraó... — Sethos deu ênfase à expressão. — O divino faraó acha que, se não são culpados de traição, são certamente

responsáveis pelas mortes de Tutmés II, do Ipu-uer e do sacerdote Amen-hotep. Ela espera que tu, meu senhor Amerotke, examines cuidadosamente as provas.

— O que temos nós? — perguntou Amerotke. — É verdade que o marido morreu de uma mordedura de serpente, mas como e quando? — prosseguiu Amerotke, encolhendo os ombros. — Não sei dizer. É verdade que alguém colocou uma víbora no saco de escrita do Ipu-uer, mas poderia ter sido qualquer um dos membros do conselho real. No que diz respeito ao Amen-hotep, decerto que esteve com algum membro do conselho real mesmo antes de morrer. — Fez uma pausa. — Como está o comandante Omendap?

— A recuperar rapidamente. Diz que a garrafa de vinho envenenado poderia ter sido preparada em Tebas ou por alguém no acampamento. Também acredita que tenha sido o Rahimere. Se ele morresse, o exército real teria ficado confuso e seria obrigado a retirar.

— Mas não retirou, pois não?

Amerotke levantou-se e encheu a sua própria caneca de cerveja. Ofereceu um prato de pão e queijo a Sethos, que abanou a cabeça.

— O que acontece, meu senhor juiz... — Sethos inclinou-se mais para ele. — O que acontece se a Hatusu ou o seu vi-zir, Senenmut, isoladamente ou em conjunto, tiverem planeado estas mortes? Já viste como ela é implacável. As tropas adoram-na. Vêem-na como uma combinação de Sekhmet e Montu.

— Meu senhor Sethos, tu és um sacerdote de Amon-Ré: um capelão da Casa Divina, bem como delegado real. Também és implacável, mas isso não te transforma num assassino. Há mais uma coisa. Algo que a senhora divina não nos contou. Compreendo o estado de espírito de Tutmés quando regressou a Tebas.

— O que queres dizer? — perguntou Sethos ríspidamente.

— As coisas estão a começar a delinear-se. No entanto, se queremos apanhar o assassino, a senhora divina terá de ser mais verdadeira e directa. Enviar-me, qual mensageiro, para esgravatar no lixo não desenterrará a verdade. Ah!

Amerotke olhou para Chufoi, que atravessava tranqüilamente o jardim. Atrás dele vinham Asural, Prenhoe e uma pequena coorte da guarda do templo. Chufoi fez uma vénia a Sethos.

— Têm o nome? — perguntou Amerotke.

Chufoi meteu um fragmento de papiro na mão do amo. Amerotke desenrolou-o e sorriu.

— Meu senhor Sethos. — Levantou-se. — Acho que devias vir comigo. Vais achar isto muito interessante. O Piai — murmurou ele.

Recordou-se do pequeno e pomposo médico, batendo violentamente com os pés nas ruas da necrópole, com o macaco de estimação ao ombro.

— Senhor!

— O que é?

Prenhoe avançou com um papiro na mão.

— Tive um sonho ontem à noite. Acho que deverias...

— Agora não! — retorquiu Amerotke bruscamente. — Os teus homens estão prontos, Asural?

O chefe da guarda assentiu com a cabeça.

— Ótimo! Então, façamos uma visita ao nosso médico. Piai estava a descansar no pequeno jardim da sua sumptuosa casa, que fora construída junto a um dos canais de irrigação que corriam do Nilo.

Asural não ficou parado a fazer cerimónia. Abriu o portão ao pontapé, afastou o porteiro e marchou até ao pórtico da entrada com Amerotke, Sethos e os outros atrás de si. O médico, a tremer, acompanhou-os até ao interior da casa. O corredor que conduzia aos aposentos privados de Piai era de madeira de cedro. Piai convidou-os para que tomassem lugar nos sofás e sentou-se na sua cadeira de espaldar, endireitando a túnica.

— Sinto-me muito honrado — disse ele com ar fanfarrão. Como que chamado, o pequeno macaco saltou agilmente pela janela do jardim, transportando a taça incrustada em prata que Piai devia ter estado a usar.

— Ah! — exclamou Amerotke. — Eis o teu cúmplice! O rosto de Piai ficou pálido.

— O que queres dizer com isso? — gaguejou ele.

O macaco saltou-lhe para o colo e meteu a taça nos dedos trementes e gordos do médico.

— Tu és um salteador de túmulos, não és? — continuou Amerotke. — E, sendo médico, sabes tudo sobre os ricos e poderosos que morrem em Tebas. Até és convidado para os funerais, para te juntares aos familiares e amigos enlutados que se congregam em torno do túmulo. Algumas semanas mais tarde, regressas com o teu pequeno amigo. Coloca-lo nos buracos de ventilação e ele entra. Está treinado para apanhar pequenos objectos preciosos: uma taça, um anel, um jarro de porcelana, um vaso, um colar... e depois dá uma corrida rápida e entrega-te os objectos.

A boca de Piai entreabriu-se. Ficou a olhar, horrorizado.

— Eu vi-te na necrópole, onde és bem conhecido — continuou Amerotke, implacável. — Os teus roubos aumentam os teus rendimentos. No entanto, na presente crise, percebeste que poderias ter de fugir de Tebas e resolveste vender o teu espólio no mercado, onde o meu criado adquiriu parte.

Piai ia a levantar-se, mas Amerotke empurrou-o para trás.

— O que vamos fazer com um ladrão de sepulturas, meu senhor Sethos? Crucificá-lo? Enforcá-lo? Enterrá-lo vivo nas Terras Vermelhas? Ou talvez permitir que ele beba veneno na Casa de Morte?

Piai caiu de joelhos com as mãos juntas e as faces gordas ensopadas em

lágrimas.

— Por favor! — suplicou ele. — Misericórdia, senhores! Amerotke olhou para Sethos, que lhe devolveu o olhar de sobranceiras erguidas.

— Sim, podes pedir misericórdia — replicou Amerotke. — Porque sabes que está disponível. Esse cérebro veloz já está a perguntar: por que razão veio o senhor juiz Amerotke prender-me pessoalmente? Por que não mandou Asural apanhar-me na calada da noite? Tens razão! Tens uma possibilidade de obter misericórdia. Podes sair de Tebas com um cavalo e uma carroça e tudo o que ela possa transportar. Esta casa, com tudo o que contém, será confiscada, e os lucros reverterão para a Casa de Vida no Templo de Amon-Ré.

— Uma grande benevolência — observou Piai, pesaroso.

— Com uma condição! — retorquiu abruptamente Amerotke. — Tu trataste do divino Tutmés. Ele tinha sido mordido por uma serpente?

— Sim, senhor.

Amerotke pareceu desanimado. Inclinou-se para a frente e agarrou no ombro do homem.

— Estás a falar verdade?

— Sim e não. Ele tinha as marcas por cima do calcanhar. Mas...

— Mas, o quê?

— A perna estava inchada. Suspeito... — Piai ficou sem voz. — Tenho medo! — choramingou ele.

— E ainda mais assustador ser enterrado vivo nas areias quentes das Terras Vermelhas — lembrou Amerotke.

— A mordedura de serpente estava lá — declarou Piai, esfregando as faces gordas. — Mas o veneno não circulara. O divino faraó mostrava todos os sintomas de ter morrido de epilepsia.

— O que estás a dizer? Piai levantou a cabeça.

— Isto é a verdade, meu senhor. Pareceu-me que o divino faraó teria sido mordido por uma serpente depois de morrer.

Sethos e Amerotke subiram os degraus que conduziam à Casa do Milhão de Anos, que Hatusu escolhera para si, perto do grande ancoradouro junto ao Nilo. Os artistas estavam a decorar os pórticos e os enormes muros que ladeavam os portões com cenas épicas da famosa vitória de Hatusu no Norte. Os escravos, sob as ordens dos pedreiros, traziam enormes blocos de granito com a ajuda de cilindros.

— O divino faraó — observou Sethos — quer assegurar-se de que não nos esqueçamos nem da sua vitória nem da sua glória! Dois obeliscos serão colocados de ambos os lados do portão. Cada centímetro proclamará o seu nascimento divino e as grandes vitórias. Serão forrados a ouro, para que as pessoas saibam que a graça de Amon-Ré recai sobre ela.

Amerotke cobriu a boca para a proteger na nuvem de poeira e fez correr

o polegar pelo lábio. Tinha dado ordens a Asural e Prenhoe no sentido de se certificarem de que Piai saía de Tebas até ao cair da noite. Todavia, ainda se sentia intrigado. Se Tutmés já estava morto quando a serpente o atacara, a divina senhora devia sabê-lo. Como poderia ele abordar aquele assunto com um tão eminente faraó? Com aquela rainha guerreira dedicada à glória? Agarrou o braço de Sethos.

— Eu vou sozinho. Sethos não objectou.

— Eu vou sozinho — repetiu Amerotke.

O capitão da guarda real reconheceu imediatamente Amerotke, a quem fez uma profunda vénia antes de o conduzir pelos corredores de mármore até ao pequeno jardim que Hatusu escolhera para uso privado. Era um maravilhoso paraíso verde de erva luxuriante, flores de perfume doce, árvores frondosas e, no meio, um lago ornamental de mármore polido com uma água tão clara que Amerotke conseguia ver todos os pormenores dos peixes brilhantemente coloridos. Aves de plumagem exoticamente berrante debicavam sementes em cima dos relvados. Gaiolas de ouro e prata estavam penduradas nas ramagens e, dentro delas, aves canoras trinavam docemente naquele opulento paraíso.

Senenmut e Hatusu estavam de cócoras, como duas crianças, ao lado do lago, tentando apanhar um peixe, de cabeças juntas, brincando e rindo. Hatusu olhou para cima e sorriu. Estava vestida com simplicidade, usando uma túnica de linho transparente. Uma cabeleira embebida em perfume cobria-lhe a cabeça, um pouco de tinta realçava-lhe os olhos e estava descalça. Senenmut usava um pequeno saiote branco e tinha o tronco brilhante da água que Hatusu lhe atirara.

— Amerotke! — Hatusu levantou-se apressadamente. Correu à volta do lago e agarrou na mão do juiz. — Estiveste de mau humor? Por que motivo não vieste ao conselho real? — Estava em bicos de pés, fixando com ar atrevido os olhos dele. — Já não me amas?

— Estive em casa do Piai — replicou Amerotke. — Divino faraó, o teu esposo e meio-irmão já estava morto quando a serpente o mordeu, não estava?

Hatusu largou-lhe as mãos e recuou.

— Gostas de peixes coloridos, Amerotke? Vem! Tira as sandálias.

— Tenho os pés sujos. — Amerotke sentia-se perplexo com a atitude de Hatusu. Olhou por cima do ombro dela para Senenmut, o qual o fitava sombriamente.

— Não te preocupes com ele — sussurrou Hatusu. Juntou as mãos. — Somos um só corpo, uma alma, um coração, uma mente.

Amerotke viu a paixão nos olhos dela.

— Queres que eu descubra a verdade — respondeu ele. — Mas não consigo fazê-lo, Sua Alteza, se não confiares em mim.

Hatusu agachou-se e desamarrou-lhe as sandálias.

— Vem! Banha os pés.

Amerotke sentiu-se um pouco ridículo. Sentou-se à beira do lago com os pés dentro da água fresca com Hatusu à sua direita e Senenmut à esquerda. Ela chapinhou com os pés. Amerotke achou tudo aquilo irreal. Ela era uma leoa, a mulher que proclamara sentenças contra os seus inimigos tanto no país como no estrangeiro. Agora, estava sentada ali, assemelhando-se a uma menina que se prepara para contar uma história.

— Eu amava o Tutmés — começou ela. — Ele era gentil, fraco e doente, mas possuía um bom coração. Sofria de epilepsia e dizia ter visões. Por vezes, tinha dificuldade em acreditar em todos os estranhos deuses do Egito, adorar um crocodilo, e perguntava a si próprio por que razão o senhor Amon-Ré exibia uma estúpida cabeça de carneiro. Questionava os sábios. Não era um ateu, mas procurava algo mais. — Suspirou. — Marchou para norte para lutar contra os Povos do Mar. Simultaneamente, recebeu uma carta do Neroupe, o guardião das pirâmides perto de Sakara. Segundo parece, o Tutmés foi ter com ele no regresso. O Neroupe já tinha morrido, mas deixara instruções secretas ao Tutmés, respeitantes à maneira de penetrar em certos túneis que o conduziriam à biblioteca perdida de Khufu, o grande faraó que vivera há centenas de anos.

Hatusu fez uma pausa, limpando o suor que tinha no pescoço.

— Escreveu-me depois de visitar a pirâmide. Destruí a carta, mas recordo algumas linhas. Diziam que regressaria a Tebas e que pronunciaria sentenças contra os ídolos falsos dos nossos templos em nome do Deus único. — Encolheu os ombros. — Eu prestava pouca atenção ao misticismo do Tutmés. — Respirou fundo, batendo com os dedos dos pés na água. — Só estava ansiosa pela sua chegada. Os seus homens chegaram a Tebas para preparar a grande entrada do Tutmés. — Ela parou.

— Diz-lhe tudo — insistiu Senenmut. — Fala-lhe das cartas de chantagem.

— Enquanto esperava — continuou Hatusu rapidamente —, comecei a receber mensagens, pequenos rolos de papiro escritos com uma grafia de escriba. — Ela abanou a cabeça. — Continham ameaças de chantagem.

— Chantagem! — exclamou Amerotke.

Hatusu virou-se e colocou-lhe um dedo sobre os lábios. A unha, pintada de vermelho-escuro, vincou-lhe profundamente a pele.

— O que estou a contar-te, nunca deverá ser dito a ninguém, Amerotke. Quando eu era criança, a minha mãe, a Ah-més, chamou-me e disse-me em privado que eu fora divinamente concebida pelo deus Amon-Ré, o qual visitara o seu quarto. — Ela tocou de lado na cabeleira, apertando uma madeixa e espremendo o óleo perfumado. — Eu era uma criança. A minha mãe estava tão embrenhada no culto aos deuses e seus feitos que eu pensei que era uma fábula. Aquelas cartas com ameaças de chantagem pegavam novamente na história. Afirmavam que a minha mãe fora infiel ao meu pai e que se deitara com um

sacerdote do Templo de Amon-Ré. Portanto, eu não pertencia à linha consanguínea do faraó, sendo filha ilegítima, uma bastarda, algo de sacrílego. Fui aconselhada a fazer tudo o que me ordenavam ou enfrentar as consequências. Não tive escolha. Quem me ameaçava com aquela chantagem afirmava ter provas para confirmar a história.

Amerotke olhou para o lago. Uma poupa de bico negro assustara uma ave canora de penas douradas e estava a debicar avidamente o chão. Lembrou-se das declarações de Senenmut perante os soldados após a grande vitória sobre os Mitânios.

— Sabes de tudo isto?

— Sim — retorquiu Senenmut. — Decidi virar as coisas ao contrário. Se a divina Hatusu era de concepção divina, porquê esconder o facto? Porque não proclamá-lo a todo o mundo? — Sorriu. — Parece ter funcionado. Desde o nosso regresso a Tebas, a divina senhora não recebeu mais cartas desse tipo.

— Quero vingança! — interrompeu Hatusu. A expressão do rosto mudara, os olhos tinham ficado maiores e a pele das maçãs do rosto mais tensa. — Quero essa pessoa que me chantageou crucificada! O corpo será dado a comer aos cães para que o seu ka nunca chegue ao Horizonte Longínquo. — Cravou as unhas na perna de Amerotke.

— E o divino Tutmés? — perguntou ele.

— Morreu de um ataque de epilepsia. Uma crise terrível perante a estátua de Amon-Ré. A excitação foi demasiada para ele. Caiu no chão. Tudo o que disse foi: «Hatusu, é apenas uma máscara!» Morreu pouco depois. Enviei o seu corpo para a câmara funerária real. Fiquei junto do cadáver. Entraram outros membros do conselho real, não sei como nem quem, mas depois senti fome. Quando fui buscar comida a um tabuleiro, encontrei um pequeno saco preto. Continha um bilhete.

As ameaças eram explícitas. Devia seguir as ordens à risca. — Ela suspirou. — O saco continha um garfo com os dentes de marfim molhados em veneno.

— Como a boca de uma serpente? — perguntou Amerotke.

Hatusu anuiu com a cabeça.

— Devia enterrá-los na perna do meu falecido esposo, mesmo acima do calcanhar. Fi-lo. Para todos os efeitos, parecia a mordedura de uma serpente. A pele estava descorada e o veneno parecia ter sido absorvido. Depois, queimei o garfo e o bilhete que viera com ele. — Agitou as mãos. — Mesmo nessa altura, sabia que qualquer coisa poderia correr mal. O sangue do meu marido parara de circular e o veneno não se movia. Mas que podia eu fazer? Antes de o meu esposo regressar a Tebas, sentia-me aterrorizada com o facto de o chantagista poder sussurrar-lhe ao ouvido que destruísse a minha reputação e me afastasse. Afinal de contas, eu não lhe dera um filho. Assim que o Tutmés morreu, a minha

posição ficou ainda mais vulnerável. Tinha de enfrentar a oposição do Rahimere e dos outros. Se o chantagista começasse a espalhar aqueles rumores em Tebas, quanto tempo teria eu durado?

— E Meneloto? — inquiriu Amerotke.

— Dois dias depois da morte do meu esposo, recebi outra carta. Nessa altura, eu já sabia da violação do seu túmulo e dos maus presságios observados durante a viagem de regresso. Não tive escolha. Fora encontrada uma víbora a bordo da barca real: devia fazer queixa do Meneloto e não dizer nada sobre Sakara.

— E as mortes dos outros?

— Não sabemos nada sobre isso — interveio Senenmut.

— Que podia eu fazer? — indagou Hatusu. — A minha legitimidade estava a ser posta em causa. Enfrentava a oposição do Rahimere. Fui mandada para norte para perder-me numa batalha, mas os deuses concederam-me vingança. — Levantou a cabeça. — A minha mãe tinha razão. Sou de concepção divina. Sou a amada de Amon-Ré!

— E os criminosos? — quis saber Amerotke.

— O Rahimere. Algumas coisas apontam para o Sethos.

Poderá ter sido responsável pelas mortes do Amen-hotep e do Ipu-uer. — Virou-se e sorriu. — Mas já não precisamos disso. — Aproximou o rosto do de Amerotke. — Estivemos a examinar os relatórios que apreendemos aos Mitânios. O Rahimere estava secretamente em comunicação com o rei Tuhratta. Por isso, vai dizer-lhe, Amerotke! Obriga-o a confessar. Morrerá, se bem que possa escolher a maneira como viajará para Campos dos Bem-Aventurados!

Maet: a deusa da verdade.

CAPÍTULO 16

Amerotke entrou nos corredores escuros da Casa de Morte por baixo do Templo de Maet. Os guardas, com os rostos mascarados, estavam de pé com archotes de pez na mão. Um carcereiro levantou as grades de madeira e abriu a porta a pontapé. A cela de Rahimere era pequena, e um buraco no cimo da parede branca providenciava ar e luz. O antigo vizir estava quase irreconhecível. Com escoriações nas faces, o seu rosto macilento estava cinzento e por barbear, se bem que os olhos ainda brilhassem de maldade. Não se incomodou em se levantar da cama de esteiras verdes, ficando ali, de pernas cruzadas, puxando a tanga que trazia em torno da cintura.

— Vieste trocar de mim?

— Vim interrogar-te.

— Sobre quê?

— As mortes do Ipu-uer, do Amen-hotep, a tentativa de homicídio do comandante Omendap e a chantagem feita à rainha.

Amerotke desejaria ter mordido a língua. Rahimere movimentou as pernas.

— Chantagem! Ao nosso divino faraó?

— E os homicídios — gaguejou Amerotke.

Ainda estava ligeiramente abalado e desconcertado depois do encontro com Hatusu e Senenmut.

— Não sou culpado de homicídio. A morte do Ipu-uer? — Rahimere mexeu as mãos. — Por que razão mataria eu o Ipuuer? — inclinou-se para a frente. — O Ipu-uer gostava de raparigas jovens. Prometi-lhe um quarto cheio delas. Mas essa tal chantagem?

Amerotke percebeu que estava a perder tempo. Virou-se na direcção da porta.

— Não tens provas contra mim! — gritou Rahimere. — Se aquela cadela quer matar-me, terá de mandar os cães!

— Não será necessário. — Amerotke parou à porta. — Encontraram as tuas cartas para o rei dos Mitânios. Sabes bem qual é a sentença para alta traição!

Batendo com a porta atrás de si, Amerotke avançou pelo corredor, quase embatendo nos homens mascarados. O lugar cheirava a morte! Queria sair dali para pensar e preparar um discurso para a divina Hatusu, solicitando que aquelas mortes, aqueles assassinios e a chantagem permanecessem um mistério. Entrou na Sala das Duas Verdades. O lugar estava deserto. O tribunal não se reuniria

senão dali a cinco dias, pelo menos, e Amerotke sabia que o número de casos que aguardavam julgamento teria crescido substancialmente devido às recentes perturbações. Encostou-se a um dos pilares, olhando para a cadeira de juiz, para a pequena mesa polida e as almofadas dos escribas: as listas de julgamento. Do pátio vinha o murmúrio de conversas, a tagarelice dos escribas, os gritos e vozes estridentes das crianças.

Amerotke caminhou lentamente para o outro lado e observou um dos frescos da parede. A deusa Maet, com uma pluma de avestruz no cabelo, estava reclinada sobre os calcanhares perante o deus Osíris, que sustinha a balança. «Que sentença pronunciaria ela neste caso?», pensou Amerotke. «Como o resolveria?» Voltou para a sua pequena capela. Dentro do altar encontrava-se a estátua de Maet. O chão fora areado de fresco, as pias de água sagrada tinham sido limpas e alguém, provavelmente Prenhoe, enchera os queimadores de incenso. Pequenos recipientes de cássia e incenso também haviam sido espalhados pelo aposento. A capela parecia limpa e cheirava bem. Havia almofadas novas à frente do santuário.

Amerotke ajoelhou-se e tentou pedir orientação, apercebendo-se depois de que não tinha purificado a boca e as mãos. Estaria a ficar como Amen-hotep? Imagens tão claras como quadros enchiam-lhe a mente. A sangrenta carnificina no exterior do acampamento, homens a gritar e a contorcer-se, o sangue a esguichar para as rodas das quadrigas, os cavalos a galope, esmagando os cadáveres. Os gritos de misericórdia. Os «rapazes de braços fortes» a sodomizar jovens nobres mitânios antes de lhes esmagar as cabeças contra o solo. Hatusu brilhante na sua glória. Meneloto no fundo dos degraus, os amemets, qual sombras, à sua volta. E aquela terrível esteia de Khufu? Amerotke olhou para o altar aberto. Seria tudo falso? Não haveria ninguém para ouvir? Uma sombra entrou e ajoelhou-se atrás dele. Amerotke olhou por cima do ombro.

— Tive um sonho ontem à noite, meu senhor. Sonhei que estava sentado numa palmeira que depois se transformou num sicômoro. Por baixo dos ramos, tu destruías as tuas roupas.

O rosto de Prenhoe parecia muito vivo e agarrava firmemente no rolo de papiro. Amerotke reprimiu uma resposta irada.

— E o que é que isso quer dizer, parente?

— Significa que eu serei bem-sucedido. E que tu serás libertado de todo o mal. Sou um bom funcionário, meu senhor.

— A nomeação chegará.

— Sou um bom funcionário, meu senhor — repetiu Prenhoe. — E copio fielmente o que é dito no tribunal. E enquanto estiveste fora — continuou ele apressadamente, notando a fúria nos olhos de Amerotke —, consultei os meus colegas...

Amerotke suspirou.

— Prenhoe, a minha decisão... Fez um gesto com a mão.

— O Chufoi contou-me — continuou Prenhoe. — O Chufoi falou-me da tua visita ao velho sacerdote da serpente. Aquele que testemunhou. E como ele te salvou.

— Não digas nada à senhora Norfret! — interrompeu Amerotke.

— Não, meu senhor, mas achei que devias ler isto. — Prenhoe contornou-o e abriu o rolo de papiro. — Isto é o que o velho sacerdote disse. Não é estranho?

Amerotke, sentando-se, aproximou mais o papiro, devido à pouca luz.

— Não, não. Ali.

Prenhoe apontou com o dedo.

Amerotke leu o depoimento. Piscou os olhos e, esquecendo o protocolo, voltou a aproximar os olhos.

— Eu... eu... — Gaguejou e olhou para cima. — O que é que isto significa, parente?

Prenhoe engoliu em seco com a excitação.

— Eu fui aos túmulos, à necrópole. Andei pelas Casas da Eternidade até encontrar a dos pais dele. A mãe era uma sacerdotisa da deusa Meretseger.

— A deusa-serpente! — exclamou Amerotke de um fôlego.

Seria assim que a verdade funcionava, pensou ele? Haveria um fogo invisível que estimulava a mente e a alma? Virou-se e segurou o rosto de Prenhoe com as mãos, beijando-o firmemente na testa. O jovem escriba corou de vergonha.

— Tu és meu parente, Prenhoe, e és meu amigo. Deixei passar o que tu descobriste. Ignorei o que tu encontraste e, a próxima vez que presidir a um julgamento, tu serás os meus olhos e ouvidos. No que me diz respeito, podes sonhar o que quiseres. Eis o que deves fazer.

Amerotke passou a maior parte do dia na Sala das Duas Verdades. Foi até ao lago para se purificar, lavando o corpo e o rosto nas águas onde os íbis tinham bebido. Vestiu roupa lavada que guardava no pequeno quarto por trás da capela. Purificou a boca com sal e queimou mais incenso perante a deusa. Depois, ajoelhou-se com a testa no solo.

— Eu pequei! — confessou ele. — Duvidei! No entanto, o meu coração está puro e desejo olhar-te para o rosto. Ajuda-me a caminhar na verdade, ajuda-me a manter a verdade!

Estava tão excitado que se esqueceu de comer, mas, como o Sol começava a pôr-se, saiu para o recinto do templo e comprou tiras de ganso que estavam a ser cozinhadas no carvão por um dos jovens sacerdotes. Sentou-se de pernas cruzadas no chão para comer e beber um pouco de vinho. Do outro lado do pátio, Asural reunira alguns membros da guarda do templo. Prenhoe encontrava-se lá, e, quando estava para partir, chegou Chufoi. Disse-lhes para lá

ficarem e não o perturbarem, apesar de ter recebido um punhal de Asural que escondeu na roupa; regressou ao santuário. Sentou-se de costas para a parede. As portas do não estavam fechadas. Acendeu as jarras de alabastro para que tudo estivesse preparado quando Sethos entrasse. Amerotke apontou para a almofada que estava à sua frente.

— Meu senhor Sethos, agradeço a sua visita.

O delegado real sentou-se com o seu rosto esguio e arguto transformado numa máscara de preocupação. Colocou um pequeno saco de escrita a seu lado.

— O que disse a divina senhora?

— Que o Rahimere irá a julgamento por traição.

— E por homicídio?

— Não, meu senhor Sethos. Tu serás julgado por isso! Sethos endireitou-se com o rosto aberto num sorriso.

— Amerotke, Amerotke! O sol inebriou-te o espírito? Será que o calor da batalha...?

Amerotke apontou para o santuário.

— Ela vigia-te, Sethos. A que é a verdade conhece as trevas do teu coração. Sethos, delegado real, os olhos e os ouvidos do rei. Amigo íntimo do divino faraó Tutmés, que lhe revelou tudo o que descobrira naquelas câmaras escuras e cavernosas sob à pirâmide de Sakara.

Sethos não vacilou.

— Sethos — continuou Amerotke. — Sumo sacerdote da Ordem de Amon-Ré, capelão real, antigo confessor da rainha Ahmés, mãe da divina Hatusu. O que aconteceu, Sethos? Ficaste amedrontado com o que o Tutmés te disse? Que os deuses do Egipto não passavam de ídolos de pedra? Que deverias voltar para Tebas e instruir julgamentos, destruir os santuários, criar uma nova ordem, dedicada ao Ser Divino, ao Uno que um dia caminhou entre os homens, nos primórdios, antes de haver guerra? Antes de o espelho da verdade ser quebrado e apenas nos restarem cacos? — Amerotke inclinou-se para a frente. — Não fazes qualquer objecção?

— Uma boa história é uma boa história — comentou Sethos.

— Tutmés contou-te tudo. Tu, Sethos, foste mandado para Tebas para preparar a chegada do faraó e delinear os planos para as suas decisões. Mas a tua alma estava num turbilhão. Seria o fim da adoração no templo, a expropriação dos sacerdotes e a apreensão dos tesouros. Como deveras ter fervido de cólera em relação ao que fazer! Talvez tenhas fingido ouvir e concordar, mas lá no fundo estavas a armar a tua vingança. Andaste à procura do caminho. — Amerotke fez uma pausa. — És o delegado real. Conheces as profundezas imundas que jazem sob a cidade de Tebas. Contrataste um bando de assassinos, os amemets. Querias lançar a confusão e o caos. Pagaste-lhes para irem à necrópole e violar o túmulo do faraó, mas isso foi mais raiva do que maldade. A tua mente estava em revolta.

Não conseguias controlar Tutmés, pois a sua teimosia era lendária. Desde criança que ele se mostrara cínico em relação aos sacerdotes e adoradores dos templos de Tebas. A Hatusu era diferente. Era jovem e vulnerável. Não conseguira dar um herdeiro masculino ao esposo.

Sethos respirou fundo, de narinas abertas.

— Se não conseguias controlar Tutmés, terias de controlar a Hatusu, e ela, insegura e ansiosa, mordeu o isco.

— E o que vais dizer a seguir? — interrompeu Sethos. — Que eu assassinei o divino Tutmés no Templo de Amon-Ré?

— Não, não. Tu não estavas no templo — respondeu Amerotke. — Tu estavas junto ao embarcadouro.

— A fazer o quê? A colocar uma víbora na barca real?

— Não! Isso aconteceu depois! És um sacerdote de Amon-Ré. Levaste algumas das pombas brancas que fazem ninho no templo para um local isolado. Feriste-lhes os corpos e libertaste-as. É claro que as pombas, moribundas ou não, voam para os seus ninhos. Quantas, Sethos? Seis ou sete? Algumas morreriam pelo caminho, outras caíam dos céus e algumas espirrariam sangue sobre a multidão. Um mau presságio para o regresso do faraó! O que estavas a planear fazer? Aumentar tais portentos? Assustar Tutmés e arranjar-lhe opositores? — Amerotke estendeu as mãos, observando os dedos. — Querias controlar o faraó. Destruir as noções e idéias que concebera em Sakara. Assustá-lo com maus presságios e sinais e depois dominá-lo através da senhora Hatusu.

— Tutmés morreu! — replicou Sethos com rudeza.

— E tu deves ter visto isso como um sinal dos deuses — respondeu Amerotke. — A resposta às tuas preces. Tutmés, cansado e com a mente repleta de planos, entrou em colapso e morreu perante a estátua de Amon-Ré. Nessa altura, deixaste de precisar de pombas feridas ou violações de túmulos. Tutmés estava morto e por isso tiveste de apertar o cerco à senhora Hatusu. Também achaste que devias interpretar a morte do faraó como um julgamento divino: mordido por uma serpente, um símbolo do Duat, a escuridão do mundo inferior.

Sethos ergueu as sobrancelhas.

— Como?

— És um sumo sacerdote de Amon-Ré. Os olhos e os ouvidos reais do faraó. Podes andar de um lado para o outro sem que ninguém te questione. Deixaste o garfo envenenado na câmara funerária forçando a Hatusu a espetar o cadáver do marido. Entretanto, colocaras aquela víbora na barca real. Havia ainda outros planos, não é verdade? Tinhas de semear a confusão, o caos e a dissensão para que fosse esquecido qualquer resquício dos planos de Tutmés. Também era preciso lidar com determinadas pessoas, os que tinham escoltado o faraó às pirâmides em Sakara: o Meneloto, o Ipu-uer, o Amen-hotep. Se o faraó te abrisse o coração, talvez o houvesse feito com outros. Tinham de ser silenciados.

Ordenaste à Hatusu, através das tuas cartas misteriosas, que acusasse o Meneloto. Mataste o Ipu-uer na câmara do conselho enquanto que o pobre Amen-hotep aceitaria um convite do senhor Sethos. Iria a qualquer lugar isolado nas margens do Nilo. Mataste-o pessoalmente? Ou os amemets estavam à espera? Deste-lhes instruções precisas para o matar, cortar-lhe a cabeça e mandá-la como presente ao banquete do conselho real para causar ainda mais dissensões?

— Uma boa história — comentou Sethos. — Mas por que motivo faria eu tudo isso?

— Para defender o culto no templo. Para criar uma tal confusão e caos que os sonhos de Tutmés fossem esquecidos. Deves ter pensado que eras um eleito dos deuses. A rivalidade entre a Hatusu e o Rahimere era um solo fértil para a tua semente.

— Com serpentes? — perguntou Sethos com sarcasmo.

— Ah! Lembras-te do julgamento do pobre Meneloto? Chamou em sua defesa o velho sacerdote da serpente, o Labda. Ele estava a falar de cobras e víboras, mas também fez uma espantosa referência à tua pessoa. Ao descrever a natureza venenosa das víboras, disse: «O meu senhor Sethos, ele próprio, também deve saber.» Na altura, ninguém prestou atenção, mas tu sim. O Labda estava a referir-se ao seguinte facto: se bem que o teu pai tivesse sido um sacerdote de Amon-Ré, a tua mãe era sacerdotisa da deusa-serpente, Meretseger. Também saberia bastante sobre víboras, aquelas serpentes que vivem no deserto ou junto das margens luxuriantes do Nilo. O seu túmulo na necrópole atesta isso. O meu parente, o Prenhoe, foi investigar. Foi ele que chamou a minha atenção para as palavras do velho sacerdote. O Prenhoe pode ser um sonhador, mas é um observador atento. Encontrou o túmulo de teus pais. Do lado de fora está uma representação da tua mãe.

Sethos pestanejou e afastou o olhar.

— Lembras-te bem, não é verdade? Está trajada com roupas sacerdotais, segurando uma serpente enquanto ensina um jovem, com um caracol de cabelo caído num dos lados da cara, a segurá-la. — Amerotke acomodou-se melhor. — Pegaste numa víbora e colocaste-a a bordo da barca real e o garfo que entregaste à divina Hatusu é frequentemente utilizado pelos sacerdotes das serpentes!

Sethos estava agora a respirar com mais intensidade, a cabeça inclinada para trás e os olhos semicerrados.

— Se souberes lidar com serpentes — continuou Amerotke —, elas não são perigosas. Trouxeste uma para dentro da sala do conselho, escondida no saco de escrita de um escriba. Alimentada e quieta, embalada pelo saco escuro, a víbora ficaria a dormir. O pobre Ipu-uer meteu a mão no saco e a serpente atacou imediatamente. No que toca ao Omendap, será que o vinho continha algum tipo de veneno de cobra? Colocaste as garrafas envenenadas entre os seus bens pessoais antes de saírem de Tebas ou durante a marcha para norte?

— Provas! — clamou Sethos. — Ainda tens de fornecer provas.

— Pensaste que tudo se perderia na confusão — respondeu Amerotke. — No entanto, suspeitaste de súbito que eu estava quase a tropeçar na verdade. Também percebeste que o velho Labda era perigoso. Lembrava-se da tua família e do teu treino. Tinha de ser silenciado. Foste ao santuário, assassinaste-o e atraíste-me até lá. Retiraste as pranchas. Poderiam ter passado meses antes de ser encontrado o que as hienas teriam deixado de mim. Outro mistério para baralhar as mentes e alimentar os rumores de Tebas. — Amerotke fez uma pausa. — Eu teria desaparecido, tal como fora decidido para o Meneloto. Os amemets deviam levá-lo para as Terras Vermelhas, matá-lo e esconder o corpo. Toda a Tebas o teria considerado um prisioneiro em fuga. Confusão em cima de confusão! Foi o chefe dos amemets quem entregou as bonecas de cera, as mensageiras da morte? E também te disse que o Meneloto fugira?

Os lábios de Sethos contraíram-se numa espécie de rosnadela.

— Como delegado da justiça real — continuou Amerotke —, saberias decerto como comunicar com aqueles assassinos. Deves ter-lhes pago muito bem para seguirem o exército, para esperarem pelo momento certo, para me atacarem a mim, ao Omendap ou à Hatusu. — Amerotke juntou as mãos. — Eu conheço o grande segredo — afirmou calmamente. — Eu li a esteia em Sakara. — Fez uma pausa com os olhos fixos em Sethos. — Eu e o Meneloto fomos seguidos. Forneceram-me todas as provas de que precisava. Um deles foi capturado.

— Estão todos mortos! — exclamou Sethos bruscamente. Fechou os olhos devido ao terrível erro que cometera.

— Também foste lá? — perguntou Amerotke. — Seguiu a passagem secreta?

Sethos agachou-se de cabeça baixa.

— Olha para as provas, meu senhor — insistiu Amerotke. — Como delegado real terias conhecimento da existência dos amemets. Eras confidente do divino Tutmés. Enquanto noviço, foste capelão da rainha-mãe, a Ahmés. Saberias das suas idéias estranhas sobre a concepção da Hatusu. Estiveste no embarcadouro no dia em que o faraó regressou a Tebas. Estiveste presente no tribunal quando o velho sacerdote fez as revelações sobre os teus antecedentes. Sabes de serpentes. Estavas presente quando o Ipu-uer foi morto. O Amen-hotep confiava em ti e acederia, com certeza, aos teus pedidos, mesmo que estivesse deprimido e andasse afastado. Terias a possibilidade de te aproximar do comandante Omendap. A tua presença junto aos seus pertences pessoais passaria despercebida. Não estou a julgar-te agora, mas, se estivesse na Sala das** Duas Verdades, determinaria que respondesses às acusações feitas.

Sethos esfregou a cara, sorrindo ligeiramente.

— No final — começou ele lentamente —, no final, Amerotke, eu saí vitorioso. Alcancei o que os deuses queriam que alcançasse. Tutmés contou-me

tudo o que descobrira em Sakara. — Abriu as mãos. — O que podia eu fazer? Permitir que aquele sonhador regressasse a Tebas? Destruísse a veneração do templo que existia há centenas de anos? Saqueasse o tesouro? Afastasse os sacerdotes? Parecia uma criança com um brinquedo novo! Confessou-me tudo isso a saltar e a dançar de triunfo! — Abanou a cabeça. — Apressei-me a regressar a Tebas. Orei a pedir orientação. Ah! A violação do seu túmulo e as pombas feridas foram apenas para provocar o pânico, mas quando Tutmés entrou em colapso e morreu, percebi que os deuses tinham respondido às minhas preces. Eu conseguia controlar a Hatusu ou pensava que conseguia. Demonstrou que estávamos todos enganados. Não foi, Amerotke? Ela vale mais do que o marido e o pai juntos. Mas é verdade! Eu queria gerar o caos. Queria limpar todas as recordações das idéias e revelações de Tutmés. Pensei que o julgamento do Meneloto pudesse causar mais dissensões, mais incertezas. Sempre perguntei a mim próprio o que saberia ele e até que ponto poderia confessar em pleno tribunal. Mas é claro que era o juiz Amerotke que estava a presidir. Sabia que cometera um erro. O Meneloto tinha de ser morto, mas fugiu. E os outros? — Ele encolheu os ombros. — O Amen-hotep devia ser silenciado e eu não sabia o que o divino Tutmés contara ao Ipu-uer e até ao comandante Omendap. Pensei que, se explorasse a rivalidade entre a Hatusu e o Rahimere, seriam esquecidos todos os planos loucos do falecido faraó. — Estendeu as mãos. — O Tutmés podia estar morto, mas quem mais sabia? A Hatusu? O Rahimere? O Omendap? O Meneloto? O Amen-hotep? Se a sucessão decorresse pacificamente, quem sabe que idéias teriam sido divulgadas? Não percebes que não tive escolha? O Tutmés, ou aqueles que ele convencera, teria atingido o coração da religião egípcia. Lamento o que aconteceu com os amemets no Vale dos Reis, mas, mais uma vez, não tive escolha. — Aproximou a cabeça de olhos fixos. — Os deuses estavam a encaminhar-me, Amerotke! Set governava a minha alma. O que é a intromissão dos homens comparada com os desejos de Amon-Ré?

— Morrerás — respondeu Amerotke.

— Todos morremos, Amerotke. Todos os dias as sombras crescem e se aproximam. Peço um favor. Não quero ser enterrado nas Terras Vermelhas ou que o meu corpo nu seja pendurado nos pórticos. Não quero que a multidão zombe de mim. Não quero que se saiba a razão dos meus actos. Que as areias soprem sobre Sakara e que a pirâmide de Khufu guarde os seus segredos. — Lambeu os lábios. — Gostaria de beber um pouco de vinho.

Amerotke dirigiu-se ao local onde o sacerdote colocara comida e bebida para a deusa. Encheu até meio uma taça de porcelana. Ouviu um movimento e virou-se a tempo de ver Sethos, com a cabeça para trás, a sacudir para dentro da boca as últimas gotas de alguma coisa que estava num pequeno frasco e que trouxera dentro do saco de escrita. Deixou-o cair para o chão.

— Veneno — disse ele. — Veneno que parará o coração e coagulará o

sangue.

Deitou-se como uma criança que vai dormir, repousando a cabeça no saco. Estendeu a mão.

— Sozinho, não, Amerotke.

O juiz ajoelhou-se a seu lado. Agarrou na mão de Sethos que já estava a ficar fria e pegajosa, se bem que ainda tivesse força.

— Diz uma oração — murmurou Sethos. — Que o meu corpo seja enterrado como deve ser. Que o meu ka vá para a câmara de Osíris, onde pagarei aquilo que fiz.

Ficou deitado durante alguns instantes e depois entrou em convulsões. Gotas de espuma apareceram-lhe no canto da boca. As pálpebras tremeram e a cabeça tombou para trás. Amerotke largou-lhe a mão. Recitou uma pequena oração e depois olhou para a porta fechada do santuário, para as taças de incenso, os vasos sagrados e pratos. Fez uma vénia.

— No final — orou ele —, permanece apenas a verdade!

NOTA DO AUTOR

Este romance aborda o clima político de 1479 a. C, quando Hatusu assumiu o poder. O esposo morrera em circunstâncias misteriosas e ela apenas emergiu como governante depois de uma amarga luta pelo poder. Nesta, foi ajudada pelo astucioso Senenmut, que viera do nada para partilhar o poder com ela. O seu túmulo ainda existe, sendo conhecido pelo Número 353, e até contém um esboço da representação do ministro favorito de Hatusu! Não há dúvida de que Hatusu e Senenmut eram amantes. De facto, temos inscrições antigas que descrevem, de uma maneira muito explícita, a sua relação pessoal íntima.

Hatusu era uma governante forte. É muitas vezes representada em murais como uma guerreira e sabemos, pelas inscrições, que conduziu tropas em batalha.

A possibilidade de as pirâmides e a Grande Esfinge serem construídas sobre passagens secretas, cavernas, templos e bibliotecas tem sido um rumor constante entre os egiptólogos. A cena relatada no episódio da pirâmide, da câmara dos enforcados, é descrita num interessante estudo de Otto Neubet sobre Tutankhamon. Na realidade, a teoria do conhecimento perdido, tanto científico como religioso, tem sido posta em evidência por egiptólogos qualificados, tais como Bauvey e Hancock. Em Agosto de 1997, o Sunday Times também relatou que as bibliotecas perdidas de Khufu poderiam estar ainda acessíveis.

Na era de Cristo, a teologia egípcia já degenerara de tal maneira na adoração de animais e insectos que foi cinicamente satirizada pelo poeta romano Juvenal. Contudo, no início, os Egípcios procuraram uma unidade teológica. A idéia de um Deus único, uma afectuosa figura Mãe-Pai, desempenha um papel importante na história egípcia. É preciso que nos lembremos de que o Egipto era o país natal do grande líder judeu Moisés, e que, apenas cento e trinta anos após o período narrado neste romance, o faraó Akhenaton colocou o Egipto à beira de uma guerra civil devido à sua revolucionária política religiosa que pretendia pôr de lado as várias adorações nos templos de Tebas em favor da adoração do «Uno».

No que concerne a todos os outros assuntos, tentei ser fiel a esta civilização magnífica e fascinante. O interesse pelo Antigo Egipto é compreensível, devido ao seu exotismo e mistério. É verdade que esta civilização existiu há mais de três mil e quinhentos anos, mas há momentos, quando lemos as suas cartas e poemas, em que se sente uma profunda ligação com eles enquanto nos falam ao longo dos séculos.

Florianópolis 21/10/2006



http://br.groups.yahoo.com/group/digital_source/



Viciados em Livros

http://groups.google.com.br/group/Viciados_em_Livros